

POTÊNCIA



LIBERDADE



AMOR



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA**  
**CURSO DE DOUTORADO EM SAÚDE PÚBLICA**

**JOÃO VICTOR DE FARIAS FURTADO E FREIRE**

**ENTRE O AFETO E A VIOLÊNCIA:**  
**SIGNIFICADOS E EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA NAS NARRATIVAS**  
**AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES EM VULNERABILIDADE**

**FORTALEZA**

**2023**

JOÃO VICTOR DE FARIAS FURTADO E FREIRE

ENTRE O AFETO E A VIOLÊNCIA:  
O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE SIGNIFICADOS E EXPERIÊNCIAS DE  
VIOLÊNCIA NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES EM  
VULNERABILIDADE

Tese apresentada ao Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Orientador: Álvaro Jorge Madeiro Leite  
Coorientadora: Luciane Germano Goldberg

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F933e Freire, João Victor de Farias Furtado e.

Entre o afeto e a violência : significados e experiências de violência nas narrativas autobiográficas de mulheres em vulnerabilidade / João Victor de Farias Furtado e Freire. – 2023.  
247 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Álvaro Jorge Madeiro Leite.

Coorientação: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

1. violência. 2. violência contra a mulher. 3. narrativa. 4. vulnerabilidade social. 5. pesquisa qualitativa. I. Título.

CDD 362.1

---

JOÃO VICTOR DE FARIAS FURTADO E FREIRE

ENTRE O AFETO E A VIOLÊNCIA:  
O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE SIGNIFICADOS E EXPERIÊNCIAS DE  
VIOLÊNCIA NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES EM  
VULNERABILIDADE

Tese apresentada ao Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Orientador: Álvaro Jorge Madeiro Leite  
Coorientadora: Luciane Goldberg

Aprovada em / /2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Álvaro Jorge Madeiro Leite (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (Coorientadora)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Profa. Dra. Ana Cecília Silveira Lins Sucupira (Examinadora Externa)  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo- FMUSP

---

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Ceará - UFC (aposentada)

---

Profa. Dra. Márcia Maria Tavares Machado de Aquino (Examinadora Suplente)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Profa. Dra. Maria Lúcia Magalhães Bosi (Examinadora Interna)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Karla Patrícia Holanda Martins (Examinadora Suplente)  
Universidade Federal do Ceará - UFC



A todas as mulheres que são silenciadas e oprimidas por uma sociedade estruturada nas relações de dominação, mesmo assim não deixam de acreditar e transformar sua vida e de todos em sua volta.

Às mulheres que perpassaram a minha trajetória, graças a vocês este estudo foi possível. Tudo é por vocês e para vocês.

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa, parceira e companheira, Ana Julia Oliveira. Julinha, você é o sol e a lua de minha vida, a escrita desta tese também é uma conquista sua, você é uma mulher e ser humano inspirador, e te amo com toda a força do meu ser.

A meu amado Sol de Apolo, incontáveis vezes me vi desbravando as madrugadas escrevendo esta tese e por vezes impactado com tantas histórias e sentimentos que emanam desta pesquisa, nesses momentos me via sozinho com tais sentimentos, mas encontrava no seu olhar e no seu carinho o refúgio necessário para sempre continuar e persistir.

À minha família, em especial minha mãe Teresa Esther Furtado e meu irmão João Rafael Furtado, que sempre estão ao meu lado nessa caminhada chamada vida. Mãe, você é a responsável por tudo isso e obrigado por me apoiar em todos os momentos.

Ao meu pai Cláudio Marques Freire, que, mesmo não estando mais presente em uma ordem material, sei que, de alguma forma, está presente em mim. Espero ter dado orgulho ao senhor.

Ao meu amado tio Sullivan Bastos Mota, meu maior incentivador e apoiador e a grande inspiração de minha vida. Ao seu lado, me sinto a pessoa mais sortuda do mundo, por ter o privilégio de partilhar sonhos e conquistas. Tento todos os dias me tornar um João melhor com seus ensinamentos e espero um dia ser merecedor de todo seu carinho. Eu te amo imensamente, obrigado por ter me dado, acima de tudo, uma vida e algo por que lutar.

À minha irmã e amiga Joana Clemente, que está comigo todos os dias lutando e sonhando por nossas mulheres, crianças e famílias atendidas pelo IPREDE. Você, minha irmã, é farol para muitos, e tenho muito orgulho de dividir essa caminhada com você.

Aos meus amigos de toda uma vida, graças a vocês me sinto constantemente inspirado e instigado a sempre buscar o melhor de mim mesmo, a vida com vocês é uma alegria diária, me sinto um afortunado por ter vocês como amigos e família.

Aos meus orientadores, Professor Álvaro Madeiro Leite e Professora Luciane Goldberg. Professor, o senhor acreditou e sonhou comigo desde o primeiro instante, sua sensibilidade me inspira; obrigado por ser esse mestre que, acima de tudo, não esquece a verdadeira riqueza da humanidade: a emoção. Professora, lhe vejo literalmente como uma fada madrinha, meu amor e minha admiração por você transcendem esta tese; você me doou um pouco de sua magia e fez meu mundo muito mais colorido, agradeço por essa vida com mais cores e alegria.

Aos professores de minha banca, que são verdadeiros ídolos para muitos, principalmente para mim. Professora Ercília Olinda, a quem sou eternamente grato por tantos ensinamentos, minha

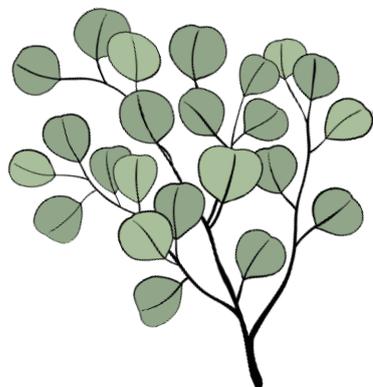
admiração e meu afeto por você são imensuráveis, o poder do acreditar na transformação emana de você, e isso me emociona sempre. Professora Márcia Machado, que sempre me incentivou em cada passo dessa caminhada, quanto amor e admiração tenho por você, professora, e tudo o que você representa; este estudo tem muito de você. Professora Maria Lúcia Bosi, a escrita jamais poderá representar a idolatria e admiração que sinto por você, sua importância em minha vida foi imensurável, sempre me sentirei aquele mesmo aluno sentado na carteira esperando você chegar para partilhar tantos conhecimentos; tento seguir cada ensinamento seu no meu caminhar como professor e ser humano. Professora Ana Cecília, é uma honra imensurável ter sua partilha junto a este trabalho, sua humanidade e trabalho são uma inspiração. Vocês, professores, sempre serão os meus verdadeiros ídolos, e jamais imaginaria tamanha alegria e honra em tê-los em minha banca, espero ser merecedor desse privilégio.

Aos meus colegas e companheiros do IPREDE, que diariamente lutam e trabalham comigo para a construção de um amanhã diferente. Meu agradecimento a vocês é contínuo.

Aos meus colegas e companheiros professores que diariamente me inspiram e me relembram o poder transformador da educação. Sou extremamente grato por conviver e partilhar junto com vocês. A potência de cada um me torna um professor mais fortalecido.

Aos meus alunos, que me impulsionam e me fazem ter esperança na mudança social, é uma honra partilhar com todos vocês.

E o mais importante agradecimento, destino às 10 deusas que partilham comigo suas vidas e experiências, vocês me transformam, nada que for escrito estará à altura da grandeza de cada uma de vocês. Obrigado por tantos ensinamentos, sou uma pessoa diferente depois de vocês, vocês são verdadeiramente divinas e maravilhosas.



*“Sempre vai haver uma canção  
contando tudo de mim  
sempre vai haver uma voz  
contando tudo, tudo  
de nós.”*

George Israel / Paula Toller.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como temática principal a violência enquanto um fenômeno que segue o percurso da história da humanidade e está relacionada a diversos elementos sociais e culturais da sociedade. No decorrer do surgimento de estudos científicos e do próprio campo da Saúde Coletiva, que analisam esse fenômeno, vemos a formulação de diversos questionamentos que abordam a discussão sobre a influência que os atos de violência exercem face ao desenvolvimento de cada indivíduo. Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo compreender experiências de violência para mulheres em situação de exclusão social assistidas no contexto de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) no Nordeste do Brasil a partir das suas histórias de vida. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, descritivo e analítico, de abordagem (auto)biográfica. Para compreender o fenômeno da violência e promover a produção das narrativas autobiográficas, desenvolvemos um Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), dispositivo metodológico para a produção de narrativas de vida em grupo, caracterizando-se por uma sequência de encontros que, por meio de atividades de amorização e criação de vínculo, proporcionam a elaboração das histórias de vida a partir de uma pergunta disparadora. Como sujeitos de pesquisa, 10 (dez) mulheres e mães em situação de vulnerabilidade social assistidas pelo Instituto da Primeira Infância (IPREDE), integrantes do Projeto Vai Maria. A pergunta disparadora das narrativas foi: “como me tornei a mulher que sou hoje?”. Por meio dessas construções, buscou-se compreender o significado e a formação do fenômeno da violência, bem como analisar como se dá a percepção dessas mulheres diante da violência em suas próprias vidas. A metodologia de análise das narrativas foi a Análise Textual Discursiva – ATD, que proporcionou a identificação das categorias formadoras desse fenômeno perante as experiências dessas mulheres com diversas expressões de violência, da infância à vida adulta, revelando suas complexidades e ramificações. Com isso, as memórias e as falas dessas mulheres se configuram como as grandes protagonistas desta pesquisa, na busca pela compreensão dos significados desse fenômeno, bem como seu impacto na formação da sociedade brasileira e do papel social, cultural e político da mulher. Por meio desta pesquisa foi comprovado a necessidade de interação dos múltiplos saberes, na efetividade investigativa do campo da Saúde Coletiva, bem como, o desenvolvimento de reflexões e métodos na prevenção e combate à violência contra a mulher.

**Palavras-chave:** violência; violência contra a mulher; narrativa; vulnerabilidade social; pesquisa qualitativa.

## ABSTRACT

This research delves into the topic of violence as a recurring phenomenon in human history, related to various societal and cultural aspects. With the emergence of scientific studies and the field of Public Health analyzing this subject, numerous questions have arisen, exploring the influence of violent acts on individual development. That said, the present research aims to comprehend the experiences of violence faced by socially excluded women, seeking assistance from a Civil Society Organization (CSO) in northeastern Brazil, through their life narratives. The study adopts a qualitative research approach, investigating the subject with an exploratory, descriptive, and analytical perspective. To grasp the phenomenon of violence and foster the creation of autobiographical narratives, a Biographical Reflective Circle (CRB) was implemented. This methodological device facilitates the production of life narratives within a group setting through bonding and compassionate activities, centering around a focal question. The research involved 10 (ten) vulnerable women and mothers receiving aid from the Primeira Infância Institute (IPREDE), participating in the Vai Maria Project. The triggering question for their narratives was: “how did I become the woman I am today?”. By analyzing these narratives, we aimed to understand the essence and development of violence as well as examine how these women perceive violence within their own lives. The methodology employed for analyzing the narratives was the Textual Discursive Analysis - ATD. This approach facilitated the identification of categories constituting the phenomenon of violence within the experiences of these women, spanning from childhood to adulthood, revealing its intricacies and ramifications. Consequently, the memories and testimonials of these women emerge as the key protagonists in this research, elucidating the meanings of this phenomenon and its impact on the formation of Brazilian society, along with the social, cultural and political role of women. Through this research, the need for interaction of multiple knowledge was proven, in the investigative effectiveness of the field of Collective Health, as well as the development of reflections and methods in preventing and combating violence against women.

**Keywords:** qualitative research; social vulnerability; violence; violence against women; narrative.

## LISTA DE FIGURAS

**CAPA:** Imagem cedida pelo design Emanuel Dias Félix

**DEDICATÓRIA:** Imagem de mulheres do IPREDE criada e cedida pelo artista André Nodoa

### ATO 1

Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....17

### ATO 2

Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....26

### ATO 3

Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....56

Figura Acolhida: foto de atividades do CRB.....77

Figura Presentificação: foto de atividades do CRB.....78

Figura Biografização: foto de atividades do CRB.....78

Figura Integração experiencial: foto de atividades do CRB.....79

### ATO 4

Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....106

4.1-CAPA: Autorretrato da Deusa Fortuna.....107

4.1: Metáfora da árvore da Deusa Fortuna.....119

Figura 01: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Fortuna.....120

4.2-CAPA: Autorretrato da Deusa Oxum.....121

4.2: Metáfora da árvore da Deusa Oxum.....125

Figura 02: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Oxum.....125

4.3-CAPA: Autorretrato da Deusa Freyja.....126

4.3: Metáfora da árvore da Deusa Freyja.....128

Figura 03: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Freyja.....129

4.4-CAPA: Autorretrato da Deusa Pajau Yan.....129

4.4: Metáfora da árvore da Deusa Pajau Yan.....135

Figura 04: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Pajau Yan.....136

4.5-CAPA: Autorretrato da Deusa Pele.....136

4.5: Metáfora da árvore da Deusa Pele.....139

Figura 05: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Pele.....140

4.6-CAPA: Autorretrato da Deusa As Moiras.....140

4.6: Metáfora da árvore da Deusa As Moiras.....142

Figura 06: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de As Moiras.....143

4.7-CAPA: Autorretrato da Deusa Fricka.....	143
4.7: Metáfora da árvore da Deusa Fricka.....	148
Figura 07 - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Fricka.....	148
4.8-CAPA: Autorretrato da Deusa Hécate.....	149
4.8: Metáfora da árvore da Deusa Hécate.....	150
Figura 08: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Hécate.....	151
4.9-CAPA: Autorretrato da Deusa Berchta.....	151
4.9: Metáfora da árvore da Deusa Berchta.....	160
Figura 09: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Berchta.....	160
4.10-CAPA: Autorretrato da Deusa Oya.....	161
4.10: Metáfora da árvore da Deusa Oya.....	163
Figura 10: Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Oya.....	163
<b>ATO 5</b>	
Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....	164
<b>ATO 6</b>	
Figura-CAPA: foto cedida pelo projeto Vai Maria.....	202

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 01: Etapas para construção das narrativas.....	82
Gráfico 02: Gráfico descritivo das subcategorias da violência.....	167
Gráfico 03: Gráfico descritivo das subcategorias da família.....	179
Gráfico 04: Gráfico descritivo das subcategorias da vulnerabilidade.....	189
Gráfico 05: Gráfico descritivo das subcategorias da esperança.....	196
Tabela 01: Descrição das atividades desenvolvidas.....	83

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abrasco	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ATB	Análise Textual Discursiva
CRAS	Centro de Referência à Assistência Social
CRB	Círculo Reflexivo Biográfico
DIAFHMA	Grupos de Pesquisa: dialogicidade, formação humana e narrativas
IPREDE	Instituto da Primeira Infância
OMS	Organização Mundial de Saúde
OSC	Organização da Sociedade Civil
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>ATO 1 - INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>ATO 2 - ORAÇÃO AO TEMPO</b> .....	26
2.1 A trajetória da formação do campo da saúde.....	27
2.2 O estudo da categoria de violência no campo da saúde coletiva.....	39
2.3 As particularidades do estudo da violência contra a mulher.....	46
<b>ATO 3 - OFERTÓRIO</b> .....	56
3.1 A potência da pesquisa qualitativa no campo da saúde coletiva.....	58
3.2 Os caminhos para o método da pesquisa.....	60
3.3 O local e as participantes da pesquisa.....	69
3.4 O Projeto Vai Maria.....	71
3.5 Metodologia.....	73
3.6 Procedimentos.....	75
3.7 Processo de análise.....	102
<b>ATO 4 -VACA PROFANA</b> .....	106
4.1 A Deusa Fortuna: Acredite em sua sorte.....	107
4.2 A Deusa Oxum: Drible os obstáculos no ritmo das ondas do mar.....	121
4.3 A Deusa Freyja: Reconheça o poder da beleza.....	126
4.4 A Deusa Pajau Yan: Não importam as mudanças que virão. Você ficará em paz. .....	129
4.5 A Deusa Pele: Deixe que a raiva o fortaleça.....	136
4.7 A Deusa Fricka: Você pode ser a mais importante entre as mulheres. Empenhe- se em alcançar as suas metas.....	143
4.8 A Deusa Hécate: Reúna sabedoria de fontes profundas.....	149
4.9 A Deusa Berchta: As sementes do futuro já existem dentro de você.....	151
4.10 A Deusa Oya: Quando chegar a hora certa, você falará com autoridade.....	161
<b>ATO 5 - CARTA DE AMOR</b> .....	164
5.1 O cinza de violência.....	166
5.2 O amarelo de família.....	178
5.3 O marrom de vulnerabilidade.....	188
5.4 O violeta de esperança.....	195
<b>ATO 6 - DIVINO MARAVILHOSO</b> .....	202
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	213

<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....</b>	<b>220</b>
<b>APÊNDICE B - ACORDO BIOGRÁFICO .....</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO A – FICHA DE INSCRIÇÃO DO PROJETO VAI MARIA.....</b>	<b>227</b>
<b>ANEXO B – FOTOS DO PROJETO VAI MARIA .....</b>	<b>229</b>
<b>ANEXO C – EXEMPLO DE PROCESSOS DE ANÁLISE DE NARRATIVA .....</b>	<b>235</b>
<b>ANEXO D – FOTOS DAS ATUAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ATENDIMENTO AMBULATORIAL DO IPREDE INSPIRADOS NESTA PESQUISA.....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXO E – REGISTRO DAS INICIATIVAS INSPIRADAS NESTA PESQUISA IMPLANTADAS NAS UNIDADES DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE TAUÁ – CE .....</b>	<b>241</b>
<b>ANEXO F – FOTO DE ENCERAMENTO DO TRABALHO NO GRUPO DO CRB .....</b>	<b>246</b>

**ATO 1 - INTRODUÇÃO**  
**FORÇA ESTRANHA**



Eu vi o menino correndo eu vi o tempo  
 Brincando ao redor do caminho daquele menino  
 Eu pus os meus pés no riacho  
 E acho que nunca os tirei  
 O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei  
 Eu vi a mulher preparando outra pessoa  
 O tempo não parou pra eu olhar para aquela barriga  
 A vida é amiga da arte  
 É a parte que o sol me ensinou  
 O sol que atravessa essa estrada que nunca passou  
 Por isso uma força me leva a cantar  
 Por isso essa força estranha  
 Por isso é que eu canto não posso parar  
 Por isso essa voz tamanha  
 Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista  
 O tempo não para e, no entanto, ele nunca envelhece  
 Aquele que conhece o jogo  
 Do fogo das coisas que são  
 É o sol  
 É a estrada  
 É o tempo  
 É o pé  
 E é o chão  
 Eu vi muitos homens brigando ouvi seus gritos  
 Estive no fundo de cada vontade encoberta  
 E a coisa mais certa de todas as coisas  
 Não vale um caminho sob o sol  
 E o sol sobre a estrada  
 É o sol sobre a estrada  
 É o sol

Por isso uma força me leva a cantar  
 Por isso essa força estranha  
 Por isso é que eu canto não posso parar  
 Por isso essa voz tamanha  
 Por isso uma força me leva a cantar  
 Por isso essa força estranha  
 Por isso é que eu canto não posso parar  
 Por isso essa voz, essa voz, essa voz tamanha  
 (Emanuel Viana Teles Veloso Caetano) 

O estudo e a reflexão do fenômeno da violência não se dão como um processo isolado numa temática da área da saúde, mas, sim, em uma reflexão das formações sociais e da própria construção da história. Esta pesquisa se inicia antes mesmo de ser materializada a vontade de fazê-la; ela é uma pesquisa que se entrelaça com minha própria história com esse fenômeno de análise, uma vez que, ao desvelar as interpretações e os significados das experiências de violência vivenciadas pelas mulheres participantes desta pesquisa, realizo uma reflexão da própria formação social e da construção da estrutura de uma sociedade.

Nascido em uma família de professores e vindo de uma classe social privilegiada, minha trajetória sempre foi marcada por dilemas reflexivos sobre “aquilo que deveria ser” e “aquilo que gostaria de ser”. Meus anseios e desejos, construídos em decorrência de minhas próprias experiências, permitiram que minhas vontades sociais pudessem se sobrepor a um ato coercitivo do meio no qual eu havia nascido. Confesso, com o devido respeito e humildade, que devo ter frustrado, na medida do possível, o conceito positivista de coletivo do sociólogo Émile Durkheim (1977), que afirma que, desde que nascemos, as estruturas sociais exercem um poder coercitivo sobre nós, moldando nossas ações e nossos desejos, ou seja, a construção do indivíduo é diretamente relacionada à influência desse coercitivo, em que o coletivo sempre irá se sobrepor ao individual.

Obviamente que esse coletivo influenciou minha própria formação, mas foram as experiências particulares que obtive que me possibilitaram reflexões sobre o meu próprio “eu”. Por isso, já de início, peço desculpas a um dos “pais” da sociologia, porque talvez minha trajetória seja uma dessas exceções do coletivo, em que minhas experiências individuais impactaram minha própria formação, e fico grato por isso.

Desde minha graduação em sociologia e antropologia em Brasília, diversos fatos marcaram minha trajetória e meu pensar. O encontro com as ciências sociais e humanas se deu de forma avassaladora. Questões anteriormente construídas em formato de pensar positivista se romperam e foram de encontro a um pensar reflexivo e relativista. Conceitos como alteridade, dialética, hermenêutica, dentre tantos outros, permearam e ainda permeiam meu caminhar, talvez seja esse o motivo de minha paixão em lecionar.

Acredito que esse período da busca para adquirir minha titulação profissional se constituiu em um dos momentos em que verdadeiramente tive a minha primeira reflexão significativa sobre a categoria da violência. Recordo-me que foi em um trabalho voluntário que realizei em uma comunidade na cidade-satélite de Ceilândia; havia me inscrito, junto a outros colegas, para realizar um trabalho recreativo para crianças e mulheres nessa comunidade. Nessa ação, pude conhecer e conversar com algumas dessas mulheres, eu não sabia que elas proporcionariam meu primeiro estranhamento com essa temática.

Nas conversas com essas mulheres, algumas relataram rapidamente suas histórias, como as dificuldades financeiras e violências físicas que sofriam de seus maridos. Algumas relatavam esses fatos não como algo do âmbito da tristeza, mas como um elemento natural da vida. Esse momento talvez tenha sido um marco em minha trajetória, pois, perante isso, questioneei fatos como: por que elas aceitam essa violência? Isso é violência? É isso que os teóricos clássicos de ciências sociais chamam de estado natural? Tantas foram as perguntas, e tão poucas as respostas. Acredito que esse momento foi crucial para que eu compreendesse a importância das histórias de vida e do entendimento dos elementos formadores de cada indivíduo.

A graduação em antropologia e sociologia me proporcionou reflexões diversas sobre a sociedade em que estou inserido e sobre a formação de meu papel social dentro dessa sociedade. Por meio desses campos científicos que obtive na graduação, pude enxergar a relação entre o “eu” e o “outro” de uma forma singular, percebendo que nossos elementos sociais formadores nos transformam em seres com trajetórias únicas. Porém, paradoxalmente, essas diferenças nos aproximam da complexidade da humanidade. Essa reflexão foi parte da minha própria assimilação do processo de alteridade, na busca por identificar a diferença dos outros sem reduzi-la, mas valorizando-a.

Em meu regresso a Fortaleza, reencontrei o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), instituição que se dedica a promover o desenvolvimento da primeira infância atrelado ao desenvolvimento familiar com foco na mãe/cuidadora. Há dez anos trabalhando nessa instituição, desde meu regresso, posso dizer que foi no IPREDE que obtive as maiores

experiências que formaram o meu “eu” e reafirmaram minha visão sobre a formação social. Diariamente, me deparo com diversos fenômenos sociais, que outrora compreendia apenas no âmbito teórico, e agora posso vê-los e analisá-los. Foi nesse caminhar que tive grandes contatos e reflexões sobre o fenômeno da violência e seu impacto nas famílias atendidas, de forma mais nefasta nas mulheres e cuidadoras das crianças beneficiadas, o que gerou em mim o desejo de realizar esta pesquisa.

Todos os meses, são assistidas no IPREDE cerca de 900 mulheres acompanhando seus filhos para tratamento e participando dos projetos destinados a elas. Essas mães/cuidadoras são todas pertencentes às classes sociais ditas em exclusão social. Todos os dias, entre os corredores ou durante as atividades, converso com essas mulheres e as escuto, e posso dizer que esses são os momentos mais intrigantes e instigantes de todos. Foram esses momentos que me fizeram chegar até aqui. Essas mulheres me relatavam fatos de suas vidas que me faziam questionar meu entendimento do conceito de violência e o papel que esse fenômeno exerce na vida dessas mulheres, já que elas me partilhavam episódios de dor física, emocional ou simbólica como se fosse um elemento natural da própria formação humana.

Constantemente, suas falas e seus relatos foram provocadores para que eu pudesse sair de uma zona de conforto do pensar. Cada uma dessas mulheres possui em suas experiências elementos diversos e igualmente avassaladores, como a solidão, a dor, a tristeza e o amor; são elementos que as unem em um cenário tão adverso à sua própria existência. Essas mulheres foram o grande estímulo para a realização desta pesquisa, que objetivou identificar e analisar os significados das experiências de violência vivenciadas por essas mulheres a partir de suas narrativas de história de vida, bem como torná-las protagonistas da própria pesquisa.

Apesar de ser antropólogo e sociólogo e de atuar em uma instituição de saúde, minha formação no pensar da área da saúde sempre foi moldada por um pensamento positivista. Porém, perante a fala dessas mulheres, me deparei com a reflexão em questionar essa formação teórica. As mães/cuidadoras do IPREDE me relataram sobre suas vidas e seus desafios e sobre como a luta em viverem em suas comunidades é árdua, pois a falta de oportunidades ou mesmo de alternativas de mudança de vida se torna uma regra; relataram sobre sua condição de mulheres e mães de família, sobre suas relações com seus maridos/companheiros ou familiares, relações essas que, muitas vezes, são opressoras e castradoras. O fenômeno da violência surge na fala e nas histórias dessas mulheres de formas tão diversas e tão intrigantes, a cada palavra, a cada sorriso, a cada lágrima ou a cada abraço.

O mestrado em educação me fez visitar reflexões sobre a formação do indivíduo e do processo de dominação e libertação dentro de uma sociedade. O contato com a área da

educação me proporcionou arcabouço para compreender o poder da transformação por parte do conhecimento, bem como a prisão que decorre da sua falta. O doutorado em saúde coletiva talvez tenha sido o momento de maior aprendizado e reflexão para com minha própria formação.

Nas aulas das disciplinas de campo da saúde coletiva – histórico, fundamentos, configurações e metodologia qualitativa e pesquisa social em saúde –, pude me reencontrar com reflexões que o tempo me fizera esquecer e ser apresentado a novos conceitos. Confesso que, nesse momento, senti meu olhar brilhar novamente, ele tinha adquirido aquela luz da curiosidade, da ânsia pelo conhecimento. Foi nesse período que comecei a me questionar de forma mais reflexiva e analítica sobre o fenômeno da violência, em especial contra a mulher, me perguntando sobre os conceitos e as análises dos estudos sobre esse fenômeno. Acredito que foi dessa inquietude que nasceu a vontade de realizar esta pesquisa.

Tendo como base a Organização Mundial de Saúde (OMS), que define violência como o ato de exercer uma ação física contra si próprio ou contra outra pessoa, ou mesmo contra um grupo, que pode ocasionar feridas, danos ou até mesmo a morte (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 7), pergunto-me se, segundo as falas e vivências dessas mulheres, o fenômeno da violência pode ser realmente entendido e identificado perante esta classificação, e se essas mulheres têm a compreensão dessas violências. A partir disso, cheguei à pergunta condutora desta pesquisa: Como se dá o processo de interpretação e percepção do fenômeno da violência a partir da trajetória de vida de mulheres em vulnerabilidade assistidas pelo IPREDE através de suas narrativas de vida?

Esta pesquisa objetivou compreender tais significados e identificar seu poder simbólico e estrutural, a partir das experiências de violência vivenciadas por essas mulheres em situação de vulnerabilidade social assistidas no contexto de uma Organização da Sociedade Civil - OSC no nordeste do Brasil, fazendo, para isso, uma reflexão sobre suas narrativas de vida e sobre como tal fenômeno impactou na sua própria formação. Essa questão foi a base para que esta pesquisa fosse materializada, pois hoje percebo que seu início já se deu antes mesmo de tal materialização. Talvez esta pesquisa tenha se iniciado anos atrás, quando comecei a refletir sobre esse fenômeno e seu poder sobre a formação de toda a sociedade.

Por esta pesquisa estar inserida dentro do campo da saúde coletiva, optei por buscar métodos e ferramentas em outras áreas, vindas das ciências sociais e humanas, como pedagogia, economia, história dentre outras, a fim de proporcionar um processo hermenêutico sobre essa temática, com o intuito de promover uma reflexão sobre esse fenômeno dentro desse próprio campo, que tem como grande marco conceitual a adoção de múltiplos saberes na busca pelo

conhecimento fenomenológico dos elementos formadores da saúde e da sociedade, como visto em Nunes (2006).

A reflexão da representatividade do fenômeno da violência no campo da saúde coletiva proporcionou que o processo de elaboração desta pesquisa pudesse revisitar a trajetória da formação do campo científico, podendo compreender sua diferenciação da dita saúde pública e o marco e a importância das ciências humanas para o estudo e a investigação das temáticas da área da saúde. Esse caminhar pode conferir uma legitimidade ao buscar na sociologia, na antropologia, na história e na educação meios e dispositivos reflexivos e analíticos para construir um processo investigativo sobre a categoria de violência.

Assim como as narrativas das trajetórias estudadas nesta pesquisa, busquei transformar este estudo em uma trajetória própria do fenômeno de violência, seu impacto sobre a sociedade e seu poder ceifador diante do papel social da mulher, em que cada etapa se constitui como um elemento essencial para que possamos chegar a um processo reflexivo sobre essa temática. Com isso, a pesquisa se divide em atos, sendo construído, em cada um deles, o caminhar do estudo da violência e a importância da utilização de múltiplos saberes para atingir sua compreensão.

As narrativas invocadas pelas participantes se caracterizam como o “fio condutor” de todo o estudo e dialogam com a teoria e literatura utilizadas nesta pesquisa. São essas narrativas que dão voz e materializam as reflexões vindas das participantes. Esses momentos se assemelham a atos de uma peça de teatro, em que o personagem principal é a construção social e o palco é a própria vida, e seu roteiro pode ser a busca por uma redenção. Porém, assim como na Divina Comédia de Dante Alighieri (1979), tal redenção está na aceitação de que somos imperfeitos, e esta é a beleza da formação da humanidade, cujo processo é composto por momentos felizes, tristes e representativos.

O primeiro ato, intitulado “Força Estranha”, se refere à introdução a este estudo que estamos apresentando, o qual aborda os caminhos e as inquietações do pesquisador até a chegada à pergunta impulsionadora desta pesquisa. É nessa trajetória que são também apresentados os objetivos e questionamentos trabalhados neste estudo e a demonstração de como ele será construído no decorrer desta tese. Este ato visa mostrar para o leitor os motivos impulsionadores da realização deste estudo, além de como ele será apresentado em cada ato, a fim de proporcionar ao leitor uma prévia da importância inquietante desta pesquisa para o pensamento reflexivo em saúde coletiva no estudo da violência.

O segundo ato da pesquisa, intitulado “Oração ao Tempo”, constrói uma análise histórica da formação do campo da saúde coletiva, sua imensa relevância para o pensamento

reflexivo e sua conexão com o caminhar da formação social. Serão analisadas as definições do conceito de saúde no decorrer da transformação histórica e os motivos da relevância da criação da saúde coletiva e suas diferenças da dita saúde pública. Com isso, será desenvolvido um diálogo com múltiplas teorias clássicas da ciência política, sociologia e antropologia, com a finalidade de promover o paralelo da violência com a própria formação do “eu” social.

Tal diálogo terá algumas referências teóricas de múltiplas áreas do saber, como Minayo (2011), Rifiotis, (1998), Durkheim (1977), Merton (1972), Hegel (1974), Engels (1972), Weisberg (1995), Saffioti, (1999; 2000), Foucault (2007), Rocha (2007), Goffman (2001), dentre outras. Em seguida, será desenvolvida a trajetória da construção histórica do fenômeno da violência, suas classificações e sua representatividade dentro da área da saúde, para isso serão usados como base teórica Minayo (2006), Ferreira (2014), Domenach (1981), Han (2006), Rifiotis (1998), Bosi & Uchimura, Chauí (1998), Bosi (2012), Deslandes (1994), Oliveira (2008), Bourdieu (1998), dentre tantos outros, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde, para desenvolver o diálogo reflexivo da categoria de violência no campo de estudo.

Dando continuidade ao segundo ato, será desenvolvido um pensamento reflexivo sobre o estudo de violência contra a mulher, fazendo correlação com a construção de seu papel social e a formação das relações de poder de dominação que constituem tal formação. Para isso, este estudo será baseado em autores como Foucault (1979), Bourdieu (2001), Freire (19987), Saffioti (200), Marx (2011), Arendt (1994), Butler (2013), Rocha (2007), Beauvoir (1949) e Schraiber (2016), a fim de criar conexões teóricas que objetivam desvelar os sentidos e significados do papel da mulher e sua relação com o fenômeno da violência.

O terceiro ato se intitula “Ofertório”, e nele será desenvolvida a explanação acerca da importância da pesquisa qualitativa para o estudo do campo de saúde coletiva, bem como para o estudo do fenômeno da violência. Serão apresentados os caminhos metodológicos trabalhados nesta tese, bem como sua abordagem (auto)biográfica, tendo como base teórica autores como Pineau; Jobert (1989), Ricoeur (2010), Josso (2010), Delory-Momberger (2006), Olinda (2019), dentre outros, e sua relevância para o estudo da temática. Será desenvolvido o resgate histórico teórico da metodologia adotada, bem como serão apresentadas as ferramentas utilizadas pelo dispositivo adotado, Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) – Olinda (2019), que tem a finalidade de disparar e impulsionar as narrativas autobiográficas das mulheres participantes, que são fundamentais no desenvolvimento e na realização da pesquisa. Neste ato, também será abordado o método de análise para as narrativas desenvolvidas e sua categorização, com base em Moraes (2003). Por meio desse método, serão identificadas as

categorias e subcategorias relacionadas ao fenômeno da violência a partir dos relatos ditos nas experiências do CRB, bem como nas narrativas desenvolvidas pelas participantes.

O quarto ato se chama “Vaca Profana” e se refere à apresentação de cada uma das narrativas de vida das mulheres participantes da pesquisa, atrelado a uma análise individual dos aspectos apresentados de forma individual para o grupo do CRB. Este ato tem sua potência no desvelamento das particularidades formativas de cada uma das participantes, que, por meio de suas histórias, demonstram todo o impacto avassalador da violência em suas vidas.

O quinto ato se chama “Carta de Amor” e se configura na análise, de forma coletiva, das narrativas apresentadas no quarto ato. Foi utilizada a Análise Textual Discursiva – ATD, proposta por Moraes (2003) para promover a análise e formar um diálogo entre a teoria desenvolvida e os elementos fornecidos pelas narrativas das participantes, a fim de desenvolver uma reflexão a partir da voz dessas mulheres. Este ato se conecta com os demais, objetivando desenvolver um pensar reflexivo sobre essas experiências e sobre a construção desse fenômeno e seu impacto na vida dessas mulheres.

O ato seis, intitulado “Divino Maravilhoso”, é onde será feita a apresentação das considerações finais dos resultados obtidos a partir das análises e vivências junto às experiências e aos relatos dessas mulheres que proporcionaram transformação reflexiva e um autoconhecimento, não apenas para as mães participantes, mas para todos aqueles que tiveram contato com pesquisa. Diante do impacto ocasionado por este estudo, obteve-se uma reflexão sobre a eficácia do atendimento e do acolhimento para mulheres em vulnerabilidade, bem como as iniciativas de prevenção e combate à violência contra a mulher. Com isso, a pesquisa proporcionou mudanças e construções no âmbito da gestão pública, como também no atendimento às mulheres vulneráveis realizado pelo IPREDE.

A grande potência deste estudo está contida nas palavras, memórias, tristezas, frustrações, esperanças, alegrias, amizades e resiliências, que são elementos de grande representatividade contidos nas narrativas trabalhadas. O ato de narrar se constitui em um processo de construção, desconstrução, emancipação e reencontro com o “eu”, não só para essas mulheres, mas também para mim e para todos aqueles que foram impactados por este estudo.

Quando comecei esta pesquisa, jamais poderia prever a trajetória poderosa que seria compartilhar tantos sentimentos e experiências com essas incríveis mulheres. A finalidade desta tese sempre foi dar visibilidade, por meio da escuta e da partilha de experiências, e identificar no silêncio dessas mulheres a sua própria voz. Compreendemos em conjunto que nossas trajetórias são fruto de nossas experiências e refletimos coletivamente que o fenômeno da violência não pode ser definido em um parágrafo ou em uma cartilha de segurança, ele faz parte

da nossa formação social desde nosso nascimento. Na maioria das vezes, esse fenômeno assume um caráter invisível e silencioso, mas extremamente coercitivo, ele constitui um elo estruturante da própria estrutura social. Por meio do ato de narrar nossas histórias em grupo, percebi que a reflexão individual e coletiva exerce um grande poder transformador, já que a voz de quem está a falar sobre as suas experiências não se torna um som isolado no vazio, mas, sim, uma voz coletiva que atua na reflexão do pensar da própria existência das coisas.

Esta pesquisa transcendeu a busca sobre o fenômeno da violência, ela promoveu, também, o encontro e reencontro das histórias dessas mulheres com minha própria história. Esta pesquisa é um convite a todos a reencontrarem o seu próprio “eu” e a entenderem que esse fenômeno é mais que uma palavra ou um conceito, é a formação de múltiplos conceitos formadores do indivíduo e da sua sociedade. Para tanto, minha trajetória se conecta com a pesquisa realizada, proporcionando que minha participação transcendesse o âmbito da observação, possibilitando contato direto com os fenômenos trabalhados neste estudo.

Ao perceber o efeito emancipador ocasionado, de forma inesperada e não objetivada, pelos caminhos desta pesquisa, me reencontro com o conceito da dialética socrática, no falar que só por meio da partilha e do confronto de ideias podemos chegar ao dito conhecimento, a chamada maiêutica. Reconheço que as verdades pré-prontas são uma armadilha teórica em que todos nós estamos sujeitos a cair. Eu não fugi dessa regra; antes desta pesquisa, tinha pensamentos pré-concebidos sobre o fenômeno da violência e seu impacto sobre as mulheres, porém, com o desenvolver desta tese e toda a partilha realizada com as mulheres participantes, me foram desvelados inúmeros elementos revelados sobre essa temática.

Esta tese é mais que um produto acadêmico em busca de um reconhecimento por meio de uma titulação, ela é um convite a um processo de conscientização para aqueles que possam ter acesso a ela. É um convite a compreender e questionar as estruturas de uma sociedade e as relações de dominação que são exercidas sobre as mulheres e sobre todos nós. Por meio de um processo dialético reflexivo, a cada ato, serão apresentados os passos desse caminhar na busca pela compreensão dos significados desse fenômeno, mas a grande fortaleza desta pesquisa está na escuta e na partilha das experiências das mulheres que sofrem o impacto da violência ocasionada pelo processo de dominação de uma sociedade, a fim de galgar uma autonomia e emancipação reflexiva, com isso dando voz para aquelas que são silenciadas por toda uma estrutura. Mediante isso, te convido a caminhar junto com essa tese em busca desse processo reflexivo. Não será um caminho fácil, pois ele contém muitas dores e sofrimento, mas há também aquilo que supera tudo e nos fortalece, há esperança.

## ATO 2 - ORAÇÃO AO TEMPO

### UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO INTERLAÇAR DA SAÚDE COLETIVA, DA VIOLÊNCIA E DO PAPEL DA MULHER



Compositor de destinos  
 Tambor de todos os ritmos  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Entro em um acordo contigo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Por seres tão inventivo  
 E pareceres contínuo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 És um dos deuses mais lindos  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

(Emanuel Viana Teles Veloso Caetano) 

Neste ato, iremos abordar e analisar o caminho histórico da formação do campo da saúde coletiva e da construção da categoria de violência e sua complexa e múltipla interpretação, bem como suas conexões com a formação estrutural do papel social da mulher.

A formação do campo da saúde coletiva está diretamente relacionada à construção da formação da área da saúde, que está vinculada, historicamente, à construção social, pois, ao falarmos e refletirmos de saúde, estamos interpretando a própria sociedade. No decorrer do tempo, analisou-se e interpretou-se a saúde dentro de um prisma teórico positivista, cujas causas e resoluções eram oriundas de fenômenos naturais, seguindo uma estrutura hierárquica do pensamento científico e a concepção de ciência. Porém, na medida em que se percebia a necessidade de se compreender e identificar as diversas complexidades sociais que formam a área da saúde, viu-se a fundamental importância de outros olhares interpretativos na busca da compreensão desses elementos particulares complexos.

No presente ato, será traçada uma linha temporal desde a formação do campo da medicina social, passando para a saúde pública e dando enfoque ao fenômeno particular da

sociedade brasileira na formação do campo da saúde coletiva, esta última sendo caracterizada pela adoção de múltiplas áreas do saber, como as ciências sociais, na compreensão da relação entre os fenômenos sociais e a saúde.

Tal formação tem importância fundamental na análise interpretativa do estudo da categoria de violência nesse campo, e no presente ato iremos apresentar o caminhar acadêmico deste estudo nessa temática e sua importância no desenvolvimento de uma reflexão analítica sobre esta categoria, bem como serão apresentadas as particularidades da trajetória do estudo de violência no decorrer do tempo na construção estrutural da sociedade e como essa categoria está diretamente relacionada à própria formação dos papéis sociais.

Neste ato, também será abordada a conexão entre tais formações sociais em decorrência da categoria de violência e a construção do papel da mulher no decorrer da história. Ao falarmos de violência contra a mulher, faz-se necessário percorrer a formação temporal das construções simbólicas e representativas do ser mulher.

## **2.1 A trajetória da formação do campo da saúde**

Para analisarmos a formação desse campo, vale refletirmos sobre a definição de saúde e como tais interpretações estão conectadas com o desenvolvimento e a disputa de saberes pela hegemonia nesse campo. Segundo Campos (2006), a definição estabelecida pelo pensamento positivista proporcionou uma hegemonia no pensar em saúde como a ausência de doença, impossibilitando a reflexão sobre os elementos sociais complexos da formação do campo da saúde.

A Organização Mundial da Saúde definiu que “saúde é o completo estado de bem-estar físico, mental e social.” Essa definição muito contribuiu para ampliar o conceito médico dominante, de que saúde seria simplesmente a ausência de doença. Noção restrita que reduz o saudável à dimensão física ou corporal. Ao acrescentar o bem-estar mental e social à sua diretriz, a OMS abriu espaço para pensar-se o direito à saúde de maneira mais ampla, e, em consequência, reforçou as correntes que defendiam abordagem integral ou ampliada do processo saúde e doença. Também favoreceu políticas de saúde mais abrangentes e estimulou reformas na formação, excessivamente centrado no biológico, dos profissionais de saúde. (CAMPOS, 2006, p. 61).

Tais pensamentos estão diretamente correlacionados com os fatos históricos que permeiam o caminhar da sociedade, em que, para nos posicionarmos perante o campo da saúde coletiva, é preciso refletir sobre sua própria formação histórica, que está relacionada com as mudanças e os acontecimentos do campo da saúde e da transformação da sociedade brasileira. Vale regressarmos aos conceitos da obra *Microfísica do Poder*, em que Foucault (1979) dá

destaque à formação e à influência da medicina social em todo o decorrer do campo da saúde, afirmando que esta tem seus prelúdios no século XIX, quando movimentos compostos por médicos, filósofos e pensadores se propuseram a pensar a saúde e a doença dentro de um âmbito social, buscando, assim, um olhar que transcendesse a área biológica. Nesse cenário, surge a dita medicina social, na qual percebe-se o início de reflexões sobre a construção do pensamento das ciências médicas ser essencialmente uma ciência social.

Com a transformação na estrutura social ocasionada pela Revolução Industrial e o fim do período absolutista monárquico, vemos surgir um novo ordenamento social impulsionado pela industrialização das cidades e sua mudança, bem como a nova configuração de papéis sociais moldados pela indústria no sistema capitalista. Tais fatos afetam diretamente questões sanitárias urbanas e a eclosão de diversas mazelas de saúde oriundas da rotina de trabalho exaustiva da classe operária, como visto em Engels (1975). Com isso, a reflexão de que a saúde das pessoas é de ordenamento social e que a própria sociedade deve exercer um papel fundamental na seguridade dessa saúde se torna elemento fundamental para o discurso sanitarista. Nunes (2006) afirma que, nesse período, foram consolidados pontos fundantes para esse novo olhar da relação saúde e sociedade:

Data desse momento a fixação de alguns princípios básicos que se tornariam parte integrante do discurso sanitarista: 1) a saúde das pessoas como assunto de interesse societário e obrigação da sociedade de proteger e assegurar a saúde de seus membros; 2) que as condições sociais e econômicas têm um impacto crucial sobre a saúde e doença e estas devem ser estudadas cientificamente; 3) que as medidas a serem tomadas para proteção da saúde são tanto sociais como médicas. (NUNES, 2006, p. 20).

Segundo Barata (2005), desde o século XVII, as reflexões analíticas sobre as correlações entre saúde e doença já eram abordadas, porém é no século XIX que temos marcos de suma importância no âmbito analítico reflexivo no estudo científico da saúde e da sociedade. Nesse período é que vemos a realização de diversos estudos no âmbito quantitativo, como a mensuração de nascimentos e óbitos na sociedade. Apesar de tais estudos serem pautados em processos factuais matemáticos, é inegável sua importância para uma análise de correlação entre causa social e efeito na saúde. Barata (2005) cita o exemplo de 1826 em Paris, onde Vilmé, em seu estudo, proporcionou uma correlação entre o aumento das taxas de mortalidade em locais de baixa renda, fazendo, assim, conexão entre doença e discrepâncias sociais e econômicas. É inegável compararmos tal fato com o próprio cenário brasileiro, em que a causa de diversas doenças, como o caso da dengue, está diretamente relacionada com um processo de

saneamento urbano, que está conectado diretamente a questões sociais. É nesse período que podemos notar as primeiras correlações entre a epidemiologia e as ciências sociais.

Vários estudos são emblemáticos desse período de constituição da epidemiologia em disciplina científica, todos eles poderiam perfeitamente ser enquadrados na categoria de estudos de epidemiologia social, pois buscam explicar os padrões de adoecimento através dos vínculos entre saúde e sociedade. (BARATA, 2005, p. 9).

Apesar de notarmos tais importâncias durante esse período, foi também no final do século XIX que Barata (2005) destaca o enfraquecimento do vínculo metodológico entre a epidemiologia e as ciências sociais, pois diversas teorias afirmavam que o estudo em saúde, fatores do âmbito cultural, econômico, histórico, dentre outros, são pensados em uma esfera de um conjunto mais amplo, em que a análise da temática saúde-doença está se moldando a um pensamento mais voltado ao particular no estudo do indivíduo em detrimento da análise comunitária de sociedade.

A redução dos vínculos entre sociedade e processo saúde-doença a atributos mensuráveis a partir do estudo de casos individuais resulta ainda na supervalorização dos “estilos de vida” e nas propostas de promoção da saúde baseadas majoritariamente na educação e na responsabilidade dos indivíduos, como abordagens privilegiadas pela epistemologia moderna. (BARATA, 2005, p. 10).

Para Barata (2005), a volta da interação dessas áreas está vinculada com o período dos anos 60, quando houve a eclosão de inúmeros movimentos políticos e sociais, bem como a luta por direitos civis e a busca pela valorização do contexto sócio-cultural, e tais fatos vão influenciar diretamente a transformação do estudo e da análise do campo da saúde. Segundo a autora, a teoria do capital social tem papel fundamental no posicionamento da interação e do fortalecimento dos elos da saúde com as ciências humanas e sociais, pois tal teoria, vinda dos estudos da sociologia funcionalista, proporciona o entendimento analítico da correlação entre desigualdade social e saúde-doença. Tal pensamento pode ser amplamente percebido na sociedade brasileira e no desenvolvimento interpretativo de bem-estar social.

O conceito de capital social deriva da sociologia funcionalista que concebe a organização social como um sistema composto por partes articuladas e em cooperação para obtenção de um objetivo. Estas partes correspondem aos estratos sociais que, em sociedades doentes têm suas relações marcadas pela anomia, isto é, por um funcionamento no qual predominam os conflitos e onde emergem as desigualdades. (BARATA, 2005, p. 12).

Para Pereira (1979), o campo da saúde e a própria configuração da sociedade podem estipular uma relação de poder e subjugação entre classes sociais, já que para ela a medicina, área específica que discute, está relacionada à configuração política e à segregação de classes

sociais e seu acesso a direitos cívico e a serviços de saúde. A própria simbologia e representatividade de doença e morte será distinta para cada classe social.

Embora não trate de privilegiar a articulação da medicina com o político frente ao sentido que adquire no plano de produção econômica senso estrito – o seu significado respectivo por referência à reprodução social só poderia ser apreendido em outro nível de análise – pode-se admitir que o processo pelo qual a prática médica acabou por tomar necessariamente como seu objeto praticamente todas as classes, frações de classes e camadas sociais constitui sobretudo uma das formas de manifestação, no plano político, das relações de classes. O próprio fato de que a enfermidade e a morte se distribuam de maneira a revelar as formas de participação dos grupos sociais na estrutura da produção de oportunidades de consumo contribui para tornar a medicina uma área significativa do ponto de vista político. Nas alterações experimentadas pela produção de serviços médicos manifestou-se, em seu duplo sentido, o processo acima referido de incorporação da desigualdade ao nível político ideológico: expressão, a um só tempo, do exercício da hegemonia de classe e das pressões por aumento de consumo como potencialmente negadoras dessa hegemonia. A história política da medicina, em todas as sociedades, revela momentos particularmente expressivos dessa ordem de determinações. (PEREIRA, 1979, p. 46).

Segundo Pereira (1979), refletir a saúde como um campo social é extremamente necessário, já que toda a configuração desse campo é uma reflexão de toda uma estrutura econômica e social e exerce uma ação coercitiva sobre a própria sociedade. Para refletir sobre a identificação da saúde e sua mudança, torna-se vital o entendimento de sua relação com a formação social capitalista e sua trajetória histórica.

A participação da medicina na dinâmica das relações de classe evidencia-se mais facilmente na época atual, quando a noção de “direito à saúde” tornou-se pedra de toque através da qual se manifestam as determinações político-ideológicas que incidem sobre a prática médica. Todavia, e desde que não se compartimentalize o econômico e o político-ideológico no plano concreto da reprodução social, é possível pensar a progressiva reorganização histórica da prática médica como inseparável de todo processo de constituição e reprodução da estrutura das sociedades capitalistas. (PEREIRA, 1979, p. 46).

A construção da epidemiologia social é algo debatido e analisado por Barata (2005), porém muitos são os desafios e dilemas que permeiam tal discussão. É questionado como fazer o devido estudo, assumindo o abandono das teorias de causa, além da dúvida de como analisar os elementos de forma individual e coletiva, atrelado aos efeitos sociais influenciadores. Além de tal fato, a dificuldade da escolha de ferramentas investigativas no âmbito da análise da complexidade social é um elemento de grande relevância reflexiva na obtenção de resultados representativos.

Para ela, assumir a importância imensurável da interpretação dos fatores sociais nesses estudos é a grande ferramenta e o grande desafio da construção de um pensamento reflexivo sobre saúde e sociedade.

O conceito de causa, na versão uni ou multicausal necessita de identificação de eventos independentes relacionados através de uma ligação unidirecional, necessária específica e capaz de gerar o desfecho de interesse. Tais características são raramente observadas nos processos biológicos e sociais. A busca por mecanismos de causalidade, assemelhados aos fisiopatológicos e tendo como causa um fator social está fadada ao fracasso, uma vez que os aspectos da vida social não podem ser dissociados sob pena de perderem sua significação, e de não fazerem sentido quando isolados do contexto da sua produção. (BARATA, 2005, p. 15).

Tais acontecimentos também influenciaram o cenário do campo da saúde no Brasil, porém este trilhou uma caminhada específica que culminaria na própria construção do campo da saúde coletiva, campo este exclusivo ao cenário brasileiro. Para Nunes (2006), os anos de 1970 foram um grande marco para o desenvolvimento desse campo, pois, nesse período, notamos o desenvolvimento das ciências sociais como papel de influência na área da saúde, bem como o avanço da própria produção científica e tecnológica.

O Departamento de Medicina Preventiva e Social assumiu um papel de grande importância perante a construção da área da saúde coletiva na sociedade brasileira, pois houve a adoção de uma postura de pensamento crítico baseada na função da área médica voltada bem mais para o âmbito da medicina social do que da preventiva. Tal fato possibilitou que a área da medicina reposicionasse seu campo de atuação e de investigação além dos conceitos de doença e cura e direcionasse seus olhares para outras instâncias da sociedade. Para Nunes (2006), é nesse departamento que surgem definições cruciais da atuação da medicina social, que era vista como um estudo da dinâmica da relação entre saúde e doença nas populações e toda sua relação com a atenção do papel dos profissionais de saúde na busca pelo bem-estar social das populações. A Medicina Social tem grande papel no posicionamento dos objetos de estudo dentro do próprio campo da saúde, no qual se buscou delimitar e classificar os conceitos e as teorias, objetivando desenvolver estudos que promovessem o fortalecimento entre o pensar biológico e psicossocial na busca por esse bem-estar.

De forma mais detalhada, definia-se a Medicina social como uma tentativa de redefinir a posição e o lugar dos objetos dentro da medicina, de fazer demarcações conceituais, colocar em questão quadros teóricos, enfim, trata-se de um movimento ao nível da produção de conhecimento que, reformulando as indagações básicas que possibilitam a emergência da Medicina Preventiva, tenta definir um objeto de estudo nas relações entre biologia e o psicossocial. A Medicina Social, elegendo como campo de investigação estas relações, tenta estabelecer uma disciplina que se situa nos limites das ciências atuais. (NUNES, 2006, p. 24).

Outro grande marco foi a VII Conferência Nacional de Saúde, pois foi nesse evento que se refletiu sobre um novo pensar e agir sobre a construção da saúde pública. Um importante marco também foi a criação dos cursos de mestrado e doutorado em saúde pública e medicina

social, que posteriormente seria conhecida como saúde coletiva, e vimos também surgir a Associação Brasileira de Saúde Coletiva - Abrasco, que impactou em um novo pensar em políticas sociais da estrutura da saúde e da própria sociedade. Os debates fomentados nesses períodos devido a tais criações originaram, em 1986, a VIII Conferência Nacional de Saúde, que impactou diretamente na formação e implementação de políticas sociais no âmbito da saúde e da formação da sociedade.

Perante esses acontecimentos, Nunes (2006) destaca que, nesse período, percebe-se a delimitação e ampliação do campo da medicina social, da saúde pública e da saúde coletiva na sociedade brasileira. Porém, vale destacar que tais campos são envoltos, além de preceitos e análises teóricas, também de forte influência de acontecimentos históricos, sociais e políticos. Pelo fato de o campo da saúde coletiva estar diretamente ligado a essas múltiplas áreas e transformações sociais, econômicas e políticas, Nunes (2006) afirma que esse campo é um campo estruturado e estruturante em tais temáticas formadoras da sociedade. Para ele, o campo da saúde coletiva não apenas faz uma crítica potente contra a ideia do naturalismo do saber em saúde, mas também transforma e rompe com o monopólio hegemônico da supremacia do saber biológico implementado pela saúde pública.

Diante dessa história e do fato de diferente de outros campos do conhecimento em saúde, ter sido organizada em uma associação congregando o que havia sido produzido em medicina preventiva, medicina social, planejamento em saúde, pesquisas epidemiológicas, políticas de saúde, ciências sociais em saúde, tornou-se difícil um consenso acerca da sua conceituação. Em realidade, a partir do momento em que se foram firmando as formas de tratar o coletivo, o social e público caminhou-se para entender a saúde coletiva como um campo estruturado e estruturante de práticas e conhecimentos, tantos teóricos como políticos. (NUNES, 2006, p. 27).

Ao analisarmos a trajetória da formação e de surgimento do campo da saúde coletiva, percebemos que sua potência consiste no fato de esse campo ser forjado no interlaçar de múltiplos saberes na busca pelo entendimento de fatos e causas referentes à saúde e à sociedade. Em paralelo, tal particularidade também se mostra um dos maiores desafios desse campo, pois, além da dificuldade da busca pelas ferramentas investigativas ideais, há também a disputa entre a hierarquização de tais saberes de composição desse campo. Nunes (2006) faz uma análise comparando o campo da saúde coletiva com a técnica de *patchwork*, que consiste na criação de roupas por meio da utilização de retalhos de tecidos, ou seja, esse campo é uma costura de muitos saberes oriundos de campos distintos em busca de tecer uma nova análise investigativa e reflexiva.

Como podemos ver, estas ideias que se conformam em uma trajetória histórica, apresentam uma tradição intelectual que, tendo um passado remoto, são recriadas ante

as conjunturas da modernidade e de seus problemas. Campo multiparadigmático, interdisciplinar, formado pela presença de tipos distintos de disciplinas que se distribuem em um largo espectro que estende das ciências naturais às sociais e humanas, certamente possibilitará o aparecimento de novos tipos de disciplinas, que nascem nas fronteiras dos conhecimentos tradicionais, ou na confluência entre ciências puras e aplicadas, mas que se caracterizam como um *patchwork* combinatório, que visa a constituição de uma nova configuração disciplinar capaz de resolver um problema preciso. (NUNES, 2006, p. 28).

Diante do fato de o campo da saúde coletiva se configurar como a interlocução de múltiplos campos e seus saberes, percebemos a disputa pelo poder hegemônico sobre a legitimação do saber científico. Com isso, podemos nos remeter ao próprio conceito de campo exposto por Bourdieu (1998), o qual afirma que o campo se configura em um espaço de constantes tensões e disputas.

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista [...]: é preciso pensar relacionalmente. (BOURDIEU, 1998, p. 27).

Esse pensamento do significado de campo é abordado por Bosi (2012) em sua afirmação de que o campo da saúde coletiva é formado e composto por tensões políticas e econômicas, bem como por alianças estratégicas entre áreas de saberes em busca de uma hegemonia do poder. No argumento de Bosi (2012), vemos que a busca para definirmos e identificarmos o campo da saúde coletiva nos leva a compreender que esse campo, dotado de inúmeros elementos ocasionados pela transformação social, é composto de múltiplos conhecimentos e práticas e, por isso, ele se molda ao próprio movimento acadêmico e social. Para Bosi (2012), tal campo se subdivide entre três núcleos de saberes: Epidemiologia, Ciências Humanas e Sociais e Políticas, Planificação e da Gestão de Sistemas de Saúde. Porém, vale ressaltar que o peso hierárquico da epidemiologia ainda se firma como o grande detentor do poder hegemônico nesse campo.

Quanto à tentativa de definir SC, uma consulta aos esforços realizados por vários autores nos leva a constatar um consenso quanto a demarcá-la, a um só tempo, como campo de conhecimento e âmbito de práticas, portanto, com *campo e movimento*. Sua constituição interna se fundamenta em *três núcleos de saberes* ou *espaços e formações disciplinares*, que, sob várias denominações, se ocupa das Políticas, Planificação e da Gestão do Sistema de Saúde. (BOSI, 2012, p. 2).

Segundo Nunes (2006), a composição do campo da saúde coletiva se dá de forma múltipla, em que os saberes e as práticas de diversos campos científicos se configuram como

ferramentas essenciais no processo de análise e interpretação da realidade da saúde que se pretende estudar ou transformar. O objeto desta pesquisa está inserido dentro desse campo, cujo estudo se constitui como uma formação complexa de múltiplos olhares científicos. Com base nessa premissa, para se compreender categorias pertencentes a esse campo, deve-se utilizar de diversas referências teóricas de campos científicos distintos, porém fundamentais na formação do campo da saúde coletiva, a fim de proporcionar um estudo baseado no olhar teórico múltiplo desse campo.

Parece-me uma boa ideia para se entender a Saúde Coletiva, mas a imagem que associo ao entendimento do campo é a de mosaico – conjunto formado por partes separadas, mas que se aproximam quando a compreensão dos problemas ou proposta de práticas se situam além dos limites de cada “campo disciplinar”, exigindo arranjos interdisciplinares. Além disso, como veremos a seguir, quando discutirmos os principais campos disciplinares que configuram a grande área da Saúde Coletiva, observamos que a sua composição está associada ou àquelas *ciências de fronteiras*, muitas vezes já consolidadas (por exemplo psicologia social), ou às *interdisciplinares* (por exemplo avaliação de serviços de saúde, planejamento em saúde), ou às *interciências* (por exemplo ecologia). Assim entendemos que o campo não é simplesmente um território opaco, um compósito de conhecimento, saberes e práticas, desarticulados, mas se compõem de acordo com as necessidades em descrever, explicar e/ou interpretar a realidade da saúde que se deseja estudar, avaliar ou transformar. Para isso, os conceitos, as categorias analíticas, as chaves interpretativas procedentes do núcleo duro das ciências – *corpus* teórico – lançam suas luzes para o entendimento dos objetos e sujeitos investigados pelos pesquisadores. Agora, o mosaico se transforma em um vitral, no qual os problemas estão filtrados pela teoria. (NUNES, 2006, p. 29).

A reflexão da interação entre os fatores sociais que permeiam o indivíduo e a sociedade e sua conexão com a interpretação analítica de saúde e doença estão diretamente relacionadas, e tais elos são o processo formador do próprio campo da saúde coletiva. Para Campos (2006), as vivências e interações do sujeito, tanto individuais como coletivas, são elementos fundantes desse campo, em que a cultura e os valores se constituem como elementos formadores da sociedade e sua saúde.

A cultura e valores têm também grande influência sobre a saúde: o valor que se atribui à vida, o reconhecimento de direitos de cidadania a portadores de deficiência, a concepção sobre saúde, sexualidade, a forma como cada povo lida com diferenças de gênero, de etnia ou mesmo econômicas, tudo isto amplia ou restringe as possibilidades de saúde das pessoas. (CAMPOS, 2006, p. 48).

Em seu argumento, Campos (2006) elabora e resgata o conceito de “sujeito epistêmico”, que consiste na ideia de que o pensamento reflexivo de cada indivíduo deve ser composto por teoria e prática. A área da teoria se remete à construção do saber, já a prática se relaciona com as próprias experiências e vivências de cada indivíduo no traçar de sua trajetória. É por meio da união dessas duas áreas que se dá a formação do “sujeito epistêmico”, em que o

indivíduo será dotado de um pensamento reflexivo crítico sobre as próprias estruturas em que está inserido. Perante isso, Campos (2006) enaltece a presença do método Paidéia para se compreender saúde e sociedade e o campo da saúde coletiva. Tal método se configura não como uma imposição de que todos os indivíduos devam ser sujeitos epistêmicos, mas que cada pessoa, independentemente da metodologia adotada, deva formular uma reflexão crítica sobre as estruturas fatuais e sociais, ou seja, o método Paidéia forja, sobretudo, sujeitos reflexivos, e isso se configura elemento central para a compreensão da construção da saúde e da interpretação da sociedade.

O sujeito interfere no mundo por meio da política da gestão, do trabalho e de práticas cotidianas. Com esta finalidade busca conhecer ou pelo menos compreender a si mesmo e ao mundo da vida. Para isso os sujeitos interagem com os outros sujeitos, constituindo espaços dialógicos em que há múltiplos resultantes conforme a capacidade e poder de cada um. Para a perspectiva Paidéia há uma coresponsabilidade do indivíduo e dos sujeitos coletivos sobre o processo saúde e doença. (CAMPOS, 2006, p. 43).

Na teoria de Campos (2006), o indivíduo e suas experiências se constituem em um elemento central na análise dos fenômenos na saúde e na sociedade, ou seja, esse indivíduo age como um ator social, que exerce influência e é influenciado pela sociedade. Para Campos (2006), é por meio dessa interação que se constitui o campo da saúde coletiva e sua importância no processo reflexivo dos fenômenos em saúde, pois, por meio da interação de fatores biológicos, sociais e culturais, bem como das particularidades oriundas de cada indivíduo e de cada grupo, podemos compreender os fenômenos em sua particularidade e, também, em sua totalidade. Tais indagações nos promovem um conceito de saúde relativa, a qual não seria um estado absoluto, mas, sim, relativo a cada vivência, tanto individual como coletiva, e esse pensamento é um dos conceitos do próprio campo da saúde coletiva.

Sem abandonar a noção de que a saúde depende do físico, do mental e do social, seria conveniente trabalhar com a saúde relativo ao próprio indivíduo ou ao padrão epidemiológico predominante. Saúde tomada não como um estado absoluto. Saúde pensada em graus ou em coeficientes relativos ao estado de cada pessoa ou de cada agrupamento populacional. Assim, por exemplo, em um paciente considerado sem opção conhecida de tratamento, um caso terminal, se consideraria produção de saúde um projeto terapêutico voltado para cuidados paliativos, referente à dor, ao conforto e ao exercício do desejo, limitado pelas circunstâncias, sobre maneiras para terminar de viver. (CAMPOS, 2006, p. 62).

Para promover a análise e a interpretação da saúde da sociedade, é essencial que se compreenda que esse processo hermenêutico se dá inicialmente com a reflexão de múltiplas questões correlacionadas, como a política, a economia, a história, o entendimento de cuidado, dentre tantas outras. Para Nunes (2006), a presença das ciências sociais e humanas foi o grande

marco para o desenvolvimento do processo reflexivo dentro do campo da saúde coletiva, pois, por meio de ferramentas e olhares diversos, foi possível que esse campo pudesse identificar e compreender os diversos elementos complexos da formação da saúde dentro da esfera social. Categorias como a da violência são exemplos de objetos de estudo do campo da saúde coletiva, pois estão em diálogo com diversas esferas científicas, como a história, a psicologia, a antropologia, a filosofia, a medicina, dentre outras.

Assim, a presença das ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia, economia, política, história, filosofia, ética, estética) foi se consolidando sendo considerado como fundamentais para a compreensão dos processos da vida, do trabalho, do adoecimento e da morte assim como dos cuidados aos doentes e pacientes e das relações profissionais. Tais abordagens tornaram-se possíveis porque essas disciplinas utilizaram um arsenal teórico-conceitual orientando a investigações e a busca de nexos de sentido entre o natural (o corpo biológico), o social e a cultura. As próprias concepções de coletivo, sociedade e estrutura, seus respectivos pares, sujeitos, representação, ação, serão categorias fundamentais para análise da saúde. (NUNES, 2006, p. 30).

Pelo fato de, ao analisarmos o campo da saúde coletiva, estarmos também refletindo sobre as próprias construções dos elementos formadores da sociedade, ou seja, para interpretar o campo da saúde, é de fundamental importância realizar o processo interpretativo das estruturas culturais que o compõem. Para Minayo (2006), o campo da antropologia é uma ferramenta imprescindível para que possamos identificar e compreender as estruturas e os fenômenos culturais que permeiam o campo da saúde e da sociedade.

Introduzir o tema da cultura na interpretação das estruturas, da sociedade e, também, do tema da saúde e da doença, a antropologia demarca um espaço radical, na medida em que o fenômeno cultural não é apenas um lugar subjetivo. Ele possui uma objetividade que tem a espessura da vida, por onde passa o econômico, o político, o religioso, o simbólico e o imaginário. Ele é também o *locus* onde se articulam conflitos e concessões, tradições e mudanças e onde tudo ganha sentido, uma vez que nunca há humano sem significado assim como nunca existe apenas uma explicação para determinado fenômeno. (MINAYO, 2006, p. 191).

O campo da saúde coletiva, por ter um espaço múltiplo de saberes, proporciona interpretações de grande relevância, como o próprio interpretar do fenômeno saúde e doença. Esses fenômenos transcendem o modelo biomédico, estando correlacionados à própria formação da estrutura social e dos sujeitos, em que podemos perceber a importante contribuição reflexiva da obra de Lévis-Strauss (1963) *O Feiticeiro e Sua Magia*, na qual o autor afirma que o sujeito que acredita sofrer efeitos de um feitiço não vem de caráter sobrenatural, mas sim da influência simbólica de tradições culturais de sua própria comunidade. Entender os rituais e os tabus presentes na sociedade é também compreender a formação histórica e valorativa da sociedade. São esses elementos representativos que tornam cada ciclo social único. É inviável

entender o processo de formação da saúde e da doença sem que possamos compreender os elementos simbólicos que permeiam esses fenômenos, e estes variam de sociedade para sociedade. O exemplo disso está na relação entre médico e paciente, em que o processo de entendimento de doença e cura deve considerar a importância das vivências simbólicas e das histórias da formação do sujeito.

Dentro da lógica da metodologia estruturalista a partir da qual evidencia a semelhança entre pensamento científico e pensamento mítico, Lévi-Strauss contribui para pensarmos os vários sistemas terapêuticos exercidos nas sociedades complexas, inclusive o modelo médico hegemônico. O autor chama atenção para o fato de que os contextos sociais e individuais dos processos de cura têm esquema mental semelhante. Todos dependem da eficácia simbólica criada pela relação de confiança interativa entre o médico, o paciente e as expectativas sociais em torno do modelo do praticado. O que significa dizer que há racionalidade biomédica independente do ambiente cultural e histórico de seu exercício. (MINAYO, 2006, p. 194).

A sociedade é composta por elementos complexos de formação, e o campo da saúde representa grande parte dessas formações, e este é constituído por fenômenos sociais em que áreas como antropologia, sociologia da saúde, dentre outras, são ferramentas reflexivas para proporcionar a interpretação desses fenômenos. A saúde coletiva nos proporciona o entendimento de que refletir sobre saúde é também refletir sobre a história da formação social e sobre como esses fenômenos impactam a construção dos sujeitos sociais, e um desses fenômenos é a categoria da violência.

O campo da antropologia tem um papel crucial que fomenta contribuições fundamentais no processo de investigação de elementos analisados pelo campo da saúde coletiva. Marcel Mauss (1950) foi um dos pensadores que foram prioritários para o desenvolvimento do pensar em uma antropologia da saúde, que é fundamental para o pensar reflexivo do campo da saúde coletiva. Mauss (1950) desenvolve o conceito de fato social total, que consiste em elementos que afetam a construção de cada indivíduo e suas relações sociais e impactam na estruturação da própria sociedade. Ao compreender esse conceito, estamos mais aptos a refletir e identificar as formações e os impactos de doenças e ritos culturais que permeiam a formação estrutural de uma sociedade e seus indivíduos em suas particularidades. Tal pensamento é uma das principais ferramentas no funcionamento do campo da saúde coletiva no momento em que esta busca compreender as particularidades de cada indivíduo e da sociedade.

Para Minayo (2006), a área da antropologia assume, na adoção das ciências sociais e humanas no campo da saúde coletiva, um papel fundamental na investigação em saúde e na interação entre o profissional de saúde e o paciente, já que é por meio da antropologia que

podemos dispor de maiores ferramentas analíticas e interpretativas na busca da compreensão de cada indivíduo, pois cada paciente vai ser dotado de experiências e vivências próprias que dão percepções de saúde únicas, ou seja, percebe-se que não existe uma saúde, mas múltiplas saúdes interpretativas de acordo com cada trajetória formativa. Nessa perspectiva, percebemos que, para compreender o fato, devemos desvelar o indivíduo e suas próprias experiências com a sociedade.

A antropologia ensinaria ainda aos profissionais de saúde que metodologicamente, precisamos ouvir, primeiro, como nosso interlocutor *define sua situação*. Em segundo lugar, qual é sua *experiência biográfica*, lembrando que uma pessoa sempre está situada biograficamente no mundo da vida e é nesse contexto que pensa, sente e age. Em terceiro lugar, qual é seu *estoque de conhecimento* ou seja, qual é sua sedimentação de experiências e situações vivenciadas, a partir da qual ele interpreta o mundo e pauta sua ação. Em quarto, a que o interlocutor dá *relevância* em sua fala, pois sua estrutura de relevância se relaciona à bagagem de conhecimento e à sua situação biográfica. (MINAYI, 2006, p. 199).

As ditas ciências sociais e humanas podem ser classificadas como a grande ferramenta do campo da saúde coletiva, porém as tensões entre o pensamento positivista biomédico e as demais áreas ainda são presentes. Mas vale destacar que a sociologia, a pedagogia, a psicologia e as demais áreas das humanidades ganham destaque nesse campo no momento em que temas entram em pautas centrais, como é o exemplo da correlação entre saúde e desigualdades sociais.

Para que possamos compreender de forma efetiva temas relacionados à saúde, é necessário desvelar a própria sociedade em sua complexidade. Barata (2006) chama à atenção que compreender a desigualdade em uma sociedade é também entender as dimensões de qualidade de vida de um cidadão e a formação de espaços cívicos e sua relação com os indivíduos. Tais fatores são diretamente ligados ao entendimento da saúde na sociedade. Essa reflexão é o cerne da própria saúde coletiva em sua busca do estudo de tais complexidades.

[...] as condições de vida vão além das condições materiais de sobrevivência e do estilo de vida, incluindo não apenas os aspectos relacionados com o poder aquisitivo na esfera individual, mas também as políticas públicas que buscam garantir o atendimento de necessidades básicas para a sobrevivência, agregando assim a dimensão da vida social que contém as outras dimensões que nele se reproduzem, mas que também é modificado permanentemente na interação com essas outras dimensões [...]. (BARATA, 2006, p. 460).

Todos esses fatores e particularidades fazem do campo da saúde coletiva um local que deve ser essencialmente formado de múltiplos saberes, mediante a necessidade de compreender e interpretar categorias formadoras da sociedade que caminham em conjunto com a história social. Para isso, tal campo se faz valer da interação de áreas diversas do

conhecimento e de suas ferramentas investigativas na busca do saber, tendo as ciências sociais como grande impulsionadora de tais compreensões. Podemos realizar a conexão dessa diversidade de saberes do campo da saúde coletiva e seus processos investigativos com a dialética socrática na sua busca pela maiêutica.

## **2.2 O estudo da categoria de violência no campo da saúde coletiva**

A dificuldade de conceituarmos o fenômeno da violência se dá, em parte, porque ele se constitui em um fenômeno sócio-histórico referente à própria formação social de cada indivíduo. Desvelar a reflexão desse fenômeno é refletir sobre a história de toda a sociedade. Para Minayo (2006), no momento em que o indivíduo se torna cidadão perante os olhos da sociedade, ele se torna detentor de sua própria liberdade, e é nesse momento que a violência perante o outro se torna ilegítima. Porém, é também nesse processo de formação que essas relações sociais se constituem também em relações de poder, sendo a violência um elemento que permeia tais relações.

Pensar em violência implica em nos aproximarmos da complexidade inerente a um domínio que ultrapassa um simples substantivo, um tema, um fenômeno, implicando experiências e distintas narrativas voltadas à sua compreensão e, por vezes, transformação. Falar em violência é aludir a uma polissemia. A modo de exemplo, a palavra “violência” [do latim *violentia*] tem pelo menos quatro definições no dicionário: “1. Qualidade de violento 2. Ato violento 3. Ato ou efeito de violentar 4. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação (1)”, ou seja, desde um atributo de uma pessoa, até uma ação exercida contra um outro (FERREIRA, 2014).

Pelo fato de a violência ser um fenômeno construído junto com a própria formação social, ela não está apenas conectada com as relações sociais, mas também está simbioticamente correlacionada com a construção do indivíduo. Para Domenach (1981), pelo fato de esse fenômeno consistir em um elemento da formação humana, ele não pode ser analisado como um item externo aos indivíduos e aos grupos e nem como algo originado pelo outro, mas, sim, como elemento fundante da condição humana.

É demasiado fácil e ineficaz condenar a violência como um fenômeno exterior, e inclusive, como algo estranho ao ser humano, quando, na verdade ela o acompanha, incessantemente, até na articulação de seu discurso e na afirmação mesma da evidência racional. (DOMENACH, 1981, p. 37).

Para o setor da saúde, o conceito de violência se ampara em dois caminhos: explicativo, que se baseia na reflexão filosófica e teórica; e operacional, que se baseia nos estudos biológicos e químicos das próprias transformações. Para a OMS, violência é:

O uso da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou, uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2022, p. 5).

Apesar de tais classificações e tipologias, o setor da saúde, por meio do campo da saúde coletiva, identifica que tais classificações não estão inteiramente contemplando todos os elementos do entender e identificar a categoria de violência, já que elementos de caráter simbólico também pertencem a tais classificações e estão conectados a um pensamento reflexivo estrutural da própria sociedade e seu entendimento de poder e de simbolismo. Tal fato pode ser visto na análise da violência simbólica, que se conecta a elementos culturais, ocasionando um efeito naturalizado em tais atos.

Também a violência simbólica é uma modalidade que serve do automatismo do costume. Ela se inscreve nas coisas autoevidentes e naturais, nos modelos de percepção e de comportamento que se tornaram hábito. A violência, de certo modo, é *naturalizada*. Sem o emprego da violência física, marcial, ela provê as condições para que as relações de domínio vigentes se mantenham. Também a técnica disciplinar se serve da internalização psíquica da coerção. Com intervenções refinadas e discretas, ela penetra nos ductos e nas fibras musculares do indivíduo, submetendo-o à coerção e aos imperativos ortopédicos e neurolépticos. (HAN, 2016, p. 23).

Segundo alguns autores, a violência não desaparece, ela muda na sua natureza de fenômeno sócio-histórico (BYUNG-CHUL HAN, 2016; MINAYO, 2010). A distinção cultural entre as civilizações dificulta a identificação de atos de violência, pois a definição de violência varia de acordo com a sociedade e sua cultura, bem como seu período histórico. Chauí (1998) se correlaciona a Bosi & Uchimura (2010) na denominação de multidimensionalidade intrínseca de uma categoria. Tal reflexão está relacionada ao questionamento de se a violência “consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual” (MINAYO, 1998, p. 514), então a violência é um produto social e, portanto, com múltiplas possibilidades de interpretação e transformação.

Para Minayo (2011), pela complexidade da categoria de análise da violência, devemos refletir não sobre a violência, mas sobre os diversos tipos e formas de violência e seus múltiplos significados. Compreender as expressões de violência é compreender elementos da própria vida social.

Tomando como base a arqueologia filosófica desenvolvida por Michael Foucault, podemos perceber que fenômenos sociais são construídos não como processos naturais, mas como construções culturais interpretativas referentes a um cenário histórico social. Também podemos notar esse fato na própria construção e reflexão dos atos desviantes, sendo caracterizados como ações que fogem a um padrão moral estabelecido pela sociedade. Em seus primórdios, associados a fatores naturais, até hereditários, os ditos atos desviantes, na medida em que compreendemos a própria formação social, vemos que são frutos de uma construção cultural, ou seja, o que entendemos como desviante ou violento, em sua maioria, pode ter significados divergentes em outro cenário temporal histórico. Com isso, podemos concluir que a categoria da violência está relacionada à construção das relações de poder e do monopólio desse poder sobre uma classe, um grupo ou um indivíduo. Rifiotis (1998) afirma que os conceitos estabelecidos sobre a categoria de violência ainda são escassos perante a complexidade dessa categoria, pois ela está relacionada a diversos elementos da formação social.

[...] ao falarmos de violência não estamos nos referindo apenas a realidades concretas, mas a um sistema de classificação e de significação que orienta a nossa percepção dos fenômenos. Quando procuramos circunscrever o campo semântico da palavra violência, deparamo-nos com um jogo de linguagens onde diferentes tipos de fenômenos são aproximados, enredados numa teia discursiva cuja amplitude equivale a uma visão de mundo. Assim, aquilo que chamamos violência recobre fenômenos muito diferentes que não podem ser reduzidos ao crime e à violência institucional. Desse modo, no nosso cotidiano, referimo-nos [...] a violência contra as mulheres, contra as crianças, contra a natureza, a violência física, psicológica, simbólica, cognitiva [...], cuja regra de formação ainda nos é invisível, pode englobar as relações de força, as tensões, as hierarquias, as desigualdades sociais e as situações de conflito em geral. (RIFIOTIS, 1998, p. 1-2).

No âmbito científico, há diversas correntes que se dedicam a estudar a origem e a identificação da construção da violência. Dentre elas, as que se referem às raízes sociais da violência afirmam que essa categoria surge por meio das rápidas mudanças sociais provocadas pelo processo de industrialização (ENGELS, 1972).

Durkheim (1977) afirma que todos os fenômenos sociais estão interligados e contidos nas relações sociais. Tais relações são os pilares norteadores para a formulação da ética e da moralidade social. A partir da elevação das ciências sociais à categoria de ciência, muito impulsionada pelo positivismo, o método e o objeto de estudo tiveram sua reflexão baseada e inspirada em metodologias do âmbito das ciências naturais. Tal fato promoveu a construção de pensamentos que muito influenciaram e influenciam o pensar sobre a categoria da violência. Podemos afirmar que Durkheim (1977) foi pioneiro ao ver o crime e a violência como objetos de estudos, e, ao analisá-los, devemos levar em consideração as normas sociais

estabelecidas. Porém, seguindo o pensamento funcionalista e influenciado pelo próprio positivismo, as ditas transgressões e os atos de crime, segundo Durkheim, são necessários para que a sociedade sobreviva. O próprio crime oriundo da violência é visto por ele como um fato social e natural, que se caracteriza como uma manifestação da construção social. Por isso, a violência assume uma função natural na formação da sociedade. Apesar de esse pensamento ser questionável no enquadramento de uma concepção positivista da violência, excluindo diversos elementos complexos da formação dos indivíduos referentes à própria violência, podemos perceber o impacto que Durkheim (1977) exerceu no pensar sobre a violência e no pensar dessa categoria dentro do campo da saúde, pois foi a partir de sua teoria que o crime e a violência, assim como o suicídio e o desenvolvimento do conceito de anomia social, foram vistos e analisados não apenas no âmbito patológico, mas no contexto social mediante a análise da dita ciência social. Tal fato revolucionou o pensar sobre violência, tendo sido inspiração para a então escola de Chicago e para o desenvolvimento dos estudos sobre atos desviantes.

Uma das grandes bases reflexivas dessa corrente foi Merton (1972), que fundamenta suas teorias na formação dos grandes processos migratórios, que irão, por consequência, promover a formação de periferias, ocasionando a extrema pobreza em boa parte da população. Diante desse cenário, a violência encontraria as estruturas ideais para se fazer presente.

Tomando como base a lógica estrutural-funcionalista que sustenta grande parte dessas correntes, percebemos que essas teorias não colocam em pauta elementos de suma importância para a reflexão, como as microestruturas da subjetividade. Vale ressaltar que a violência não é gerada pela formação física das ditas periferias, a formação destas proporciona a criação de subculturas que estão à margem das construções normativas legitimadas pela sociedade, com isso, para essa corrente, o foco gerador seria a própria criação das distinções entre indivíduos perante sua cultura e seus privilégios. Por isso, não podemos reduzir violência a crime ou atos desviantes sem a devida análise. Devemos ter em pauta a violência estrutural, a violência do Estado e a cultural, pois estas formam e exercem, de forma naturalizada, a construção de contextos sociais.

Talvez um dos primeiros filósofos a abordar a temática da construção reflexiva da violência tenha sido Hegel (1969), o qual aborda o estudo dessa categoria não como uma consciência única de uma sociedade homogênea, mas como a construção de consciências particulares. Hegel (1969) se utiliza da metáfora do senhor e do escravo para analisar a relação dialética entre esses indivíduos e a formação da violência. Dentro desse exemplo, o processo de violência se dá pela negação do senhor perante a existência do escravo, pois não o vê como

um indivíduo, mesmo que para o senhor existir seja necessária a existência do escravo. Talvez o que Hegel queira nos colocar é o fato de que a violência se configura em microrrelações de poder, como abordado por Michael Foucault (2007), já que as relações entre indivíduos podem provocar a própria anulação de um indivíduo e a legitimidade da violência sobre este. Para Hegel, o único meio de quebrar essa relação é a superação da alienação por meio da consciência da condição da relação de violência na qual estamos inseridos. A própria análise da categoria de violência só se torna possível na medida em que temos consciência da teia de relações em que ela se configura.

Mediante a tal teoria, podemos afirmar que há relação conceitual entre violência e poder, pois estes estão visceralmente interligados. Todo indivíduo que exerce, aplica ou sofre violência está inserido em relações de poder, e tais relações, por vezes, estão legitimadas pela sociedade, pelo fato de estarem relacionadas ao exercício de poder social.

O exercício da violência eleva o sentimento de poder. Na cultura arcaica o poder ainda não representava uma *relação* de domínio, não produzindo nem senhor nem escravo. Ao contrário, era hipostenizado como uma substância sobrenatural, impessoal, que poderia ser possuída, acumulada ou também perdida. (HAN, 2016, p. 23).

Tendo como base a teoria de Foucault (2007), percebemos que a categoria de violência está relacionada às próprias estruturas de formação social, ou seja, a violência, assim como o poder, reside não nas grandes instâncias, mas nos micros espaços. Ela, muitas vezes, se torna invisível aos olhos e sentidos, pois está intrínseca às próprias raízes estruturais, por isso a violência, seja ela física, simbólica, dentre outras, é também violência estrutural. A relação de violência entre indivíduos permeia a noção de que o indivíduo que exerce violência sobre o outro está materializando uma relação de poder, e o indivíduo que sofre tal ato se torna invisível ou é diminuído em um processo estrutural social.

Podemos afirmar que a categoria de violência permeia e pertence a todo o ciclo sistemático da sociedade, assim como a própria saúde. Porém, a existência dessa categoria também simboliza não apenas aqueles que a exercem em situações de poder, mas também a ausência de representatividade e a invisibilidade social daqueles que a sofrem. Perante isso, podemos refletir sobre a urgência de o campo da saúde compreender e interpretar tal categoria, pois esta se encontra em um espaço estrutural da própria sociedade.

Os fenômenos geradores de violência muitas vezes estão no próprio conceito formador de estruturalismo, pautado no arcabouço sistêmico da sociedade, em que se percebe que a categoria de violência é fruto das raízes valorativas de uma sociedade que, por vezes,

possibilita um efeito de invisibilizar ou naturalizar esses fenômenos por estes estarem conectados à própria formação cultural e social, tornando difícil sua identificação.

A situação geradora de violência muitas vezes está no *sistema*, no arcabouço sistêmico no qual está inserido. Assim, as formas de violência manifestas e expressas se referem às estruturas implícitas que estabelecem e estabilizam uma ordem de domínio, e que, como tais, eximem-se de visibilidade. (HAN, 2016, p. 23).

Segundo Deslandes (1994),

Define-se o abuso ou maus-tratos pela existência de um sujeito em condições superiores (idade, força, posição social ou econômica, inteligência, autoridade) que comete um dano físico, psicológico ou sexual, contrariamente à vontade da vítima ou por consentimento obtido a partir de indução ou sedução enganosa. (DESLANDES, 1994, p. 207).

Deslandes (1994) nos coloca uma perspectiva do olhar sociológico dentro do campo da saúde coletiva na complexa interpretação e identificação de atos ditos violentos, pois, segundo sua percepção, entende-se que violência é qualquer ato que gere constrangimento físico, moral ou provoque uma coação sobre um indivíduo.

Pelo fato de a categoria da violência estar presente na própria construção da sociedade, torna-se notório o interesse de sua análise e de seu estudo na área da saúde. Porém, como essa categoria não pode ser definida como um objeto específico da área da saúde, já que ela está interligada a diversas outras áreas formadoras da sociedade, é necessário um olhar multidisciplinar.

Podemos configurar a violência como um fenômeno que está inserido na rede das relações sociais, e, dentro do âmbito do Brasil, estudar esse fenômeno se torna indispensável para o desenvolvimento de ações de prevenção e combate à violência. No cenário brasileiro, o estudo dessa categoria forma elementos únicos, pois notamos, com a própria formação estrutural da área em saúde no Brasil, a criação de um campo único, a dita Saúde Coletiva, em que o olhar das ciências sociais se torna um elemento de transição no desenvolvimento de uma outra forma de reflexão e análise sobre o desenvolvimento da sociedade e de sua saúde: “Para a saúde coletiva o ser humano é um ser social e o entendimento deste ser não se dá no contexto em que ele se define, ou seja, em suas afirmações, respostas, identificações e representações como vivenciadas no território geopolítico e cultural onde exerce suas atividades vitais”. (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

Segundo Engels (1972), a violência é um produto da própria história, e por isso só podemos desvelar essa categoria se compreendermos as relações socioeconômicas, políticas e culturais de cada sociedade. Ao compreendermos esses elementos, expomos diversos fatores

que estão interligados à construção da categoria da violência, como os tipos de dominação sobre indivíduos e a estruturação de classes, dentre outros. As ciências sociais se tornam uma ferramenta essencial para o campo da saúde no processo de entender as complexidades formadoras do fenômeno da violência, promovendo um processo metodológico empírico na identificação dos sujeitos e do objeto do estudo dessa categoria.

Podemos afirmar que o estudo sobre violência, utilizando-se das ciências sociais dentro da saúde coletiva na ótica da pesquisa qualitativa, pode ser considerado recente, pois no campo da saúde coletiva a epidemiologia ainda permanece como a maior contribuinte nessa temática. Segundo Weisberg (1995), na década de 70, vimos os primeiros estudos relacionados à violência, quando um grupo de sanitaristas introduziu pesquisas objetivando descobrir as causas de mortalidade oriundas dessa categoria. Perante esse fato, viu-se a disseminação desses estudos pelas diversas regiões, buscando entender e estipular um perfil dos indivíduos que entram no dado da mortalidade, bem como entender os fatores de risco e buscar intervenções. Um ponto importante no estudo de Weisberg (1995) foi a distinção do entendimento dessa categoria entre saúde, polícia e justiça. Para a polícia, a violência atinge diretamente a vítima; para a justiça, o agressor é o agente foco da sanção; porém, para a saúde, o foco é sobre o bem-estar geral da sociedade, ou seja, para a área da saúde a violência tem uma influência macro sobre todo um grupo.

Apesar de toda a contribuição que a epidemiologia trouxe para o estudo da violência dentro do campo da saúde coletiva, ela não nos fornece um olhar completo sobre a construção e o entendimento dessa categoria. A partir de Weisberg (1995), entendemos que, para compreendermos as próprias formações estruturais da violência, devemos ter outras abordagens de áreas, como das ciências sociais e da psicologia, para podermos desvelar todas as camadas formadoras desse fenômeno. Por isso, perante o próprio campo da saúde coletiva, podemos concluir que se torna fundamental que essas diversas áreas estejam interligadas, a fim de formular um arcabouço teórico que possa promover uma compreensão reflexiva completa dessa categoria.

Segundo Bourdieu (1998), o próprio campo já é um local de constante disputa de poder, e isso podemos perceber no âmbito da saúde coletiva, em que, dentro do estudo sobre a categoria da violência, há um monopólio sobre a hegemonia da epidemiologia e da pesquisa quantitativa na publicação de trabalhos, bem como no pensamento reflexivo. Adotar a interseção dessas diversas áreas do conhecimento é promover que as ditas violências silenciosas possam ser ouvidas e as ditas violências invisíveis possam ser vistas. Superar o pensamento natural positivista não é negar sua importância no discurso reflexivo, é dialogar que esta é uma

das áreas de pensamento para entendermos a formação da violência perante as diversas óticas interpretativas.

Para a interpretação e a análise dos tipos de violência, torna-se fundamental o uso de métodos reflexivos para que possam ser compreendidos. A hermenêutica do estudo da violência se faz necessária para o entendimento de áreas sociais que possamos identificar e compreender nessa categoria, como é visto no estudo da violência simbólica trabalhado por Bourdieu (1999), pois, para compreendê-la, é necessário entender o próprio significado dessa categoria em face dos indivíduos e da sociedade, já que esta é uma construção cultural fruto do poder do capital simbólico que, em grande parte, se torna invisível e naturalizado diante da sociedade. “Violência Simbólica, violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do ‘sentimento’”. (BOURDIEU, 1999).

Assim como mencionado na teoria de Bourdieu (1999), a compreensão do estudo da categoria da violência dentro do campo da saúde coletiva é talvez um dos estudos comprobatórios de que este campo transcende as compreensões biológicas, se fazendo necessário, para o entendimento dessa categoria, a compreensão dos fenômenos sociais para que possamos trazer uma reflexão analítica sobre essa categoria e o próprio campo da saúde.

### **2.3 As particularidades do estudo da violência contra a mulher**

Ao refletirmos sobre o entendimento dos diversos tipos de violência e sua formação, promovemos também o processo dialético e interpretativo de diversas outras categorias correlacionadas à própria violência. Tal fato pode ser demonstrado no estudo da violência simbólica relacionada à violência doméstica contra as mulheres, pois, a partir da ampliação reflexiva desses elementos, vemos que a violência simbólica correlacionada com a violência doméstica revela algo muito mais amplo do que a relação entre marido e esposa e a violência física, mas a construção cultural e política de toda uma sociedade e seu poder corretivo sobre os indivíduos. A naturalização de atos violentos de um homem sobre uma mulher dentro de uma relação conjugal moldou posturas e ações afirmativas de toda uma estrutura social, que, muitas vezes, via atos de violência como desentendimentos domésticos aceitáveis, legitimando direta ou indiretamente a relação de dominação entre os papéis sociais, como afirma Beauvoir (1980) na obra *O Segundo Sexo*.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constitui concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também as suas pretensões ontológicas e morais. (BEAUVOIR, 1980, p. 170).

O estudo sobre a violência contra a mulher tem se tornado um dos temas centrais na construção reflexiva do entendimento da violência dentro da saúde coletiva, pois a própria construção do conceito de gênero demonstra a importância da interseção entre diversas áreas de saberes, objetivando sua ampla compreensão. A construção dessa categoria está relacionada com a formação das relações sociais e políticas, e não apenas com diferença biológica entre homens e mulheres, já que, como visto em Bourdieu (2007), a formação desses papéis sociais está diretamente ligada à formação de uma estrutura social e de seus elementos simbólicos. Podemos afirmar que a construção do ser mulher está correlacionada com essas diversas relações de formação social, já que perante essas reflexões, para se tornar homem ou mulher, o indivíduo necessita passar por um processo de socialização de gênero que está conectado a fatores políticos, econômicos e sociais formadores do próprio “ser”.

Podemos questionar a possibilidade de que um pensamento biológico binário de gênero possa ter promovido uma camuflagem, dentro da área da saúde, dos diversos fatores que promovem a formação tanto do homem como da mulher, que estão diretamente ligados à compreensão da categoria da violência. A área das ciências sociais oferece uma grande contribuição para o campo da saúde coletiva para a formação de um processo dialético reflexivo sobre todos esses elementos formadores. Bourdieu, em sua obra *A Dominação Masculina* (2007), promove o debate reflexivo a partir do estudo do povo Berberie, em que se percebe que diversos fatores formadores do papel do homem e da mulher e as relações de poder e violência relacionados a eles estão presentes em outras sociedades ditas mais complexas. A partir do estudo de Bourdieu, podemos afirmar que a construção de tais papéis sociais é de fator estrutural da sociedade.

A formação do papel da mulher e as relações sociais correlacionadas estão diretamente conectadas a esses elementos estruturantes da sociedade. Podemos concluir que, a partir de Bourdieu (1998) e Saffioti (1999), percebemos que as ações de violência contra a mulher estão relacionadas com a legitimação das próprias ações vinculadas à dominação masculina, pois a sociedade e seus indivíduos formadores tendem a incorporar o *habitus* subjogador do papel da mulher. Tal fato proporciona um poder coercitivo sobre toda a sociedade, em que as ações de violência, muitas vezes, são imperceptíveis, pois não são vistas como violência dentro de uma ordem legitimada de dominação e relação de poder.

Segundo Schraiber (2016), ao analisarmos a construção social, percebemos que a formação dos elementos que compõem homens e mulheres como sujeitos sociais segue caminhos particulares. Tais construções influenciam simbolicamente e materialmente o ordenamento organizacional da sociedade. No trilhar histórico, o papel social do homem é configurado como protagonista e norteador das relações familiares e sociais, nas quais ele exerce o poder legítimo de formulador das ações valorativas, e o papel da mulher nessa trajetória segue um caminho antagônico a este fato, sendo reduzido e objetificado. Pelo fato dessa formação histórica, grande parte dos valores éticos e morais são construídos e formados pautados na trajetória e no olhar do ser masculino, moldando, assim, uma sociedade patriarcal que legitima o reducionismo objetificado do papel da mulher.

Coube historicamente aos homens maior presença e desempenho na vida pública, sendo estatuído como sujeito (único) de política. Tal competência traduziu-se em igual importância como trabalhador social e como agente desse mesmo social na vida privada. Estabelece-se, nisso, uma identidade masculina de provedor da família, construindo-se socialmente a imagem desta, e a cada um de seus membros, como “propriedade” do ser masculino, o homem, tanto pelo suporte material que esse homem trará, como por socialmente se construir, fazendo-o se crer, o guardião ético e moral dessa mesma família, educando, vigiando e controlando seus membros para vida pública. Aos olhos da sociedade e de todos em sua família – especialmente em estruturas familiares patriarcais como as que ainda hoje definem modos de relação e configuram uma certa normatividade em nosso país –, é o homem quem define e monitora os comportamentos de seus membros, ao mesmo tempo que é o representante da família na sociedade. (SCHRAIBER, 2016, p. 428).

Para Beauvoir (1949), a construção dessa estrutura social se inicia desde a infância, quando já se designam formações de papéis e funções permeadas de poder de dominação, no intuito de manutenção de uma sociedade falocêntrica e no reducionismo da figura da mulher a um conceito positivista natural. Para ela, tal fato gera a base para as formações castradoras e aprisionadoras das mulheres frente à reflexão da sociedade. Tal fato gera um processo de alienação frente à própria realidade, já que a mulher se torna mulher não por um processo apenas natural, mas pelos inúmeros elementos externos culturais e sociais que exercem o poder coercitivo e moldador sobre seu papel na sociedade.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. Somente a mediação de outrem pode construir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. (BEAUVOIR, 1949, p. 9).

Diante disso, o entendimento da formação do papel social da mulher se torna de suma importância para que possamos entender a construção da violência exercida sobre ela.

Podemos afirmar que, para entender tal violência dentro do campo da saúde coletiva, é imprescindível se utilizar de ferramentas da área das ciências sociais para estabelecer o pensar reflexivo da formação de gênero. “A violência, decorrente das contraditórias relações de classe, gênero e étnico-raciais, é estrutural, constitutiva dos sistemas de dominação e exploração, e sua utilização é um dos mecanismos também empregados para conservar as relações de poder.” (ROCHA, 2007, p. 1).

Para Butler (2013), a falsa crença de que sexo e gênero seriam sinônimos teóricos provoca a manutenção de um ordenamento de dominação violenta e subjugadora perante o sujeito mulher. Para ela, o sexo está conectado às diretrizes teóricas biológicas, já o gênero está diretamente relacionado à formação e construção cultural de cada sociedade.

Embora unidade indiscutida da noção de “mulheres” seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminino por meio da distinção entre o sexo e o gênero. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2013, p. 24).

A hierarquia entre gêneros, amparada por pensamentos pautados na legitimação da dominação masculina, promove a naturalização de ações discriminatórias e violentas perante a figura da mulher, pois esta assume um papel subordinado à figura masculina em uma relação de poder.

[...] a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. A diferença nas relações entre homens e mulheres é que essa desigualdade de gênero não é colocada previamente mas pode ser construída e o é com frequência. (SAFFIOTI, 1999, p. 2).

Para o entendimento reflexivo da correlação entre violência, relação de poder e o papel social da mulher, é necessário compreender a própria formação do conceito de gênero. Schraiber (2016) afirma que sexo está ligado a conceitos de ordem biológica diferenciados por características físicas de traços masculinos e femininos. Porém, o conceito de gênero está ligado às relações sociais e culturais que provocam efeitos simbólicos de identificação de papéis sociais e as próprias relações de poder que tais papéis exercem e a que são submetidos, ou seja, o conceito de gênero está relacionado às relações e definições de poder dentro da sociedade.

Também a tomamos como questão de Gênero um conjunto de referências que estrutura a organização material e simbólica de toda a vida social. Sexo será, pois, uma distinção de ordem biológica entre homens e mulheres, traços de distinção entre corpos de indivíduos (masculinos e femininos) e como tal será a categoria do empírico

(ou uma variável na abordagem quantitativa). Gênero, por sua vez, designa as relações sociais e culturais entre homens e mulheres, ou entre as mulheres, ou, ainda, entre os homens, não enquanto apenas indivíduos deste ou daquele sexo, mas enquanto sujeitos sociais dotados de identidades e atribuições em razão de suas relações. A elaboração que se dá em torno a gênero será, portanto, uma construção conceitual da dimensão relacional no exercício das feminilidades/masculinidades, apontando sempre para a desigualdade de poder historicamente dada, com o domínio do masculino. Este processo recobre o corpo biológico em seus usos historicamente construídos, sendo, então, gênero uma categoria analítica e como tal formuladora de conceituações teóricas, em estudos qualitativos ou quantitativos. (SCHRAIBER, 2016, p. 209).

Para que possamos compreender e interpretar a formação da violência contra a mulher e a própria formação da categoria de violência, é indispensável refletirmos sobre as formações de poder que constituem a sociedade e as relações sociais, como visto em Foucault (1978), em sua *Microfísica do Poder*. A formação das relações de poder se dá não apenas em instâncias maiores, mas prioritariamente em pequenos grupos e interações, como as relações familiares e afetivas. Com isso, violências como a simbólica assumem um papel invisível, porém extremamente coercitivo sobre as formações dos papéis sociais e das ações que incidem sobre eles. Se nos utilizarmos da arqueologia filosófica desenvolvida por Foucault (2002), podemos refletir que a violência, ao longo de toda a história, sempre esteve conectada às relações de poder e à manutenção dessas relações, ou seja, a violência é uma materialização das relações de poder.

Porém, existem algumas particularidades, já que a violência exerce uma ação de subjugação ou destruição sobre uma coisa ou um indivíduo, já o poder age sob uma ótica mais ampla, não apenas sobre a coisa ou o indivíduo que sofre a ação, mas também sobre aquele que aplica a ação e todas as relações que a constituem.

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói, ela fecha possibilidades. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o “outro” (aqueles sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (FOUCAULT, 1978, p. 243).

Perante isso, podemos concluir que a violência seria uma ferramenta para a manutenção ou o mantimento de relações de poder. A violência assume o papel de ceifadora, não apenas de direitos cívicos, mas da própria humanidade e dignidade humana, ou seja, a violência age sobre a própria existência humana, negando a capacidade do indivíduo de existir como ser. Pelo fato de o papel social da mulher ser construído baseado nas relações de poder de subjugação desta frente à sociedade, no decorrer da história, a violência sobre a mulher pode

ser identificada como a manutenção de uma estrutura ética social, legitimando ou naturalizando atos ditos violentos, a fim de perpetuar uma estrutura patriarcal.

O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. Violência [...] distingue-se por seu caráter instrumental [...] nas relações internacionais tanto quanto nos assuntos domésticos, a violência aparece como último recurso para conservar intacta a estrutura de poder contra contestadores [...] de fato é como se a violência fosse o pré-requisito de poder [...] mais perto, entretanto, esta noção perde muito de sua plausibilidade. (ARENDDT, 1994, p. 36).

Podemos afirmar que a ideologia formadora dos pilares valorativos da sociedade também se constitui em uma ferramenta de camuflagem e naturalização da dominação de uma classe ou de indivíduos sobre os demais, exercendo mecanismos de violência. Marx (2011) afirma que a ideologia é uma inversão da própria realidade, que proporciona que os agentes que são influenciados por ela permaneçam em um estado de alienação. Talvez a falta de reflexão sobre a categoria da violência seja resultado da não superação dessa alienação, como corrobora Saffioti (2000):

A ideologia, [...], nasce comprometida com interesses de gênero, de raça/etnia, de classe social. Em seu íntimo reside a inversão dos fenômenos, parte integrante do processo de dominação-exploração. Uma sociedade igualitária prescinde de ideologias, mas nunca as sociedades clivadas por desigualdades sociais (a redundância é proposital) o farão. Nenhuma sociedade, creio eu, poderá dispensar as representações, verdadeiros veículos na interação social. (SAFFIOTI, 2000, p. 08).

Nesse contexto, podemos refletir sobre a naturalização das formas de violência e a dificuldade do campo da saúde coletiva de dialogar com essa temática, já que, como afirma Minayo (1997), esse campo necessita de uma rede de saberes para compreender todo o processo de formação da categoria de violência, fazendo necessário a utilização de outras áreas de conhecimento, se contrapondo a hegemonia de um pensamento positivista.

Bourdieu (2010) indaga sobre o conceito de paradoxo da doxa, que se refere à condição em que os dominados naturalizam a violência de dominação que sofrem, e tal fato dificulta que possamos identificar e refletir sobre tais questões. Esse fato pode dialogar com a teoria da opressão de Paulo Freire (1987), na qual percebemos que os oprimidos não têm consciência sobre o seu próprio estado de opressão, e para que se possa atingir a libertação o indivíduo deve refletir e posteriormente chegar à consciência desse estado. Parte dessa libertação é também identificar que, em cada um de nós, existe um papel de oprimido e opressor, os quais serão expostos de acordo com as relações de poder existentes na sociedade. Paulo Freire (1987) afirma que:

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participam da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 32).

Referente ao campo da saúde coletiva, é notório que a categoria de violência se tornou uma questão de saúde pública, e fomentar medidas de prevenção e realizar sua análise se tornou essencial. Porém, a construção de tal categoria está diretamente relacionada à formação de outros elementos sociais, como as relações de poder e a construção de gênero. As nossas percepções são diretamente influenciadas por essas formações. Os elementos simbólicos de exercer o poder de violência e mantê-lo estão correlacionados com a alienação reflexiva daqueles que sofrem e exercem tal poder, como podemos ver em Bourdieu (2005):

[...] O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências [...]. Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social (...) eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 2005, p. 9).

Para Bourdieu (2005), é a violência simbólica que proporciona a construção da dominação, pois ela cria um efeito que está para além da consciência e vontade, agindo diretamente sobre a estrutura social e simbólica. Tal simbolismo é responsável por proporcionar a ideia de objetificação e pertencimento da mulher como um produto da esfera do homem. Vale ressaltar que os efeitos de tais violências e relações de poder impactam tanto a mulher como o homem, pois este é também fruto de uma construção social em que exercer de forma violenta ou autoritária pode se configurar uma categoria de “maior masculinidade”. Ou seja, esse mesmo homem é forjado em uma estrutura que legitima e induz o exercer com violência na busca de uma maior virilidade. Perante isso, podemos afirmar que, para que possamos entender e refletir sobre a categoria de violência contra a mulher, devemos compreender a configuração de gênero. “As relações de gênero podem servir de base para uma consistente explicação sobre as relações violência-homem-mulher. No entanto, para que esse modelo explicativo avance, é preciso, antes de tudo, que a palavra ‘gênero’ seja compreendida a partir de uma perspectiva relacional.” (MINAYO, 2011).

Com isso, podemos afirmar que a formação da visão do campo da saúde deve ser um processo reflexivo da construção social sobre o entendimento da categoria de violência contra a mulher. Grande parte das políticas públicas e dos estudos de prevenção e combate a esse fenômeno são baseados em tais construções, e estas exercem um poder coercitivo e estrutural sobre a sociedade e seus indivíduos. Uma dessas visões formadoras é a definição feita pela OMS sobre a constituição de violência: “A violência constitui o uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou provação.” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002, p. 5).

Perante o relatório da OMS (2002), o fenômeno da violência se configura em três manifestações empíricas: violência dirigida contra si mesmo, violência interpessoal e violência coletiva. Dentro desses eixos de classificação, esse relatório reflete sobre a violência estrutural, a qual se relaciona com processos sociais, políticos e econômicos, como as desigualdades sociais e de gênero, dentre outras. Tal violência estrutural se configura como a base formadora desses eixos classificatórios formulados pela OMS (2002). Porém, como já mencionado, os elementos estruturais que formam a violência são de caráter complexo e reflexivo, pois estão, historicamente, relacionados com a construção social. Tal fato invoca a necessidade do pensar da saúde coletiva no sentido de refletir que compreender a violência não se refere, apenas, a um caráter patológico, mas de formação estrutural social. Referente especificamente à violência contra a mulher, se faz necessário um arcabouço reflexivo sobre toda uma trajetória histórica e social do papel da mulher e das relações de poder.

Baseado nessa vertente, o relatório da OMS (2002) informa que a maioria das mulheres que sofrem violência no Brasil são oriundas de camadas sociais com baixa escolaridade ou baixa renda, traçando um paralelo entre pobreza e violência. Diversas pesquisas se dedicaram a realizar tal correlação, porém devemos ter cautela para não reduzirmos a complexidade da formação da categoria de violência a um fator de exclusão social. Tal categoria, para ser analisada dentro do campo da saúde coletiva, tem que se utilizar de ferramentas reflexivas que proporcionem o desvelamento da construção histórica da sociedade e de suas relações de poder.

Tomando como base tais reflexões, questiono-me sobre o entendimento da categoria da violência para aqueles que a sofrem, talvez escutar tais agentes seja o primeiro passo para atingir tal entendimento. Questiono-me sobre a trajetória dessas mulheres e como suas histórias podem estar correlacionadas com a formação da violência e seu entendimento.

Por isso, acredito que, para entender o fenômeno da violência, é imprescindível observar a trajetória dos indivíduos que a vivenciam, pois analisar essas narrativas é analisar a formação de tal fenômeno dentro do campo da saúde coletiva e como podemos pensar em medidas efetivas de prevenção em um sentido estrutural social, já que esse fenômeno, como visto em Foucault (1979), está ligado às relações de poder existentes na sociedade, e tais relações são vistos em micros espaços, como relações familiares ou conjugais, dentre outras. Essas relações podem assumir um papel coercitivo para aqueles que exercem, bem como para aqueles que sofrem atos de violência, pois, como visto em Bourdieu (2001), tais atos são pautados em um poder simbólico, em que um determinado indivíduo ou classe exerce, socialmente e culturalmente, esse poder sobre o outro, e essa relação pode representar uma violência simbólica naturalizada por uma estrutura social que legitima tal poder, ou seja, pautado na teoria da microfísica de Foucault (1979), percebemos que o poder subjogador da figura do homem sobre a mulher surge já em micro espaços, como exemplo a instituição família, que posteriormente, tem suas relações de poder amplificadas de forma macro, obtendo sua legitimidade na própria formação estrutural androcêntrica da sociedade como afirmado por Bourdieu (2001).

Inspirado por tais reflexões e pautado no objetivo de responder à pergunta norteadora deste estudo: Como se dá o processo de interpretação e percepção do fenômeno da violência a partir da trajetória de vida de mulheres em vulnerabilidade assistidas pelo IPREDE?, que almeja compreender o entendimento da violência na vida de mulheres que a sofrem a partir de suas próprias trajetórias, esta pesquisa, por meio das narrativas das histórias de vida das mulheres participantes, busca analisar e refletir sobre a construção da categoria de violência perante a formação da trajetória do sujeito pesquisado. Esse processo é como uma colcha de retalhos, em que cada elemento formador simboliza uma experiência única para a formação do próprio “eu”. A potência complexa e sensível desse caminhar é o que tece a teia das relações e seus fenômenos sociais. Para atingir tais objetivos, esta pesquisa se utilizará de uma metodologia baseada na pesquisa qualitativa na construção de histórias de vidas que será apresentada no próximo ato. Vejo a construção das trajetórias dessas mulheres e a própria formação desta pesquisa como a junção de múltiplos elementos formadores, simbolizando os retalhos que costuraram essa colcha a ser formada, assim como descrito no poema de Cris Pizziment:

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem sou. Em cada encontro, em cada contato, vou

ficando melhor... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte de minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser partes de suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”. (PIZZIMENTI, 2021).

### ATO 3 - OFERTÓRIO

#### A FORMAÇÃO NO CAMINHAR METODOLÓGICO DESTA PESQUISA



Tudo que por ti vi florescer de mim  
 Senhor da vida  
 Toda essa alegria que espalhei e que senti  
 Trago hoje aqui  
 Todos estes frutos que aqui juntos vês  
 Senhor da vida  
 Eu em cada um deles e em mim  
 Todos teus fiéis, ponho a teus pés  
 Consentistes que minha pessoa  
 Fosse da esperança um teu sinal  
 Uma prova de que a vida é boa  
 E de que a beleza vence o mal  
 Tudo que se foi de mim, mas não perdi  
 Senhor da vida

Os que já chorei e os que ainda estão por vir, oferto a ti

(Emanuel Viana Teles Veloso Caetano) 

Neste ato, serão trabalhados e descritos todos os passos adotados para o estabelecimento da metodologia utilizada nesta pesquisa, bem como será descrita cada ferramenta utilizada para a viabilidade do sucesso do estudo e a importância da trajetória da pesquisa qualitativa para o campo da saúde coletiva e, em específico, para o estudo sobre a temática abordada por esta pesquisa.

Pelo fato de esta pesquisa objetivar analisar a interpretação e reflexão de mulheres em vulnerabilidade sobre a categoria de violência, se faz necessária a utilização de outros campos de saberes e técnicas diversas para que essas mulheres estejam conectadas e confortáveis para acessar memórias e situações que fazem parte da sua formação enquanto indivíduo, para que, com isso, se possa refletir ou identificar elementos dos mais diversos tipos de violência.

Pelo fato de a categoria de violência ser de ordenamento de múltipla classificação, seu entendimento também é múltiplo, por isso a adoção de técnicas diversas se torna ferramenta disparadora para que se possa visualizar momentos em que esses elementos exercem um poder coercitivo e estrutural na criação de uma realidade, já que eles estão presentes na sua formação e são cruciais na construção do indivíduo e da própria estruturação da sociedade.

Para chegar até esse processo de identificação e reflexão, é necessário o fortalecimento das participantes enquanto grupo. Com isso, este ato detalha os passos para a construção do grupo de mulheres participantes da pesquisa e as técnicas utilizadas para que elas se sintam conectadas e seguras entre si no processo de formação de suas trajetórias que serão narradas em grupo.

Será descrito o local onde a pesquisa foi realizada e a potência desse espaço para a temática do estudo, bem como será apresentado o perfil das participantes e como elas foram selecionadas para participar deste estudo. Cada participante exerceu um papel crucial e singular mediante suas próprias trajetórias, promovendo, assim, um importante elo entre o singular e o coletivo.

Será feita uma descrição da relevância e importância da pesquisa qualitativa dentro do estudo de determinadas categorias, como do fenômeno da violência, dentro do campo da saúde coletiva, objetivando proporcionar a análise e a interpretação de todos os elementos formadores desse fenômeno e o seu impacto na vida das participantes da pesquisa. Como processo metodológico, foi adotada a pesquisa em formato (auto) biográfico, com o foco na construção de histórias de vidas, e, por meio da análise textual, buscou-se compreender o entendimento e a interpretação das participantes sobre a categoria de violência.

Como diferencial e fortalecimento metodológico, será descrita a aplicação do dispositivo disparador CRB - Círculo Reflexivo Biográfico (OLINDA,2019) e as etapas elaboradas por esse dispositivo. Cada participante regressará, por meio da utilização de ferramentas facilitadoras, a episódios que proporcionaram experiências na construção de sua própria trajetória. O CRB é o grande diferencial metodológico, pois se configura em dispositivo que promove o fortalecimento das participantes, de forma individual e coletiva, no ato de narrar suas experiências e construir a narrativa de sua própria história. A reflexão, a identificação e o entendimento sobre a categoria de violência ocorreram por meio da reflexão das histórias de vida de cada participante, promovidas pela construção das narrativas, que ao exercer o ato de narrar promove a conscientização sobre os acontecimentos de sua vida.

### 3.1 A potência da pesquisa qualitativa no campo da saúde coletiva

A fim de traçar um marco reflexivo sobre a metodologia adotada nesta pesquisa, vale ressaltar a própria trajetória da pesquisa qualitativa na busca por sua legitimidade no campo da saúde coletiva. Tomando como afirmativa a hegemonia do pensamento positivista, percebemos que as ciências exatas assumem um papel protagonista no âmbito científico e legítimo na área da saúde por uma perspectiva biomédica, em que tal pensamento se pauta por percepções objetivas e pragmáticas, porém o próprio transformar da sociedade proporciona uma necessidade de uma nova perspectiva em pensar em saúde.

No campo da saúde, a medicina e as demais disciplinas foram fortemente influenciadas pelos êxitos das pesquisas no campo da biologia. O pensamento biomédico afiançou o pensamento positivista, que se fortaleceu com o desenvolvimento da epidemia clássica. Assim, a tradição dominante de pesquisa no campo da saúde consolidou os critérios de qualidade fundamentados em uma perspectiva positivista; ou seja, na busca de um conhecimento verdadeiro, como reflexo da realidade (validade interna), generalizável, e, replicável ou verificável (confiabilidade) a partir de um proceder neutro e objetivo do pesquisador. Um conhecimento que permite a previsão e o controle dos fenômenos em estudo. (BOSI; GASTALDO, 2021, p. 53).

Podemos afirmar que, segundo Ayres (2021), a hegemonia dos estudos quantitativos está inserida no fascínio do campo acadêmico das deduções lógicas sobre os fenômenos empiricamente comprovados e testados, bem como ele proporciona ordenamento dos fenômenos baseados naquilo que pode ser mensurável. Porém, percebe-se a grande necessidade do estudo qualitativo no âmbito da saúde, pois é a partir dele que podemos estudar as particularidades singulares do fenômeno estudado e investigado, promovendo, assim, uma análise reflexiva e interpretativa da própria construção estrutural do fenômeno.

O estudo quantitativo é aquele que argumenta com base em deduções lógicas e mensuráveis de um determinado fenômeno, já os estudos qualitativos vão se destinar ao estudo e à análise do elemento particular e complexo da formação do fenômeno, de modo que o estudo sobre as partes singulares desvela a formação da totalidade analítica do fenômeno estudado.

Vimos que estudos quantitativos buscam respostas baseadas nas regularidades mensuráveis na relativa autonomia dos fenômenos que estudam por referência às perspectivas e interesses dos seus investigadores, aspirando, portanto, à universalidade de leis que se manifestem em toda situação particular em que aqueles fenômenos forem reprodutíveis. Por contraste, os estudos qualitativos se caracterizam por proposições fundadas em construções singulares – portanto, de uma fenomenologia não reprodutível – nas quais a relação entre a particularidade do observado e a aspiração generalizadora que lhe corresponde baseia-se intrinsecamente em uma totalidade compreensiva de referência; isto é, em uma contextualização de que depende o sentido de suas asserções, em cujo processo de validação e o

“proposicional” (afirmação de verdade) são indissociáveis – “Dado que é preciso”. (BOSI, 2021, p. 18-19).

A necessidade de se compreender e interpretar os fenômenos sociais e de saúde na sua complexidade são um dos motivos do próprio surgimento do campo da saúde coletiva. Percebe-se que a introdução da pesquisa qualitativa no estudo em saúde promove o entendimento sobre elementos formadores do próprio objeto de estudo, como: ética, política e economia, oriundos da própria formação social. Tal fato enriquece a análise do estudo, já que ele constrói um pensamento multidisciplinar, formando, assim, uma reflexão complexa sobre o próprio fenômeno, colocando o estudo qualitativo como elemento de destaque nessa discussão pela procura de um estudo complexo.

A pesquisa qualitativa no campo da saúde se configurou com a contribuição da discussão epidemiológica, teórica, política, ética e metodológica das ciências sociais e humanas. Assim, nas disciplinas da área da saúde forem empregados os métodos de pesquisa e os desenvolvimentos teóricos provenientes dessas ciências para enriquecer a pesquisa dos fenômenos da saúde; por isso, remete a uma perspectiva transdisciplinar. (BOSI, 2021, p. 49).

A importância do papel da pesquisa qualitativa caminha de forma paralela com a própria formação do desenvolvimento científico, pois, apesar da hegemonia das ciências ditas naturais, impulsionadoras da pesquisa quantitativa, na medida em que o campo científico em saúde percebe a necessidade do estudo mais complexo dos elementos formadores dos fenômenos analisados, notamos que é necessário o fomento de estudos hermenêuticos sobre a complexidade do que é estudado, não apenas em sua causa, ou seja, se o foco no estudo é a própria complexidade humana e social, se torna imprescindível o estudo analítico e interpretativo ser pautado não apenas em dados quantitativos, mas na análise das particularidades complexas dos fenômenos.

Isso significa que, mesmo fazendo uso em pesquisa de modelos matemáticos sofisticados, uma interpretação qualitativa dos resultados ainda assim será exigida. Portanto, um exame mais profundo mostra que a ideia de uma clara separação entre os métodos qualitativo e quantitativo, especialmente em ciências humanas, não tem sustentação. As duas técnicas são dialeticamente entrelaçadas e basicamente representam maneiras de delimitar e ordenar as observações em um mundo caótico. (CAMARGO JR., 2011, p. 43).

### 3.2 Os caminhos para o método da pesquisa

Esta pesquisa teve abordagem qualitativa, com a construção de uma pesquisa (auto) biográfica a partir de narrativas de si com análise textual e discursiva. Nesse tipo de pesquisa, a trajetória de vida dos sujeitos é o grande condutor de análise reflexiva. Cada trajetória forma uma história que é dotada de um conjunto de sentidos, em que o processo de narrar as próprias experiências se firma como uma ação de resgate de significado e ressignificação dos elementos simbólicos formadores da própria trajetória. Fomentar a pesquisa (auto) biográfica como objeto de pesquisa é proporcionar que a narrativa do sujeito seja protagonista da própria análise. Segundo Pineau e Jobert (1989), as histórias de vida se baseiam em três finalidades: a ação, a compreensão e a emancipação. Esta última, podemos afirmar ser o elemento de maior mudança social, pois ela promove a consciência crítica e reflexiva dos elementos formadores de nossa trajetória. A expressão individual é de suma importância para que possamos compreender os sentidos desses elementos formadores, pois cada indivíduo possui experiências e percepções únicas sobre um mesmo sentimento ou objeto. Dessa forma, promover a expressão da construção de trajetórias de vida é compreender a formação do “eu” e do próprio mundo em que ele está contido, pois “sentir é uma experiência empática. Sentindo, nós experimentamos a nós mesmos no mundo. A preposição ‘com’ não é composta por uma parte de experiência, o ‘Mundo’, e por uma outra, o ‘Eu’. O fenômeno unitário da sessão evoluiu sempre em direção aos polos do Mundo e do ‘EU’”. (STRAUS, 1988, p. 332).

No processo de revisitarmos nossa trajetória e nossas experiências formadoras, o sujeito reencontra os elementos e fatos que definem o seu “eu” social, porém esse processo pode ser tempestuoso, pois esse caminhar reflexivo é um caminhar de ressignificação. As percepções de tais elementos formadores podem ser modificadas dentro do processo reflexivo de narrar sua própria trajetória. Ao narrar a experiência vivida, indagamos sobre cada momento de nossa trajetória e dos sentidos que tais momentos ecoam sobre nossa própria formação, em destaque aqueles momentos compostos de sessões positivas ou negativas que são tão fortes que sua compreensão se torna um processo, por vezes, difícil de refletirmos, já que:

Pode-se dizer que quanto mais a experiência é forte e sensacional, quanto mais ela impressiona o sujeito a ponto de o abalar, menos rapidamente ela pode ser compreendida. É preciso que ela se re-exprima, que ela torne a executar seu movimento a posteriori e em câmera lenta para que possa ser apreendida e organizada. A experiência vivida só tem acesso à história – a uma significação ordenada e datada – se for capaz de se exprimir e de se re-apresentar. Essa re-apresentação, essa conquista de um novo presente é paradoxal, pelo fato de constituir, ao mesmo tempo, o produto de um trabalho de rememoração e o surgimento do novo como sincronismo de vários tempos, como dádiva, presente. Presente, grávido de presenças concentradas

e fortalecidas por elas, como essências da irrepresentatividade do tempo e de suas possibilidades. (PINEAU; LOUIS LE GRAND, 2007, p. 112).

A trajetória de cada um de nós está diretamente interligada com os elementos estruturais formadores da sociedade. Ao refletirmos sobre essas trajetórias, conseqüentemente, analisamos tais elementos e suas representatividades para a vida dos indivíduos, ou seja, ao entender e interpretar nossa própria história, proporcionamos uma reflexão dos pilares formadores do indivíduo e de sua sociedade. Conhecer e refletir sobre nós mesmos é realizar um processo de análise sob um macrocontexto histórico e cultural. Se a cultura é designada como um reflexo dos elementos simbólicos da representação social, podemos afirmar que nossas narrativas são elementos influenciados e influenciadores da própria trajetória histórica, como afirma Ricoeur (2010):

[...] o si do conhecimento de si não é o eu egoísta e narcísico do qual as hermenêuticas da suspeita denunciaram tanto a hipocrisia como a ingenuidade, tanto o caráter de superestrutura ideológica como o arcaísmo infantil e neurótico. O si do conhecimento de si é fruto de uma vida examinada, segundo as palavras de Sócrates na Apologia. Ora, uma vida examinada é, em grande medida, uma vida depurada, clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas como fictícias veiculadas por nossa cultura. A ipseidade é portanto a de um si instruído pelas obras da cultura que ele aplicou a si mesmo. (RICOEUR, 2010, p. 419).

Portanto, realizar a ação de narrar nossas experiências são um processo de transformação e reflexão não só para o sujeito que narra, mas para aqueles que escutam tal narrativa. Ao contar histórias, estamos promovendo uma compreensão das próprias experiências que vivemos e de como elas exercem influência sobre nós. Tal exercício é realizado desde nossa infância, quando os contos e as histórias são a representação de tais compreensões. Josso (2010) nos fala sobre isso:

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida. (JOSSO, 2010, p. 43).

Falar de nossas experiências é contar sobre os elementos formadores de nosso próprio “eu”, nossas memórias são como quebra-cabeças em que cada experiência exerce uma influência única sobre nossa construção. Porém, tendemos a não refletir e nem analisar essas experiências formadoras, por algumas delas exercerem sessões de dor, ocasionando, assim, uma negação e um desvio de consciência sobre elas. Ao narrarmos sobre nossa história, revisitamos esses acontecimentos e possibilitamos sua reflexão.

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribuiu ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, nesse continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe às nossas transações conosco próprios e/ou com os nossos ambientes humano e natural. (JOSSO, 2010, p. 48).

O processo de tecer nossa história é um momento que proporciona a reflexão de diversos elementos em duas instâncias: individual e coletiva, as quais se complementam. Ferrarotti (1998) trabalha com o conceito de singular/plural, em que cada indivíduo tem sua formação diretamente relacionada com seu sistema social, cujas interações moldarão a própria construção do “eu”. Percebemos que “o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos; portanto a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual” (FERRAROTTI, 1998, p. 26). O indivíduo é justamente formado por essas relações entre o particular e o coletivo, e essas relações são mutuamente formadoras de todo um contexto social, como vemos em Ferrarotti (1998):

Cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade global, mas totaliza-a pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois estes grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto, etc. De igual modo, a sociedade totaliza todo o indivíduo específico por intermédio de instituições mediadoras que a focalizam cada vez mais pontualmente para o indivíduo em questão. (FERRAROTTI, 1998, p. 31).

Ao termos uma história em um espaço coletivo, a reflexão individual ocorre na revisitação de nossos elementos formadores de nossa história, porém aqueles que ouvem nossa narrativa refletem e interpretam sobre esses elementos formadores, cuja interação entre o individual e o coletivo proporciona novas reflexões sobre tais elementos.

Nessa reflexão também encontramos a dialética entre o individual e o coletivo, mas desta vez sob a forma de uma polaridade; de um lado, empenhamos a nossa interpretação (nos autointerpretamos) e, por outro, procuramos no diálogo com os outros uma cointerpretação da nossa experiência. É nesse movimento dialético que nos formamos como humanos, quer dizer: no polo da autointerpretação, como seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização, mas, ao mesmo tempo, no polo da cointerpretação, partilhando um destino comum devido ao nosso pertencer a uma comunidade. É nessa polaridade que vivemos plenamente a nossa humanidade, nas suas dimensões individuais e coletivas. (JOSSO, 2010, p. 54).

A escolha de adotar esse caminho metodológico de pesquisa se baseia justamente na formação complexa da categoria de violência, não só no campo da saúde coletiva, mas em sua formação social como um todo, haja vista que a construção desse fenômeno está

correlacionada com as próprias experiências formadoras, tanto da trajetória do indivíduo, como da própria sociedade. O processo da pesquisa (auto)biográfica proporciona que os sujeitos da pesquisa se tornem protagonistas através de sua trajetória, de sua voz, que suas reflexões sejam o fio condutor da análise construída, além de fomentar que o pesquisador não seja um elemento apenas de observação, mas uma peça atuante em todo o processo reflexivo, em que o caminhar transformador dessa reflexão esteja contido em todos os âmbitos de atuação da pesquisa, pois “a reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidade.” (JOSSO, 2010, p. 18.)

O caminhar da reflexão por meio do autoconhecimento, com base em nossa história de vida, possibilita termos compreensão sobre episódios representativos de nossa própria formação. No âmbito de fenômenos sociais, como a categoria de saúde, apesar de sermos guiados por uma premissa central de definição, os efeitos de tal fenômeno ecoarão de forma distinta mediante a formação da trajetória de cada indivíduo. Podemos argumentar que, em grande parte de nossas vidas, assumimos um papel de agente passivo perante as relações de poder que tais fenômenos exercem coercitivamente sobre nossa formação, e nossas definições de ações e pensamentos valorativos estão diretamente correlacionadas com tais relações.

O processo da construção da pesquisa (auto)biográfica proporciona não apenas uma revisitação às memórias e aos elementos formadores do nosso “eu”, mas fomenta a conscientização sobre esses elementos, ocasionando uma transformação sobre como interpretamos nossa própria construção enquanto indivíduos e as relações que condicionam nossa vida. Ao trazermos isso para a temática da categoria de violência, invocamos, por meio das narrativas de si, como se formulam as relações de violência em suas mais vastas ramificações e como o indivíduo e seu meio interpretam tal fenômeno. O indivíduo, ao tomar consciência sobre esses elementos formadores, tende a questionar e a interpretar tais relações, ou seja, algum episódio ou sensação presente em sua trajetória que foi absorvido como natural pode ser, por meio dessa conscientização, interpretado agora como uma relação de violência.

Tal reflexão promove uma transformação não só sobre o indivíduo e sua trajetória, mas sobre toda uma mudança de olhar a sociedade e as relações que a constituem, já que:

O que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base numa auto-orientação possível, numa invenção de si, a qual articula mais conscientemente nossas heranças,

nossas experiências formadoras, nossas pertencas, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário às oportunidades socioculturais que sabemos apreender, criar e explorar, para que advenham um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade. Transformar nossa vida socioculturalmente programada em uma obra inédita a construir, guiados por um acréscimo de lucidez, tal é o objetivo central de transformação que o trabalho metodológico “História de vida em formação” oferece. (JOSSO, 2010, p. 65).

Dessa forma, compreender a categoria de violência e os demais fenômenos sociais é também compreender a cultura social. Com isso, podemos indagar se a cultura é o elemento formador de uma humanidade, podemos refletir que, para compreender tais significados, devemos promover um autoconhecimento sobre o homem, a mulher, e sua formação social. A linguagem é uma importante ferramenta da construção de nossos próprios papéis sociais, por meio dela podemos refletir sobre como nós formamos e como vemos e identificamos nosso meio. Diante disso, podemos argumentar que o processo da narrativa de nossas histórias é um convite ao autoconhecimento, e ao conhecimento de toda uma carcaça estruturante de uma sociedade, assim a narrativa se formula como um ato de humanidade. Por meio dela, podemos refletir e descobrir questões reflexivas, cujas respostas por vezes acreditamos que estão contidas no mundo das ideias de Platão, mas, por meio desse processo de autodescoberta, podemos visualizar que as respostas de tantos significados formadores podem estar contidas em um mundo material, onde a busca pela verdade Aristotélica se interlaça com questões como Quem somos e como chegamos a ser o que somos? em uma constante procura de compreender nossas próprias formações do “eu” no mundo, pois “a história de vida narrada é assim uma mediação do conhecimento de si, em sua existencialidade, o qual oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação.” (JOSSO, 2010, p. 27).

Podemos fazer um paralelo metafórico da formação da narrativa de nossas vidas com a costura de uma colcha de retalhos, cuja linha que tece os tecidos é a linha que tece nossas vidas, e cada retalho é uma experiência e sessão que formam nossas vidas. Ou seja, nossa trajetória é formada por essas inúmeras experiências que se costuram em nosso caminhar, e cada retalho representa e exerce uma importância singular para nossa formação e interpretação sobre a vida, em que “a existencialidade é assim aproximada em sua tessitura, perfeitamente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada” (JOSSO, 2010, p. 29).

Trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica, objetivando o estudo da categoria de violência, já por princípio, demanda grande esforço reflexivo na construção desse fenômeno, porém, para podermos promover um caminhar reflexivo e coletivo por meio da construção das narrativas dos sujeitos da pesquisa, se faz necessário o uso de um dispositivo facilitador na

construção desse caminhar. O Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) se constituiu como esse dispositivo metodológico primordial para a realização desta pesquisa, promovendo a construção e a reflexão das narrativas desenvolvidas pelos sujeitos participantes.

O Círculo Reflexivo Biográfico é um dispositivo (procedimento, mecanismo) de pesquisa e de formação criado pela professora Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Universidade Federal do Ceará - UFC), mas desenvolvido de forma coletiva e cooperativa no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), visando garantir um processo de biografização nas seguintes modalidades: narrativas de vida; narrativas de formação; narrativas da experiência religiosa. Esse dispositivo se baseia em três fontes teóricas: Josso (2010) e seu trabalho reflexivo biográfico sobre a formação de adultos; Delory-Momberger (2006) e seu trabalho com ateliês biográficos; e Paulo Freire (1991) com seu trabalho desenvolvido com os Círculos de Cultura e sua ação libertadora de aprendizagem (OLINDA, p. 21, 2019).

A inspiração nos Círculos de Cultura de Freire (1991) se baseia no sentido de esses espaços consistirem em lugar que transcende a funcionalidade pedagógica, em que sua funcionalidade está conectada a diversas reflexões da formação do indivíduo e de sua história. Em sua obra *Educação como Prática de Liberdade*, Freire (1983) destaca que o espaço do círculo cultural é uma ferramenta potente para que o indivíduo possa superar a consciência ingênua e alcançar a consciência crítica, por meio da própria partilha de suas experiências. Para isso, a cultura deve ser entendida como elemento central para a construção de uma reflexão crítica e impulsionadora não apenas do aprendizado pedagógico, mas do aprendizado da complexidade da vida.

A cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A Cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista de cultura. A cultura como aquisição sistemática de experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como justaposição de informes ou prescrições “doadas”. A democratização da cultura – dimensão de democratização fundamental [...] O homem afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não mero e permanente objeto. (FREIRE, 1993, p. 109).

Para Freire (1993), os Círculos de Cultura devem ser vistos e analisados em uma perspectiva intercultural, pois eles devem exercer um formato dinâmico, podendo ser dotados de diversos fins, como: sala de aula, palcos, lugares de estudos, encontros, pesquisas realizadas dentre outros. Ele deve ter essa característica múltipla, pois justamente essa diversidade de aplicação proporciona que os indivíduos possam refletir e reconhecer sobre a subjetividade, objetividade e complexidade que constrói as relações pessoais, e nesse processo questões nunca

antes refletidas podem surgir, fazendo o indivíduo analisar sua própria identidade. Por meio dessa interação, para Freire (1993), o indivíduo conseguiria chegar à liberdade, mesmo que esse processo seja, por vezes, dolorido.

A liberdade, por isso, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. (FREIRE, 1993, p. 48).

Como dito, outra inspiração para o CRB é o Ateliê Biográfico de Delory-Momberger (2006), que consiste em um procedimento metodológico que trabalha a autobiografia em formação visando à formação dos indivíduos por meio da reflexão de suas próprias histórias. Nesse procedimento metodológico, são realizadas quatro etapas para que ocorra o primeiro processo da socialização, que trará de forma materializada a narrativa escrita de cada participante. Nesse procedimento, é permitida a participação de no máximo 12 pessoas, e, após escreverem as narrativas, cada participante apresenta seu texto para o grupo. A quinta e sexta etapa consistem na reelaboração do texto mediante a apresentação e os comentários dos participantes e a própria reflexão em grupo do texto lido. Vale destacar a utilização de ferramentas como poemas e músicas, que têm o objetivo de criar conexões entre os indivíduos para que eles possam desenvolver intimidade para a criação de suas narrativas. Para Delory-Momberger (2006), é por meio das narrativas que construímos uma reflexão totalizante sobre os acontecimentos de nossa vida que outrora não eram pensados ou interpretados, trazendo, assim, uma nova perspectiva sobre tais fatos.

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência: dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que designa os papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles. É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos argumentos entre o começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significante em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos narrativa de nossa vida. (DELORY-MONBERGER, 2006, p. 363).

Mediante as inspirações metodológicas e a riqueza de seus impactos, o CRB foi o elemento metodológico da pesquisa que promoveu a elaboração das narrativas, por meio do acesso à experiência de sua própria trajetória, de modo que o sujeito reflita sobre as suas

consequências para se pensar como pensa e ser o que se é. Essas experiências são os elementos formadores do indivíduo, e por meio delas construímos nossa trajetória, no momento em que refletimos sobre elas. Para que o pesquisador possa aplicar essa ferramenta, é de fundamental importância que ele, anteriormente, tenha participado de um CRB, para que possa compreender os elementos formadores da construção de sua narrativa.

Segundo Larrosa (2002), quando promovemos uma análise sobre nossas próprias experiências, buscamos significados e respostas sobre esses elementos formadores. Passegi (2011) dialoga com os termos do alemão *Erlebnis* e *Erfahrung*, que se conectam ao conceito de experiência, afirmando que, ao realizarmos os estudos e obtendo sua compreensão, estamos possibilitando a compreensão dessas experiências, bem como sua própria identificação.

*Erlebnis* traduz-se, geralmente, por “experiência vivida” ou “vivência”, entendida como uma experiência mais imediata, pré-reflexiva e pessoal; *Erfahrung* associa-se a impressões sensoriais e ao entendimento cognitivo, que integra a experiência num todo narrativo e num processo de aprendizagem. A palavra *Erfahrung* compõe-se de *Farht* (viagem) e pode ser associada a *Gefahr* (perigo). Nesse sentido, ela remete a uma temporalidade longa e sugere a ideia de aventura. Com base nessas duas noções, a experiência significa ter vivido os riscos do perigo, ter a eles sobrevivido e aprendido algo no encontro com o perigo: ex, em *experientia*, significa “saída de”. A associação entre viagem e perigo, como afirma Jay (2009, p. 27), ativa o vínculo entre memória e experiência e induz a crença de que “a experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de saber, que somente se alcança no final da viagem”. Por extensão, a compreensão da experiência vivida só se atingiria no final da existência, quando cessa para o sujeito a possibilidade de ressignificar sua experiência. (PASSEGI, 2011. p. 158-149).

No momento em que identificamos e criamos consciência das experiências formadoras de nossa trajetória, conseguimos compreender nossa própria história, promovendo um novo modo de enxergar nossa realidade e seus significados. Podemos traçar um paralelo desse ato com o mito da caverna de Platão (2006), em que o processo de compreensão e conscientização dessas experiências é a libertação do mundo das sombras em busca de uma luz do saber. Ao entendermos nossas histórias, realizamos uma compreensão de nossa condição social, como vemos em Gadamer (1997):

[...] não é a expressão imediata da realidade vital como era a consciência antes de elevar-se vitoriosamente a uma consciência histórica. [...]. Pelo contrário reconhece-se numa relação reflexiva consigo mesma e com a tradição na qual se encontra. Compreende a si mesma a partir de sua história. A consciência histórica é uma forma de autoconhecimento (GADAMER, 1997, p. 316).

Na aplicação do dispositivo metodológico do CRB, o pesquisador assume o papel de um mediador do grupo participante da pesquisa, porém essa função não tem um caráter de professor, mas de um facilitador para a construção das narrativas, em que o próprio mediador

também é afetado pelas trajetórias de vida contadas. Em todo o processo do CRB, tendo como base Ricoeur (2010) em *Tempo e Narrativa*, a categoria de identidade narrativa estará presente, fomentando uma transformação reflexiva, não só do sujeito que está narrando, mas de todo o grupo. Ao partilharmos nossas histórias, estamos promovendo uma reflexão coletiva e um processo transformador para todos, pois:

O ato narrativo envolve o narrador, na sua integridade espiritual, corpórea, social, ética e política. Com a ajuda do outro, olha para seu percurso formativo e compreende como chegou a ser o que é e o que falta para ser mais. Alguém narra para outro sujeito atento e consciente de que as narrativas de si envolvem, antes de tudo, sensibilidade, a exigir uma relação dialógica. O mediador do CRB não pode assumir um ar professoral, pois não se trata de perpetuar a lógica instrucional com a transmissão de padrões culturais previamente definidos como corretos, mas criar as condições para uma tessitura de si, que por sua vez, exige: integração de saberes e fazeres; articulações temporais; sínteses e projeções. (OLINDA, 2019, p. 25).

No processo da construção da categoria da “identidade narrativa”, como vemos em Ricoeur (2010), podemos identificar tanto as problemáticas e os questionamentos que permeiam a formação do “eu”, como também identificamos as soluções para tais questões. Segundo Olinda (2019), o sujeito no ato de narrar promove uma imersão reflexiva sobre a formação de seus pilares valorativos éticos. Esse processo gera uma mudança no olhar desse sujeito perante sua própria trajetória. “A narrativa modifica aquilo que vivemos, fazendo apelos para ação e (trans)formação de quem ouve e de quem narra.” (OLINDA, 2019, p. 27).

A identidade narrativa, apresentando tanto o problema quanto a solução, permite o exame da própria existência no quadro da cultura em que o narrador se encontra imerso, levando-o a uma experiência reflexiva permeada de vozes e de consequência ética e autoformadoras. Com Barbosa (2003), defendo que a narrativa não é apenas um artifício imaginativo de representação da realidade, pois ela encontra sua possibilidade na própria estrutura da experiência ordinária, ou seja, na experiência já se instauram significação e temporariedade. Há, assim, uma relação ontológica entre a experiência e narrativa. (OLINDA, 2019, p. 26).

O dispositivo do CRB adotado proporciona para a pesquisa (auto)biográfica um diferencial inovador, pois, em seu processo de partilha entre os sujeitos participantes e o mediador, as narrativas construídas não se reduzem a um processo reflexivo dos elementos formadores do indivíduo. A troca de experiências e interpretações junto ao grupo promove novas reflexões e significados para os elementos e as categorias formadoras. Nesse processo, o sujeito percebe como se dá o seu próprio caminhar formador e como chegou às percepções atuais sobre o seu meio.

Porém, por meio do CRB, esse caminhar reflexivo e interpretativo sobre as experiências formadoras é do âmbito entre o singular e o plural, em que todos do grupo participante são afetados.

Nosso esforço é o da superação de uma perspectiva reducionista, que reserva ao biógrafo apenas o lugar de rememoração, deixando de aproveitar todo o potencial heurístico e formador da narrativa. O processo de biografização não se encerra no ato de evocação, nem mesmo no da reflexão. Sua dimensão performática aponta para passos mais concretos, que levam à conscientização/ação. (OLINDA, 2019, p. 31).

Para que se possa obter o sucesso no uso do dispositivo do CRB na realização da pesquisa autobiográfica, o mediador que conduz o grupo deve tentar obter a resposta de três perguntas, baseadas em Passeggi (2006): “Que fatos marcaram a minha vida intelectual e profissional?”; “O que estes fatos fizeram comigo?”; “O que faço agora com o que isso me fez?”.

A potência da pesquisa qualitativa (auto)biográfica com a utilização do dispositivo do CRB para o estudo da categoria de violência a partir das narrativas construídas é o fato de que esse tipo de pesquisa transcende o processo interpretativo hermenêutico do sujeito e do grupo sobre os elementos formadores desse fenômeno social. Esse caminhar reflexivo também promove uma mudança de perspectiva e percepção sobre essa categoria e os efeitos que ela exerceu sobre sua própria trajetória. Pelo fato de a categoria de violência ser um fenômeno de grande complexidade reflexiva, promover tais mudanças de perspectiva afeta não só o indivíduo, mas o próprio campo de estudo, como da saúde coletiva, na promoção de um olhar de alteridade, em que o particular se interlaça com o plural, na busca pela compreensão desse fenômeno.

### **3.3 O local e as participantes da pesquisa**

A pesquisa foi conduzida a partir de setembro de 2019, com seu término em março de 2021, na sede do Instituto da Primeira Infância - IPREDE, localizado à Rua Professor Carlos Lobo, nº 15, Cidade dos Funcionários – CEP – 60821-740, na cidade de Fortaleza/CE.

O IPREDE é uma Organização da Sociedade Civil – OSC, fundada em 1986 com o objetivo de enfrentar uma situação de saúde severamente desfavorável pela qual passavam milhares de crianças em todo o estado do Ceará, em que as taxas de desnutrição crônicas obtidas nesse período eram bastante elevadas; isso significava que muitas crianças estavam com suas vidas ameaçadas por causa desse fato.

Para responder a essa necessidade histórica, foi criado o IPREDE, com o nome “Instituto de Prevenção da Desnutrição e da Excepcionalidade”, que tinha como finalidade inicial combater a situação da desnutrição infantil. Essa instituição acumula mais de 30 anos de serviços prestados à população cearense no combate a essa mazela. Tal período proporcionou que o IPREDE acumulasse uma rica experiência como organização do terceiro setor, ampliando suas parcerias e sua atuação nacional.

Nesse contexto, significativas mudanças na base socioeconômica do Ceará e do país alteraram favoravelmente a maioria dos indicadores de saúde da mulher e da criança. Por outro lado, um expressivo acúmulo de conhecimentos no campo da saúde e do desenvolvimento da criança, em particular das estratégias de sobrevivência infantil, estimula iniciativas mais ousadas e abrangentes para lidar com famílias em condição de exclusão social e com crianças com desnutrição. É afirmado por estudos que o ambiente econômico e social é fundamental para o desenvolvimento das condições emocionais e de saúde de seus membros (GOMES; PEREIRA, 2005; ASSIS et al., 2007).

Nessa ótica, o IPREDE começou a se dedicar ao estudo do desenvolvimento da primeira infância, compreendendo que as crianças têm nesse momento maior maleabilidade (o cérebro se desenvolve com maior intensidade) para adquirir novas habilidades. Com amparo nessas constatações, novas propostas de assistência às crianças e às suas mães tiveram que ser implantadas na Instituição. Intervenções planejadas e implementadas adequadamente para a criança pequena acarretam benefícios multidimensionais. (YOUNG, 1998, p. 202-210).

O trabalho dessa Instituição se pauta em um contexto de atendimento sociofamiliar, pois são os cuidadores das crianças que exercem uma influência ímpar sobre sua formação e com base no vínculo desenvolvido com a criança. A partir dessa concepção, foi necessário trabalhar a família, em especial a mulher, pois ela representa a figura social central para a promoção de uma mudança social, já que ela se firma como a “chefe de família”. Por isso, o IPREDE, além de traçar uma linha teórica de estudo e atendimento para o desenvolvimento na primeira infância, começou a desenvolver atendimentos específicos para essas mães e cuidadoras que vinham à instituição acompanhando seus filhos.

Essas novas perspectivas de atuação possibilitaram ao IPREDE, em 2012, a mudança de seu nome para Instituto da Primeira Infância. Com isso, passou a ter como seu público-alvo crianças de zero a seis anos em risco nutricional ou condição de subnutrição, vivendo em situação de exclusão social. Toda essa nova atuação é pautada em 3 programas: Programa de Assistência Psicossocial, Programa de Desenvolvimento na Primeira Infância e Programa de Atenção à Mulher.

O Programa de Desenvolvimento na Primeira Infância é destinado à promoção do crescimento e do desenvolvimento da criança e conta com um atendimento multiprofissional, entre pediatras, enfermeiros, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos, arte/educadores e psicomotricistas. Além do atendimento ambulatorial, busca-se nesse programa promover o desenvolvimento da criança em toda sua complexidade.

O Programa de Atenção à Mulher é uma iniciativa que visa ao trabalho específico com as mães e/ou cuidadoras das crianças atendidas, contando com assistentes sociais, psicólogos, psicomotricistas, antropólogos e sociólogos e promovendo intervenções individuais e em grupo. Contido nesse programa, há o Espaço Partilhar, local onde é promovido o diálogo e a troca de experiências do cotidiano dessas mulheres, que têm a oportunidade de falar sobre seus problemas familiares, suas aflições e alegrias da rotina. Esse programa é formado por três projetos: Vai Maria, TransforMaria e Maria Bonita, que visam, além de profissionalizar mães cuidadoras, promover práticas educacionais reflexivas no desenvolvimento humano.

O caminho de atuação em prol da saúde e do desenvolvimento infantil no estado do Ceará proporcionou ao IPREDE se firmar como uma instituição de grande importância no cenário das políticas públicas que visem ao fortalecimento e à implementação de ações de promoção da saúde pública no estado, tendo seu foco prioritário na primeira infância e no desenvolvimento de famílias em situação de exclusão social.

### **3.4 O Projeto Vai Maria**

O IPREDE, partindo da idealização de um trabalho com as famílias e entendendo que o papel social da mãe e/ou cuidadora representa a grande mudança social da estrutura familiar, desenvolveu projetos que visassem ao investimento no desenvolvimento humano. Pautado nessa premissa, foi criado em 2018 o Projeto Vai Maria, que se configura como um conjunto de ações sistemáticas e integradas visando ao fortalecimento do “eu” feminino por meio de práticas pedagógicas. Esse projeto tem uma duração de 9 meses, fazendo analogia ao período gestacional, em que as mulheres participantes do projeto adquirem habilidades produtivas no corte e na costura e processos criativos, ao mesmo tempo em que participam de uma proposta de formação em serviço, baseada numa ação pedagógica pautada em investimentos no seu crescimento pessoal, familiar e social. A fim de promover um

acompanhamento emocional para as participantes, há cada quinze dias, é realizado o momento de partilhar, em que essas mulheres, por meios de atividades reflexivas guiadas por mentores, compartilham suas experiências e vivências de suas próprias histórias. Esse momento objetiva o fortalecimento dessas mulheres enquanto grupo, bem como trabalha questões individuais a fim de atingir a reflexão emocional de cada participante.

As mulheres participantes do projeto são todas vindas de uma situação de extrema exclusão social, em que a escassez de oportunidade de ascensão social se torna algo comum a essa realidade. A maioria dessas mulheres chegam ao IPREDE tendo sofrido ou ainda sofrendo algum tipo de violência, seja do seu parceiro, da família ou da própria sociedade na qual estão inseridas. O trabalho das assistentes sociais se torna fundamental para identificar e estimular essas mulheres a aderirem ao projeto, é por meio dessas profissionais que ocorre o encaminhamento da participante. Todo o processo de seleção de participantes do projeto Vai Maria é realizado de forma multiprofissional, em que ocorre interação da equipe de assistência social, atendentes e psicólogos para que, por meio de questionário e abertura de prontuário, possam ser traçados e analisados a renda familiar, a localidade de moradia, o número de filhos, a existência de parceiro conjugal e a motivação para ingressar no projeto. São colocadas como prioridade aquelas mães que são detectadas sofrendo algum tipo de violência ou estão vivenciando episódios que possam provocar ações de violência.

O projeto se utiliza do campo da moda como forma de catalisar e refletir sobre questões da complexidade da formação do papel da mulher na sociedade. No decorrer do projeto, junto ao ensino didático do corte e da costura e modelagem, é também trabalhado o fomento do processo criativo, onde as participantes realizam uma imersão em suas próprias vivências e referências para trabalhar as correlações entre a esfera estética, o design de roupa e a discussão das vivências do cotidiano. O Vai Maria propõe, a cada ciclo, que as participantes desenvolvam uma coleção em que elas se configuram como as grandes protagonistas em todo o processo de criação, utilizando de suas histórias e referências pessoais para o desenvolvimento da estampa que será utilizada na criação de cada peça de roupa. O processo colaborativo de cada mulher participante é crucial para o sucesso de cada ciclo, em que, por meio do trabalho em grupo, as participantes ao final do projeto são encaminhadas ao mercado de trabalho produtivo ou desenvolvem e exercem um papel empreendedor na implementação de um negócio próprio no meio da confecção.

Tomando como premissa o investimento em atividades voltadas para as mães/cuidadoras do IPREDE, uma das grandes potências das ações do projeto Vai Maria encontra-se na promoção de oportunidades educativas e no combate e prevenção à violência

que as participantes possam sofrer, pois, pelo fato de as atividades realizadas no projeto transcenderem o caráter de educação formal de capacitação, essas mulheres são acompanhadas por uma equipe multiprofissional, que se dedica a identificar, proteger e combater possíveis violências que estão sofrendo ou possam sofrer. Essas ações são de fundamental importância para o sucesso do projeto em galgar o fortalecimento da participante no âmbito emocional, social e econômico.

Esse projeto, ao longo de 5 anos, se consolidou como uma importante ferramenta no combate ao fenômeno da violência contra as mulheres, promovendo o fortalecimento social e emocional de diversas mães/cuidadoras, que, diante de um cenário em que são ceifadas as possibilidades sociais, encontram, na conexão de suas próprias histórias e do campo da moda, o desabrochar de novas oportunidades por meio do resgate do “eu” feminino, bem como a construção de pilares de valorização do papel de mulheres na estruturação de uma sociedade. Tais atividades geram impacto não só sobre a mãe participante, mas sobre seu filho e sua família, se tornando uma agente de mudança.

Para a participação nesta pesquisa, foram convidadas 10 mães de um grupo de 15, maiores de idade, matriculadas no projeto no ciclo de 2019. O convite a essas mulheres se deu pelo fato de elas terem demonstrado interesse de forma espontânea em participar da pesquisa e serem classificadas pelas assistentes sociais como as inseridas em maior condição de vulnerabilidade e violência. Todo o processo de seleção de tais mulheres foi auxiliado pela equipe de assistência social, tendo sido montado um grupo com diversidade de faixa-etária, objetivando extrair experiências singulares, porém todas as mães com educação formal incompleta, não possuindo um trabalho formal. O fato de já possuir vínculos com a grande parte das mulheres atendidas pelo IPREDE foi um facilitador para as participantes da pesquisa se sentirem impulsionadas e confortáveis em fazer parte da pesquisa.

### **3.5 Metodologia**

Como já citado anteriormente, a pesquisa se caracterizou como qualitativa de abordagem (auto) biográfica com construção de histórias de vida a partir de narrativas. Trata-se de um estudo requerendo múltiplos métodos e fontes para explorar, descrever e explicar um fenômeno em seu contexto, portanto, para compreender o fenômeno da violência e realizar a construção das narrativas propostas. A pesquisa contou com a realização do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), dispositivo e método de pesquisa idealizado pela Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (2010), constituído de uma sequência de encontros com o objetivo de produção

de narrativas autobiográficas em grupo. O público participante da pesquisa foi um grupo de 10 mulheres maiores de idade em condição de vulnerabilidade social, pertencentes ao projeto Vai Maria, projeto este que se caracteriza como uma iniciativa de capacitação profissional desenvolvida no Instituto da Primeira Infância (IPREDE).

O dispositivo e método CRB promoveu a produção das narrativas de experiências de vidas de cada mulher/mãe participante. Não estamos falando de narrativas historiográficas, nem literárias ou do cotidiano, mas das narrativas que as pessoas fazem de si mesmas numa situação coletiva e com objetivos formativos, ou seja, como via de acesso à experiência de sua própria trajetória, de modo que o sujeito reflita sobre as consequências para se pensar como pensa e ser o que é. Ao total, foram realizados nove encontros, nos quais foram utilizadas ferramentas de harmonização, formação de vínculo e exercícios de biografização, como autorretrato, conversas informais, construção de minimuseus e outros conhecimentos contemplativos e reflexivos que colaboraram para a construção das narrativas finais, realizadas a partir de uma questão disparadora: “como me tornei a mulher que sou?”. Estas narrativas compõem o *corpus* da pesquisa.

As narrativas foram analisadas pela metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2006) em *Uma Tempestade de Luz: A Compreensão Possibilitada*, pela análise Textual Discursiva de Roque Moraes (2003). As narrativas foram feitas oralmente em grupo foram gravadas, transcritas e transformadas em texto, passando pelo mesmo processo de análise, o qual se configurou em um processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais “linguísticos”, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre o fenômeno da violência. Foi a partir da definição das categorias que se procedeu à leitura, análise, reflexão e interpretação como forma de se chegar a diferentes e novas compreensões sobre a categoria de violência.

Na prática de mediação de Círculos Reflexivos Biográficos, toda narrativa autobiográfica é parcial, pois a narradora escolhe o que narrar, dependendo do momento pelo qual passa e, inclusive, de interesses e de circunstâncias internas e externas ao “jogo narrativo”. Há uma profunda implicação no processo, mas não se pode deixar de considerar o aspecto ético, quando se trata do cruzamento de outras vidas que partilharam com a narradora a aventura de existir. Narra-se o que se considera essencial na existência, dando um testemunho de si mesma, até o limite do respeito à vida do outro e, ainda, dentro das possibilidades do autoconhecimento. Há “saberes que não se sabe”, pois existem processos inconscientes que escapam, mas que podem ser identificados no processo narrativo. Além disso, não sabemos tudo de nós mesmos, pois ainda usamos muitas máscaras para nos proteger de algumas dores e fantasmas, sejam reais

ou ilusórios. Sem dúvida, há uma dimensão de empoderamento naquele que aceita o desafio de fazer uma figura pública de si, porém, como asseverou Ricoeur (1994, p. 99), “no fim das contas, as narrativas têm por tema agir e sofrer”. Cada encontro de CRB foi de suma importância para que se pudesse criar a ambiência de vínculo, afeto e confiança para a produção das narrativas das 10 mães participantes para posteriormente identificar e analisar as categorias interpretativas que surgiram a partir delas.

Em Olinda (2019), percebe-se a distinção entre vida vivida e vida narrada e entre narração e história de vida. É demonstrado que esta não preexiste à narrativa, e sua elaboração se dá numa relação intersubjetiva, em que há um trabalho da narradora para dar uma forma às suas experiências e um trabalho da pesquisadora ao interpretar, em segunda mão, a narrativa tecida. Com Pineau (2006), vemos as histórias de vida como uma das “artes formadoras da existência”, havendo sempre “[...] construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolvendo um processo de expressão da experiência” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 15). Na prática, sem invalidar a definição de Pineau, assumo a definição de Marinas (2007, p. 52), para quem “a história de vida se reserva à indagação do relato de vida e de seus documentos, isto é, a totalidade da vida de quem fala desde que nasceu até o momento presente, e da escuta”.

Segundo Olinda (2019), o dispositivo do CRB segue seis princípios norteadores, que são: 1- formativo, no qual, por meio da reflexão crítica, podemos transcender de nossas vivências para as experiências formadoras; 2- dialógico, em que, no momento em que nos permitimos a nossa própria transformação, proporcionamos esse diálogo sobre nossas vivências; 3- sociopolítico, em que atingimos a consciência de que nossa identidade está relacionada com nosso meio social; 4- antropológico, em que construímos a reflexão entre a formação do sujeito e sua própria narrativa; 5- potência narrativa, em que o sujeito tem a possibilidade de narrar sua história; 6- integrador, em que se fomenta a consciência da formação do “eu”.

### **3.6 Procedimentos**

Antes de tudo, devem ser levados em conta os aspectos éticos de uma pesquisa qualitativa com pessoas, como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que as participantes da pesquisa são informadas acerca do processo a ser vivido, da confidencialidade, da possibilidade de interrupção de sua participação a qualquer momento caso se sintam desconfortáveis. (ver Apêndice A). Junto ao TCLE, foi produzido um Acordo Biográfico (ver Apêndice B) com os princípios, etapas, orientações, regras para a atividade a

ser realizada. Os documentos são apresentados, lidos no coletivo e assinados por todas as participantes, pelo fato de algumas das participantes não possuírem alfabetização completa, foram auxiliadas no ato da escrita.

Tendo como base as escritas de Olinda (2019), além da figura do coordenador/mediador e de uma assistente, o grupo deve ser composto de, no máximo, 12 participantes. Há a necessidade de, no mínimo, cinco encontros para completar todo o processo. O dispositivo do CRB se utiliza de inúmeras ferramentas de apoio que visam à imersão reflexiva dos sujeitos participantes, em que estes se sentem acolhidos e livres para narrar a trajetória de suas vidas. Por meio de tais ferramentas, o mediador do grupo conduziu o caminhar de cada encontro. Tais ferramentas são elementos essenciais que irão contribuir de forma direta para que a participante possa desenvolver sua narrativa, e em cada uma das etapas da utilização desses instrumentos a participante revisita memórias e fortalece seus laços de confiança com o grupo, ou seja, essas ferramentas são facilitadoras para o desenvolvimento das narrativas dentro do processo do CRB. Para o planejamento, execução e acompanhamento de todo o processo desenvolvido no campo, além da minha mediação como pesquisador, contei com o apoio da Profa Dra Luciane Goldberg, co-orientadora desta pesquisa.

Segundo Olinda (2019), para que esta pesquisa obtenha sucesso, o dispositivo do CRB deve ter no mínimo cinco encontros, que deve seguir a seguinte dinâmica:

- Na proposta do primeiro encontro, é firmado o “acordo biográfico”, com a apresentação dos princípios operacionais do CRB e sua programação prévia, o qual deve ser discutido e firmado entre as participantes, bem como as responsabilidades dos participantes perante o grupo. No acordo também consta a pergunta disparadora da narrativa principal, que no caso foi “Como me tornei a mulher que sou”;
- Na proposta do segundo encontro, deve ser realizado um trabalho de aproximação entre as participantes do grupo, de modo a prepará-las para o processo de narração de si que se seguirá. Várias linguagens artísticas podem ser utilizadas de modo a prepará-las para a atividade de narração de si que iniciará no encontro seguinte.
- Na proposta de terceiro encontro, têm início as narrativas orais. Dependendo do número de participantes e da disponibilidade do grupo, pode ser feito de duas formas: cada um narra para o grupo todo ouvir, ou as narrativas são feitas em pequenos grupos. As narrativas são orientadas por uma “pergunta disparadora”

negociada no primeiro encontro e são gravadas pela narradora, que as transcreverá em casa.

- Na proposta de quarto encontro, as participantes assumem o papel de leitoras, e em pequenos grupos vão receber sugestões para a versão final do texto. A este momento chamamos de “colaboração narrativa”.
- Na proposta de quinto encontro, é feito o momento de síntese integradora final, em que há o uso da “metáfora da árvore”, explicada mais adiante.

Esses encontros podem ser adaptados de acordo com a realidade e necessidade de cada pesquisa, ou seja, podem ser realizados mais encontros iniciais de preparação antes da produção da narrativa final, caso perceba-se a necessidade de se promover momentos de sensibilização, criação de vínculo entre as participantes, vivência de experiências lúdicas e artísticas, momentos de silêncio e introspecção. Portanto, para cada pesquisa, um CRB personalizado, que traz em si, aquilo que é definido como fundamental por Olinda (2019) e que é tecido numa artesanaria sensível e adequada à realidade que se impõe para cada pesquisa e sujeitos.

Portanto, devido à grande complexidade reflexiva no estudo da formação e identificação da categoria da violência e do cenário de grande exclusão social em que as participantes estão inseridas, a aplicação do dispositivo CRB nesta pesquisa necessitou da realização de outros encontros e o uso de outras ferramentas que proporcionaram o aprofundamento de determinados aspectos centrais, tanto para o processo de pesquisa quanto de formação.

Como orientação geral de Olinda (2019, p 60.), cada dia de realização do encontro do CRB é dividido em quatro momentos: acolhida; presentificação; biografização; e integração experiencial. Cada um desses momentos exerce singular importância para atingir a reflexão almejada. Tais momentos se resumem em:



- Acolhida – momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. É um momento de amorização ou despertar afetivo, pois é importante estreitar os laços de amizade e de afeto para que haja confiança mútua. Cada membro dá sustentação ao outro, apoiando nas dificuldades, e isso exige a alegria da partilha, propiciada pelo respeito mútuo e pela gentileza que deve circular no grupo. Podemos acolher de diversas formas: com um sorriso e um abraço; lendo um poema ou uma mensagem rápida;

tomando um chá ou um café; visualizando imagens belas ou ouvindo uma música.



- Presentificação – envolve o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, cognitivo, corporal e afetivo. É um momento de preparação para um mergulho interior e para a abertura ao outro. Trata-se de estar atenta a si mesma e ao outro num exercício de escuta de si e da alteridade. Esse caminhar implica no aprendizado do respeito à diversidade e na sensibilização para a colaboração. É importante iniciar por um despertar corporal, podendo envolver exercícios respiratórios, alongamentos, canto ou dança. O desbloqueio de tensões, frutos de resistências psicológicas ou do estresse cotidiano, inicia-se pelo corpo, pois é nele que se refletem, de modo visível e cognoscível, nossos sentimentos e nossas emoções. É no corpo que criamos “courageiras”, que nos afastam do nosso “eu profundo” e do outro. É igualmente necessário dar muita atenção à respiração, que determina nosso ritmo vital, fazendo exercícios de tomada de consciência da inspiração e da expiração. Esses exercícios são rápidos – 03 a 05 minutos, e podem ser seguidos por visualizações criativas ou expressões de sentimentos através de alguma linguagem artística.



- Biografização – a atividade biográfica utiliza a oralidade (falar e ler), a escrita e a expressão artística. Nas diferentes etapas vividas, enfrentamos o estranhamento de nós mesmos e do outro e provocamos deslocamentos ao experimentar diferentes papéis: narrar, ler, escrever, ouvir a escrita do outro e refazer sua escrita inicial. São alternâncias e/ou simultaneidades entre os papéis de atriz, autora e leitora que inicia um processo de “distanciamento indispensável para a objetivação de si, criando, assim, o espaço-tempo de uma reflexão intersubjetiva sobre o que constitui a subjetividade na construção da narrativa da sua história de vida, centrada na sua formação, na subjetividade e na busca de um saber-viver renovado.” (JOSSO, 2010, p. 152-153).
- Integração experiencial – ao final de cada encontro, é realizada uma dinâmica grupal para uma síntese integradora das experiências, além de avaliarmos os pontos altos e baixos de cada atividade, incluindo o desempenho da mediadora e da assistente. No encontro final, fazemos uma síntese e avaliação geral de todo o processo. Nessa integração experiencial, utilizamos a metáfora da árvore, que permite a cada participante identificar, num esforço de síntese,



as principais experiências na sua trajetória, avaliando o que foi fundante, significativo e transformador. No final, são apresentados sonhos e projetos futuros. Tal síntese foi pensada como forma de superar a atitude autoritária que restringe ao pesquisador, isolado no seu gabinete de trabalho, a tarefa de fazer a análise do material produzido, para futura categorização e escrita do trabalho final. Não podemos esquecer que a narradora, ao apresentar-se trazendo sua trajetória de vida, já se fez intérprete de si mesma: usamos o desenho de uma grande árvore, previamente desenhada pelas mediadoras ou pelas próprias participantes, com raízes, caule, copa frondosa e abóbada celeste. A partir do texto final produzido, as participantes selecionam o que consideram mais significativo para fazerem um balanço dos aprendizados experienciais realizados ao longo da vida. Elas recebem flores, folhas, frutos e nuvens previamente recortadas em papel dupla face, registram por escrito e vão colando na árvore. Na raiz, ficam as experiências fundamentais, aquelas sem as quais não seríamos quem somos; no tronco, as experiências significativas, aquelas que foram importantes no nosso processo formativo; na copa, colam os aprendizados e as conquistas do percurso; na abóbada celeste, colam seus sonhos, projetos e dúvidas. O CRB é encerrado com uma partilha sobre o significado, para cada uma, da experiência vivida. Utilizando a lista de discussão na Internet, socializamos, na íntegra, os textos produzidos. Destacamos que a síntese integradora final é um momento privilegiado para a compreensão da lógica, da coerência e do sentido dos discursos realizados com as narradoras, numa dinâmica que envolve simbolização e sistematização.

Até chegar na produção da narrativa principal gerada a partir da pergunta disparadora, foram escolhidas ferramentas lúdicas e artísticas que proporcionaram o exercício da biografização e que foram preparando para a narrativa final. Importante destacar que essas atividades e suas narrativas foram extremamente importantes para o processo de autoconfiança e criação de vínculo no grupo, trazem informações e experiências significativas sobre quem são essas mulheres e suas histórias de vida, importantes para a pesquisa, porém não compõem o *corpus* que será analisado através da Análise Textual Discursiva (ATD).

Diante disto, as ferramentas artísticas e lúdicas que foram utilizadas por mim no CRB foram:

1. **Construção dos autorretratos:** A construção dos autorretratos das mães participantes possibilitou refletir sobre as escolhas de elementos que serão utilizados e falas discorridas para essa construção. Esse procedimento é um importante momento para o sujeito narrar como ele se vê, por isso o espaço da criação dessa ferramenta é um momento de ressignificação e fortalecimento. Essa oficina teve como referência o trabalho desenvolvido pela profa Dra Luciane Goldberg na disciplina de Arte/Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, que tem como base a obra do artista brasileiro Vik Muniz, o qual compõe retratos usando materiais diversos que se conectam com os sujeitos retratados. Na ocasião assistimos ao documentário “Lixo Extraordinário” em que é retratado o processo de construção de retratos de catadores de lixo a partir de material reciclado. O ato de narrar a reflexão sobre o autorretrato construído se caracteriza como uma ação estética de fruição proposta pelo CRB. Essas conversas de partilha que surgem nesse momento são gravadas com as devidas autorizações.
2. **Construção de "Minimuseus: No início do CRB** proposto, todas as participantes foram presenteadas com caixas de madeira, onde a cada encontro elas deveriam anexar um elemento que remetesse à sua trajetória até chegar ao grupo, esse elemento podia ser desde uma foto até um objeto afetivo.
3. **Danças Circulares:** No processo do CRB foi desenvolvido a atividade das danças circulares que objetiva a integração coletiva do grupo e o fortalecimento de vínculos entre as participantes, elemento crucial para estabelecer elos de confiança no processo do desenvolvimento da construção narrativas.

Tudo isto preparou para:

1. **Construção das Narrativas:** O dispositivo do CRB em toda sua construção e em todas as etapas criadas tem como objetivo a construção das narrativas individuais, em que cada participante, após passar pelas etapas anteriores, se conecta e reflete sobre os acontecimentos de sua própria história. Por meio de algumas atividades específicas, sendo algumas delas a experiência estética; visões de serem mães; contação de histórias de vida; autorretrato e desenho biográfico, a participante se sente mais fortalecida para narrar e escrever sua própria história e refletir sobre os acontecimentos presentes em sua trajetória.

2. Construção da Metáfora da Árvore – Nessa atividade, as participantes compartilham suas experiências fundadoras e formadoras, além das expectativas futuras. Cada participante fez uma síntese de seus aprendizados experienciais ao longo da vida, elaborando esses elementos por meio do desenho de uma árvore, indicando na raiz o que foi fundante para ele ser o que é hoje; no tronco, as experiências formadoras; na copa, as conquistas e os aprendizados, e nas nuvens os projetos e sonhos. Tal atividade proporciona uma reflexão individual e coletiva do caminhar da construção da narrativa e da própria percepção da formação de cada indivíduo.

Acompanharam as atividades do CRB os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Registros do Diário de Itinerância: O diário de Itinerância, técnica proposta por Barbier (2002), aproxima-se do chamado diário íntimo, por seu caráter confessional e subjetivo, no entanto, ele deve ter um caráter publicável entre os membros do grupo. Também serve como um instrumento de registro (auto)biográfico, como um espaço de reflexão interior que relaciona a pesquisa com a vida pessoal do pesquisador, propondo um processo reflexivo. Assemelha-se a um diário de bordo ou de viagem, por seu caráter curioso e heurístico, de registro científico e poético do vivido. Há grande liberdade na natureza dos recursos empregados nesse diário, como a presença de desenhos, poesias e fotografias. Desta forma, realizei o registro de todos os encontros em meu diário, bem como das conversas informais realizadas fora dos momentos do CRB.
2. Conversas informais: Muitas vezes, é por meio da conversa informal que acessamos muito mais informações do que nas entrevistas formalizadas, pois, a partir da aproximação e do desenvolvimento da empatia entre o pesquisador e os sujeitos participantes, são possíveis conversas mais descontraídas e espontâneas. É preciso estar atento e buscar fazer os registros no diário de itinerância a cada observação, dando atenção especial a todas as conversas informais realizadas com todos os personagens envolvidos no campo da pesquisa. Por meio da escrita do diário itinerante, foram captados e positivados relatos essenciais para o desenvolvimento e a análise das narrativas.
3. Registros fotográficos: Respeitando as questões éticas de pesquisa e sob autorização das participantes e da instituição, foram realizados, em todo o

processo, registros fotográficos única e exclusivamente para fins da pesquisa. Por meio desses registros, é possível visualizar os momentos de construção das narrativas e dos materiais e ferramentas facilitadoras propostas para promover interação entre os participantes do grupo.

A convergência dessas ferramentas na construção das narrativas é ilustrada no infográfico abaixo:

**Gráfico 01** – Etapas para construção das narrativas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Estão apresentados a seguir o detalhamento de cada encontro, bem como as atividades realizadas, seguido de fotos das atividades correspondentes já realizadas de algumas etapas do CRB. Para esta pesquisa, utilizamos os seguintes momentos:

Tabela 01 – Descrição das atividades desenvolvidas.

DATA	ATIVIDADE
<p data-bbox="304 360 453 389">22/08/2019</p> <p data-bbox="272 853 485 920"><b>I ENCONTRO PRESENCIAL</b></p>	<p data-bbox="555 371 1414 622"><b>Acolhida:</b> Exercício de relaxamento e apresentação das participantes. As participantes formaram um grupo, e no centro foram colocados objetos com carga afetiva, já previamente solicitados. Neste dia foram dispostas as cartas do Oráculo das Deusas, em que cada participante escolheu uma carta e recebeu uma Deusa e sua mensagem. As participantes foram então identificadas na tese através dessa Deusa.</p> <p data-bbox="555 640 1414 707"><b>Presentificação:</b> Explicação do minimuseu, onde cada participante foi presenteada com uma caixa.</p> <p data-bbox="555 725 1414 831"><b>Introdução à biografização:</b> discussão e assinatura do acordo de funcionamento do CRB; Criação da corrente: O que faço e o que espero?</p> <p data-bbox="555 848 1337 878"><b>Integração Experiencial:</b> Assinatura do Acordo biográfico.</p> 
	<p data-bbox="555 1861 1414 2033">Preparação para criação do minimuseu, examinando fotos, lembrando e conversando com familiares. A fotonarrativa ‘baú de memórias’ funcionou como um suporte da memória e as conversas com familiares iniciam o desbloqueio de tensões emocionais.</p>

DATA	ATIVIDADE
<p data-bbox="268 309 491 421"><b>29/08/2019</b> <b>II ENCONTRO</b> <b>PRESENCIAL</b></p> <p data-bbox="229 815 533 1039"><b>I ATIVIDADE NÃO</b> <b>PRESENCIAL:</b> separação de material biográfico para a construção dos minimuseus</p>	<p data-bbox="555 309 1414 412"><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche; filme Lixo Extraordinário: preparação para a realização dos Autorretratos.</p> <p data-bbox="555 430 1414 568"><b>Presentificação:</b> Cada integrante do círculo narrou sua experiência ao recordar e resgatar seus objetos afetivos e fotos que foram inclusos nos minimuseus. Elas falaram sobre eventos, pessoas, livros, filmes que marcaram sua trajetória.</p> <p data-bbox="555 586 1414 658"><b>Biografização:</b> Análise do filme Lixo Extraordinário (2010) e início do processo de maturação da construção dos autorretratos.</p> 

DATA	ATIVIDADE
	
<p data-bbox="261 1167 453 1200">05/09/2019</p> <p data-bbox="261 1469 496 1541">III ENCONTRO PRESENCIAL</p>	<p data-bbox="555 1122 1310 1155"><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche.</p> <p data-bbox="555 1167 1414 1238"><b>Presentificação:</b> Cada integrante trouxe elementos para decorar os minimuseus em paralelo com uma partilha de vivências.</p> <p data-bbox="555 1249 1358 1283"><b>Biografização:</b> Oficina para a customização dos minimuseus.</p> 

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The top photograph shows a table covered with numerous wooden crates, some of which are being used as containers for colorful ribbons and other craft supplies. There are also several spools of thread in various colors (pink, green, blue, white) and some finished or partially finished items, including a small blue and white patterned bag. The bottom photograph shows a person in a floral shirt working on a piece of white fabric with blue embroidery. The fabric is laid out on a wooden crate. In the background, other people are visible, and there are more wooden crates and craft supplies on the table.</p>

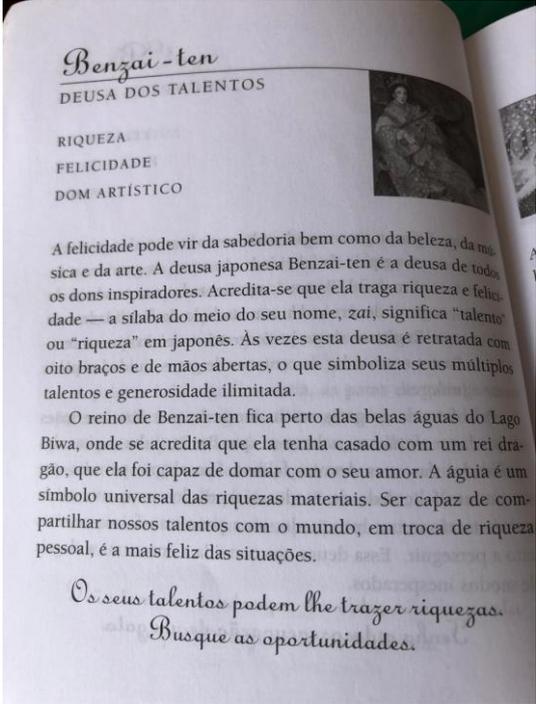
DATA	ATIVIDADE
	

DATA	ATIVIDADE
<p data-bbox="304 365 453 398">12/09/2019</p> <p data-bbox="272 607 485 719">IV ENCONTRO PRESENCIAL</p>	<p data-bbox="555 320 1310 353"><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche.</p> <p data-bbox="555 365 1414 439"><b>Presentificação:</b> Cada integrante trouxe elementos para a composição dos autorretratos.</p> <p data-bbox="555 450 1414 524"><b>Biografização:</b> Oficina de construção dos autorretratos; pergunta norteadora para a construção: <b>quem sou eu?</b></p>  

DATA	ATIVIDADE
	 <p>A woman in a colorful patterned shirt is painting a portrait of a woman in a red top on a large screen. The screen displays a photo of the woman being painted, and the woman is using a brush to apply paint to the screen. The screen also shows some text and icons, including 'IMU_4508.JPG' and a Windows taskbar.</p>  <p>A woman in a colorful patterned shirt is painting a butterfly on a piece of paper. She is using a brush to apply paint to the paper. The paper is placed on a table, and there are some flowers and other items on the table. The background shows a room with chairs.</p>

DATA	ATIVIDADE
<p data-bbox="304 360 453 394">19/09/2019</p> <p data-bbox="272 667 485 779" style="text-align: center;">V ENCONTRO PRESENCIAL</p>	<p data-bbox="555 315 1310 349"><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche.</p> <p data-bbox="555 360 1414 434"><b>Presentificação:</b> Cada participante contou sobre os acontecimentos de sua vida nesse período.</p> <p data-bbox="555 445 1414 629"><b>Biografização:</b> Cada participante falou sobre seu <b>Autorretrato</b>. O método autorretrato tem como finalidade a construção da própria identidade de cada integrante do grupo, desenvolvendo a interpretação e a sensibilidade do olhar em relação a si mesmo e à sua própria trajetória.</p>  
<p data-bbox="304 1982 453 2016">26/09/2019</p>	

DATA	ATIVIDADE
<b>VII ENCONTRO PRESENCIAL</b>	<p><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche.</p> <p><b>Presentificação:</b> As participantes compartilharam suas lembranças do que as deixa mais felizes e mais tristes.</p> <p><b>Biografização:</b> Atividade com as cartas das deusas; cada participante retirou uma carta do baralho das deusas com uma determinada característica e apresentou sua deusa para o grupo. Os nomes de cada deusa selecionada foram adotados para representar cada participante, respeitando, assim, o sigilo do nome de cada integrante no ato da escrita de cada narrativa.</p> 

DATA	ATIVIDADE
	 
<p>03/10/2019</p> <p><b>VIII ENCONTRO PRESENCIAL:</b></p> <p><b>PRODUÇÃO DAS</b></p>	<p><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche.</p> <p><b>Biografização:</b> O grupo foi dividido em grupos menores para facilitar o processo de construção das narrativas orais. Cada integrante narrou de forma oral para um pequeno grupo a partir da seguinte pergunta disparadora: <b>Como me tornei a mulher que sou hoje?</b> O pesquisador, devidamente autorizado pelas participantes, transcreveu suas narrativas.</p>

DATA	ATIVIDADE
<p><b>NARRATIVAS</b></p>	
<p><b>VIII ENCONTRO não presencial</b></p>	<p>Transcrição das narrativas de cada participante – todas foram transcritas pelo pesquisador.</p>
<p><b>10/10/2019 IX ENCONTRO PRESENCIAL</b></p>	<p>Leitura das narrativas pelo pesquisador com as participantes e momento reflexivo.</p>
<p><b>17/10/2019 X ENCONTRO PRESENCIAL</b></p>	<p><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche. <b>Biografização:</b> Partilha sobre <b>O que aprendi até aqui?</b></p> 
<p><b>24/10/2019 XI ENCONTRO</b></p>	<p><b>Acolhida:</b> Exercícios de relaxamento e partilha de lanche. <b>Integração Experiencial:</b> Expressão oral sobre o significado do encontro feita por meio de uma árvore de experiências em papel elaborada por cada uma das integrantes. Metáfora da árvore -</p>

DATA	ATIVIDADE
<p><b>PRESENCIAL:</b></p> <p><b>METÁFORA DAS ÁRVORES</b></p>	<p>Compartilhamentos das experiências fundadoras e formadoras, além das expectativas futuras. Cada participante fez uma síntese de seus aprendizados experienciais ao longo da vida, indicando na raiz da árvore o que foi fundante para ela ser o que é hoje. No tronco, colaram as experiências formadoras; na copa, as conquistas e os aprendizados, e nas nuvens os projetos e sonhos.</p> 

DATA	ATIVIDADE
	

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The top photograph shows a group of people sitting on a tiled floor, engaged in a creative activity. A large yellow sheet of paper is laid out on the floor, featuring a drawing of a tree with a trunk and branches. Several sticky notes are attached to the paper, with handwritten text such as "FIM", "FIM ME", and "FIM ME". A person in the foreground is writing "AMC" on a yellow sticky note. Other people are visible in the background, some holding markers and other materials.</p> <p>The bottom photograph shows a person in a pink shirt and black pants sitting on the floor, drawing on a large yellow sheet of paper. The person is using a marker to draw a curved line on the paper. A ruler is visible on the floor next to the person.</p>

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The image consists of two photographs documenting a craft activity. The top photograph shows three individuals sitting on a white tiled floor in a room with rows of brown chairs. They are working on large, rectangular sheets of yellow paper. One person in the foreground is wearing a bright pink t-shirt with the word 'COLAR' visible on the back. Various art supplies, including markers and containers, are scattered on the floor around them. The bottom photograph is a close-up view of hands using a green marker to draw a curved line on a yellow sheet of paper. A box of 'Linha 360' markers is visible in the upper left corner of this frame.</p>

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The top photograph shows a child with dark hair tied back, wearing a black and yellow patterned shirt, drawing on a large yellow sheet of paper. The bottom photograph shows the same child from a different angle, wearing a white shirt with a floral pattern and dark pants, sitting on the floor and drawing on the same yellow sheet. A box of 'Note' brand markers is visible on the floor next to the paper in the bottom photograph.</p>

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The top photograph shows a woman with dark hair tied back, wearing a colorful patterned shirt, sitting at a table. She is focused on cutting a piece of yellow paper with yellow-handled scissors. On the table in front of her is a large sheet of yellow paper with several small, colorful shapes (pink circles and light blue teardrop shapes) already attached. The bottom photograph shows the same woman from a side profile, kneeling on a tiled floor. She is wearing a white t-shirt with a butterfly pattern and a dark blue skirt. She is drawing a large, detailed outline of a butterfly on the yellow paper. A blue marker and a tube of paint are visible on the floor next to her.</p>

DATA	ATIVIDADE
	 <p>The top photograph shows a person in a tiger-print shirt drawing a large, stylized tree on a sheet of yellow paper laid out on a tiled floor. The bottom photograph shows two women in a classroom setting presenting the completed yellow paper to the class. The paper features a tree diagram with several sticky notes attached to its branches and trunk. A projector screen in the background displays the text 'Fonte: (sem Sina) e o bo'.</p>

DATA	ATIVIDADE
	 

Fonte: Elaborado pelo autor. Imagens registradas durante as atividades da pesquisa.

Importante destacar que, pelo fato de muitas das participantes terem dificuldades com a leitura e a escrita, e com acesso a tecnologias, em função de sua vulnerabilidade social,

eu como pesquisador transcrevi todas as narrativas orais e agendei com cada uma a leitura para elas. No momento da leitura elas poderiam editar suas narrativas, solicitando a retirada ou a inserção de novos elementos. A seguir a descrição dos procedimentos de análise dessas narrativas.

### 3.7 Processo de análise

Todas as etapas do CRB foram importantes para se criar vínculos, proporcionando que as participantes pudessem estar fortalecidas e preparadas para a produção de suas narrativas a partir da pergunta disparadora: **Como me tornei a mulher que sou hoje?** Como informado anteriormente, essas narrativas compõem o *corpus* desta pesquisa. Existirão dois momentos de apresentação dos dados, em que no primeiro momento apresentarei cada mulher e a transcrição da sua narrativa, já no segundo momento irei trabalhar as narrativas de forma coletiva, usando Análise Textual Discursiva - ATD de Roque Moraes (2003) buscando responder ao objetivo desta pesquisa: compreender experiências de violência para mulheres em situação de exclusão social assistidas no contexto de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) no Nordeste do Brasil a partir das suas narrativas de vida.

O procedimento de análise de dados se deu por meio de metodologia qualitativa, com base no amparo do referencial teórico da Análise Textual Discursiva de Roque Moraes (2003), que pode ser aplicada não somente aos textos, mas também a materiais de outra natureza, conforme o próprio autor, ao afirmar que esse processo “deve ser entendido num sentido mais amplo, incluindo imagens e outras expressões linguísticas” (p. 194). Os relatos orais foram transcritos e transformados em texto, passando ambos pelo mesmo processo de análise, que se configura em um processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais “linguísticos”, e também gráficos e imagéticos, e discursivos, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. A partir da produção e organização do material da pesquisa, chamado de *corpus*, busca-se isolar “unidades de significado”, agrupando-as, posteriormente, em categorias. A categorização configura-se um processo de “comparação constante” na busca por agrupar semelhanças entre as unidades de sentido/significado. Ao reunirmos certo grupo de semelhantes, podemos, então, nomear a categoria e, se necessário, identificar diferentes níveis em seu interior, no caso de haver categorias muito densas. É a partir da definição das categorias que se procede à leitura, análise, reflexão e interpretação como forma de chegar a diferentes e novas compreensões sobre o que se está pesquisando (MORAES, 2003, p. 197). Essa análise

não é a única que pode ser utilizada no processo interpretativo das narrativas construídas no CRB, porém sua escolha é baseada na riqueza do estudo dos múltiplos elementos formadores das narrativas construídas, que estão presentes e são expostas no processo de análise textual discursiva.

Segundo Moraes (2003), o processo de análise textual se baseia em quatro focos principais que serão norteadores de todo o processo. O primeiro foco consiste na desmontagem dos textos, que também é chamado de unitarização, em que o pesquisador se dedicará a estudar o seu material de análise e seus detalhes formadores, a fim de criar unidade referente ao texto estudado. O segundo foco é o estabelecimento de relações, em que o pesquisador, após criar suas unidades, irá criar e identificar as categorias de análises contidas no texto estudado, as quais têm relação direta com as unidades e proporcionam que elementos unitários sejam acoplados em um grupo complexo para sua análise. O terceiro foco é captando o novo emergente, após o pesquisador fazer a análise da relação entre as unidades e as categorias do texto pesquisado, é fomentada uma compreensão hermenêutica reflexiva de uma forma macro da análise de tal texto. Esse processo permite a formação de um metatexto, que objetiva um discurso e pensamento crítico analítico sobre os fenômenos desvelados e interpretados. Esse foco é diretamente relacionado aos elementos construídos nos demais focos mencionados.

O exercício do pesquisador, segundo esses focos de análise, em que os diversos elementos que compõem as unidades e as categorias proporcionam uma imersão reflexiva de novos saberes e percepções, para Moraes (2003), é denominado de tempestade de luz, que consiste nesse processo de interação dos múltiplos elementos que formam o texto pesquisado. Diante disso, chegamos ao último e quarto foco, que fomenta um processo auto-organizador, em que o pesquisador, em meio à vastidão de unidades, categorias e seus significados, irá promover uma análise reflexiva, buscando atingir uma compreensão do fenômeno estudado. Esse movimento pode ser metaforicamente comparado com um raio de luz de saber e conhecimento em meio a uma tempestade de ideias, conforme nos informa o autor:

Ao longo da apresentação e discussão desses elementos, pretende-se defender o argumento de que a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes; desconstrução dos textos do corpus, a unitarização, estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validade. Esse processo em seu todo pode ser comparado com uma tempestade de luz. O processo analítico consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, forma-se flashes fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise. (MORAES, 2003, p. 192).

Para Moraes (2003), para realizarmos qualquer análise qualitativa textual, precisamos identificar e refletir sobre o que consiste no ato da leitura e os seus significados contidos. Dentro de uma mesma leitura, podemos ter múltiplas interpretações e sentidos. Cabe ao pesquisador utilizar suas ferramentas teóricas para que se possa identificar e compreender os elementos que surgem no texto pesquisado e seus significados: “Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados sobre seus conhecimentos e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados é o objetivo da análise.” (MORAES, 2003, p. 193).

Para que possamos analisar o fenômeno almejado, devemos promover a desconstrução do texto extraído da pesquisa qualitativa. Moraes (2003) afirma que, no momento em que desconstruímos o texto, irão surgir as unidades de análise, porém o autor ressalta que é de suma importância que o pesquisador identifique os momentos referentes a cada unidade identificada, e para isso é sugerido que se utilize de uma letra ou número em cada unidade estudada. Essas unidades são identificadas de acordo com a finalidade da pesquisa, ou seja, o pesquisador, guiado por seu objetivo de pesquisa, deverá criar essas unidades baseadas em sua pergunta disparadora para a realização do seu estudo. São fomentados três passos que o pesquisador pode seguir na elaboração dessas unidades: “1- fragmentação dos textos e codificação de cada unidade; 2- reescrita de cada unidade de modo que assumam um significado o mais completo possível em si mesma; 3- atribuição de um nome ou título para cada unidade assim produzida.” (MORAES, 2003, p. 195).

No processo de construção da análise textual, para que não se percam os elementos de sentido de cada unidade, é recomendado que o pesquisador crie títulos para cada unidade, em que deve estar presente a ideia central de cada unidade. Isso facilitará a análise quando esse caminhar for para identificar as categorias de análise.

Após identificadas as unidades, Moraes (2003) frisa a importância de realizar a categorização, que constitui na comparação das unidades identificadas. A análise das categorias é de suma importância, pois elas fomentarão as novas interpretações oriundas do texto pesquisado. Essas categorias são únicas e exercem uma importância singular no processo de análise, em que cada conjunto de categoria mostrará para o pesquisador sentidos diversos sobre o texto, por isso é necessário o exercício da concessão interpretativa entre a particularidade de uma categoria com o todo da análise.

Cada categoria constitui uma perspectiva diferente de exame de um fenômeno, ainda que se possa examiná-lo de uma forma essencialmente holística. Isso constitui um

exercício de superação do reducionismo que o exame das partes sem referência permanente ao todo representa. O desafio é exercitar uma dialética entre o todo e a parte, ainda que dentro dos limites impostos pela linguagem, especialmente na sua formalização em produções. (MORAES, 2003, p. 199).

No caminhar do processo da análise textual, o pesquisador, ao interpretar os múltiplos sentidos das categorias do texto estudado, terá que realizar as relações com as unidades identificadas, a fim de fazer uma interpretação empírica pautada na sua motivação de estudo. Dependendo do texto, faz-se necessária a identificação de subcategorias, para que o pesquisador possa identificar e interpretar com maior exatidão os diversos sentidos e elementos contidos no texto. Com isso, cabe ao pesquisador realizar o processo interpretativo desse conjunto de unidades e categorias e suas interações para obter a reflexão almejada.

Correntes com nossos posicionamentos anteriores, afirmamos que toda leitura e toda análise textual já é uma interpretação. Entretanto, pretendemos agora ampliar um pouco mais a discussão sobre interpretação. No contexto da análise textual, da forma como a compreendemos, interpretar é construir novos sentidos e compreensões afastando-se do imediato exercitando uma abstração em relação às formas mais imediatas de leitura de significados de um conjunto de textos. Interpretar é um exercício de construir e de expressar uma compreensão mais profunda, indo além de expressão de construções obtidas dos textos e de um exercício meramente descritivo. É nossa convicção de que uma pesquisa de qualidade necessita atingir essa profundidade maior de interpretação, não ficando numa descrição excessivamente superficial dos resultados da análise. (MORAES, 2003, p. 204).

Por meio desse caminhar, surge o metatexto, que irá proporcionar um novo olhar hermenêutico sobre o texto estudado. Moraes (2003) nos lembra da importância de o pesquisador sempre estar pautado em seu arcabouço teórico para que possa validar as interpretações do caminhar da análise textual. A partir do metatexto, o pesquisador deve realizar uma auto-organização, na qual será objetivado o surgimento de um novo conhecimento sobre o fenômeno estudado. Tal processo exerce uma ação transformadora em todos os envolvidos na análise textual. Por meio dessa análise, o pesquisador pode ter um entendimento reflexivo partindo de uma interpretação dos mais singelos elementos contidos no texto até elementos macros existentes, e é por meio dessa transição entre o particular e o geral que se chega a um novo conhecimento: “desse modo, a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados objetos de estudo, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos.” (MORAES, 2003, p. 209).

## ATO 4 -VACA PROFANA

### A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS DAS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA



Respeito muito minhas lágrimas  
 Mas ainda mais minha risada  
 Inscrevo, assim, minhas palavras  
 Na voz de uma mulher sagrada  
 Vaca profana, põe teus cornos  
 Pra fora e acima da manada  
 Vaca profana, põe teus cornos  
 Pra fora e acima da man...  
 Deusa de assombrosas tetas

(Emanuel Viana Teles Veloso Caetano) 

Nesse ato, iremos apresentar as narrativas de cada mulher participante desta pesquisa, construídas por meio do CRB, desvelando suas trajetórias da partir da pergunta disparadora para cada uma das participantes: **Como me tornei a mulher que sou hoje?** Com o intuito de preservar suas identidades, cada mulher será descrita com o nome de uma deusa mitológica que fora escolhida em uma atividade presente no CRB, utilizando as cartas do livro *Oráculo Sagrado das Deusas* (WALDHERR, 2007), que consiste em um conjunto de oitenta cartas representadas por deusas mitológicas das mais diversas culturas. Após uma breve meditação e trabalho de relaxamento, cada participante escolheu aleatoriamente uma carta que, além da descrição da deusa, traz uma mensagem reflexiva que pode ser conectada com a própria participante. Tal atividade gerou momentos de partilha e conexão entre o grupo.

No descrever de cada narrativa, serão apresentadas as particularidades da vivência de cada trajetória, em que os elementos formadores dessas histórias se configuram como peças fundamentais na compreensão e análise de suas percepções sobre a categoria de violência na interpretação de sua formação e construção como mulher e mãe. É por meio desse ato de narrar suas vivências que podemos dar voz às percepções individuais e coletivas e traçar conexões com processos teóricos relacionados à violência e à formação humana.

Essa experiência de narrar sua própria história é um processo de grande poder reflexivo, em que o indivíduo narrador tem contato com memórias e sensações que, por vezes, são esquecidas ou não pensadas. Tal atividade foi um processo transformador não apenas para as participantes, mas para todo o grupo, na qual foi possível vivenciar e visualizar as fortalezas e as imensas dores de cada uma dessas mulheres. Muitas dessas dores não são percebidas ou compreendidas por elas, mas sentidas visceralmente na sua formação social. Cada história contém tantos elementos que são reflexo de uma estrutura social marcada com desigualdades de diversas esferas e uma vulnerabilidade ocasionada por uma subjugação violenta de monopólio do poder representativo frente a essas mulheres e mães que tentam sobreviver como podem a um cenário avassalador de escassez de possibilidades sociais e frente ao ciclo de direitos ceifados por toda uma sociedade.

#### **4.1 A Deusa Fortuna: Acredite em sua sorte Aquele que busca a sorte que lhe foi tirada.**

*“Aí pronto, aí depois ele começou a me bater, a me bater. E eu não fazia nada porque eu pensava que isso era normal no casamento, o meu pai também batia às vezes na minha mãe, mas ele era um homem bom.”*



Fortuna é uma jovem mulher e mãe de dezenove anos, já tendo dois filhos, um menino e uma menina. Possui pele negra com longos cabelos igualmente negros e olhos penetrantes e fortes, porém buscando sempre um refúgio. Apesar de o nome de sua deusa simbolizar a sorte, para Fortuna, sua sorte lhe fora tirada desde criança, pois sua infância foi só até os sete anos, quando teve sua primeira perda, a morte de seu irmão mais velho, vítima do tráfico de drogas. Logo após essa perda, seu pai veio a falecer, e em decorrência dessa morte sua mãe entrou em um processo de depressão que culminou em uma tentativa de suicídio. Paralelo a esses episódios, a família de Fortuna sempre passou por escassez de recursos

financeiros, tendo eles passado fome. Buscando uma melhoria de vida, ela se casou aos 15 anos e aos 16 anos teve seu primeiro filho.

A figura de seu pai é muito presente em sua memória, para Fortuna seu pai exercia um bom papel de pai, apesar de exercer violência com outros e demonstrar problemas com o consumo de álcool. Para ela, sua perda foi uma ferida que jamais cicatrizou. Nesse tempo, Fortuna era uma menina de 13 anos, e pelo fato de ter perdido recentemente seu filho, sua mãe se viu desolada e sem direção em decorrência da dependência tanto emocional como financeira que tinha com seu marido. As consequências desses episódios resultaram em uma tristeza profunda para a mãe de Fortuna, que, em um estado de depressão, começou a agredir seus próprios filhos. Fortuna relembra o episódio em que sua mãe tentou colocar fogo em sua casa com todos dentro, pelo desejo de causar a morte de todos que estavam dentro de casa. Ela não compreende até hoje o motivo de a própria mãe ter desejado sua morte.

*O meu pai era uma ótima pessoa e não tenho que falar dele como pai né, ele às vezes batia na mãe e em algumas pessoas da rua, mas era por causa da bebida. Ele trabalhava como pintor, mas ele também fazia as coisas erradas dele por fora, a gente já viveu muita coisa junto, a perda dele foi muito triste né, muito dolorosa, porque eu era nova demais né, tinha treze ano e a minha mãe tinha acabado de perder o meu irmão, não foi muito perto, mas tinha feito um tempozinho e foi muito triste a notícia e a gente tinha falado com ele antes dele morrer, ele falou tudinho comigo, aí eu ainda chamei ele para voltar para casa. Pedi para ele ir lá pra minha casa e ele que, eu ainda me lembro o que ele disse. Ele disse assim: filha o papai acabou de chegar do trabalho e tá cansado, mas amanhã o papai vai levar uma caixa de chocolate para você, aí eu disse, pois está certo pai. Quando minha mãe soube da notícia da morte do papai ela quis quebrar tudo dentro de casa, a minha mãe depois deste dia ficou anormal, porque foi uma perda em cima da outra, era muito triste e ela perguntava o que ia ser dela né, não era por causa que ele tinha falecido era porque ela não tava trabalhando e como era que ela ia sustentar a gente, como era que ela ia dar conta, mas mesmo assim eu ainda achei ela forte. Porque ela foi muito forte apesar do que ela fez comigo, porque eu sei que ali eu errei e foi um momento de raiva que ela não queria fazer aquilo comigo, entendeu? Às vezes acho que merecia aqueles tapa na cara que ela deu. E assim não sei o que aconteceu com minha mãe que, do nada, ela virou outra pessoa (choro...) eu lembro quando ela tentou botar fogo na casa com nós tudim dentro de lá. Ela queria matar a gente junto ela (choro...) eu não sei por que ela fez isso, acho que era desespero. Até hoje lembro de uma bíblia que meu pai me deu é a coisa que mais lembro dele. Mas assim foi muito difícil tudo o que aconteceu.*

Ao falar de seu primeiro companheiro, Fortuna avaliou que seu envolvimento com ele não se deu pelo afeto, mas, sim, que viu nesse relacionamento a possibilidade de sair de sua casa e tentar buscar uma vida melhor. A própria vinda de seu primeiro filho foi vista, inicialmente, como um processo de mudança de vida. Fortuna teve dois filhos com o mesmo companheiro, um menino e uma menina. Realmente, ao vincular uma relação com seu antigo companheiro, ela conseguiu o que almejava inicialmente, sair de casa, porém viu que a sorte que buscava não estava nessa relação. Fortuna afirmou que não gostava mais do seu companheiro, ela dúvida se algum dia já gostou realmente dele, pois, quando ela firmou sua relação, se encontrava muito fragilizada por conta da perda do pai e da tentativa de suicídio da mãe. Atrelado a esses fatos, Fortuna destacou sua fragilidade e tristeza perante seu antigo companheiro e sua própria mãe, pois havia a possibilidade de eles estarem se relacionando amorosamente, fazendo Fortuna se sentir abandonada e traída por ambos. Porém, ela culpa seu ex-companheiro de ter se aproveitado de um momento de fragilidade e carência de sua mãe, que também estava vivendo grandes perdas. Fortuna destaca que a falta de apoio vindo da mãe foi algo que a afetou muito, porém ela ressalta que entende que a mãe não conseguia dar tal apoio pelo fato de estar passando por um período bem difícil.

*João eu não gostava mais dele, eu via igual a minha mãe disse: Fortuna tu tá com ele por ilusão, porque eu tinha acabado de perder o meu pai e a minha mãe tinha feito aquilo comigo e eu queria sair dentro de casa. E João ainda tem aquela desconfiança que ela estava se envolvendo com meu ex, assim ela nunca admitiu, mas eu vi mensagens e de como ela ficava do lado dele. Mas também não sei se ela estava normal para fazer tanta coisa assim comigo. Acho foi porque foi uma perda muito perto e eu já me sentia, eu até tinha ela, mas não sentia o apoio dela, entendeu? Porque ela não tava conseguindo dar apoio a gente porque ela tava muito deprimida, aí ela precisava também de um apoio, então, ela não tava conseguindo dar para gente o apoio que ela precisava.*

A relação entre Fortuna e sua mãe contém muito pesar e arrependimento, pois ela, desde mais jovem, não conseguia atender às expectativas de sua mãe, visto que ela sempre brigava na rua com os outros, e isso é uma ação, dentro de sua comunidade, legítima apenas aos homens. Para Fortuna, essas brigas e suas saídas à noite a distanciavam de sua mãe, mas também promoviam um bem-estar diante de um cenário de tristeza que a própria Fortuna estava a vivenciar. A figura da avó foi fundamental para dar apoio à sua mãe, que se encontrava em

um estado de grande depressão, porém Fortuna era constantemente julgada por exercer atitudes não condizentes, segundo as normais estruturais da comunidade, a uma mulher.

*Eu brigava na rua e ela não gostava e realmente hoje em dia eu não sou mais a pessoa que eu era, porque é feio uma mulher tá brigando na rua, isso não é coisa de mulher. Aí eu sei que ela pegou e ficou deprimida, só que a minha avó ajudava ela em tudo, mas ela não era a mulher que ela foi, entendeu, minha mãe parecia outra pessoa. Ela tava precisando e eu tava precisando também de apoio, eu saía num sábado e voltava numa terça, numa quarta e quando eu chegava minha mãe tava chorando pensando que tinha me matado, aí foi quando eu conheci o pai dos meus filhos né. Aí me ajuntei com ele e ele é muito mais velho do que eu.*

O companheiro de Fortuna tinha 39 anos quando os dois firmaram seu relacionamento, nesse mesmo momento a vontade de sair de casa e se desvincular de sua mãe se tornou mais latente. Nesse período, a relação com sua mãe se tornou difícil, muito pelo fato de Fortuna estar cogitando entrar para o mundo do tráfico, que constantemente lhe abordava. Mediante isso, a mãe de Fortuna novamente tentou agir contra sua vida, atirando fogo em sua própria casa. Para Fortuna, esse episódio foi crucial para ir morar definitivamente com o seu ex-companheiro. Porém, sua mãe ficou muito preocupada, pois a região onde Fortuna e seu companheiro estavam morando era dominada por uma facção que não permitia a inclusão de novos moradores, por isso sua mãe temia por sua vida.

*Eu disse pra ela que ela não era a minha mãe e que não gostava dela, que eu ia simhora da casa dela, que quando eu ia ser eu dizia que ela ia ver eu virar vendedora de droga e que eu ia ser a pior traficante de onde eu morava. Porque naquela época o povo queria né que eu vendesse essa coisa assim e eu já tava com minha cabeça louca e dizia a ela. Aí ela chegou a tacar fogo dentro de casa. Aí eu disse a ela não ia mais ver como filha dela e que ela não era mais minha mãe, se eu chegar a morrer que ela não se preocupava comigo. E naquela época o meu bairro era muito perigoso, morria muita gente, aí eu fui morar com o pai do meu filho em outro canto, tipo assim, eu morava na Mangueira e o pai do meu filho morava no Coqueirinho, lá era um bairro que eu não podia andar, era um local que eu não podia andar entendeu?*

Com o passar de sua vida, Fortuna revelou que se arrepende de diversas atitudes que teve, seja no período em que brigava na rua ou nas discussões que tinha com sua mãe. Ela fala que não se arrepende de ter tido seus filhos, mas reflete se sua relação com o pai dos seus

filhos foi realmente a escolha correta. Fortuna ainda mantém muitas dúvidas sobre a relação de sua mãe e seu antigo companheiro, pois estranhava que, de início, sua mãe era contra esse relacionamento e, posteriormente, ela não apoiava a separação, e por vezes estimulava que permanecesse na relação. Tal fato, atrelado à descoberta de mensagens românticas entre os dois, endossou que essa suposição estivesse correta. Mesmo com esses questionamentos, Fortuna se arrepende do modo como se portou nesse período com sua mãe.

*Me arrependo de tipo, eu ter brigado no meio da rua e ter ido simhora, ter vivido com o pai dos meus filhos sem ela querer. Eu me arrependo de tudo isso, eu não me arrependo dos meus filhos, mas eu me arrependo de ter vivido com uma pessoa que minha mãe não queria entendeu? Eu e minha mãe tem um relacionamento assim meio complicado eu e ela né, porque nós briguemo, porque ela tava muito estranha pro meu lado aí eu vi umas coisas no telefone dela. Tipo ela tava conversando com o pai dos meus filhos, entendeu? Mas, eu perguntei a ela e ela disse que não, que conversava com ele só sobre minha filha, mas eu ainda tenho minhas dúvidas. Eu ficava com raiva, mas agora nem ligo, só queria que ela me dissesse a verdade e não mudasse, por que ela mudou pra mim entendeu? Ela mudou o relacionamento dela. Minha mãe que antes não gostava dele começou a defender ele, ela dizia que não queria que eu me separasse dele, porque eu ia passar necessidade e que ele era o homem certo para mim. Porque no começo ela não quis, depois foi que ela foi aceitando o meu relacionamento com ele. E foi aí que comecei a desconfiar que eles estavam se envolvendo também.*

Fortuna relembra como conheceu e começou sua relação com seu antigo companheiro e pai de seus filhos. Ela relatou que o conhecia desde criança, pois ele já fora namorado de sua tia e, após essa relação, teve outro relacionamento com outra mulher, e dessa relação foi gerado seu primeiro filho. Fortuna, ao lembrar desses fatos, se emocionou, pois tais acontecimentos tomavam formas que antes ela não compreendia. Ela começou a se questionar se seu antigo companheiro já não a olhava, não como uma criança, mas, sim, como mulher. Ela lembrou que, no começo desse relacionamento, ele sempre a presenteava. Ao falar isso, ela percebe que isso ocorria quando sua mãe não podia lhe dar algo, como uma forma de troca ou câmbio para a validade de tal relação.

*Eu já conhecia ele desde pequena, porque eu já estudei com a filha dele e ele foi o namorado da minha tia. Ele foi o namorado da minha tia e depois ele conviveu com outra mulher depois da minha tia e minha avó não queria também porque ele já tinha uma fama que ele bateu muito em uma namorada. Quanto eu comecei a me relacionar com ele era tudo flores. Toda semana*

*ele me dava, o que minha mãe não podia dar né. Toda semana ele me dava roupa, calçado quando minha mãe não tava podendo me dar e me dava celular, aí eu fui né tipo como se iludindo.*

Ao lembrar desses momentos, ela destaca, esboçando reflexões e desconforto, que, após firmar esse relacionamento, seu ex-companheiro logo de início começou a exercer violência física contra ela. Porém, Fortuna não encarava propriamente como uma violência, pois ela achava que tal ato fosse algo natural dentro de um casamento ou relacionamento, já que seu pai também batia em sua mãe. Vemos aqui a materialização dos conceitos estruturais da legitimação da violência simbólica. Mesmo achando aquilo natural, Fortuna afirmou que ficava desconfortável e disse que, em um dos episódios de violência física, ameaçou abandonar seu companheiro, e ele prometeu que não faria mais aquele tipo de ato, porém tal promessa não se concretizou. Após um período de suposto afeto, Fortuna destaca que as violências físicas continuaram e aumentaram de intensidade. Com isso, ela própria, mediante seu desconforto, começou a revidar tais atos. Ela destacou um episódio em que os dois utilizaram facas um contra o outro. Seu companheiro, ao deferir a faca contra Fortuna, obteve êxito, atingindo-a em seu abdome, deixando uma marca que ela sempre tenta esconder. Essa marca pode ter uma simbologia de dor e sofrimento para Fortuna. Ela destaca que inúmeros foram os episódios de tais atos, nos quais ela própria já tentou ceifar a vida de seu ex-companheiro por meio de enforcamento ou de outras maneiras. Porém, nunca houve uma denúncia legal por parte de Fortuna, e a única vez em que houve interferência por parte de uma proteção policial veio por meio de uma denúncia motivada pelo desconforto dos vizinhos, incomodados pelos sons de briga. Ela destaca, também, o episódio em que seu primo, ao vê-la com inúmeros hematomas, em um determinado dia, atirou contra seu companheiro, e ele, em resposta a isso, achando que Fortuna era a mandante, lhe deferiu inúmeras violências físicas.

*Aí pronto, aí depois ele começou a me bater, a me bater. E eu não fazia nada porque eu pensava que isso era normal no casamento, o meu pai também batia às vezes na minha mãe mas ele era um homem bom. Aí depois ele me bateu e eu disse que ia simhora e ele disse que não ia mais me bater, se ajoelhou e pediu desculpa e até os meus pés ele beijou, aí depois ele me bateu de novo. Aí quando ele começou a me bater muito eu comecei a devolver, nós brigava dentro de casa, briga mesmo, dele deixar a marcar e eu deixar a marca nele, aí teve um tempo João que eu tava tão cansada de apanhar dele, aí eu comecei a devolver e eu dizia que ia matar ele e pegava a faca e taquei nele e já furei ele todo de faca e ele também me furou e pegou bem na*

*minha barriga, eu também já tentei enforcar ele quando ele tava dormindo. Os vizinhos da gente escutavam muita coisa, aí teve um dia que eles denunciaram ele também. Tentei enforcar ele dormindo e já tentei fazer muita coisa, aí um dia em que ele me bateu e no outro dia ele levou dois tiros e eu tava na escola. Porque na época era tetra né, aí desceu um rapaz e ele tava na rua e deu dois tiros aí pegou nele os dois tiros, aí ele queria me matar, porque ele disse que foi eu que tinha mandado o meu primo matar ele, mas não foi. O meu primo me via toda machucada, mas não tinha sido eu que tinha mandado matar ele. Aí ele me bateu nesse dia e a noite eu levei ele pro médico e tudo, aí quando ele chegou ele ainda me bateu de novo, aí pronto eu fiquei cuidando dele. Passei uns dias cuidando dele, aí ele melhorou né, aí ele quis me bater de novo e peguei a faca e taquei mesmo em cima, aí hoje em dia ele tem a marca aqui e é separado e teve que costurar de novo em cima, quando fiz isso ele bateu muito na minha cara.*

Apesar do desconforto com as constantes violências físicas, Fortuna disse que ainda gostava do seu ex-companheiro. Após inúmeros episódios de violência física e simbólica, ela afirma que não sabia o que fazer, pois sabia que tinha um papel como mulher de ficar em casa, mas se sentia desconfortável com tais agressões. Em uma determinada situação, cansada de tais violências, ameaçou sair de casa, porém seu companheiro a impediu. Ao narrar esses fatos, Fortuna refletiu que sempre foi dessa forma seu relacionamento, que em dois meses de relacionamento ele já começou a praticar violências físicas contra ela, porém, como ela achava que isso era algo pertencente ao rito do casamento, tentou assimilar tais situações. Após constantes mazelas, Fortuna saiu de sua casa e foi morar com sua mãe, que tentava convencê-la a regressar com seu ex-companheiro. Mesmo não morando mais com seu companheiro, Fortuna ainda manteve relacionamento com ele, fazendo com que ela continuasse a receber violência física dele. Fortuna relata que, nesse período não morando mais com seu companheiro, saía com outro rapaz, e, em um determinado dia, foi interceptada por seu ex-companheiro, que novamente a agrediu e a ameaçou de morte, tentando levá-la para um local propício para o ato. Porém, houve uma denúncia, e a polícia chegou, efetuando a prisão do companheiro de Fortuna. Nos relatos da narrativa de Fortuna, percebo que ela, a cada passo em que fala com detalhes as cenas de cada episódio, reinterpreta cada acontecimento, como se estivessem surgindo novas percepções, como se novos pensamentos estivessem a tomar forma. Foi a própria Fortuna que se libertou de seu ex-companheiro, e apesar de passar um período separada dele, os dois reataram seu relacionamento, mas ele novamente começou a agredi-la fisicamente, tendo em um determinado momento lhe dando um murro em seu olho, deixando uma grande marca. Tais marcas ecoam mais do que palavras na narrativa de Fortuna, elas são

a materialização simbólica de um caminho de dor e silêncio. Após esse murro, ela tentou enforcar seu companheiro quando ele estava dormindo, não obtendo êxito no homicídio. Depois desses fatos, os dois decidiram se separar.

*Quando ele tava me batendo muito minha vontade era de ir simbora pra casa da minha mãe. Eu peguei minhas coisas e botei tudo dentro de uma bolsa e ele não deixou eu sair. Desde o começo ele era assim. Depois de dois mês que a gente se ajuntou foi que ele me bateu, aí ele ainda passou um mês aí me bateu de novo e eu já tava gostando dele né, gostava dele. Sabe João que ele me batia e aí foi desgastando já né. Eu gostava dele, mas era aquele amor desgastado, aí eu peguei e fui pra dentro da casa da minha mãe, aí depois ele alugou uma casa e me ajuntei com ele de novo. E minha mãe dizia que eu devia ficar junto dele. Aí depois me separei e fui morar com uma colega, aí na casa da minha colega eu comecei a conversar com um rapaz né, aí eu ia sair com e, aí ele me pegou no mesmo dia, na mesma noite que eu ia sair com ele, aí o menino que eu tava conversando ligou pra mim que ele queria sair comigo e eu disse a ele que não ia sair com ele, aí ele pegou viu, eu não ia atender o telefone e ele viu e quebrou meu telefone, aí eu pedi pra ele deixar no mesmo canto que eu morava aí ele disse que não ia, aí deu um murro no meu olho. Aí chamaram a polícia pra ele e eu não ia chamar a polícia pra ele e ele tentou me levar pra dentro do mato e disse que ia me matar, o que eu fiz para ele, ele disse que ia me matar! Aí eu saí correndo e pulei do carro e eu tenho as marcas que eu pulei de dentro do carro e acho que eu tinha dezesseis ano, dezesseis para dezessete ano. Aí ele foi preso, aí a mãe dele foi na minha porta da minha mãe, aí eu ia dar uma pisa nela porque eu disse a ela que não queria ela na minha porta. Ela queria que eu fosse soltar o filho dela, aí depois a minha mãe disse assim: vá lá converse com ela, e eu fui na casa dela e fui conversar com ela e ela pediu pra mim soltar ele né, aí disse a ela que eu só soltava ele se ela me desse um dinheiro. Aí ela me deu um dinheiro e eu fui soltar ele. Aí depois eu passei um tempo pra cá, ele não me bateu mais e depois ele quis me bater de novo aí foi aonde que eu disse a ele, aí ele me bateu e ainda deu um murro e eu disse assim: olha eu não vou discutir contigo, mas se tu me bater aqui eu vou te enforcar, aí ele me deu outro murro no olho e quando ele dormiu eu tentei enforcar ele com a corda e só não enforquei ele mesmo, só não matei ele mesmo enforcado porque ele ainda teve força e conseguiu puxar a corda, mas a corda já tava toda enrolada. Aí depois disso eu só desgastei e pronto e deixei mesmo.*

Ao relembrar esses acontecimentos, ela se conecta às lembranças do relacionamento de seus pais, afirmando que seu pai era um homem bom, apesar de bater só às

vezes em sua mãe. Em sua fala, notamos que intensidade e as sequências do bater medem o grau de afetividade. Ela conta que sua relação com seu ex-marido é instável, pois ele, segundo Fortuna, não mantém suas responsabilidades como pai, utilizando, muitas vezes, os recursos financeiros como barganha. Mesmo separada de seu ex-marido, Fortuna ainda recebe ameaças de morte vindas dele.

*O meu pai e minha mãe eles brigava muito, mas meu pai era um homem bom, ele só batia às vezes na minha mãe. Eles brigava assim e às vezes ele ficava com raiva e batia, mas meu pai dizia não quero brigar, aí meu pai saía ou então a minha mãe saía e deixava, um dos dois saía e o outro ficava falando sozinho. Hoje minha relação com meu ex-marido é aquela coisa assim né, às vezes ele quer mandar, às vezes ele manda as coisas dos meninos e às vezes ele diz que não vai mandar. Aí ele não aceita, ele diz que vai tomar os meninos ele não aceita ainda. Essa semana mesmo ele disse que só ia mandar a pensão, o dinheiro dos meninos se eu voltasse e eu disse que não queria mais e que ele podia ficar com o dinheiro do menino. Aí eu disse que não queria mais porque, João eu não quero mais, eu não gosto mais dele e não adianta mais e ele já teve com outra mulher, mas ele não me deixa em paz, às vezes ele diz que vai passar o carro por cima de mim e que vai me matar. Eu fico com medo que ele tome meus filhos né, eu fico com medo, mas ao mesmo tempo eu não fico porque eu acho que ele não tem coragem. Ele não tem coragem de fazer isso porque ele sabe que é minha família, entendeu? Ele sabe quem são meus primos. Mas, não é por isso que ele fez comigo, igual eu disse pra minha avó: o que ele fizer comigo deixa vó que a recompensa não vem da gente da terra, vem de Deus! Ele liga pra minha avó e disse que ia me matar, tipo fazendo ameaça e agora nós tamos a cem metro de distância. Ele tá a cem metro de distância de mim. Aí ele disse que eu era piranguera, que eu era uma safada e eu merecia era morrer.*

Fortuna reflete sobre seus arrependimentos e destaca que o maior deles é o fato de o pai de seus filhos ter sido seu ex-marido. Ela afirma que foi o papel de ser mãe que modificou sua vida. Para ela, ser mãe a transformou e criou outras perspectivas. Porém, ela faz uma diferenciação entre seus dois filhos, pois afirma que seu filho homem é diferente de sua filha mulher, precisando de mais atenção. Vale ressaltar que Fortuna não fala na categoria homem e mulher, mas, sim, macho e fêmea, e por ele ser macho é naturalmente mais agressivo. Novamente, percebemos o processo estrutural em formação. Para ela, em virtude dessa agressividade inata, seu filho tende a bater mais, e ela acredita que isso pode ter sido herdado do seu ex-marido.

*Quando eu olho pro meus filho, eu só me arrependo do pai que eu dei pro meus filho, mas meus filho é uma maravilha porque pelo meus filhos, se eu não tivesse meus filho eu acho que eu não seria nada. Eu acho que pelo meus filho todo mundo diz que eu mudei muito, pela menina eu já tinha mudado, mas não tanto como eu mudei agora pelo menino. Eu mudei muito porque um filho macho não é igual a uma filha fêmea. Porque qual a diferença porque um filho macho, ele precisa de mais atenção do que uma menina fêmea, ela precisa, mas ele precisa mais. Tipo assim, a minha menina ela é quieta, mas ele é daquele menino que se ela pegar um brinquedo ele já avança pra cima dela. Ele é aquele menino que ele não é calado ele avança pra cima. Agressivo. Ele é muito agressivo.*

*A diferença dele pra ela ele precisa de mais atenção, entendeu? Porque se eu disser um Não ele me bate. Eu digo Não, aí eu seguro a mão dele, você não pode bater, aí ele vai e taca a mão na minha cara de novo, aí eu dou duas mãozada na mão dele e digo que não pode. Aí ele quer tipo debater comigo, ficar me batendo. Porque ele é macho, machismo do homem e já .... incrível.*

*Aí eu digo que isso daí puxou mais pro lado do pai dele, entendeu? Então, ele precisa de mais atenção do que ela e até porque ela tem mais atenção assim. Ele tem atenção da minha mãe e tudo, do meu irmão e tudo, mas a minha filha eles dão mais atenção a minha filha, eu sei que eles gosta do meu filho, mas eles dão mais atenção a menina. Então, ele tá precisando de mais apoio, ele não pode ver um homem que ele já chega logo entrando entre as perna tipo ele precisa de um pai.*

Fortuna afirma que seus filhos lhe dão força para continuar a viver, mesmo com tantos obstáculos vivenciados, e destaca a importância das intervenções fomentadas pela pesquisa. O ato de narrar e a convivência com as outras mulheres participantes proporcionou que Fortuna pudesse novamente pensar com possibilidade de futuro. Para ela, foi nesse convívio que novamente obteve a vontade de continuar a viver e criar seus filhos, foi nessa convivência e nas opções de cursos profissionalizantes ofertados para essas mulheres que encontrou possibilidades de soluções para superar a necessidade financeira. Ela faz grande destaque para a importância do IPREDE, que representa, simbolicamente, o surgimento de redescoberta de força, muito em decorrência das referências representativas a que ela tem acesso na instituição. Tal fato nos faz refletir sobre a construção e importância de representatividade.

*Meus filhos me dão força demais. Dão porque João tinha semanas antes atrás, antes da gente começar essas reunião eu já tava aqui. João eu ficava dentro de casa, chegava dentro de casa*

*não dava vontade de viver e tinha dia que minha vida não tinha acabado, mas tava perto de acabar e tinha hora que eu tinha vontade de sumir, de dar o meu filho porque pra mim eu não consigo criar ele, não ia conseguir criar ele, tem hora que às vez a gente acha assim que não vai conseguir nada na vida. Aí depois que começou os curso, aí eu comecei a vender os cachorro, aí a minha geladeira quebrou e agora funcionou de novo porque era só o fio que tava fora da geladeira.*

*O Iprede eu me senti muito segura no Iprede, me deu muita força, eu virei uma nova mulher. Porque a gente se baseia nas coisa que a gente vê, então aqui dentro tem gente muito forte que a gente vai tirando por cada um e a gente também tem que ter aquela força igual as amiga.*

Fortuna também relembra as motivações das violências físicas do seu ex-marido, e destaca que o uso do álcool era um disparador, porém ele não exercia agressão física apenas por esse motivo, pois, segundo suas reflexões, em diversos momentos ele a agrediu apenas por exercer seu poder sobre ela. Fortuna relatou que contou para sua filha que as agressões foram um dos motivos de sua separação, e mesmo com tantas mazelas ela também sente um pesar e reconhecimento por sua separação.

*A minha filha adoeceu logo quando eu me separei do meu marido. A minha filha adoeceu aí eu pegava e dizia que o papai foi ali, explicava a ela e eu cheguei até a dizer João, teve uma vez que eu cheguei até a dizer olha, a mamãe não veve com o seu pai porque seu pai batia na mamãe, e eu dizia sabe João, ele bebia e às vez queria me bater.*

*Ele não me batia só porque bebia não, às vez é porque eu tinha ido na minha mãe que ele não queria, ele dizia se eu fosse na minha mãe era motivo deu trair ele. Aí isso tudo cansa, ele só queria chegar e eu tá dentro de casa, tudo cansa. Mas assim, que ele me ajudou muito né, ele me ajudou. Teve coisa que ele me deu força, mas mesmo assim não chegou ao ponto do que ele fez comigo pro resto da vida.*

O papel e a simbologia dos filhos representam uma esperança na mudança estrutural de sua própria vida e na construção de um novo futuro. Para ela, a educação de seus filhos é o elemento central para conseguir realizar essa grande mudança, e por causa deles é que ela continua a sonhar com dias melhores. Ela afirmou que a lembrança do seu ex-marido só lhe causa tristeza, e são os seus filhos o elemento principal para continuar a caminhar.

*Eu imagino que quando meus filho crescer eles vão estudar, vão terminar os estudos e vão trabalhar honestamente e que daqui pro meu futuro eu vou ter a minha loja de confecção.*

*Eu guardo muito rancor do meu marido e se eu pudesse eu fazia uma coisa com ele, se não fosse pelos meus filho João, não vou mentir se não fosse pelo meus filho ele não tava mais vivo, não tava. Tem hora que eu acredito assim as coisa que ele fala pra minha avó que às vez vai passar o carro por cima de mim e essas coisa assim e tem hora que eu sinto vontade de fazer uma besteira com ele, eu mesmo ir fazer uma besteira com ele antes que ele faça comigo.*

Fortuna, ao refletir sobre a sua trajetória, fala que sente falta de partilhar com uma pessoa, não propriamente de uma forma amorosa, mas, sim, partilhar em termos de afeto. Ela sente a necessidade de ser ouvida, de conversar e de sentir que suas vivências e seus pensamentos importam para outra pessoa. Ela argumenta que todos esses episódios fizeram dela uma pessoa muito dura e desconfiada, fazendo com que ela não acreditasse mais no outro, e relata o episódio com sua amiga que também traiu sua confiança e de como todos esses eventos aumentaram sua agressividade perante os fatos da vida.

*O que eu sinto mais falta é de uma pessoa pra conversar, de uma pessoa pra conversar que às vezes a gente precisa desabafar e não ter com quem porque hoje em dia João a gente não deve tá se confiando em qualquer pessoa, porque o mundo tá tão assim que a gente não sabe quem é quem. Igual tá aí o a experiência da menina que eu disse que botei ela dentro da minha casa, eu tive uma experiência com ela que eu não boto mais ninguém. Nos primeiro dia foi ótimo, foi uma ótima pessoa, agora ela tá mostrando quem ela realmente é. Porque ela tá dizendo que eu tava fazendo ela de empregada sendo mentira, dizendo que não comia, que eu não deixava ela comer comida dentro da minha casa, aí que eu tava usando as roupa dela e tá uma conversa medonha. Aí hoje ela disse que ia lá e eu vou dar uma pisa nela. Eu não ia nem vim João, quando ela ligou pra mim dizendo Fortuna eu vou aí buscar minhas roupa, e quando eu fiquei sabendo da conversa na Messejana mesmo não, eu não vou e que eu tava até com a minha irmã, eu não vou, vou pra casa. E já fiquei logo toda me tremendo porque João eu vou não mentir eu não sei conversar, eu não sei. Aí aqui eu to me aliviando mais, to esquecendo mais, to querendo pra chegar lá esquentar os couro.*

*É. Aí eu to toda me tremendo ainda porque eu não sei conversar, não vou mentir eu não sei, aí ela falando isso só que da comida é mentira porque eu vou eu comendo e tu olhando não, jamais. E é tudo mentira e agora ela tá demonstrando quem ela é.*

*João assim eu não fiz nem tanto por ela eu fiz pela filha dela. João ela usava massa e eu tentava fazer de tudo pra não faltar nem massa nem pra minha filha e nem pro filho dela porque é uma criança inocente e que o pai da bichinha dela tá preso. Por roubo e ela não veve mais com ele*



fortaleza emocional, bem como sua separação de seu marido. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, é descrita sua vontade de ter seu próprio negócio e sustento próprio e sua liberdade perante a figura masculina. Apesar de uma trajetória de sofrimento e resiliência, Fortuna mantém suas nuvens de sonhos vivas. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de Fortuna.

**Figura 01** - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Fortuna.



Fonte: Elaborado pelo autor.

## 4.2 A Deusa Oxum: Drible os obstáculos no ritmo das ondas do mar

### Aquela que dança o ritmo das correntezas do rio do amor e da dor.

*“Quando eu tive o meu primeiro filho eu apanhava muito do meu marido e aí foi que eu vi o que era a droga, pra mim esquecer dos problemas o meu amigo me deu pra mim usar e eu comecei a usar droga, para esquecer que apanhava.”*

*“Fico com medo dos meus filhos sempre ficarem como os outros homens, fico com medo deles me baterem.”*



Oxum é uma mulher e mãe de dois meninos, ela tem uma estatura baixa e pele bronzeada do sol, pois mora em uma comunidade que fica no Titanzinho, localidade da costa da cidade de Fortaleza. Apesar do olhar triste, do modo silicioso de ter poucas palavras, Oxum também é dotada de grande alegria e fala com empolgação sobre como gosta de dançar de olhos fechados ouvindo reggae. Em todo o decorrer das intervenções da pesquisa, ela sempre se emocionou ouvindo os relatos das outras participantes, pois fazia-a relembrar da sua própria história. Quando conheci Oxum, sempre me intrigava o fato de ela nunca conseguir olhar frontalmente, estando sempre com seu olhar voltado para baixo, mas, no decorrer das intervenções, o direcionamento do seu olhar mudou, começando a mirar os indivíduos e as coisas de frente. Essa simbologia do olhar demonstra um sinal de fortalecimento. No decorrer do CRB, na realização da atividade da oficina do autorretrato, me chamou a atenção a dedicação e o cuidado para com seu desenho e customização, pois essa atividade, muitas vezes, simboliza como o indivíduo se enxerga ou almeja ser. O desenho de Oxum foi cheio de detalhes, cores e flores, talvez sejam essas cores o seu refúgio para a dor e a resiliência de sua própria história.

No momento de narrar sua história, Oxum precisou da fortaleza das outras participantes para conseguir falar sobre seus acontecimentos. Com muita emoção e temor, ela começou a declamação de sua narrativa e, logo de início, falou que iria contar sobre seu passado e, ao falar, que com dezoito anos se tornou mãe, foi tomada por grande emoção, pois nesse período que ela afirmou que sofria muita violência física de seu marido, e por isso começou seu consumo de drogas, como uma forma de sair desse contexto. As drogas foram apresentadas para Oxum por meio de um amigo. Em toda a narrativa dela, percebemos que a figura masculina

sempre é retratada como um mensageiro ou um agente de dor. Foi nessa época que ela iniciou as tentativas de suicídio, e em uma delas foi resgatada por sua própria irmã.

*Eu vou falar do meu passado. Com dezoito anos eu virei mãe e tive o meu primeiro filho (choro). Quando eu tive o meu primeiro filho eu apanhava muito do meu marido e aí foi que eu vi o que era as droga, pra mim esquecer dos problema o meu amigo me deu pra mim usar e eu comecei a usar droga, para esquecer que apanhava. Eu tentei me matar, ainda me cortei no braço, tentei me matar outras vezes, já quis me enforcar porque eu apanhava muito dele e não sabia mais o que fazer. Já tentei botar a corda no pescoço e a minha irmã mais velha pegou e depois quis me matar de novo.*

Ao narrar sua história, Oxum falava com muita emoção, porém seus acontecimentos de vida são permeados de muita dor. Tais acontecimentos, por sua narração, parecem acontecer de forma sequencial, impossibilitando que ela reflita sobre grande parte desses acontecimentos. Ela relatou sobre quando teve seu segundo filho e teve uma briga muito séria com seu marido, e ele, potencializado pelo efeito do álcool, exerceu, de forma muito intensa, violência física sobre Oxum, fazendo com que ela perdesse seus dentes frontais. Até esse momento, Oxum não reagia às agressões físicas, parecendo que estava subjugada a essa situação, porém seu marido tentou agredir seu filho, e nesse momento ela tentou revidar a agressão. O papel do seu filho assume grande importância, ele representa mudança e responsabilidade, por isso ela tem grande proteção por ele, e foi nesse ato de seu marido agredir seu filho que Oxum se separou dele, porém seu marido a agrediu como um ato de despedida nesse término.

*E aí quando eu tive o meu segundo filho nós tivemos uma briga feia porque ele chegou muito bebo em casa e deu muito em mim, eu apanhei muito nesse dia, fiquei até sem alguns dente na boca, aí ele queria dar porrada no meu filho, ele começou a bater no meu filho que tinha dois mês de nascido, aí eu peguei uma faca e eu furei ele porque ele deu no meu filho. Aí foi que nós se separou, mas antes de sai ele me bateu.*

Após o término da relação com seu marido, Oxum narrou que consumia muita droga, pois já estava dependente da sensação de fuga de sua realidade. Ela ressalta a influência de seu amigo nesse consumo. Ela coloca que se prostituiu para perpetuar tal consumo e que sofria agressões físicas tanto de quem comercializava seu corpo quanto de quem o comprava. Violência física perpassa a narrativa de Oxum como um personagem, como um elemento de transição ou um ritual de dominação. Muitas de suas falas me faziam remeter ao conceito da

Microfísica do Poder de Foucault ou até mesmo da força simbólica, pois esse ato de agressão, apesar de seu poder nefasto fisicamente, também contém um poder simbólico silencioso de destruição moral imensurável.

*E aí já usei droga né por causa do meu amigo e não consegui mais sair da droga. Já apanhei de vagabundo e já me prostitui por droga, já apanhei de gente por dinheiro, e quem vinha fazer programa comigo me batia também, até mesmo na cama já recebi muita porrada. Teve uma vez que o cara que me vendia até entrou no quarto para afastar o cara, ele tava me batendo muito e aí ia me deixar feia.*

Oxum relatou que a figura de seu pai foi um personagem causador de grande sofrimento, pois ela e sua irmã sofriam inúmeras agressões físicas, e ela, em sua narrativa, confessa que ela e sua irmã sofreram abuso sexual do próprio pai. Diante disso, para ela, a única saída era a morte dele, por isso, as duas já tentaram cometer tal ato, porém não obtiveram sucesso. Para fugir desse contexto, ela saiu de casa, em virtude de seu relacionamento com seu marido. A figura de seu ex-marido representava, nesse momento, a única forma de ela sair desse contexto. Ela não se relacionou com ele por afeto, mas, sim, pelo fato de esse relacionamento ser uma forma de sair desse cenário junto ao seu pai. A própria vinda de seu filho consolida essa saída de casa e a busca por uma nova vida.

*Meu pai me batia muito, em mim e na minha irmã, tudo ele me batia, mas o pior mesmo era quando ele vinha no nosso quarto de noite... (choro) ele pegava na gente João sabe... eu não sabia o que fazer, eu só chorava. Eu não queria morar mais ali. Eu e minha irmã tentamo matar ele enforcado, mas não deu certo e ele bateu na gente. Com dezoito ano eu fugi de casa, eu e ela fugia era muito de casa aí pra poder sair logo dali eu namorava muito com o pai do meu filho e pra sair de lá né e teve que se juntar né, mas eu não queria isso, foi o único jeito foi se juntar cedo e quando pegou menino de lá pra cá era só apanhando do homem, sofrimento mesmo.*

No momento em que estava contando suas histórias, Oxum refletiu sobre sua própria trajetória junto às figuras masculinas que cruzaram seu caminho. Ela afirmou que já sofreu agressão física de todos eles. Na maior parte de sua vida, ela vivenciou sempre múltiplas agressões, fossem físicas ou simbólicas, fazendo com que ela acreditasse que sua vida seria sempre dessa forma. Apesar de Oxum acreditar que as agressões são pertencentes à sua vida, ela nunca se sentiu confortável com esse cenário, porém não sabia como sair desse contexto,

por isso tentou tirar a própria vida, e foi por seus filhos que não concluiu seu ato de suicídio. Porém, apesar do elo que ela sente por seus filhos, seu maior medo é que eles futuramente batam nela, como os outros homens já fizeram.

*Os homens em minha vida só me bateram, meu pai me bateu, meu marido me bateu, meu amigo me bateu. Eu queria muito morrer, mas ficava pensando em meus filhos. Eu pensava que minha vida tinha que ser sempre assim apanhar, apanhar, passar fome e apanhar. Fico com medo dos meus filhos sempre ficarem como os outros homens, fico com medo deles me baterem.*

Foi no seu encontro junto ao IPREDE que Oxum descobriu novas possibilidades para sua vida. Ela destaca que foi uma amiga que lhe apresentou a instituição, e desde o começo se sentiu acolhida, como nunca havia sido em sua vida. No IPREDE, ela afirma que se sentiu amada e aprendeu a se amar, a instituição se tornou sua família, pois agora ela tinha pessoas em quem ela poderia confiar e aconselhar. Nesse período, ela conheceu o projeto de costura, em que reacendeu seu grande sonho de se tornar costureira. Para Oxum, não era apenas uma questão de criar e costurar roupas, mas de voltar a sonhar e a realizar seus sonhos. Foi por meio dessas novas vivências que Oxum recuperou a força para novamente lutar por seus sonhos. Fico fascinado com a história de Oxum, que, apesar de ter sido forjada na violência, também tem em sua fórmula de construção a força e a resiliência dos sobreviventes.

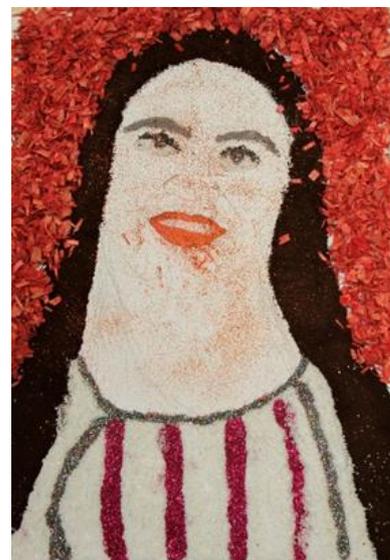
*Quando eu cheguei aqui no Iprede foi por causa de uma amiga minha mostrou o que era Iprede, então eu vim mais ela. Aí eu vim pra cá e conheci muita oportunidade né o curso que era o meu maior sonho ser costureira e .....e hoje eu agradeço muito a Deus o Iprede por me aceitar e acolher eu aqui. Aqui é a minha segunda família e assim eu vou vivendo. Vou ter meu sonho se Deus quiser trabalhar na confecção, aqui eu costuro mais que roupa, costuro novos sonhos. Eu agradeço ao Iprede porque eu tenho muita oportunidade, agradeço a Bia e o João que me acolheu muito na hora que eu precisei e pronto. Aqui eu aprendi a me amar, a não aceitar apanhar. Estou aprendendo a me amar aqui, a lutar pelos meus sonhos.*



### 4.3 A Deusa Freyja: Reconheça o poder da beleza

**Aquela que ressignifica a dor em beleza.**

*“A gente se bate e tudo mais. Ele já me bateu muito, já até joguei um tijolo na cabeça dele para me proteger. Não amo ele, mas é o que tenho na vida. Tinha o sonho de tudo melhorar.”*



Freyja é uma das mais jovens participantes, tendo vinte anos e sendo mãe de dois filhos. Ela é uma mulher morena de cabelos negros, vaidosa, sempre com o uso de maquiagem destacando bem seus olhos, tem um sorriso aberto e uma gargalhada contagiante, mas também tem momentos de grande melancolia e esperança. No começo das intervenções do CRB, ela sempre foi muito sarcástica com as demais participantes, acredito que uma forma de proteção. Com o passar de cada encontro, ela e as demais mulheres criaram uma forte conexão, sendo vista por algumas delas como uma filha. Freyja ainda guarda aquele sorriso da alegria jovial, mas também tem a dureza de uma vida já difícil e resiliente. Ao narrar sua história, ela conta que sua infância foi boa, que sua mãe fora uma garota de programa que se relacionou com estrangeiros para poder dar melhores condições para ela. Foi aos quatorze anos que sua vida se modificou, pois conheceu seu primeiro ex-marido, e logo no início do relacionamento engravidou de seu primeiro filho, uma menina. Ela relata que seu antigo marido não a abandonou, porém tinha raiva dele, pois o culpava de ter engravidado e da situação que estava vivendo. Sua filha nasceu prematura e por isso teve que ser hospitalizada, esse período para ela foi muito difícil, pois se viu muito sozinha.

*Quando eu era criança tinha uma vida muito boa porque minha mãe tinha condição né, tinha condição assim porque ela tinha os marido gringo, ela fazia programa, aí nós tinha tudo do bom. Aí eu conheci o pai da minha filha né tinha treze ano, aí com quatorze ano eu me perdi né aí engravidei com quatorze ano, aí tive com quinze aí quando as coisa começou a ficar meia ruim né, mas aí... não me abandonou nem nada e continuei em casa assim e só tinha raiva né,*

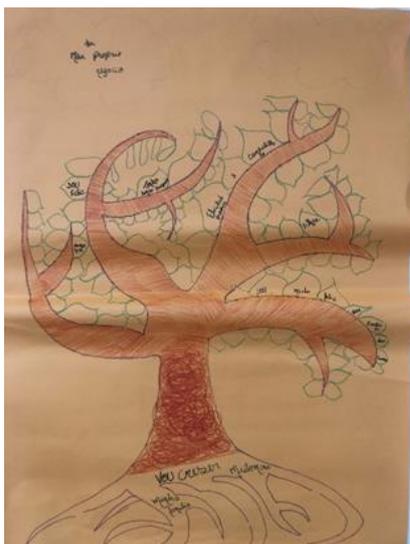
*tinha raiva dele. Aí eu vivia com o pai dela, mas era ele na casa dele e ela na minha casa né. Aí quando ela nasceu de sete mês que eu só comia nissin, pastel né aí não tinha como engordar aí nasceu de sete mês, aí ela nasceu só com um quilo e dez grama, aí ficou no hospital um mês e vinte e seis dia e eu ia pro hospital todo dia de manhã né. Eu era pra chegar no hospital oito hora e eu pegava o primeiro ônibus e chegava lá acho que umas cinco e pouco né, aí eu ficava lá na porta do hospital e quando era pra sair do Hospital São José seis hora eu só saía nove hora o segurança me levando pra fora – você tem que sair. Não, não vou sair não, espera só um pouquinho e ficava embromando até a hora do hospital quase fechar e eu não queria sair. Todo dia eu tinha que ir embora com o segurança me levando né pra casa.*

Freyja relata que, em 2016, se separou do seu primeiro marido e logo após conheceu o pai do seu segundo filho, que viria a se tornar seu segundo marido, com quem estava até então. Ela relata que atualmente passa por muito carência financeira, e seu relacionamento e do seu marido é muito difícil, visto que ele já bateu muito nela, e, em um determinado episódio, ela teve que se proteger com um tijolo. Freyja afirma que não ama seu marido, porém nesse momento de sua vida é tudo que ela tem. Com muita emoção, ela compartilhou com os demais que sonhava em tudo melhorar, nesses momentos parecia que aquele sorriso vivo e cheio de energia era tomado por uma tristeza profunda, como se a esperança fosse sendo destruída pela própria realidade.

*Aí quando foi agora em dois mil e dezesseis eu deixei o pai dela aí eu conheci o pai do meu filho, aí to com ele já vai fazer três ano. Meu filho vai fazer dois agora nesse final do mês, e não levo uma vida muito boa não, mas é o que tem né (choro). A vida é muito difícil, a gente passa muita necessidade. E hoje minha relação com meu marido é muito difícil porque nós briga muito. A gente briga por ciúme. A gente se bate e tudo mais. Ele já me bateu muito, já até joguei um tijolo na cabeça dele para me proteger. Não amo ele, mas é o que tenho na vida. Tinha o sonho de tudo melhorar.*

No mesmo nível de emoção, Freyja declara que foi no grupo do CRB e no projeto Vai Maria que encontrou motivos para sonhar, que agora ela está construindo algo, pois antes vivia um dia após o outro, como se sua vida não lhe pertencesse. Ela agora sonha em ter seu próprio negócio e não gostaria mais de apanhar, e fala, com novamente um sorriso no rosto e olhos brilhando de esperança, como uma criança pronta para ver o mundo, que gostaria de ser dona de sua própria vida.

*Na verdade na verdade mesmo eu não tinha sonho não até agora começar esse projeto, porque eu nunca tinha feito nada na vida, só vivia o dia. Aí to construindo né agora nessa costura e eu quero ir pra frente nesse ramo aí de costurar, primeiro trabalhar que ninguém começa já sendo dono né, primeiro é trabalhar pra aprender bem muito pra depois eu poder ser um dono né e não precisar mais aguentar nenhum homem me ferir. E vamo começar aí agora né apesar dos apesares. É assim e pronto.*



Ao realizar atividade da metáfora da árvore (imagem acima), Freyja escreve como as raízes fundantes de sua trajetória seus filhos, sua família e sua mãe; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca o IPREDE, o Projeto Vai Maria, João e Bia e o seu casamento. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica sua aquisição de uma maior paciência com as coisas da vida, o aprendizado em costura, sua superação da fome. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, é descrita sua vontade de trabalhar com corte e costura e proporcionar uma vida boa para seus filhos. Freyja contém dentro de si a vibração e impulsividade da juventude, mas também tem a melancolia do passar do tempo. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de Freyja.



Pajau Yan é uma jovem mulher de 23 anos, de pele morena e cabelos negros e lisos, sorridente e com gestos fortes e levezas nas mãos. Em todos os encontros, seja nas rodas do CRB ou mesmo nas conversas informais, ela sempre encontrava no humor uma forma de se distanciar da tristeza. Sempre se mostrou a mais empolgada para os encontros, como se aqueles momentos fossem únicos e uma forma de esquecer a responsabilidade que habita fora dos muros daquela sala onde se partilha a história de todas as participantes. No início de sua narrativa, ela relata que sua infância foi muito boa, porém, aos quinze anos, quando começou a se relacionar com seu primeiro marido, já teve, bem no início da relação, seu primeiro filho, uma menina. Ela relata que essa fase inicial era feliz, apesar de sempre brigar, seu casamento era feliz, e os dois nutriam afeto um pelo outro, mas brigavam muito, e em um determinado momento houve uma separação, porém novamente regressaram à relação, mantendo as brigas e as agressões, porém, segundo Pajau Yan, agora eles não se gostam mais. Tal relato me faz refletir que as agressões, quando havia afeto, eram internalizadas e naturalizadas; agora, sem a existência do afeto, tais agressões não assumem o mesmo papel.

*Não tenho o que falar da minha infância né. Quando eu me ajuntei me ajuntei com quinze muito nova, mas eu queria. Então, tive uma filha né e hoje ela tá com sete ano e foi bom né. Quando eu tinha só minha filha foi ótimo, eu só vivia brigando e se batendo, mas porque era nova. Mas, eu curti, terminei com meu marido e depois voltei de novo e a gente continua se batendo, mas foi ótimo. Eu e ele se gostava, mas hoje em dia nós não se gosta mais. Aí agora eu to com ele né ainda e eu só vivo brigando e se batendo, mas porque ele já me traiu, não, eu traí ele né não fui fiel e depois ele achou culpado sei lá aí foi e me traiu também, aí pronto acabou o amor de nós dois e por isso que hoje só veve brigando e se batendo.*

Apesar de não se sentir mais confortável com seu relacionamento, ela afirmou que não consegue se separar de seu marido, pelo fato de que isso pode prejudicar seus filhos, além de achar que isso é o que a vida pode lhe oferecer. Porém, pelo fato de o relacionamento com seu marido não ter mais a representatividade afetiva de outrora, se seu marido a abandonasse, ela veria com outros olhos essa atitude, mas se sentiria fracassando perante seu filhos. Pajau Yan enaltece a importância do IPREDE em sua vida, dando outras possibilidades de ver sua própria trajetória, além de ter a possibilidade de ter uma profissão e escolher o que quer para seu próprio futuro.

*Eu não tenho coragem de terminar com ele né por causa do meus filhos, aí toda vida eu choro por causa disso também, mas eu já acho que já curei a minhas dores de tanto eu chorar, chorar*

*e pedir a Deus, e eu disse se ele for pra ele ir embora ele vai porque eu não to mais nem aí, mas fico triste de decepcionar meus filhos e minha família. Aí também né eu conheci o Iprede e foi muito bom porque eu não tinha uma profissão fixa e tinha muita vontade de costurar e através do Iprede eu consegui e hoje eu sei muito bem costurar e eu to amando.*

Ao lembrar de sua infância, ela afirma que foi um período bom do qual se recorda, em que sua mãe sempre esteve presente, a figura de sua mãe é uma presença muito forte em sua trajetória. Ela conta que seus pais se separaram muito cedo e seu pai agredia sua mãe, mas ela não entendia como algo não aceitável. Porém, ela destaca a marca dos quatorze anos, pois foi a idade em que ela conheceu e se relacionou com seu marido e, logo em seguida, teve sua filha, marco este de transição em sua vida.

*Eu antes de ser mãe era muito bom, não tenho o que falar sabe a minha infância foi ótima. Minha mãe uma ótima pessoa, meu pai separou da minha mãe, ele batia na minha mãe, aquelas coisa de casamento e são separados né, mas eu não tenho o que falar da minha infância porque foi ótimo. Eu tive infância também, brincava muito de corda e não tinha esse negócio de namoro e eu fui namorar o quê quando meu pai foi embora né, quatorze ano, quinze eu engravidei porque eu quis mesmo, porque minha mãe não deixava eu sair, nove eu tinha que tá em casa e se eu não tivesse em casa minha mãe ia me buscar era regra mesmo lá de casa. Minha infância foi boa, foi ótima e só depois que eu me ajuntei né que quando você se ajunta as coisa fica mais complicadas, mas da minha relação com a minha infância foi ótima e por isso que eu não tenho muito o que falar da minha infância, eu tenho mais o que falar da minha vida atual do que da minha infância.*

Ela ressalta que, quando tinha só sua filha, apesar dos momentos em que ela e o marido se batiam, era uma vida muito melhor. O momento do nascimento de seus filhos gêmeos representa para Pajau Yan a chegada de uma vida de mais sofrimento, mas também reconhece que esta mudança proporcionou sua própria proteção contra outras mazelas. Seu relacionamento com seu marido também piorou, pois um caso dele de adultério com a vizinha e a intensificação dos episódios de agressão provocaram um distanciamento em sua relação. Pajau Yan enaltece a fala de sua mãe de que a vinda dos gêmeos proporcionou sua própria salvação e a separação de seu marido seria um erro, pois, segundo ela, apesar das questões adversas de violência, ele ajuda nas despesas de casa.

*Quando eu tinha só a minhas filha eu vivia no paraíso praticamente né porque eu saía e era só uma né, e quando veio os outros dois aí pronto. Na sala de parto eu falava muito né que eu ia abortar eles, mas minha mãe falou e todo mundo falou não, você não vai abortar você vai ficar porque se Deus mandou é pra você melhorar a sua vida, e é mesmo. Minha mãe fica sempre batendo na mesma tecla: se tu não tivesse o teus filhos eu não sei se tu era uma drogueira, se tu era uma pessoa que, né que hoje eu não tava aqui, não tava do jeito que eu estou. Hoje eu sei costurar, hoje eu sou uma mãe de família com meus defeito, mas sou né. Por isso que ela fala muito que se Deus mandou os menino foi porque ele tem algum objetivo na minha vida. Eu ter gêmeos mudaram muita coisa. Aí na sala de cirurgia eu falei pra mim e pra Deus mesmo que eu ia mudar e mudei, que hoje eu me vejo outra pessoa, mas o casamento piorou como ele me traiu logo com a minha vizinha aí pronto tudo desandou eu fiquei revoltada porque sim eu traí ele, eu digo te traí, mas não foi em cima de casa foi longe e ele era pra ter feito a mesma coisa traiu foi longe e eu não sei quem é a pessoa né, a gente começou a se bater bem mais. Minha mãe diz que eu não sei o que é ficar sozinha dentro de uma casa, porque querendo ou não ele me ajuda, ele dá o mingau, ele dá banho e outra pessoa não vai fazer igual que ele faz né, por isso é complicado, mas to levando, é o que tem.*

Com muita emoção, Pajau Yan relata um episódio em que seu marido lhe agrediu enquanto estava grávida, período este em que se sentiu muito solitária, pois seu marido consumia muita bebida alcoólica, potencializando as brigas entre eles. Ela afirma que só permanece com ele, pois não quer deixar seus filhos desamparados e nem passar pelo que sua mãe passou, já que, segundo ela, pelo fato de sua mãe ter criado seus filhos sozinha, eles ficaram mais suscetíveis ao ingresso no mundo das drogas e do crime. Pajau Yan coloca a importância da figura masculina relacionada à força no impedimento de determinadas ações.

*Ele teve de me bater uma vez quando eu tava grávida que foi porque ele tava bebo e eu impliquei mesmo. Na minha gravidez também ele me deixou muito e por isso que hoje eu não sinto mais nada por ele porque na minha gravidez ele me deixou muito só, ele vivia mais em trabalho, vinha pro trabalho e do trabalho pra praça, bebia muito e chegava em casa bebo e hoje eu não sinto mais nada por ele. Se eu arranjasse uma pessoa assim melhor do que ele eu deixava ele por outra pessoa porque eu não sinto mais nada por ele. Hoje eu só vivo com ele como eu falo pra ele né, eu falo pra ele e não sei se ele se sente mal, mas eu falo. Eu só vivo com ele por causa do meus filho porque o que a minha mãe passa eu não quero passar. Porque minha mãe, eu não sou de droga, mas a minha irmã se envolveu, o meu irmão tá no mundo das*

*droga a gente conversa e ele não quer sair, e se tivesse um pai lá pra dizer você não vai, você vai ficar em casa né trancado e tudo. Minha mãe não, minha mãe é mulher e ela não pode chegar pro meu irmão né, eu penso assim. Eu penso assim que se tivesse um homem pra botar a moral dentro de casa ele não tinha se envolvido né. Eu não me envolvi porque desde a minha adolescência que eu tenho a cabeça feita, eu faço a minhas besteira, mas questão de namoro e um tempo eu usei droga, usei, mas não foi pra mim aviciar foi pra mim experimentar. É como eu falei pro meus irmão eu usei, eu não falo que eu sou santa, eu não sou santa. No tempo que eu tava sem o nego, que eu tava sem trabalho eu pensei de me matar, passou muitas coisa pela minha cabeça, mas eu entreguei a Deus e comecei ir pra igreja e pedi forças a Deus, aí depois eu arranjei outro trabalho na Aldeota aí comecei a trabalhar, aí comecei fazer coisa errada de novo eu não tenho jeito, mas é só questão de namoro (risos).*

A família de Pajau Yan já enfrentou e ainda enfrenta diversas dificuldades, não apenas financeiras. Por estarem em constante contato com a criminalidade, alguns dos irmãos de Pajau Yan se envolveram com drogas, já sua irmã era envolvida com casos de roubo, mas atualmente segue sem cometer crimes. Atualmente, há um irmão que ajuda a mãe de Pajau Yan, porém tantos são os desafios e os episódios que exigem grande resiliência, que falta tempo para se criar uma consciência de todos os fatos. Pajau Yan destaca a capacidade de sua mãe suportar tudo.

*Os meus irmãos tem um que ajuda muito a minha mãe né, ele trabalha, o outro saiu de dentro de casa com dezesseis anos e arrumou um trabalho num frigorifico aí se ajuntou com um bocado de pessoas que não presta mesmo, aí tá numa casa e só veve com droga e o povo é direto ligando pra minha mãe dizendo que tem um bocado de pessoas lá e ela fica aflita porque ela não pode fazer nada. Ela pede pra ele voltar pra dentro de casa e ele diz que não vai voltar. Aí a minha mãe diz que ele já tem dezoito ano, ele sabe o que faz da vida dele e que se um dia ele for pra dentro da casa dela ela não vai né tirar ele porque conselhos ela dá e se não pega é porque não quer. E a minha irmã graças a Deus que teve um tempo que quando era de menor ela roubou muito, mas ela sempre também foi cabeça feita, mas por causa de amizade também ela roubava, mas graças a Deus quando ela completou os dezoito anos dela ela melhorou muito, ela não veve mais em droga, tá trabalhando. Teve um tempo que ela passou três mês sumida e nós pensava que tinha matado ela pro lado ali da praia aonde a menina mora e nós botamo no face e tudo e ninguém sabia dela, e minha mãe chorava, chorava e a gente angustiada e botava em face, botava em zap, botamo na televisão e nada dessa menina*

*encontrar. Ela sabendo que o povo vinha ela, mas não contava pra nós, aí quando foi um tempo que ela viu que ela tinha que sair da vida dela ela voltou pra dentro de casa. Aí ela arrumou emprego, ela é sapatão né, mas ela tá com a mulher dela e não separou, mas veve tranquila né agora não é mais droga e viu que não dava pra ela né porque essa vida não vai levar pra canto nenhum pra ninguém. Aí hoje ela veve muito bem, trabalha. Que a preocupação dela era a minha irmã e agora é o meu irmão né, aí por causa disso a minha mãe criou pressão alta né, tem dias que ela vai pro médico e tem dias que ela não vai porque quando vem uma notícia ruim que ela pensa que é do meu irmão ela fica querendo passar mal. Por isso que eu também não, se eu quero desabafar eu desabafo pra mim mesmo, eu choro porque é muito ruim pra uma pessoa que já tem problemas né como a minha mãe que já tem uma preocupação a mais também por causa do meu irmão. Que a minha irmã a gente ajudava ela né, meus dois irmão e eu ajudava ela, agora o meu irmão tá e nós três ajuda ela, fala.*

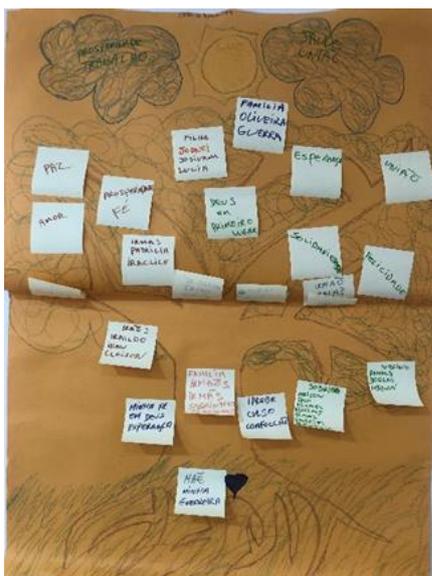
Ao refletir sobre sua trajetória, Pajau Yan afirma que hoje se tornou uma nova mulher com as coisas que já passou e com o próprio grupo feito em decorrência da pesquisa. Ela explana a importância da figura de sua mãe, que assume uma representatividade fundante para a vida de Pajau Yan, e ela se questiona como ficará no momento em que sua mãe não mais existir. Ela relembra a dificuldade que foi sua gravidez dos gêmeos e como sua mãe foi e ainda é crucial nesses momentos. Pajau Yan sonha em melhorar de vida e não ficar mais tão dependente da figura masculina.

*Hoje eu penso que eu sou uma mulher guerreira né pro que eu passei, por ter ficado com meus filhos muito tempo assim. Da minha filha quando eu engravidei né a minha filha teve gastrosquise aí eu fiquei muito doida e não queria mais engravidar né, só que eu soube na última ultrassom, aí eu não queria mais engravidar. Aí quando eu soube que tava grávida do meus gêmeos aí eu pronto, os meus filho vai vir com alguma doença né, que meu psicológico já tinha isso e também foi naquele tempo da zika aí pronto. Aí quando eles nasceram também eu não tive nada na gravidez, mas também quando eles nasceu ele teve cansaço aí passou uma semana na UTI, aí nós foi pra casa e tudo bem. Aí foi na hora que ele era pra ter me dado mais apoio e ele não me deu né, ele era pra ter me dado mais apoio e não me deu, mas também a minha mãe tava lá. Tudo é minha mãe né graças a Deus que ela pelo ao menos existe na minha vida, porque tem gente que não tem mãe né que ave maria acho que eu não sei. Minha mãe disse que não sabe o que vai ser de mim sem ela e eu também digo eu não sei o que eu vou ser, porque tudo é ela. Ontem meus filho tava sem fralda e ela comprou, ela é uma ótima mãe. E*

*hoje eu to uma guerreira porque eu ter passado por isso tudo e to erguida e só mais força, só mais um pouquinho pro meus filho completar pelo ao menos cinco ano pra mim acabar com essas coisas e começar a trabalhar e dar o que eles precisa e não depender de homem né. Porque a mulher hoje não precisa depender de homem.*

O elo entre Pajau Yan e sua mãe se constitui uma história de fases de dor e superação. Sobreviventes de um local com grande criminalidade, elas precisam se reinventar a cada ciclo que se encerra e se inicia. Para ela, tudo que elas conquistaram foi em decorrência de muita luta, mas, apesar das mudanças das fases, Pajau Yan ainda está à procura da fase da felicidade, mas acredita que está no caminho para encontrá-la.

*Teve um tempo que eu também já vendi verdura com a minha mãe e já passamo por muita coisa pra tá hoje aqui. Minha mãe tem um carro, minha mãe tem uma moto, mas porque ela é uma batalhadora e tudo isso nós contruímo junto. A gente já vendemo verdura com meus treze ano e foi de treze pra doze ano a gente vendemo verdura. Foi uma grande diversão porque ela ficou desempregada né e nós tinha que fazer alguma coisa, então o único jeito foi vender verdura, aí hoje ela tem o transporte dela e nosso né também que nós usa e a gente usa mais do que ela. Aí ela vende água que eu também ajudo, a minha queda foi relacionada a água (risos). Pois é, minha vida é isso, queria que fosse melhor, mas ninguém escolhe né, já passei por muita coisa e hoje estou aqui então quer dizer que até que está dando certo.*



narrativa de Pajau Yan.

Ao realizar atividade da metáfora da árvore, Pajau Yan escreve como as raízes fundantes de sua trajetória seus filhos, sua família e sua mãe; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca o IPREDE e os trabalhos que já realizou. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica o aprendizado em corte e costura e o grupo de mulheres da pesquisa. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, é exposta sua vontade de trabalhar e atingir sua independência, bem como proporcionar uma vida melhor para seus filhos. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da



impulsividade em suas atitudes, não refletindo sobre as consequências. Essas características são reflexo de uma trajetória de muita luta e superação, em que sua raiva está vinculada a suas próprias emoções passadas. No decorrer de todo o caminhar da pesquisa, Pele sempre demonstrou muita vontade de falar, porém, quando se remetia a algumas questões de seu passado, ela dizia que não gosta de lembrar de algumas memórias. Com o passar de cada encontro, ela se sentiu fortalecida para falar sobre sua trajetória. Já no início de sua narrativa, Pele enaltece a presença de mulheres de sua família em sua infância. Pele lembra de acontecimentos que causaram muitos traumas para ela, como o abuso sexual que sofrera de seu próprio tio, e sua mãe e sua família, mesmo após seu relato, não acreditaram na fala de Pele. Ela afirma que tal fato só foi descoberto, pois sua mãe visualizou o ato e notou que as partes íntimas de Pele estavam feridas. Pele conta que, uma vez, ela não sabe explicar, até tentou se defender, mesmo com pouca idade. A mãe de Pele ao descobrir ficou abalada, porém pediu a ela que jamais contasse sobre o ocorrido, ocasionando tristeza, pois Pele se sentia culpada e confusa com o que tinha acontecido. Segundo ela, foi nesse momento que ela começou a sentir muita raiva dos acontecimentos. Pele também ressalta sua felicidade com a morte do seu tio.

*Assim a minha infância né eu quando era pequena eu morava com a minha mãe e com a minha avó, aí morava a minhas tia e sempre nós tudo moramo junta que é minhas tia, minha avó e com a minha mãe. Só que quando eu era bebê eu tinha problema de cansaço né eu tinha problema e tipo assim, eu sou um milagre né porque hoje em dia a doença que eu tinha de cansaço e quando eu era pequena a minha tia me deu Berotec pra beber que ela não sabia e cheguei morta no hospital, roxa e não respirava mais.*

*Bem tem coisas que eu não gosto de falar sobre minha infância sabe. Eu fiquei bem traumatizada. Meu tio quando eu tinha 4 anos abusou de mim. É uma coisa que não gosto nem de lembrar, ele enfiava até garrafa em mim. Minha mãe não acreditava em mim, ela dizia que estava criando confusão. Ele era o filho preferido da minha avó e eu era vista como a confusenta. Minha mãe só acreditou em mim quando ela pegou a gente e viu minhas partes tava vermelha sabe, até sangrando por causa da garrafa. E nessa última vez eu furei ele. Eu me lembro que peguei o que tinha na minha frente e enfiei no braço dele. Eu me lembro que toda vez que a gente ficava sozinho na cozinha ele me encostava na parede para eu não sair e começava a pegar nas minhas partes. Eu ficava muito triste por ninguém acreditar em mim. Quando minha mãe descobriu ela ficou muito abalada, mas disse que eu não podia contar para ninguém. Eu sentia muita raiva dele e desde o dia que descobriram o que ele fazia ele ficou me*

*odiando muito. Depois de algum tempo mataram ele e Deus me perdoe eu fiquei até feliz, aquilo não era gente.*

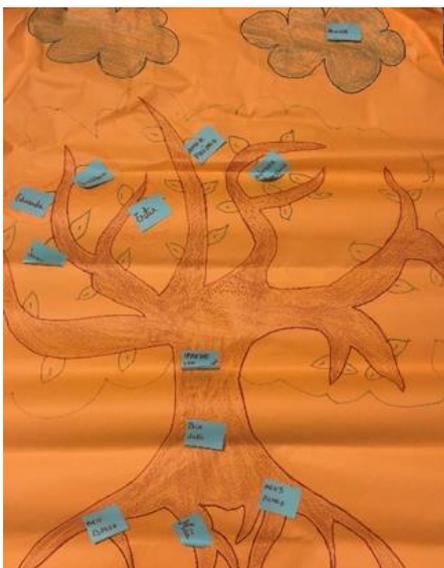
Apesar das dores de sua infância, Pele afirma que é agradecida por ter tido sua mãe e suas tias, que sempre estavam do lado dela, apesar de ela notar que sempre foi uma pessoa explosiva. Aos quinze anos, ela saiu de casa para morar com seu então namorado, foram dois anos de relacionamento até o término, quando voltou a morar com sua mãe. Logo em seguida, conheceu seu marido na prisão, indo visitá-lo em visitas íntimas, e engravidou, porém esse filho veio a falecer em decorrência da microcefalia. Pele diz que seu marido é uma boa pessoa, apesar de ser agressivo às vezes. Nesse argumento, podemos perceber que atos de agressividade ou elementos de violência simbólica são como um rito dentro dessa estrutura social da afirmação de papéis sociais. Após a perda do seu primeiro filho, seu marido entrou em depressão, tentando até suicídio, mas sem êxito. Nesse período, Pele afirma que ele ficou mais agressivo, porém também nesse período ela engravidou de outro filho, que nasceu saudável, e ela encara isso como um milagre divino. Como ele nasceu prematuro, possuía algumas fragilidades, ocasionando o motivo de Pele chegar até o IPREDE.

*Com quinze ano eu saí de casa né me ajuntei aí passei dois anos, aí voltei pra minha mãe passei morar com ela. Aí encontrei o meu marido. Eu conheci meu marido através de uma prima dele. Aí ele tava preso aí eu conversava com ele, aí eu comecei a visitar ele, aí com sete meses eu tive o meu filho que era especial, aí pronto até hoje eu to com ele. Agora aí vai fazer cinco ano que eu vivo com ele, ele é bom comigo, às vezes ele fica agressivo, mas coisa normal de homem. Tive um filho com ele e o meu primeiro filho nasceu especial, aí faleceu com três meses que ele nasceu com microcefalia. Aí quando foi com um mês que ele faleceu o pai dele, o meu esposo tava entrando em depressão queria se matar e ficou mais agressivo comigo e eu peguei e parei de tomar o remédio né, aí no outro mês eu engravidei aí Deus é tão maravilhoso que mandou outro menino idêntico, igual parece que tirei, mas vou te dar outro de volta, tipo assim né. Aí o meu filho com três meses, ele nasceu de sete meses, prematuro aí com três meses de vida como ele nasceu de pouco peso ele com quatro meses que já tinha nascido não tinha o peso ideal, aí com quase quatro meses acho que era, aí eu vim pra cá.*

Sua chegada ao IPREDE representa uma mudança simbólica de grande representatividade para Pele, pois, segundo ela, foi nessa instituição que conseguiu refletir mais sobre ela mesma e começou a vislumbrar possibilidades de futuro que outrora pareciam tão distantes de sua realidade. Ela destaca o projeto Vai Maria como um presente divino de

mudança e melhoria de vida. Pele destaca as dificuldades da vida, mas ressalta que agora se sente mais forte e esperançosa e também faz destaque para sua fé em ainda continuar a sonhar.

*Aí graças a Deus to aqui né e tendo oportunidades maravilhosas que nem toda vida a pessoa tem né essas oportunidade que é o curso Vai Maria e se Deus quiser a nossa confecção que nós já vamo fazer, e eu agradeço muito o Iprede né por todas oportunidade porque se não fosse o Iprede eu não sabia o que eu ia ser pra frente né. Aqui eu aprendi a me olhar mais, coisa que já há muito tempo não fazia. O grupo foi muito importante para mim, agora sou até mais paciente. Aí o que eu quero daqui pra frente eu quero ter mesmo o meu trabalho assim né, eu quero continuar na confecção e também ser uma microempendedora né. Tu acredita que eu já pensei em não vim mais, assim de procurar assim trabalho fixo né e eu vejo que não vale a pena porque tudo que eu quero aqui tem né. Que tipo o curso né e também eu sou colabora e graças a Deus me ajuda muito né. Sei que não vai ser fácil, mas nada é né. Agora é ter fé, a esperança e a fé né é a última que morre.*



Ao realizar a atividade da metáfora da árvore, Pele escreve como as raízes fundantes de sua trajetória Deus, seus filhos, sua mãe e suas tias; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca o IPREDE e as mulheres do grupo. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica seu aprendizado em corte e seu fortalecimento emocional. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, é exposta sua vontade de trabalhar em uma confecção e não depender mais de uma figura masculina, bem como proporcionar uma vida melhor para seus filhos e fundar seu próprio negócio. Abaixo, está uma nuvem das

palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de Pele.

**Figura 05** - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Pele.



Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 4.6 A Deusa As Moiras: Confie no destino à sua frente

Aquela que tece na dor o fio do destino de um novo tempo e vida.

“Quando era pequena ele vinha toda noite e colocava a mão dentro da minha calcinha, eu não gostava, mas não queria deixar ele triste.”



As Moiras é uma das participantes mais emblemáticas desta pesquisa em decorrência de uma trajetória de muito sofrimento, resiliência e esperança. Ela é uma mulher de 30 anos, pele negra, alta e magra, olhar marcante, doce, mas forte, gestos suaves e abraço caloroso como uma mãe pronta para receber seu filho. Ela é vista por todas do grupo como uma figura materna, sempre amorosa com as outras mulheres participantes, aconselhando e acolhendo as demais. As Moiras, em todo o decorrer dos encontros do CRB, sempre se mostrou muito disponível no participar, mas muito tímida em relação ao falar de sua vida. Em sua narrativa, apesar de curta, mas imensamente potente, começa detalhando que vem de uma família de quatro irmãos e que passaram muita necessidade. A fome e a falta de oportunidades sempre estiveram presentes na vida dessas famílias. Ela recorda das vezes em que tiveram que se alimentar de restos de comida de buscavam no lixo.

*Tenho trinta anos, sou de uma família de quatro irmãos, minha mãe, meu pai e o meus quatro irmãos. A gente sempre passou muito necessidade, a gente via com fome, lembro que a gente pegava comida que sobrava nos lixos, era o que a gente tinha. Foi tudo muito difícil, ainda é difícil, mas melhorou um pouco.*

Ela destaca a figura de seu pai, que consome de forma elevada bebida alcoólica, o que o torna muito agressivo. Em seu relato, é revelado que, na infância, seu pai lhe abusava, e ela não compreendia muito sobre tais acontecimentos, apesar do desconforto. Porém, segundo ela, queria agradar seu pai e, por isso, não falava para sua mãe. Seu irmão é viciado em drogas e, em relação à sua irmã, não conseguiu falar sobre ela.

*Meu pai ele bebe, ele bebia né agora depois do acidente ele deu mais uma maneirada de beber, todo final de semana ele bebia e na semana também e ele ficava muito agressivo e batia muito na gente. (choro) Quando era pequena ele vinha toda noite e colocava a mão dentro da minha calcinha, eu não gostava, mas não queria deixar ele triste e tem o meu irmão do meio que é viciado e dá muito trabalho a minha mãe até hoje muito trabalho a minha mãe e tem a minha outra irmã que não ...nessa vida, graças a Deus! Vou pular essa parte aí.*

Aos dezoito anos, As Moiras se casou com seu primeiro marido. Ela relata que ele sempre foi um homem muito violento, porém foi nele que ela viu a possibilidade de sair de casa. Ele sempre lhe batia e reduzia sua representatividade frente à sua própria vida. Em determinado momento de uma briga, ela tentou matá-lo, sem sucesso, porém permaneceu com

ele, pois sentia medo de passar por mais dificuldades sem ele. Apesar de acreditar nas agressões simbólicas de seu marido, ela afirma que agora consegue acreditar mais na sua própria potência.

*Há dezenove anos eu conheci meu marido, tive o meu primeiro menino, a gente briga muito, muito mesmo e que eu já taquei a faca nele e quase matei ele quando brigava. Ele sempre fala que eu não consigo nada sozinha, que eu não sei fazer nada que sou burra demais para fazer as coisas. Eu achava que ele tava certo, mas agora até confio mais em mim. Eu ficava com ele porque sem ele ia ser muito pior, tenho medo de passar fome de novo.*

Foi na chegada do seu filho mais novo que o fio da vida do destino da As Moiras começou a mudar, pelo fato de a criança ter nascido desnutrida. Esse motivo a levou ao encontro do IPREDE, onde, segundo ela, pela primeira vez, foi acolhida e sentiu o afeto que nunca havia presenciado. Ela encontrou oportunidades e reencontrou esperança, e hoje sonha com uma vida melhor para ela e para seu filho. Para As Moiras, foram essas dificuldades que fizeram a mulher forte que ela é, mas mesmo assim sua dor sempre está com ela como um símbolo de resiliência.

*Quando eu tive o meu menino mais novo é que a minha vida mudou e quando que eu soube que ele era desnutrido e que eu vim pra cá e aqui fui acolhida e onde também eu tive a oportunidade de ser amada e onde eu pude dar tudo que eu não tive pro meus filho, e também teve a oportunidade dos curso, que eu sempre quis ter curso e nunca tive a oportunidade de fazer, aí hoje eu sou essa mulher acho que mais forte, mas não deixo de chorar. Tá bom.*



Ao realizar atividade da metáfora da árvore. As Moiras escreve como as raízes fundantes de sua trajetória seus filhos, sua família e Deus; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca o IPREDE e o Projeto Vai Maria. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica seu fortalecimento emocional e a recuperação de sua autoconfiança. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, é exposta a sua vontade de trabalhar e proporcionar uma vida diferente da sua para seus filhos. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de As Moiras.

**Figura 06** - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de As Moiras.



Fonte: Elaborado pelo autor.

**4.7 A Deusa Fricka: Você pode ser a mais importante entre as mulheres. Empenhe-se em alcançar as suas metas.**

**Aquela que abriga dentro de si a força, a maternidade e a gestação da vida.**

*“Ele um dia abusou de mim, me colocou de lado e forçou, eu só chorava. Depois de um tempo eu embuquei, mas ele não queria, me deu até remédio para matar o bebê, mas não deu certo, passei muito mal. Não queria ter a criança também, tinha vergonha de falar que ele tinha forçado comigo.”*



Fricka é uma mulher de 36 anos, cabelos lisos e loiros e pele bronzeada do sol, jeito alegre e sorriso simpático, é mãe de cinco e já avó de três. Ela é vista perante as demais mulheres participantes como uma referência de resiliência e superação. Sua vontade de viver e sua paixão por costurar sempre se destacaram, ela sempre explanava que a costura é seu templo, é o momento em que encontra paz em meio a tanto caos que reside em sua vida. Ao narrar sua trajetória, Fricka afirma que sua infância foi boa e destaca a importância da praia de Morro Branco em sua infância, onde vivia junto com seu pai e sua mãe, que tinham uma relação conturbada por causa dos casos de adultério vindos de seu pai. Ela explica que, desde cedo, assumiu responsabilidades frente à sua família e foi moldada para exercer a função de dona de casa, já que sua mãe estava debilitada com os acontecimentos oriundos de sua relação conjugal. Na narrativa de Fricka, são notórias as estruturações do papel da mulher como um elemento cuja função se destina às tarefas e responsabilidades do lar, porém se configura um agente passivo frente às questões complexas estruturais da vida. Fricka se sentia presa nessa condição e, por isso, aos 13 anos, decidiu perder sua virgindade, objetivando buscar uma nova vida, e logo após engravidou de seu primeiro filho. Tal virgindade simboliza um rito de passagem para a liberdade e autonomia pessoal.

*A minha infância foi sempre segura pelos meus pais. Meus pais sempre teve cuidado comigo, só que um dia o meu tio de parte de mãe ele começou também pegar na minhas parte, aí eu falei com meus pais e meus pais acreditaram e nós se mudemo de Morro Branco, porque eu morava em Morro Branco aí eu vim pra cá pra Fortaleza e não é longe, mas também não é Morro Branco né. Aí a minha mãe, meu pai começou a se relacionar com a vizinha lá da gente aqui em Fortaleza e minha mãe pegou e minha mãe ficou com desgosto da vida e começou a beber todo dia, todo dia e eu que era a filha, a mulher, a dona de casa e que eu que me acordava cedo quatro hora da manhã pra fazer o café do meu pai né. Eu ia pro colégio cedo e chegava onze horas e ia fazer o almoço pro meu pai voltar do trabalho ir almoçar e voltar de novo pro trabalho e minha mãe bebendo dia e noite, dia e noite. Eu não tinha assim uma infância pra brincar, eu brincava de dona de casa e virei dona de casa e eu era muito estudiosa, minhas nota era ótima, boa e tudo no colégio eu participava. Meu pai tinha gosto e ainda tem, pra ele eu sou a filha mil pra ele e pra minha mãe também né apesar disso né, porque ela se decepcionou com ele né da traição, mas ela superou. A pessoa que traía o meu pai com ela, ela faleceu e Deus deixou só ele pra ela, e ele deu AVC, cadeirante e voltou pra minha mãe e veve na casa com a minha mãe, mas ele só como amigo mesmo e família pai, mãe, filho e só. Aí eu queria, quando eu fiz treze ano meu pai não deixava eu ir pra todo canto, pra festa, aí eu queria*

*muito perder a minha virgindade pra mim ter minha liberdade. Perdi a virgindade e peguei logo foi um bucho.*

Ela relata que, com seu primeiro marido e pai do seu primeiro filho, só foi casada, realmente, pois gostaria de viver uma outra vida, mas não nutria afeto por ele. Ele, no entanto, naquele momento, ajudava na criação do filho, porém, com o passar do tempo, pelo fato de não gostar dele, o casamento não durou. A vida de Fricka foi marcada por vários relacionamentos e muitos deixando um filho de herança. Nos últimos desses relacionamentos, teve um novo filho e foi questionada pelo seu pai sobre como iria criar. Diante disso, ela deixou, com muito sofrimento, este filho para adoção.

*Convivi com o pai do meus filho mais velho sem eu gostar dele né, ele acho que ele aprendeu a gostar de mim né, convivi com ele sem eu gostar dele por causa do meus filho e peguei ele também me traindo com a minha vizinha, vi eles dois namorando, mas também não fiz nada que eu não sentia nada por ele e apenas eu disse como os meus filho como é pequenininho e começar a comer feijão e arroz eu vou embora pra casa da minha mãe e foi isso que eu fiz, quando eles começaram a tomar sopinha, comer feijão eu peguei meus filho e não levei nada só meus filho mesmo e a roupa do corpo e fui pra casa do meu pai. Aí ele foi atrás de mim eu disse a ele que não dava pra viver porque eu nunca gostei dele, eu não amava ele e tive filho com ele porque eu queria ter a minha liberdade e peguei logo foi bucho e logo dois de uma vez né. Aí pronto ele aceitou a separação né. Comecei a trabalhar pra criar meus filho e nunca pedi nada a ele, nunca. Aí no meu outro relacionamento tive outro filho e também não deu certo que o homem bebia dia e noite e meu Deus do céu! Mas, também a separação não foi difícil. Me separei dele aí conheci outro e tive outro e também não deu certo, voltou pra Bahia. Não, antes desse eu tive outro que é o pai do José, a mulher dele veio do interior pra cá com os quatro filho dele e botou um barraco aí e eu disse assim essa vida não é pra mim não, ainda sou muito nova e deixei ele, aí ele fugiu dela e nem ficou comigo e nem com ela. Aí com quatro mês eu descobri que eu tava grávida e não sentia sintoma e nem nada, não tinha sintoma e vinha a menstruação e tudo e quando eu vi eu tava grávida. Aí eu tive ele e o meu pai disse minha filha você já tem três e mais um faz quatro. Minha filha como é que você vai criar esses menino sozinha? E você não tem um trabalho, eu não tenho uma profissão, não trabalho de carteira assinada, como é que nós vamo criar esses menino meu Deus do céu. Aí eu fui e conversei com a assistente social do Gonzaguinha e eu dei meu filho pra doação.*

Apesar da dor, ela não se arrepende de ter dado seu filho para adoção, pois acredita que ele não deve passar as necessidades que seus filhos passam, e tal fato a deixa mais tranquila. Após esse acontecimento, ela relata que começou a trabalhar e a cuidar de seus filhos, foi quando veio seu filho mais novo, junto de quem está redescobrando a maternidade. Atualmente, ela está com o pai do seu filho mais novo, José, mas não sabe se sente amor por ele, porém ele é pai do seu filho.

*Adotaram o meu filho, nasceu e eu não dei nem de mamar a ele porque era pra não pegar mais afeto, e eu não me arrependo não porque eu tenho certeza que ele não passa o que o José passa. Aí passou dez ano e eu trabalhando, comecei a trabalhar, trabalhar e criar o meus três filho, trabalhei, trabalhei. Aí o pai do José depois de dez ano foi atrás de mim de novo aí pronto nós ficamo de novo e ficando, ficando, ficando e dois ano aí veio o José. Veio o José que pra mim e até hoje eu cuido dele né, crio ele com o pai, mas eu cuido assim como toda mãe cuida e os outro eu tinha que trabalhar pra dar de comer né, meu pai e minha mãe que cuidava. Eu to aqui com o pai do José, mas por viver também porque eu não sei se eu gosto dele e amar eu tenho certeza que eu não amo porque eu também já peguei ele com outra né e ele já levou ela pra dormi na minha cama com ele e eu vi e também não briguei não porque eu já tava, do jeito como é eu vou brigar por quem não me quer, aí pronto eu convivo com ele ainda numa casa porque eu fui obrigada mesmo. Botei ele pra ir embora e ele foi embora e meu filho chorava dia e noite, dia e noite não queria comer, não brincava e ele já tinha problema de saúde né, ele já nasceu com problema de respiração, baixo peso com oito meses. Ele sentia muita falta do pai dele aí ele veio pra consulta com o psicólogo aqui, aí ele ligou pra mim – eu quero ver o José. Aí eu disse pra ele que eu não tinha desligado ele da vida do nosso filho não, tinha desligado ele da minha vida e que podia vim ver e que eu não tava em casa não, tava no hospital com ele.*

Seu filho mais novo tinha muitos problemas de saúde e era muito magro, e tal debilitação, segunda ela, impediu que ela pudesse se separar do pai do José, com isso já se vão sete anos de relacionamento. Em decorrência dessa fragilidade de seu filho, Fricka encontrou o IPREDE, que proporcionou um reencontro consigo mesma e com novas possibilidades de realizar seu grande sonho, voltar a costurar, como sua mãe fazia outrora. Ela afirma que, quando costura, se sente livre, se sente ela mesma.

*Até ele crescer e entender um pouco pra vocês se deixarem, e nós veve até hoje sete ano e ele é assim, ele viaja, ele passa noites e noites fora e eu não ligo não que não adianta. Foi que meu*

*filho começou a se apoiar no Iprede e apareceu a oportunidade d'eu fazer curso de costura que eu gosto de costurar, eu amo costurar. Apareceu esse curso do projeto Vai Maria e to fazendo com todo orgulho e eu não quero ser empresária nem nada não, só quero ter minha confecção e eu sei que eu tenho capacidade de costurar. E o Iprede cada vez mais abraça a gente, dar oportunidade pra mim e pras outras e eu to orando que dê certo a confecção pra mim ficar trabalhando aqui. Aqui eu me senti voando.*

Com muita emoção, ela relata um momento muito forte de sua vida, quando sofreu abuso de seu próprio marido e engravidou neste ato, porém ele a forçou a beber remédios abortivos, prejudicando a gravidez. Ela encontrou em algumas figuras do IPREDE o apoio necessário, mas isso não impediu de ela enfrentar os processos violentos da validação de tal abuso. Já no hospital, Fricka era questionada pelo fato de seu marido ser o que realizou o ato não ser configurado um abuso, tal fato vai ao encontro do conceito da culpabilidade do ser mulher.

*Ele um dia abusou de mim, me colocou de lado e forçou, eu só chorava. Depois de um tempo eu embuquei, mas ele não queria, me deu até remédio para matar o bebê, mas não deu certo, passei muito mal. Não queria ter a criança também, tinha vergonha de falar que ele tinha forçado comigo. Foi graças ao você João, Bia e a dra. Camila que consegui superar. Vocês me deram muita força. Foi muito ruim no hospital, a psicóloga lá duvidava de mim dizendo que ele era meu marido. E eu ficava com vergonha disso. Mas o final deu certo. Chorei a semana toda.*

Apesar de toda a dor e superação, Fricka acredita que conseguirá realizar seus sonhos e dar uma vida melhor para ela própria e para seus filhos, de modo que não precise mais depender de outras pessoas. Ela destaca o grupo nessa redescoberta da coragem para voltar a acreditar em mudanças.

*Eu já disse pra ele quando o José fizer cinco ano eu vou viver a minha vida ou você vai embora da casa ou me deixa na casa, mas eu não quero você na minha porta mais não. As vez trata ele bem às vez despreza o bichinho. Hoje me acho mais corajosa para seguir em frente, e vou realizar meu sonho, vou mudar minha vida com meu trabalho. Quero dar uma vida melhor para meus filhos. Quero que eles não sofram como eu sofri.*



Na sua atividade da metáfora da árvore, Fricka escreve como as raízes fundantes de sua trajetória seus filhos, seus netos, seus pais, o IPREDE e Deus; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca a costura e o Projeto Vai Maria. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica sua alegria e sua força. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, ela expressa sua vontade de trabalhar com a costura e proporcionar para seus netos e filho mais novo uma boa vida. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de Fricka.

**Figura 07** - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Fricka.



Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 4.8 A Deusa Hécate: Reúna sabedoria de fontes profundas Aquele que já nasce protegida pelo escudo das memórias.

*“A minha mãe passou por muita dificuldade por causa que nosso pai nos abandonou e hoje eu passo por muita dificuldade também, já passei muita fome.”*



Hécate é a mais nova das mulheres participantes, tendo 18 anos e sendo mãe de uma criança. Ela é baixa e bem magra, cabelos longos e olhos brilhantes e pele parda. De todas as participantes, ela sempre foi a mais silenciosa e reservada, porém a mais observadora, sempre muito atenta às falas das outras mulheres, escutando e tentando aprender com elas. Ao falar de sua trajetória, ela afirma que mora com sua mãe e que nunca conheceu seu pai. A presença de sua mãe em sua vida sempre foi muito forte e relata que a mãe sofreu muito com o abandono de seu marido, pois passou necessidades financeiras, pois não trabalhava. Seus irmãos sentiram a falta da presença do pai, mas Hécate afirma que não sabe se sente falta do pai, pois era muito nova e, para ela, os acontecimentos de sua vida se deram muito rápido, sem dar tempo para pensar sobre eles. Atualmente, sua mãe é casada com outro homem.

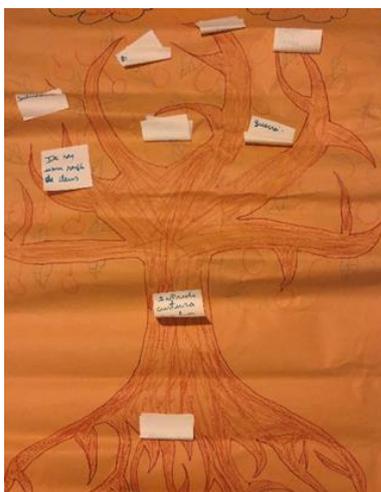
*Tenho dezoito anos e tenho uma bebê de um ano e um mês e o nome dela é Ariane. Moro com a minha mãe, não conheci o meu pai desde pequena até hoje e tenho dois irmão que tem um de quinze e outro de quatorze, estudo ainda, trabalho né. Minha mãe não trabalha fica em casa, meu padrasto trabalha também. Eu nunca conheci meu pai, nunca mesmo. Ele deixou a gente quando era bebê ainda. Eu tenho dois irmãos, eles sentem muito a falta dele e eu não sei dizer. Acho que não sinto falta dele não. Os meus irmãos são mais novos.*

Ela partilha que sempre quis ter um filho, pois, para ela, isso seria uma porta para sua liberdade. Porém, como o pai da criança está no interior, ela tem que cuidar de sua filha sozinha, fazendo com que ela trabalhe para conseguir sustentar as duas. Ela afirma que é difícil e que não imaginava que teria tantos obstáculos.

*E quando eu engravidei achei bom, fiquei feliz também até porque eu queria também porque queria minha liberdade, e o pai dela não é daqui é do interior, não trabalha também. Trabalhava, mas não trabalha mais e eu cuido dela sozinha, cuido dela sozinha, trabalho, estudo e eu ainda olho ela, eu não pensava que ia ser tão difícil. Eu estudo né e faço curso também aqui, sei costurar só em overloque.*

Hécate com tristeza afirma que ela e sua família passaram por grandes necessidades, que já passou fome, e que essa necessidade já a fez ter pensamentos suicidas. Ela afirma que uma grande tristeza de sua vida é o fato de se achar muito nova para assumir tantas responsabilidades, que a impedem de viver. Porém, ela sonha em conseguir uma vida melhor, em que não passe mais por dificuldades financeiras, e que ela possa dar à sua filha o que ela não teve.

*A minha mãe passou por muita dificuldade por causa que nosso pai nos abandonou e hoje eu passo por muita dificuldade também, já passei muita fome. Às vezes fico triste porque me acho muito nova para tanta coisa que tenho que resolver, mas é isso aí, fazer o que né? Eu quero muito ter uma profissão para não passar mais necessidade e também não quero ter mais filho não. Quero me tornar costureira e poder ajudar um dia minha família. Quando era pequena a gente não tinha muito o que comer e nem o que vestir e não quero que isso aconteça com minha filha. Sabe é difícil, mas eu acredito que vou conseguir. E é isso. Tenho vergonha de falar de mim.*



Na sua atividade da metáfora da árvore, Hécate escreve como as raízes fundantes de sua trajetória seus filhos e seus pais; já no tronco, que se configura como os elementos aprendidos, ela coloca o IPREDE e os desafios de sua vida. Na copa, que simboliza suas conquistas, ela indica seu aprimoramento da costura e a conexão criadas com as outras mulheres. Já nas nuvens, que simbolizam seus sonhos, ela relata a vontade de trabalhar com a costura e atingir sua independência. Abaixo, está uma nuvem das palavras que mais surgem no decorrer da narrativa de Hécate.

**Figura 08** - Nuvem de palavras que me aparecem na narrativa de Hécate.



Fonte: Elaborado pelo autor.

#### **4.9 A Deusa Berchta: As sementes do futuro já existem dentro de você Aquele que faz germinar a esperança na tristeza.**

*“Aí numa férias dessa escola eu fui pra casa do meu tio, eu não gostava muito, ele dizia que eu só podia andar pela casa de calcinha e ele só deixava eu usar uma calcinha todo dia. Eu já peguei ele com a mão dentro da calça fazendo aquelas coisas, ele olhava direto pra mim.”*



Berchta é uma mulher de vinte e cinco anos e já mãe de três filhos. Ela tem estatura baixa, cabelos lisos e curtos, pele morena, rosto juvenil e sorriso luminoso. Alegre e risonha, encontra no humor refúgio para falar sobre as problemáticas da vida. Nos momentos da construção do museu das memórias, ela sempre se mostrou muito emotiva e pensativa com os fatos de sua vida e as experiências que a fizeram chegar até aquele momento. Na fala de sua

narrativa, ela recorda de sua infância e do relacionamento de seus pais, que seu pai agredia sua mãe e tinha dependência com álcool, ocasionando que ele retirasse alimento da casa em troca de bebida. Berchta afirma que ela e sua família passaram fome e muitas dificuldades financeiras, pois só tinha a mãe que trabalhava, já que seu pai havia ido embora por conta do vício. Tal fato culminou na ida dela e de seus irmãos para o internato, pois sua mãe não conseguiria oferecer alimento.

*Tenho vinte e cinco ano, tenho três filhos. A minha infância eu me lembro de quando eu era bem pequenininha, minha mãe e meu pai era junto né. Meu pai brigava muito com a minha mãe, ele batia muito nela aquelas coisa de casamento né João, ele bebia muito e minha mãe trabalhava e ele ficava dentro de casa, aí tirava os nosso alimento pra beber e levava o meu irmão também, meu irmão aí ficava só eu dentro de casa sozinha bem pequenininha. Aí depois com isso foi desgastando o relacionamento deles dois aí minha mãe mandou ele simhora, aí ele foi aí ficou só eu, meu irmão e meu outro irmão, a minha mãe ficando trabalhando e meu irmão cuidando da gente o meu irmão mais velho. Aí com sete anos minha mãe colocou a gente num colégio interno porque ela não tinha condições de cuidar da gente (choro), nós passava fome e meu irmão tinha que pedir esmola pra poder dar de comer nós.*

Ela e seus irmãos ficaram nesse internato até os treze anos e, nos períodos de férias, Berchta ficava na casa do seu tio, porém ela disse que se sentia desconfortável, pois seu tio dizia que ela só podia andar de calcinha pela casa. Ela afirma que ficava constrangida com os olhares de seu tio para ela e que já flagrou ele fazendo movimentos obscenos. Foi nessa casa que ela conheceu seu marido, que é igualmente jovem, e logo após se conhecerem, começaram a se relacionar amorosamente e ela engravidou. Ela enaltece a importância de seu primeiro filho, colocando ele como um presente divino.

*A minha mãe botou a gente nesse colégio interno e eu fiquei até os treze ano. Mas sabe nunca tive infância mermo, me sentia muito sozinha. Aí numa férias dessa escola eu fui pra casa do meu tio, eu não gostava muito, ele dizia que eu só podia andar pela casa de calcinha e ele só deixava eu usar uma calcinha todo dia. Eu já peguei ele com a mão dentro da calça fazendo aquelas coisas, ele olhava direto pra mim. Aí lá eu conheci o meu esposo que hoje é meu esposo, aí nós namoremo, passamo um ano namorando aí eu engravidei do meu filho que foi uma benção de Deus na minha vida, foi o meu presente de aniversário de dezesseis ano foi o meu filho, engravidei com quinze ano e tive ele com dezesseis ano. Aí quando meu filho era, nós só vivia brigando né e nós morava numa casa alugada aí nós brigava mais por causa da irmã*

*dele, porque a irmã dele, a mãe dele tem ela e ele só eles dois de filho e ele era muito junto, aí quando nós se juntemo aí ela ficou com ciúme né. Porque assim, ele trabalhava e quem dava as coisa pra ela era ele. Aí eu tive o meu filho aí ela tinha ciúme e ficava indo lá pra casa fazia confusão né lá e ia simhora.*

Ela argumenta que o relacionamento com seu marido era conturbado, que eles brigavam muito, existindo agressões físicas, porém, em sua fala, se percebe que, mesmo com agressões, ela se sente responsável em permanecer no relacionamento. Com frustração, ela relata da relação conturbada junto com a mãe e a família do seu marido, fortalecendo o sentimento de solidão que Berchta abriga.

*Aí nós brigava, mas nós brigava muito e se batia e ficava junto de novo nós não se separava assim, eu sou responsável pelo casamento né. Aí logo depois meu filho tava com dois ano e um mês eu engravidei da minha filha aí tive que sair da casa alugada porque era pequena, aí nós foi morar de novo com a mãe dele, aí era mais confusão por causa disso. Aí ela engravidou, teve o meninozinho dela aí nós começava a brigar porque ele trabalhava lá na Uni têxtil de noite e lá tinha um cartão que podia tirar as coisa na farmácia e nós brigava porque ele comprava as coisa pro filho dela e não comprava pra nossa filha, aí eu fazia muita confusão mesmo com ela. Aí uma vez ele queria tirar um pacote de fralda da minha filha que eu comprei pra dar a ela, aí nós discutimo nesse dia, esculhambei ele e esculhambei a mãe dele também que a mãe dele veio se intrometer e antes disso tudo a minha filha era mais novinha só tinha um mês, a mãe dele foi dizer pra irmã dela que, porque assim, lá na minha casa tem um vídeo game por causa do meu filho né, aí ele trabalhava a noite e eu não dormia de noite, a minha prima era verminosa no vídeo game e eu chamava ela pra ficar lá mais eu nós jogando eu, ela e meu primo era bem pequenininho ele e ficava a madrugada lá jogando vídeo game a gente. A minha sogra porque nós mora assim só parede pra dividir a casa e tem os combogó. Aí a minha sogra disse pra irmã dela que tinha visto eu agarrada com um negão dentro de casa (risos). Aí a irmã dela foi lá em casa e chegou pra mim me chamou num canto e disse assim olha, eu não quero que você engane o meu sobrinho, aí eu não sabia o que tava acontecendo. Pois, a mãe dele disse ontem viu você agarrada com um homem aí dentro de casa, aí eu disse ah é, pois espere aí. Peguei a mãe dele, peguei a irmã dela e botei o meu marido assim, aí eu disse assim como é? Agora conte pra ele. Aí eu chamei a minha prima e o meu primo né que eles mora vizinho. Aí ela contou não, é porque eu vi tu agarrada com um negão aí. Aí eu peguei e disse assim olhe, aqui só quem tava era eu e a minha prima e meu primo e disse vocês viram*

*algum negão aqui? Não, só tava a gente. Aí eu disse pois, tá repreendido, tá é queimado. Que eu era da igreja né. Aí eu peguei e disse assim olhe, no dia que eu quiser outro homem eu deixo o meu filho porque eu não sou mulher de tá com um homem e tá se deitando com outro não e o meu marido só escutando. Aí eu peguei e disse assim olhe, Maria que é a mãe dele. Olhe, Maria eu amo muito o seu filho, amo muito porque ele é meu esposo, meu marido e nós não era casado ainda. Meu marido e eu respeito muito ele e no dia que eu quiser outro homem eu não trago pra cá não vou pra outro canto e primeiramente eu me separo dele que eu não sou dessas mulheres não, aí ela me desculpe. Eu fiquei muito magoada com isso aí eu peguei e disse pra ele agora você vai escolher a sua mãe ou eu, você vai acreditar em mim ou nela? Não, eu vou acreditar em você. Ele acreditou em mim de que acreditar na mãe dele porque ele sabia que era mentira, tinha duas provas ali.*

Berchta relata que, após inúmeras brigas, ela se separou de seu marido e foi morar na casa de sua mãe, mas logo após voltou seu relacionamento com ele. Ela destaca o papel da igreja em sua relação, narrando um episódio que envolveu uma suposta visão que afirma que Berchta teria se envolvido com outro homem, tal informação foi dada com fato para seu marido, acreditando que a filha que estavam esperando era resultado de uma traição. Tal desconfiança gerou uma nova agressão física. Mesmo com tal situação, Berchta orava pela cura de sua filha em relação a problemáticas com a lactose.

*Aí foi o tempo se passando, se passando e nós só brigando, só brigando. Aí eu me separei dele né o meus filho era bem pequenininho aí fui pra minha mãe, aí ele ficou só indo lá pra minha mãe, todo dia tava lá na minha mãe, aí a minha mãe volta pra esse menino, volta pra ele que ele gosta de tu e tudo. Aí voltei, aí a irmã dele sempre tava ali fazendo confusão, brigando, brigando mesmo, aí a última vez que eu briguei com ele eu me separei e fui lá pra minha mãe e passei três mês. Nós tava na igreja aí o irmão lá tinha visto uma visão, tinha tido uma visão lá e tinha visto eu deitada com outro homem e até dizia que a minha filha, quando eu tava grávida da Ester dizia que não era dele a minha meninazinha, aí fui botando isso na cabeça quando eu tava grávida passou a gravidez todinha e dizia que a minha filha não era filha dele (choro)ele até bateu na minha cara, isso me magoou muito por causa desse irmão. Aí eu peguei nós não era casado aí a Eduarda tinha problema de lactose e eu pedi muito a cura da minha filha a Deus muito mesmo. Aí eu fui visitar uma igreja lá aí o pastor tava orando lá e um pregador foi e me chamou lá na frente aí disse você creia que Deus tá curando a sua filha hoje? Eu disse eu creio.*

*A Eduarda era bem pequenininha só tinha oito meses. Eu creio e ele não sabia que eu tava separada, aí ele foi e disse assim olhe, Deus tá curando a sua filha, tá restaurando o seu casamento, você vai se casar com o seu marido. Aí eu disse eu creio. E nós se falava eu e ela pelo telefone, nesse mesmo dia ele também tava na igreja e tinha subido o monte, ia subir o monte pra orar. Aí ele ligou pra mim mesmo na hora que eu liguei pra ele e disse assim Jonas Deus curou a nossa filha, aí foi e Deus me batizou. Aí com uma semana nós voltamos, aí eu fazendo os exames da Eduarda que eles pediram pra comprovar que Deus curou ela, aí foi no dia que eu fui mostrar o exame dela foi uma peleja porque o exame não saía de jeito nenhum, aí eu disse hoje eu vou mostrar o exame. Aí quando eu fui buscar até a doutora se impressionou porque a lactose dela não tinha como ficar boa não tinha, só Deus mesmo, aí quando ela abriu o exame ela disse assim valha ela não tem mais nada, tá tudo limpo nela, aí eu peguei Glória a Deus! Eu peguei e disse pra ela foi Deus quem curou minha filha e ela foi? Eu disse foi, Deus disse que ia curar ela e ele curou.*

Após esses episódios, seu marido decidiu oficializar o casamento com ela. Tal fato tem um valor ritualístico de grande representação para a comunidade. Berchta afirma que ele quem tomou a atitude de todo o processo e que, após esta oficialização, a relação deles melhorou muito, até a relação com a família de seu marido se transformou. Berchta acredita que tais mudanças estejam conectadas à religião.

*Aí com uns meses depois ele de uma hora pra outra pegou um papel e disse assim Berchta nós vamos se casar e eu peguei e disse assim mas, como Jonas? Aí pra marcar o casamento tinha que ir de madrugada três hora da manhã tá lá na porta do cartório. Ele pegou o papelzinho e foi sozinho, levou meus documentos e foi. Aí nós se casamos e graças a Deus depois do casamento nós melhoramos muito a nossa relação eu, ele e a irmã dele. Aí hoje bem dizer eu sou a cabeça da casa lá porque nenhum sabe resolver nada só é eu. Eu que faço negócio de médico, coisa na justiça sou eu e tudo eles me chama pra eu resolver. E hoje eu e ela tamo bem, bem dizer agora sou irmã né, aí só que eu comecei a entender porque ela vivia tanto lá em casa porque ela tinha ciúme dele. Aí depois que ela teve um marido né, teve filho e nós se casamos no mesmo dia eu e ela dia quinze, se batizamos também no mesmo dia aí hoje tamo vivendo bem graças a Deus!*

Berchta fala com emoção e tristeza de seu pai, pois ele mora perto de sua casa, porém, mesmo com a proximidade, ela se sente rejeitada por ele. Esse sentimento sempre esteve presente, já que, segundo ela, seu pai sempre preferiu seus filhos homens. Ela se recorda com

tristeza das inúmeras vezes em que seu pai tirou o dinheiro da comida de casa para usar na bebida, e das agressões físicas que ele exercia sobre ela e sua mãe. Berchta se recorda de um episódio em que seu pai tentou abusar de sua mãe, mas ela tentou se defender e Berchta tentou ajudá-la, tal dia foi crucial para o distanciamento dele perante a família.

*O meu pai mora lá perto de casa, só que assim o meu pai ele me rejeita muito, muito mesmo, desde pequena (choro), desde pequena meu pai me rejeita e eu vejo que ele prefere mais o meu irmão do que eu. Tudo ele compra é pro meu irmão, qualquer dinheirinho que ele recebia era meu irmão e hoje eu vejo isso. Hoje eu vejo que ele me rejeita muito, até eu disse Jonas eu tive um sonho que Deus voltava e eu não to na igreja to afastada, mas eu tive esse sonho que Deus voltava e ficava só eu tu e o Jonathan que é o meu filho e eu dizia mas, porque eu fiquei né eu dizia, aí Deus dizia assim porque você não perdoou o seu pai pelo o que ele fez com você (choro), ele me maltratou demais, eu me sentia um lixo. E até hoje eu tenho esse rancor do meu pai. Eu falo com ele e tudo, mas eu ainda sinto aquele rancor dele. Porque ele fazia tanta coisa com a minha mãe e deixava a gente passar fome.*

*Minha mãe fazia as compra e deixava a gente com ele pra ele poder dar comer, dar banho e tudo e ele não fazia isso. Ele pegava os alimento e ia pro bar, ia pros bar e a gente morrendo de fome dentro de casa, aí ele ia pro bar beber. Aí chegou um tempo que eu também reagi nesse dia porque assim, a porta de casa emperrou aí a gente passava pela janela. Aí um dia quase de madrugada ele chegou morto de bebo querendo que minha mãe fizesse as coisa com ele na cama e minha mãe disse que não ia fazer porque ela tinha acabado de chegar do trabalho cansada. Aí ele pegou e levantou a mão pra ela e na hora que ele pegou e levantou pra ela, ela puxou a faca e eu fui lá na cozinha e peguei uma faca também eu disse se tu bater na minha mãe eu enfio essa faca em tu, aí ele vá pra lá e eu disse vou ficar aqui. Ele sempre batia muito na minha mãe e na gente também. Depois desse dia da faca ele foi simhora nesse mesmo dia. Aí ele foi simhora até hoje.*

Ao se recordar de momentos felizes, Berchta se volta à memória de seu colégio interno, pois, apesar de estar longe da sua mãe, lá ela poderia vivenciar a infância. Ela e seus irmãos tinham acesso a brinquedos, comida e podiam ser felizes sem a preocupação da falta do alimento. Porém, após conhecer seu marido, seu foco foi direcionado para esta relação e culminou em sua gravidez. Inicialmente, sua mãe não queria nem o casamento e nem a gravidez, pelo fato de temer que Berchta sofresse tanto quanto ela sofreu.

*Um momento feliz que me lembro era do internato, ah era muito bom, assim lá era bom e não era porque assim, eu sentia muita falta da minha mãe. Porque nós passava a semana todinha e só vinha pra casa no sábado e voltava no domingo ou voltava na segunda. Nós vinha pra casa doze hora do dia né aí ficava só aquele pouquinho do sábado e do domingo e minha mãe como trabalhava mal tinha tempo pra nós, aí dum lado eu gostei e até hoje eu sinto falta do colégio. Hoje é um shopping lá aonde era o colégio, porque assim o Piamarta é só aonde leva, é só aonde leva as criança e de lá tem um ônibus que leva pro internato porque lá é tanto interno como externo, aí dia de segunda-feira minha mãe levava a gente, eu dava o maior sucesso e fazia um escândalo pra não entrar no ônibus. Eu e meu irmão gazeava muita aula, ia pra casa dos outro, mas não ia pro colégio. Aí logo depois eu conheci o Jonas né aí eu comecei a, eu já ia terminar os estudo lá e já tinha passado de ano, eu tava lá só pra poder fazer a crisma aí tinha que ficar lá. Aí eu peguei eu comecei a querer fugir do colégio eu e a minha amiga de noite, aí lá no colégio tinha dois vigia. Aí era o colégio aí tinha uma arezinha do refeitório, aí tinha a área das piscina e tinha a área das casa, aí na hora do refeitório a gente ia lá por trás das casa e ficava vendo aí o colégio ficava escuro aí a gente ia pro escuro e dava o maior coisa no vigia, aí a gente até quase conseguiu fugir, aí eu atravessei a pista ainda quando as monitora vieram.*

*Aí voltemo e ligaram pra minha mãe. Porque eu fazia tudo pra sair logo do colégio, aí ligou pra minha mãe e minha mãe ainda foi lá, aí a minha mãe disse você vai ficar aqui, eu não vou ficar eu vou mais a mãe, aí eu fui mais a mãe. Aí a minha mãe Berchta eu sei muito bem porque tu tá fazendo isso. Aí eu peguei e saí do colégio, terminei, aí logo o meu esposo foi pedir a minha mãe pra se juntar e a minha mãe: Berchta eu não sei, eu vou pensar. Eu vou pensar se eu deixo tu se juntar com ele. Porque assim, o meu marido ele não é um pessoa ruim, ele é uma ótima pessoa, ele ajuda e faz tudo eu não tenho o que reclamar dele, ele só é agressivo às vezes. Aí a minha mãe disse assim: Berchta eu não sei o que eu vou fazer, aí ele pediu no sábado, aí passou domingo, segunda e na terça-feira foi que ela descobriu que eu tava grávida (risos), e todo mês ela perguntava: Berchta a tua menstruação tá descendo? Tá mãe, tá descendo. Aí tinha um mês que não tinha descido, mas eu perguntava sempre e um mês é normal, aí quando a mãe foi na padaria mais eu, aí eu mãe deixa eu ir com a senhora, vambora. Aí eu vi um bolo de chocolate ah lindo! Bem bonitinho, gostoso! Mãe compra, não vou comprar não, não tenho dinheiro não. Mãe compra e fiz aquele maior escândalo como criança faz né, aí a mãe comprou e eu vim comendo da padaria até em casa e quando chegou no portão de casa abri o portão e corri pro banheiro e botei o bolo todinho pra fora e a minha mãe: Berchta pelo amor de Deus!*

*Eu vou levar você pro posto. Aí me levou pro posto e quando chegou lá o médico disse ela tá grávida, e a mãe o quê? Berchta vou te matar.*

Em sua gestação foi uma descoberta de várias funções que teria que assumir, ela destaca que, apesar de ter sido assustador, foi um período de muito aprendizado e que acha que isso a tornou uma pessoa mais forte. Com todas essas mudanças, a relação com sua sogra também mudou, bem como o próprio entendimento de Berchta sobre a vida.

*Quando eu fiquei grávida eu fiquei desesperada, valha mãe, bem novinha. Aí eu contei pra ele né Jonas eu to grávida e ele mentira. Eu disse é, e lá ele tava morto de feliz, a mãe dele e todo mundo feliz, aí eu fiquei assim e depois fiquei feliz né. Aí foi quando a minha mãe deixou eu me juntar com ele eu tava grávida já né e tinha que deixar. Aí eu fui me juntei com ele, aí quando o meu filho nasceu com quatro mês o bichinho caiu da cama, porque a cama era bem pequenininha aí eu tava dormindo assim e ele tava dormindo assim, aí foi uma coisa incrível como ele caiu porque eu tava de cabeça pra cá e quando ele caiu que dizem que ele caiu, mas ele não caiu porque ele não tava machucado e não chorou, ele tava com a cabeça pra cá e as perna pra lá bem encolhidinho quase debaixo da cama, dizem que é os pagão né. Aí eu olhei e quando eu olhei valha!*

*Me desesperei e quando eu peguei ele aí ele começou a chorar, a irmã dele e a mãe dele pensava que eu tinha, ele tinha caído né aí começou a me esculhambar dentro de casa. Aí o meu marido chegou era seis hora da manhã aí ele Berchta tá acordada uma hora dessa, que não é de costume acordar seis hora, aí eu fiquei toda assim e ele o que foi que aconteceu? A mãe dele essa irresponsável derrubou o menino da cama, aí a irmã dele começou a me esculhambar. Aí eu peguei fui lá no quarto e comecei arrumar minhas coisa e as coisa do menino aí ele pegou e disse você não vai embora daqui, você é minha mulher eu mando aqui também. Aí começou a conversar com elas, vocês calem a boca, ela é minha mulher ela vai ficar é aqui, isso acontece, as coisa acontece. Aí pronto aí eu fiquei, mas só vivia brigando eu e ela por causa disso.*

*Hoje minha relação com minha sogra é ótima. Graças a Deus como hoje em dia ela fica frescando minha norazinha aí eu disse assim a senhora é muito é falsa, mas é brincando com ela. A senhora é muito é falsa, a senhora mesmo disse que não gostava de mim, pensa que eu não sei e ela mentira, eu gosto sim de você. Como é que ela diz – ah de mim se não fosse você na minha vida. Ela diz hoje ela e o meu sogro.*

Berchta relembra que sua vida não foi fácil, foi cheia de obstáculos, apesar de ser muito jovem, por isso ela tem uma meta de proporcionar para seus filhos uma vida diferente da que ela vivenciou. Apesar de ela se achar falha em muitos pontos como mãe, ela afirma que faz o melhor que pode para ser exemplo para eles.

*Eu faço de tudo pra não acontecer com meus filhos o que aconteceu comigo quando eu era pequena né, de passar fome né, de tá tipo deixando, porque minha mãe logo ela se separou do meu pai tinha uma vizinha lá que cuidava da gente a Eliane, ela cuidava muito bem da gente, muito bem mesmo, aí hoje em dia não tem mulheres como antes de cuidar bem porque hoje em dia não é confiável você deixar o seu filho com outra pessoa pra cuidar porque hoje em dia as mulher bate, faz tudo com as criança e eu morro de medo disso dos pessoal bater no meus filho. Eu sou mãezona pro meus filho não, mas eu faço de tudo pra não acontecer com eles o que aconteceu comigo quando eu era pequena.*

A figura de sua mãe é uma inspiração para Berchta, pois ela representa a força e a resiliência de enfrentar uma vida difícil. Berchta destaca que procura ser como ela e proporcionar tais ensinamentos para seus filhos, para que eles também sintam a força de sua mãe, e hoje a própria Berchta reconhece forças semelhantes em si mesma.

*Minha mãe é uma guerreira porque pra cuidar de dois filho pequeno e um adolescente né. Que o adolescente de antigamente não queria saber de tá com criança, queria saber de curtir. Minha mãe é uma guerreira até hoje, minha mãe cuidou dos seis filho dela sozinha, seis comigo. Minha mãe teve cinco homem e só eu de mulher. Eu era pequena, muito pequena não sabia nem o que pensar, pra mim era normal. Agora eu ficava triste era quando a gente pedia uma coisa e minha mãe dizia que não podia dar, a gente chorava e ficava triste ali no canto, mas tinha que ficar calada né porque minha mãe não podia fazer nada.*

*Hoje eu sou uma guerreira também porque bem dizer eu sou uma mulher madura né porque eu resolvo tudo. Eu sou igual a minha mãe se me botar pra fazer uma coisa eu faço, mesmo que eu não saiba eu faço, sou desse jeito eu boto as cara e vou mesmo. E a minha mãe faz pelo meus filho o que ela não fazia comigo antes. Meu filho tá precisando de alguma coisa ela vai lá e dá, aí eu me lembro dessa parte de quando eu pedia ela não podia me dar e o meus filho não, eles pede hoje e o que ela não tem ela dá e por mais que assim a minha mãe ela não é aposentada, não tem nenhum benefício, mas ela faz de tudo pra dar uma coisa de bom pro meus filho. Se lá em casa tá faltando alguma coisa ela faz de tudo pra ajudar. Ela é desse jeito e por*



#### 4.10 A Deusa Oya: Quando chegar a hora certa, você falará com autoridade Aquele que encontra no silêncio outras linguagens de força e superação.

*“Minha mãe foi presa injusta e o nosso pai deixava nós trancada dentro de casa e começava bater em nós e abusar da gente gastando o dinheiro da nossa mãe que ela tinha na conta. Um dia que nós tentamo matar ele, nós demo veneno a ele umas duas vez ou foi três vez e quando nós tava assim nem Deus mata aquele monstro...”*



Oya é irmã da Deusa Oxum e, dentre todas as participantes, ela era a mais silenciosa e reservada. Ela tem trinta e um anos, é mãe de dois filhos e está à espera de um, atualmente grávida. Tem estatura baixa, cabelos encaracolados e pele bronzeada como sua irmã. Apesar de ser irmã de Oxum, nunca demonstrou muito afeto por ela, porém percebo que jamais poderia, pois nunca presenciou ou já teve tal afeto. Apesar desse distanciamento, ela encontra em Oxum uma guia, se sente perdida em relação ao convívio social e demorou a se relacionar com as demais mulheres da pesquisa. Porém, com o passar dos encontros do CRB, ela encontrou no grupo uma fortaleza emocional que nunca teve. No dia de falar sua trajetória, Oya não conseguiu falar muito, mas sua fala é repleta de relatos violentos e cheio de feridas que transcendem o corpo. Ela começa a falar de seu pai e de como desde cedo ele batia nela e na sua irmã. Em virtude dos abusos e maus tratos, ela e sua irmã tentaram matá-lo algumas vezes, porém elas se arrependem do ato, pois acham que vão contra um ordenamento divino.

*Tenho trinta e um ano e comecei apanhar do meu pai cedo, minha mãe foi presa injusta e o nosso pai deixava nós trancada dentro de casa e começava bater em nós e abusar da gente gastando o dinheiro da nossa mãe que ela tinha na conta. Um dia que nós tentamo matar ele, nós demo veneno a ele umas duas vez ou foi três vez e quando nós tava assim nem Deus mata aquele monstro e foi aonde Deus deu um castigo a nós, ele começou a passar mal e nós pedimo*

*perdão a Deus pelo o que nós tinha falado e feito e foi aí onde que levar ele pro hospital e o médico disse que ele tinha tomado um tempero vencido, só que não era.*

A saída da mãe de Oya da prisão simbolizou uma esperança para ela e a irmã, porém, logo de início, seu pai continuou a bater intensamente nelas e roubar o dinheiro do trabalho de sua mãe. Para fugir do cenário de sua casa, Oya e sua irmã dormiam na rua, porém, quando se passavam alguns dias, elas regressavam por causa de sua mãe. Tentando sair desse contexto de violência, as irmãs se relacionaram com seus parceiros e tiveram filhos deles, porém eles acabaram assumindo o papel de violência semelhante ao de seu pai. O bater parece ser um símbolo do exercer o poder masculino sobre a figura feminina.

*Aí foi um dia que minha mãe se soltou e começou a trabalhar de novo e só vinha pra casa de quinze em quinze dia e ele continuava bater em nós muito, pegava o dinheiro da nossa mãe e gastando e nós começava a fugir de dentro de casa. Começava a fugir de dentro de casa pra poder viver nossa vida, mas só que nós ficava na rua, dormindo na rua. E quando foi um dia nós pegava e voltava pra casa porque nós tinha pena da nossa mãe. E quando nós se juntou com os nosso homi, temo os nossos filho, mas mesmo assim o sofrimento não acabou porque nós apanhava dos marido.*

Oya fala que, depois de tanto sofrer violência do marido, decidiu se separar, apesar do medo que sentia em fazer isso, pois não se sentia forte para viver sozinha com seus filhos. Porém, a chegada ao IPREDE e o convívio com as mulheres do grupo desta pesquisa proporcionou novas perspectivas para ela. Hoje, Oya sonha em se tornar costureira, profissão de sua mãe, para ela sua mãe é sua grande inspiração e tenta seguir seus passos e começar a tecer uma nova vida. Apesar de tanto sofrimento que já passou, ela tenta buscar no perdão a paz necessária para seguir sua vida.

*Então, um dia eu deixei o pai do meus filho e to vivendo bem graças a Deus e to querendo seguir a carreira da minha mãe como costureira e aos pouco to começando a ter uma nova vida de oportunidade que o Iprede tá me dando e agradecer a minha mãe por tudo que ela me ensinou de ser uma pessoa boa mesmo que as pessoa faça o mal a nós, nós perdoar. E é só isso.*



**ATO 5 - CARTA DE AMOR  
DO SINGULAR PARA O PLURAL**



Não mexe comigo  
 Que eu não ando só  
 Eu não ando só  
 Que eu não ando só  
 Não mexe não  
 Não mexe comigo  
 Que eu não ando só  
 Eu não ando só  
 Que eu não ando só  
 Eu tenho Zumbi, Besouro  
 O chefe dos tupis, sou tupinambá  
 Tenho os erês, caboclo boiadeiro, mãos de cura  
 Morubichabas, cocares, arco-íris  
 Zarabatanas, curares, flechas e altares  
 A velocidade da luz, o escuro da mata escura  
 O breu, o silêncio, a espera  
 Eu tenho Jesus, Maria e José  
 Todos os pajés em minha companhia  
 O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos  
 O poeta me contou  
 Não misturo, não me dobro  
 A rainha do mar anda de mãos dadas comigo  
 Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim  
 É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo  
 Garante meu sangue e minha garganta  
 O veneno do mal não acha passagem  
 E em meu coração, Maria acende sua luz  
 E me aponta o caminho  
 Medo não me alcança  
 No deserto me acho

Faço cobra morder o rabo  
 Escorpião virar pirilampo  
 Meus pés recebem bálsamos  
 Ungentos suaves das mãos de Maria  
 Irmã de Marta e Lázaro  
 No oásis de Bethânia  
 Pensou que eu ando só? Atente ao tempo  
 Não começa, nem termina, é nunca, é sempre  
 É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra  
 Fulmina o injusto, deixa nua a justiça  
 O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito  
 Não mexe comigo

(Maria Bethânia Vianna Telles Veloso / Paulo Cesar Francisco Pinheiro) 

Neste ato, iremos realizar as análises referentes às narrativas autobiográficas construídas, correlacionando-as ao arcabouço teórico do estudo do campo em saúde coletiva e da formação da categoria de violência, bem como a construção do papel social da mulher. O procedimento adotado para o estudo analítico e interpretativo das narrativas construídas é o ATD – Análise Textual Discursiva de Roque Moraes (2003), que se constitui um procedimento metodológico oriundo da pesquisa qualitativa apresentada no ato anterior.

Tal procedimento permitiu que, inicialmente, em cada narrativa, fosse realizada a unitarização, que consiste na desmontagem do texto, localizando e separando temas que compõem a formação da narrativa exposta. Logo após realizada a identificação de tais unidades, foram identificadas e criadas as categorias contidas em cada narrativa textual, e posteriormente foi relacionada cada unidade com a categoria, agrupando, assim, as unidades em cada categoria específica formadora. A relação entre categoria e unidade é o elo analítico crucial para que se possa estipular uma análise reflexiva de cada narrativa. Tal processo foi feito de forma individual em cada narrativa, para que, posteriormente, os elementos analíticos identificados em cada texto fossem conectados de forma macro, correlacionando todas as categorias de todas as narrativas analisadas, ou seja, ao correlacionarmos os elementos singulares de cada narrativa, fazemos emergir categorias de forma coletiva a todos os textos, proporcionado visualizar uma percepção analítica macro. Vale destacar que nem todas as categorias presentes nos textos

narrativos foram utilizadas no processo analítico, apenas aquelas que se conectam com o objetivo do estudo desta pesquisa.

Foram identificadas quatro grandes categorias presentes em todas as narrativas trabalhadas nesta pesquisa, as quais, como forma de identificação e análise, foram separadas em cores específicas, e a seleção das unidades foi feita por meio dessa separação especificada por cor. Tais categorias estão ligadas entre si na formação da narrativa e no processo analítico do estudo da compreensão das experiências de violência vivenciadas pelas mulheres em vulnerabilidade participantes da pesquisa. As quatro grandes categorias identificadas são: violência, família, vulnerabilidade e esperança, estando as três últimas ligadas diretamente à primeira, que é o grande foco de estudo desta pesquisa.

Em cada categoria, foram identificadas subcategorias que acoplam as unidades (passagens ou elementos contidos nos textos) que são comuns a todas as narrativas. O interligar dessas categorias constrói a própria voz de cada uma destas pesquisas, proporcionando, assim, uma fala representativa de todo o grupo das mulheres participantes, promovendo uma compressão sobre a ótica de sua perspectiva frente às experiências vivenciadas de violência no decorrer de cada trajetória. A seguir a análise de cada categoria.

## **5.1 O cinza de violência**

Antes de darmos início aos encontros do CRB, surgiu um questionamento sobre a necessidade de, em determinado momento dos encontros, realizar um encontro temático específico para abordar o assunto violência, a fim de obtermos de forma mais direta as repostas objetivadas pela pesquisa. Porém, optou-se por não realizar tal encontro temático, buscando, assim, maior naturalidade e conforto das participantes. Tal opção se mostrou correta, pois a categoria de violência surge em todas as narrativas de forma muito presente e protagonista, pois ela assume um papel formador da própria construção de vida de todas as participantes.

A seguir, segue um gráfico que separa as subcategorias da categoria macro violência:

**Gráfico 02** – Gráfico descritivo das subcategorias da violência.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todas as narrativas, um elemento de suma importância detectado foi que nenhuma das participantes, ao narrar suas histórias de vida, menciona a palavra violência. Elas falam em ações como bater, apanhar, sofrer dentre outras, porém não como um processo conceitual de uma formação de categoria de violências, mas como elementos simbólicos de formação social. Mesmo se sentindo desconfortáveis em estarem sendo agredidas, elas encaram tal ato como uma forma de elemento preexistente de uma formação social, em que seu desconforto por vezes pode provocar um sentimento de fracasso familiar ou desleixo maternal frente aos seus filhos. Vemos isso na fala da Deusa Pajau Yan:

*Ele teve de me bater uma vez quando eu tava grávida que foi porque ele tava bebo e eu impliquei mesmo. Eu não tenho coragem de terminar com ele né por causa do meus filhos, aí toda vida eu choro por causa disso também, mas eu já acho que já curei a minhas dores de tanto eu chorar, chorar e pedir a Deus.*

*Quando eu tinha só minha filha foi ótimo, eu só vivia brigando e se batendo, mas porque era nova. Mas, eu curti, terminei com meu marido e depois voltei de novo e a gente continua se batendo, mas foi ótimo. Eu e ele se gostava, mas hoje em dia nós não se gosta mais. Aí agora eu to com ele né ainda e eu só vivo brigando e se batendo, mas porque ele já me traiu, não, eu*

*traí ele né não fui fiel e depois ele achou culpado sei lá aí foi e me traiu também, aí pronto acabou o amor de nós dois e por isso que hoje só veve brigando e se batendo.*

Tal fato descrito no trecho acima intercala com a própria teoria de Bourdieu (2009) ao afirmar que nossas ações e comportamentos são oriundos de uma formação social coercitiva baseada na construção de um ordenamento estrutural de dominação, em que agimos não sob a ótica individual ativa reflexiva, mas sob o prisma de uma ação baseada em valores forjados por aqueles que detêm o poder.

Aqueles que recebem do grupo nome de “sábios” ou de “grandes” e que, mesmo na ausência de qualquer mandato oficial, e encontram investidos de uma espécie de delegação tácita da autoridade do grupo, se *devem* (como se diz para expressar a obrigação para consigo mesmo que uma elevada ideia de si mesmo implica) relembrar continuamente ao grupo os valores que este reconhece oficialmente, tanto por sua conduta exemplar quanto por suas intervenções expressas: são eles que, quando duas mulheres de seu grupo vinham brigar, deveriam separá-las, e até mesmo lhes bater (caso se tratasse de viúvas ou caso os homens de quem dependiam não tivessem autoridade) ou lhes infligir uma multa; eles que, em caso de conflito grave entre membros de seu clã, deveriam chamar todos à razão, o que nunca acontecia sem certa dificuldade e às vezes perigo; eles que, em todas as situações que pudessem provocar um conflito entre os clãs (em caso de crime, por exemplo) se reuniam em assembleia, com o marabuto, para reconciliar os antagonistas; é a eles que, finalmente, incumbia a tarefa de proteger os interesses dos pobres e dos clientes, de lhes fazer dons por ocasião das coletas tradicionais, de lhes enviar alimento durante as festas, de levar ajuda às viúvas, de garantir o casamento dos órfãos etc. (BOURDIEU, 2009, p. 2.016).

Com isso, o fato de Pajau Yan, mesmo com desconforto, legitimar o ato de agressão de seu marido se dá pela existência de um condicionamento ocasionado pela normatização de uma estrutura de uma sociedade, em que o papel da mulher é colocado como agente passivo frente a determinadas situações, além de sua fragilidade de formação social, em que alguns atos podem ser vistos como sinal de fracasso ou irresponsabilidade frente a sua família e seus filhos. A subcategoria de violência conjugal acopla diversas unidades dentro desse grupo, e em todas as narrativas podemos identificar que a naturalização de agressões vindas do marido assume um caráter legítimo, por possuírem elementos de formação cultural transgeracionais, como pode ser visto na fala da Deusa Fortuna.

*Aí pronto, aí depois ele começou a me bater, a me bater. E eu não fazia nada porque eu pensava que isso era normal no casamento, o meu pai também batia às vezes na minha mãe, mas ele era um homem bom.*

Perante o trecho, percebemos que a violência conjugal tem seu caráter legitimador em elementos culturais, e tal subcategoria se interlaça com a violência contra a mulher, pois o papel social da mulher nessas relações assume um caráter passivo em uma sociedade falocêntrica que é forjada sobre o poder masculino, que promove a continuidade da agressão contra a mulher e da agressão de maridos contra suas esposas, pois essas se constituem um elemento de objetificação de pertencimento do homem. Percebemos isso na fala de Fortuna, ao qualificar a bondade de um homem pelo grau de intensidade de agressões, além de vermos que parte do motivo da aceitação desse contexto se dá pelo fato de que, tendo como referência seus pais, os atos de agressão são elementos formadores do próprio casamento. O ato de bater cria características de, mais que um hábito, um costume, que se configura um elemento impositivo para dentro dessa formação de relacionamento, como podemos ver na teoria de Durkheim (1977):

Maneiras de agir consolidadas pelo uso, não somente habituais mas obrigatórias para todos os membros da sociedade. O que distingue um costume não é sua frequência maior ou menor; é sua virtude imperativa, não o que se faz mais frequentemente, mas o que deve ser feito, a existência de uma sanção, tal é o critério que impede confundir um costume com um simples hábito. (DURKHEIM, 1977, p. 175).

Todas as subcategorias identificadas presentes na categoria de violência estão interlaçadas pelo fato de terem como base formadora a violência estrutural, que está relacionada com a própria formação da sociedade e dos papéis sociais exercidos por seus sujeitos. Bourdieu (2010) afirma que o processo de formação da violência estrutural se dá da própria diferenciação característica entre os corpos de homem e mulher, configurando, assim, o poder simbólico do masculino e do feminino. Em sua pesquisa analítica comparativa com o estudo de diversas culturas, percebe-se que a hierarquização desses simbolismos é o elemento disparador para a construção de uma sociedade falocêntrica:

Embora a ideia de que a definição social do corpo, e especialmente dos órgãos sexuais, é produto de um trabalho social de construção se tenha banalizado de todo por ter sido defendida por toda a tradição antropológica, o mecanismo de inversão da relação entre causas e efeitos, que eu tento aqui demonstrar, e pelo qual se efetua a naturalização desta construção social, não foi, a meu ver, totalmente descrito. O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (nif) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e,

progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2010, p. 32-33).

O fato de mulheres assumirem um papel passivo perante agressões, como visualizado no trecho da narrativa, ou mesmo de demais situações da vida cotidiana, para Bourdieu (2010), se dá em virtude da construção de elementos simbólicos ritualísticos que aprisionam e subjagam o papel da mulher em uma esfera de passividade. Em seu estudo, ele detecta que, em diversas culturas, alguns ritos simbólicos originalmente são criados objetivando a manutenção do poder subjagador sobre as mulheres.

Simbolicamente voltadas à resignação e à discrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (como eminências pardas). Mas, segundo a lei enunciada por Lucien Bianco ao falar das resistências camponesas na China, “as armas do fraco são sempre armas fracas”. As próprias estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens, como as da magia, continuam dominadas, pois o conjunto de símbolos e agentes míticos que elas põem em ação, ou os fins que elas buscam (como o amor, ou a impotência, do homem amado ou odiado), têm seu princípio em uma visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas. Insuficientes para subverter realmente a relação de dominação, tais estratégias acabam resultando em confirmação da representação dominante das mulheres como seres maléficos, cuja identidade, inteiramente negativa, é constituída essencialmente de proibições, que acabam gerando igualmente ocasiões de transgressão. É o caso, sobretudo, de todas as formas de violência não declarada, quase invisível por vezes, que as mulheres opõem à violência física ou simbólica exercida sobre elas pelos homens, e que vão da magia, da astúcia, da mentira ou da passividade (principalmente no ato sexual) ao amor possessivo dos possessos, como o da mãe mediterrânea ou da esposa maternal, que vitimiza e culpabiliza, vitimizandose e oferecendo a infinitude de sua devoção e de seu sofrimento mudo em doação sem contrapartida possível, ou tornada dívida sem resgate. As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar a volta às proibições e ao preconceito que lhes atribui uma essência maléfica — segundo a lógica, obviamente trágica, que quer que a realidade social que produz a dominação venha muitas vezes a confirmar as representações que ela invoca a seu favor, para se exercer e se justificar. (BOURDIEU, 2010, p. 43-44).

É em decorrência da construção da estrutural social que a formação de uma sociedade androcêntrica propicia a legitimação de comportamentos e ações da esfera da violência contra mulheres. Tal fato já é notado desde a infância, quando vemos uma construção de diferenciação entre o papel do homem e o papel da mulher, como podemos perceber na fala da Deusa Fortuna.

*Eu mudei muito porque um filho macho não é igual a uma filha fêmea. Porque qual a diferença porque um filho macho, ele precisa de mais atenção do que uma menina fêmea, ela precisa,*

*mas ele precisa mais. Tipo assim, a minha menina ela é quieta, mas ele é daquele menino que se ela pegar um brinquedo ele já avança pra cima dela. Ele é aquele menino que ele não é calado ele avança pra cima. Agressivo. Ele é muito agressivo.*

*A diferença dele pra ela ele precisa de mais atenção, entendeu? Porque se eu disser um Não ele me bate. Eu digo Não, aí eu seguro a mão dele, você não pode bater, aí ele vai e taca a mão na minha cara de novo, aí eu dou duas malzada na mão dele e digo que não pode. Aí ele quer tipo debater comigo, ficar me batendo. Porque ele é macho.*

Na fala de Fortuna, vemos que a violência contra a mulher assume um caráter de elemento estrutural imposto em relação ao papel passivo da mulher e a legitimação do ato de agredir do homem, que se configura uma característica formadora do masculino. Porém, como já discutido, tais formações são de caráter social, e não biológico. Reflexão fundamental para pensarmos em qualquer debate sobre violência dentro da área da saúde. Tomando como base Bourdieu (2010), vemos que a dita dominação masculina se dá desde a concepção da sociedade, por isso não há como pensar violência e saúde sem racionalizar sobre a formação da estrutura social.

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitats: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. (BOURDIEU, 2010, p. 45).

Como podemos perceber nesse processo, por ser internalizado culturalmente, muitas vezes, as próprias mulheres legitimam o papel subjugado da mulher, não de forma racional reflexiva, mas de forma inconsciente ou automática, pois esta está nas instâncias formativas do seu próprio ser. Tal fato ocorre desde os momentos iniciais da construção do indivíduo. Podemos ver isso na fala da Deusa Pele, relatando subcategorias de violência infantil e violência familiar.

*Eu fiquei bem traumatizada. Meu tio quando eu tinha 4 anos abusou de mim. É uma coisa que não gosto nem de lembrar, ele enfiava até garrafa em mim. Minha mãe não acreditava em mim, ela dizia que estava criando confusão. Ele era o filho preferido da minha avó e eu era vista como a confusenta. Minha mãe só acreditou em mim quando ela pegou a gente e viu minhas partes tava vermelha sabe, até sangrando por causa da garrafa.*

Vemos no trecho, mesmo ainda uma criança, Pele era uma menina falante e ativa, características incomuns ao papel passivo da mulher em uma sociedade androcêntrica, e, mesmo sendo um contexto de violência infantil e familiar, tais fatos inicialmente foram descredibilizados pela mãe de Pele e pelos demais, pois Pele era rotulada de “*confusenta*”. Rótulos como este fortalecem uma violência simbólica que descredibiliza o papel da mulher frente à sociedade, que busca, por sua vez, manter características como a passividade e o silêncio na formação do feminino, reforçado duplamente quando se trata de uma criança que fala. Beauvoir (1949) explana justamente sobre a introdução da característica de passividade e a não autonomia da formação do feminino.

Assim a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é o traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da violência; aprender a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. Sem dúvida, experimenta-se também “para outrem”, põe em questão sua virilidade, do que decorrem em relação aos adultos e a outros colegas, muitos problemas. Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre preocupação dessa figura objetiva, que sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve; portanto, reiniciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, aprender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirma-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia do menino. (BEAUVOIR, 1949, p. 21-22).

Esse condicionamento do modo de agir imposto ao papel da mulher colabora com esse processo de naturalização da violência contra elas, vemos isso também na fala de Fortuna: “*Eu brigava na rua e ela não gostava e realmente hoje em dia eu não sou mais a pessoa que*

*eu era, porque é feio uma mulher tá brigando na rua, isso não é coisa de mulher.*” Vemos que o elemento briga é destinado ao masculino, fazendo, assim, o feminino um receptáculo de dor.

Perante a análise das narrativas, vemos que o homem é um dos mensageiros dessa categoria de violência, que muitas vezes se camufla de elementos, rituais ou estruturas neutralizadoras que impedem a mulher de identificar a violência e suas subcategorias. Essa estrutura exerce tanta representatividade que essa mulher não vê saída dentro dessa teia de poder e de medo, como vemos na fala da Deusa Oxum:

*Os homens em minha vida só me bateram, meu pai me bateu, meu marido me bateu, meu amigo me bateu. Eu queria muito morrer, mas ficava pensando em meus filhos. Eu pensava que minha vida tinha que ser sempre assim apanhar, apanhar, passar fome e apanhar. Fico com medo dos meus filhos sempre como os outros homens, fico com medo deles me baterem.*

Em tal fala, percebemos que esse poder é uma teia de relações que se instala nessas pequenas instâncias e que impacta toda uma formação estrutural, como afirma Foucault (1978) em sua *Microfísica do Poder*. Porém, a manutenção dessas relações de dominação de poder se dá pela própria alienação dos dominados e, por vezes, daqueles que dominam, já que, segundo Marx (1974), toda alienação é resultado de uma falta de autorreflexão sobre a própria formação do ser.

[...] toda a alienação do ser humano se reduz à alienação da autoconsciência. A alienação da autoconsciência não se considera como a expressão, refletida no saber e no pensamento, da alienação real do ser humano. A alienação efetiva, que se revela como real, é antes, segundo a sua mais íntima natureza oculta – e só deslindada pela filosofia – simples ser fenomenal da alienação da vida humana real, da autoconsciência. A ciência que dele se ocupa chama-se, portanto, Fenomenologia. Deste modo, toda a reapropriação do ser objetivo alienado surge como uma incorporação na autoconsciência. O homem que toma posse do seu ser é apenas a autoconsciência que se apossa do ser objetivo; o retorno do objeto ao Si mesmo constitui assim a reapropriação do objeto. (MARX, 1964, p. 247).

A objetificação da mulher e de seu próprio corpo se intercala com tais formações sociais citadas. Muito da decorrência das subcategorias da violência é promovido pelo poder simbólico e estrutural de tal objetificação em instâncias e situações diversas. Pelo fato de estarem interlaçadas com as formações do indivíduo em decorrência de sua cultura, tais violências são difíceis de identificar até pelas que sofrem esse fenômeno. Percebemos isso nas narrativas das participantes desta pesquisa, visto que, em todas as trajetórias invocadas, as mulheres relatam situações de violência extrema ou violência estrutural, mas não percebem que tal fato seja uma violência. Porém, a reflexão sobre tais atos ocorreu em decorrência da escuta

e partilha dessas mulheres enquanto grupo, pois, no ato de uma escutar a outra, percebiam e ressignificavam suas próprias vivências. Pude notar tal fato na fala da Deusa Berchta:

*Aí numa férias dessa escola eu fui pra casa do meu tio, eu não gostava muito, ele dizia que eu só podia andar pela casa de calcinha e ele só deixava eu usar uma calcinha todo dia. Eu já peguei ele com a mão dentro da calça fazendo aquelas coisas, ele olhava direto pra mim.*

Ao narrar esse trecho de sua trajetória, há uma separação do primeiro ato e do segundo, em que ela relata quando flagrou a ação de seu tio. No momento dessa sua explanação, há uma paralisação de fala, seguida de uma reflexão, não apenas de Berchta, mas das mulheres que a estavam ouvindo. Tanto Berchta quanto as outras mulheres percebem que o fato de, ainda criança, ser obrigada a andar de calcinha está diretamente relacionado com o ato de seu tio. Além de esse relato estar conectado com as subcategorias de violência infantil e violência familiar, ele se relaciona com o sentido macro da objetificação da mulher que desenvolve uma violência estrutural.

Essa objetificação representa uma ferramenta de dominação que proporciona a alienação daqueles que são dominados, ou seja, estes não percebem a violência que estão a sofrer nem têm a possibilidade de refletir sobre tais atos. Percebemos isso na violência proferida dentro das subcategorias de violência conjugal e violência contra a mulher, em que o casamento se configura como um contrato de legitimação da objetificação da figura da esposa frente às vontades do seu marido. Em todas as narrativas, podemos perceber a materialização de tal fato, até mesmo em relatos de abuso sexual, como vemos na fala da Deusa Fricka:

*Ele um dia abusou de mim, me colocou de lado e forçou, eu só chorava. Depois de um tempo eu embucheí, mas ele não queria, me deu até remédio para matar o bebê, mas não deu certo, passei muito mal. Não queria ter a criança também, tinha vergonha de falar que ele tinha forçado comigo.”*

Mesmo ela sentindo o desconforto no ato, há um constrangimento em falar, pois a própria estrutura de casamento condiciona um processo formativo cultural do silêncio daqueles que se configuram o elo passivo de tal estrutura. Tal fato transcende a relação conjugal e afeta toda uma concepção de sociedade, em que, por muitas vezes, aqueles que têm acesso ao relato deslegitimam a dor e o desconforto da vítima, pois ela está dentro de uma estrutura de casamento. Vemos isso no relato de Fricka ao ir ao hospital realizar o exame psicológico para dar prosseguimento ao aborto, liberado legalmente em casos de estupro. *“Foi muito ruim no*

*hospital, a psicóloga lá duvidava de mim porque ele era meu marido. E eu ficava com vergonha disso. Mas no final deu certo. Chorei a semana toda.*” Percebemos que, além da violência em decorrência do abuso sexual e dos próprios elementos das subcategorias de violência, tal mulher passa por outros elementos de violência e abuso ocasionados pelo poder de uma violência estrutural simbólica, em que a mulher deve novamente enfrentar falas e ações que negam e deslegitimam sua dor, e a sua fala é reduzida ao questionamento daqueles que, por vezes, deveriam acolher, pôr o possível agressor ser seu marido.

Diante disso, podemos nos basear em Bourdieu (2010) quando afirma que as relações de poder são criadas pela perspectiva dos dominantes, fazendo, assim, os dominados acharem que tais ações são de ordenamento natural, bem como os dominantes estabelecem esse conceito para toda uma sociedade. Por isso, na situação citada acima, o abuso sofrido é questionado, pois há ainda uma estrutura cultural em que a esposa seria um objeto de pertence de seu marido nessa relação.

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis, como vimos acima, na representação que as mulheres cabilas fazem de seu sexo como algo deficiente, feio ou até repulsivo (ou, em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda), e de maneira mais geral, em sua adesão a uma imagem desvalorizadora da mulher. A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2010, p. 46-47).

O próprio abuso sexual em decorrência de ato sexual é colocado por Bourdieu (2010) como um processo de dominação da mulher, sendo visto pelo autor como um rito de posse em que, por vezes, é colocado à mulher ser a figura passiva. E quando essa mulher alerta para o abuso que sofrera, é questionada sobre qual culpabilidade ela teve em estimular tal ato. Minayo (1997) discorre sobre tal reflexão:

O estupro parece ser o lugar onde se exercita a identidade masculina por espalhamento: o corpo ‘subjugado’ da mulher ‘reassegura’ essa identidade, reafirmando o ‘caráter sacrificial’ dos corpos femininos. Nesse sentido, a iniciativa masculina e a recusa inicial feminina podem compor o ‘jogo sexual’, confundindo-se, assim, estupro com o jogo normal das relações sexuais. (MINAYO, 1997, p. 209).

Essas mulheres estão imersas dentro dessa estrutura formada por tais relações de poder coercitivo subjugador e que, por vezes, categorizam e camuflam atitudes e conceitos de violência como elementos naturais, já que grande parte desses momentos são vistos como elementos da formação do masculino e podem pertencer à ideia de homem cordial de Sergio Buarque de Holanda (1936), em que o homem é visto como uma pessoa simpática e tranquila, mas por trás dessa cordialidade está um ser violento e subjugador.

Essas mulheres, por estarem nessas prisões simbólicas, mesmo se sentindo desconfortáveis com esses cenários de agressão, tentam permanecer dentro dessas relações de dominação, pois se sentem responsáveis pelo mantimento de sua relação e de seu sucesso, ou seja, por vezes, findar tais relações seria visto como fracasso. Porém, mesmo quando escolhem a separação ou algum tipo de denúncia quanto à agressão, elas percebem que serão, por muitas vezes, descredibilizadas pelo outro. Diante disso, em um cenário de violência e agressão, algumas dessas mulheres não viram outra forma de deter a violência para se protegerem, pois acreditam que, se não fizerem por meio da violência, seus agressores ficarão impunes. Vemos essa reflexão na fala da Deusa Oya, que sofria abuso de seu próprio pai, que a agredia todos os dias, e via a morte de seu pai como o único meio de salvação.

*[...] e o nosso pai deixava nós trancada dentro de casa e começava bater em nós e abusar da gente gastando o dinheiro da nossa mãe que ela tinha na conta. Um dia que nós tentamo matar ele, nós demo veneno a ele umas duas vez ou foi três vez e quando nós tava assim nem Deus mata aquele monstro e foi aonde Deus deu um castigo a nós, ele começou a passar mal e nós pedimo perdão a Deus pelo o que nós tinha falado e feito e foi aí onde que levar ele pro hospital e o médico disse que ele tinha tomado um tempero vencido, só que não era.*

Assim como Oya, a narrativa de Fortuna expressa que a violência, por vezes, é a única alternativa para sobreviver a um cenário de agressão.

*Aí quando ele começou a me bater muito eu comecei a devolver, nós brigava dentro de casa, briga mesmo, dele deixar a marca e eu deixar a marca nele, aí teve um tempo João que eu tava tão cansada de apanhar dele, aí eu comecei a devolver e eu dizia que ia matar ele e pegava a faca e taquei nele e já furei ele todo de faca e ele também me furou e pego bem na minha barriga, eu também já tentei enforcar ele quando ele tava dormindo. Os vizinhos da gente escutavam muita coisa, aí teve um dia que eles denunciaram ele também. Tentei enforcar ele dormindo e já tentei fazer muita coisa, aí um dia em que ele me bateu e no outro dia ele levou dois tiros e eu tava na escola.*

Na narrativa da Deusa Berchta, exercer a violência contra um ato de violência pode ser a única maneira de proteção e sobrevivência frente a um cenário imerso nessa categoria.

*Aí um dia quase de madrugada ele chegou morto de bebo querendo que minha mãe fizesse as coisa com ele na cama e minha mãe disse que não ia fazer porque ela tinha acabado de chegar do trabalho cansada. Aí ele pegou e levantou a mão pra ela e na hora que ele pegou e levantou pra ela, ela puxou a faca e eu fui lá na cozinha e peguei uma faca também eu disse se tu bater na minha mãe eu enfio essa faca em tu, aí ele vá pra lá e eu disse vou ficar aqui.*

Algo que vale ressaltar é que, assim como afirmado por Bourdieu (2010), após um ato de violência, o dominante invoca ações ou elementos simbólicos que disfarçam o ato violento, fazendo o dominado regressar a um estado de alienação. Como visto na fala de Fortuna:

*Aí depois ele me bateu e eu disse que ia simhora e ele disse que não ia mais me bater, se ajoelhou e pediu desculpa e até os meus pés ele beijou, aí depois ele me bateu de novo.*

Na narrativa de Freyja abaixo, percebemos que, para essas mulheres, o bater ou determinados tipos de violência assumem um poder simbólico ritualista dentro do casamento, em que se cria uma relação de violência pela violência. Mesmo não nutrindo mais amor pelo marido, elas se condicionam, pois não veem perspectiva além daquilo que lhes foi dado.

*E hoje minha relação com meu marido é muito difícil porque nós briga muito. A gente briga por ciúme. A gente se bate e tudo mais. Ele já me bateu muito, já até jogei um tijolo na cabeça dele para me proteger. Não amo ele, mas é o que tenho na vida. Tinha o sonho de tudo melhorar.*

Além desse processo de aceitação, existe o fato de que, mesmo com a denúncia, é provável que tais mulheres não sejam ouvidas, pois elas exercem o papel da mulher que é considerada pertencente às instâncias de menor prestígio dentro da desprestigiada dita “ralé brasileira”, citada por Souza (2009) ao afirmar que até a morte não é uma perda significativa para aqueles que estão instalados nos mais baixos setores da cadeia social, e na própria “ralé brasileira” existe uma hierarquização de status sociais representativos.

Ele não é inocentado porque as pessoas envolvidas consideram que não se deva punir quem mata um ser humano por descuido. Ele é inocentado porque ele não matou, na

verdade, um “ser humano”, mas sim alguma coisa abaixo do humano, como um cão ou galinha, e ninguém vai preso por matar galinha. Como o valor dos seres humanos é construído socialmente, numa sociedade que não homogeneizou o tipo humano considerado digno de respeito e reconhecimento nas condições objetivas do capitalismo moderno, vai sempre haver um discurso “para inglês ver”, o da igualdade e da lei para todos, e o outro efetivo, nunca admitido, mas sempre perceptível nos “resultados práticos” de todas as práticas sociais e institucionais. (SOUZA, 2009, p. 445).

Diante desses relatos, percebemos que a categoria macro de violência permeia todos os elementos da formação das narrativas das participantes, mas, pelo processo ocasionado pela dominação exercida perante o papel da mulher, tais violências são disfarçadas de elementos naturais ritualísticos de uma cultura androcêntrica, em que ações que silenciam e atacam essas mulheres são suavizadas dentro da esfera de uma sociedade que é forjada sob a perspectiva dos dominantes, como podemos perceber na teoria de Souza (2009, p. 433): “Todo processo de dominação social se baseia em formas de ‘violência simbólica’, ou tornam ‘aceitável’ e até mesmo ‘desejável’ inclusive para suas maiores vítimas.” Tais processos permeiam a própria identificação da violência simbólica, que proporciona essa sessão da naturalidade perante a existência de violência.

Na verdade, a “violência simbólica” é atualizada “cotidianamente”, por todos nós, nos mais “inocentes” encontros casuais na rua entre pessoas de classes diversas e nos rituais de subordinação e autoridade que isso envolve, até a “má-fé” institucional generalizada, aceita e legitimada por todos, como vimos anteriormente na pesquisa empírica. É esse cotidiano, que é tornado invisível porque a sua violência é jogada “lá longe” numa elite ou num Estado que não é de ninguém, que, na verdade, atualiza os critérios de classificação e desclassificação social que condenam, desde o berço, ao fracasso e ao desespero, um terço dos brasileiros. É o abandono social de toda uma classe, objetivamente percebida como “animalizada”, já que a definição dominante de “humanidade” a exclui que é legitimada na prática social, ainda que seja negada como “discurso consciente” todos os dias pelas mesmas pessoas que as implementam na realidade cotidiana dos atos que praticamente sem refletir. (SOUZA, 2009, p. 433-434).

## **5.2 O amarelo de família**

Esta categoria representa um papel crucial na formação de cada uma das mulheres participantes, uma vez que, em todas as narrativas, vemos que tal categoria está diretamente correlacionada à categoria de violência em sua formação e em sua manutenção. A representatividade de cada subcategoria exerce um poder impulsionador da legitimação da violência e na formação estrutural, bem como da naturalização de atos de violência.

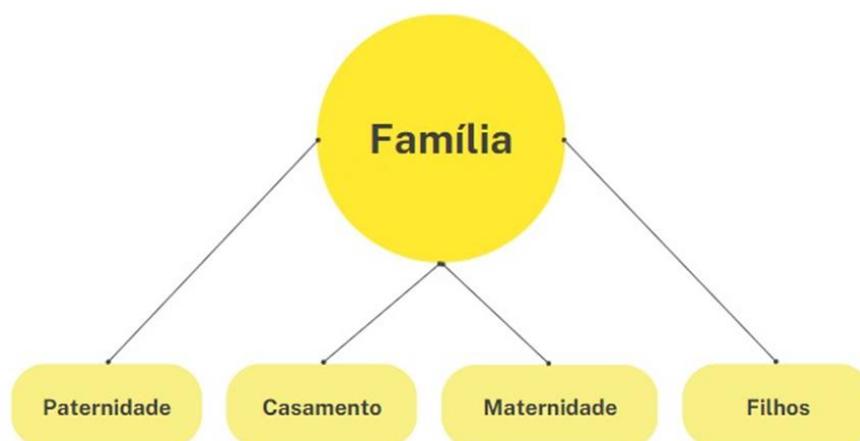
Esta categoria representa as relações de poder de dominação que se localizam em micro espaços, mas exercem grande influência na formação e na construção do ser e agir da

mulher, assim como vemos na teoria da microfísica do poder de Foucault (1978), que afirma que são justamente essas relações que surgem desses espaços que influenciam toda a formação estrutural de uma sociedade. As relações de dominação entre homens e mulheres já se estabelecem dentro dessa formação familiar.

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classes, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base essas pequenas relações de poder. (FOUCAULT, 1978, p. 231).

A seguir, segue um gráfico que separa as subcategorias da categoria macro família:

**Gráfico 03** – Gráfico descritivo das subcategorias da família.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todas as narrativas, essas subcategorias estão presentes e assumem papéis semelhantes em seu ordenamento. É o que podemos ver na subcategoria de paternidade, em que se configura a imagem do pai como um agente que traz violência e dor, porém também exerce uma dominação legítima frente à sociedade e aos dominados. Podemos perceber tal fato na fala da Deusa As Moiras:

*Meu pai ele bebe, ele bebia né agora depois do acidente ele deu mais uma maneirada de beber, todo final de semana ele bebia e na semana também e ele ficava muito agressivo e batia muito*

*na gente. (choro) Quando era pequena ele vinha toda noite e colocava a mão dentro da minha calcinha, eu não gostava, mas não queria deixar ele triste...*

Perante o trecho da narrativa, vemos que o pai de As Moiras assume o papel daquele que exerce uma grande violência sobre seus filhos, em específico, sobre As Moiras. Tal ação proferida pela figura paterna é vista em outras trajetórias, como na da Deusa Oxum:

*Meu pai me batia muito, em mim e na minha irmã, tudo ele me batia, mas o pior mesmo era quando ele vinha no nosso quarto de noite... (choro) ele pegava na gente João sabe... eu não sabia o que fazer, eu só chorava. Eu não queria morar mais ali.*

O que nos chama atenção, além do perceptivo elemento da violência e de todas as suas classificações presentes nos trechos narrativos apresentados, é que, mesmo sendo atos de violência em diversas instâncias, essas mulheres nutriam um sentimento de culpa ou até certo momento de passividade, já que a figura do pai representa, simbolicamente dentro dessa estrutura, um elemento sagrado dentro da constituição familiar, se conectando até a um persona sagrada, cujas ações podem ser justificadas. Podemos analisar tal reflexão segundo a teoria de Beauvoir (1980), ao explicar sobre a concepção sagrada e divina da figura do pai dentro do ordenamento familiar e social.

A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é através dele que a casa se comunica com o resto do mundo: ele é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; ele é a transcendência, ele é Deus. É o que experimenta carnalmente a criança na força dos braços que a erguem, na força do corpo contra o qual escolhe. (BEAUVOIR, 1980, p. 29).

Além dessas violências físicas e sexuais promovidas pela figura paterna, a ausência do pai e seu abandono configuram uma violência frente a essas mulheres, que desde sua infância têm que se conformar com o abandono e desprezo dessas figuras, mas só podem encontrar no silêncio e na aceitação uma forma de esconderijo frente a esta estrutura de dominação. É o que podemos visualizar na fala da Deusa Berchta:

*O meu pai mora lá perto de casa, só que assim o meu pai ele me rejeita muito, muito mesmo, desde pequena (choro), desde pequena meu pai me rejeita e eu vejo que ele prefere mais o meu irmão do que eu. Tudo ele compra é pro meu irmão, qualquer dinheirinho que ele recebia era meu irmão e hoje eu vejo isso. Hoje eu vejo que ele me rejeita muito, até eu disse Jonas eu tive*

*um sonho que Deus voltava e eu não to na igreja to afastada, mas eu tive esse sonho que Deus voltava e ficava só eu tu e o Jonathan que é o meu filho e eu dizia mas, porque eu fiquei né eu dizia, aí Deus dizia assim porque você não perdoou o seu pai pelo o que ele fez com você (choro), ele me maltratou demais, eu me sentia um lixo. E até hoje eu tenho esse rancor do meu pai. Eu falo com ele e tudo, mas eu ainda sinto aquele rancor dele. Porque ele fazia tanta coisa com a minha mãe e deixava a gente passar fome.*

Vemos que as violências estabelecidas sempre são acompanhadas de vícios que são, por vezes, legitimados à figura do homem, mas que permeiam todos os elementos da formação de uma sociedade. Porém, assim como afirma Souza (2009), muitas dessas características formadoras de papéis sociais, como citado da configuração da subcategoria de paternidade, são transgeracionais, o que proporciona a manutenção e propagação dessas esferas de violência.

O domínio de relações abertamente instrumentais entre os pais e entre os pais e filhos, reproduzindo um processo histórico que atravessa gerações com pouquíssimas diferenças, com pais atuais na verdade reproduzindo formas de comportamento das quais foram também vítimas como filhos e filhas no passado, é um dado fundamental para que possamos compreender a reprodução da “ralé” como uma classe de desclassificados sociais. (SOUZA, 2009, p. 447).

A subcategoria do casamento, presente nas narrativas, vem, na maioria das vezes, como solução para uma vida permeada de violência e dor. Essas mulheres buscam no casamento precoce ou nos relacionamentos prematuros uma oportunidade de alcançarem uma liberdade ou uma melhoria de vida à qual estão subordinadas. Porém, percebe-se que, mesmo buscando uma mudança de vida, acabam se relacionando com homens que exercem, em sua maioria, as mesmas violências que outrora seus pais realizavam. Os homens que permeiam a vida dessas mulheres exercem uma força violenta de dominação que se propaga perante as relações, como podemos ver na narrativa da Deusa Oxum:

*Com dezoito ano eu fugi de casa, eu e ela fugia era muito de casa aí pra poder sair logo dali. Eu namorava muito com o pai do meu filho e pra sair de lá né e teve que se juntar né, mas eu não queria isso, foi o único jeito foi se juntar cedo e quando pegou menino de lá pra cá era só apanhando do homem, sofrimento mesmo.*

A própria agressividade de seus maridos é naturalizada pela representação que essas mulheres tinham de seus pais e da estrutura subordinada a eles, como percebemos na fala da Deusa As Moiras:

*Há dezenove anos eu conheci meu marido, tive o meu primeiro menino, a gente briga muito, muito mesmo e que eu já taquei a faca nele e quase matei ele quando brigava. Ele sempre fala que eu não consigo nada sozinha, que eu não sei fazer nada que sou burra demais para fazer as coisas. Eu achava que ele tava certo...*

Vemos pelos trechos que o contrato social do casamento na vida dessas mulheres representa a manutenção de ciclos, nos quais são ceifadas por um ordenamento social pré-estabelecido. Durkheim (1977) já afirma que o casamento se classifica como um fato social que possui elementos coercitivos, externos e gerais para todos os indivíduos e a comunidade, fazendo com que tais mulheres não percebam o poder da dominação estrutural sobre elas. Para o autor, pelo fato de o homem sempre ser forjado na liberdade, o casamento para ele sempre seria renúncia desta, já para a mulher, pelo fato de já estar em uma categoria passiva, daria continuidade ao estabelecido, e percebemos que tal distinção colabora com a camuflagem de violências estruturais.

Chegamos assim a uma conclusão bastante distante da ideia que se tem comumente do casamento e de seu papel. Supõe-se que ele tenha sido instituído tendo em vista a mulher e para proteger sua fraqueza contra os caprichos masculinos. A monogamia, em particular, é apresentada com muita frequência como um sacrifício que o homem faria de seus instintos poligâmicos para elevar e melhorar a posição da mulher no casamento. Na realidade, sejam quais forem as causas históricas que o determinaram a se impor essa restrição, é a ele que essa instituição mais favorece. A liberdade à qual o homem renunciou só podia ser para ele uma fonte de tormentos. A mulher não tinha as mesmas razões para abandoná-la e, sob esse aspecto, podemos dizer que, submetendo-se à mesma regra, foi ela que fez um sacrifício. (DURKHEIM, 1977, p. 353).

As prisões estruturais exercidas pelo homem das ditas relações de poder podem exercer um caráter transgeracional, em que esse homem pode impactar não apenas sua esposa, mas todas as relações entre mulheres que constituem o ciclo dessa mulher. Podemos tomar como exemplo a fala da Deusa Fortuna, ao narrar como conheceu seu marido e as relações que ele já estabelecia com outras figuras femininas de sua família, e mesmo com tais relações, seus atos detêm um efeito natural.

*Eu e minha mãe tem um relacionamento assim meio complicado eu e ela né, porque nós brigamos, porque ela tava muito estranha pro meu lado aí eu vi umas coisas no telefone dela. Tipo ela tava conversando com o pai dos meus filhos, entendeu? Mas, eu perguntei a ela e ela disse que não, que conversava com ele só sobre minha filha, mas eu ainda tenho minhas dúvidas. Eu ficava com raiva, mas agora nem ligo... Eu já conhecia ele desde pequena, porque eu já estudei com a filha dele e ele foi o namorado da minha tia. Ele foi o namorado da minha*

*tia e depois ele conviveu com outra mulher depois da minha tia e minha avó não queria também porque ele já tinha uma fama que ele bateu muito em uma namorada. Quanto eu comecei a me relacionar com ele era tudo flores. Toda semana ele me dava, o que minha mãe não podia dar né. Toda semana ele me dava roupa, calçado quando minha mãe não tava podendo me dar e me dava celular, aí eu fui né tipo como se iludindo.*

Já nos relatos da Deusa Pele, percebemos que tais relações podem começar já dentro de um cenário de uma estrutura de violência e dominação, em que a figura do homem exerce tanta influência que torna imperceptíveis elementos de uma estrutura e atos violentos. Tal influência molda as próprias ações dessas mulheres em sua própria formação.

*Aí encontrei o meu marido. Eu conheci meu marido através de uma prima dele. Aí ele tava preso aí eu conversava com ele, aí eu comecei a visitar ele, aí com sete meses eu tive o meu filho que era especial, aí pronto até hoje eu to com ele. Agora aí vai fazer cinco ano que eu vivo com ele, ele é bom comigo, às vezes ele fica agressivo, mas coisa normal de homem.*

A permanência dessas mulheres dentro desses relacionamentos está conectada ao ideal de felicidade, que se torna um elemento legitimador de tais relações de poder, que aprisionam tais mulheres em um cenário opressor de violência. Beauvoir (1949) afirma que toda a formação familiar comunga para que as estruturas e os símbolos familiares sejam mantidos mesmo com o passar do tempo.

O ideal de felicidade sempre se materializou na casa, na choupana ou no castelo: encarna a permanência e a separação. É entre seus muros que a família se constitui numa célula isolada e afirma sua identidade para além da passagem das gerações; o passado conservado sob a forma de móveis e retratos de antepassados prefigura um futuro sem riscos; no jardim, as estações inscrevem em legumes comestíveis seu ciclo tranquilizador; cada ano a mesma primavera ornada das mesmas flores promete o retorno do imutável verão, do outono com frutos idênticos aos de todos os outonos: nem o tempo nem o espaço escapam para o infinito, ambos executam comportadamente o mesmo giro. (BEAUVOIR, 1980, p. 195).

Mesmo a subcategoria casamento proporciona diversas violências frente a essas mulheres, e, mesmo que elas se sintam, por vezes, desconfortáveis com tais situações, dentro desse contexto estrutural social, é melhor vivenciar tais violências, tendo que aceitar em diversos momentos a objetificação sexual de seu corpo, pois, para seu *status* dentro da dita “ralé social”, é melhor estar casada do que solteira, como afirma Souza (2009):

Sem jamais poder articular conscientemente a situação da mulher da ralé, mas sentindo os efeitos da vulnerabilidade feminina nesse meio, onde, como disse uma informante, “mulher sozinha é toco de cachorro mijar”, sua mãe intuiu que a única

chance de uma mulher ter um homem ao seu lado é a tática da preservação do corpo... Extingue-se, assim, a possibilidade dessas meninas de serem percebidas para além de seu corpo e conseguirem efetivamente despertar não só o desejo, mas também o afeto masculino, ainda que ter um “bom” homem para grande maioria das mulheres da ralé esteja muito distante do ideal romântico de um “encontro de almas”, representando, antes de tudo, uma certa proteção contra possíveis ataques físicos ou sexuais, num contexto de mulher sozinha - como disse uma das informantes - é “toco de cachorro mijar”; e nos melhores casos, poder contar com uma presença masculina constante e usufruir do prestígio que essa condição proporciona em seu meio. (SOUZA, 2009, p. 208).

Atrelado a esta subcategoria está a subcategoria de maternidade, que se apresenta de duas maneiras: materializada na figura das mães dessas mulheres e na transformação dessas mulheres em mães. Outra subcategoria que se interlaça com as demais é a de filhos, que vão exercer um papel de busca por transformação e uma reestruturação da formação dessa mulher.

A figura das mães das mulheres participantes representa um pilar de referência e talvez, em sua maioria, o único elemento de cuidado e de parceria que elas encontram em tal trajetória. Mesmo que elas compactuem com uma estrutura de violência, são essas mães que vão exercer o papel do acolhimento naquilo que são capazes de oferecer. Na fala da Deusa Pajau Yan, sua mãe representa seu pilar de apoio:

*Tudo é minha mãe né graças a Deus que ela pelo ao menos existe na minha vida, porque tem gente que não tem mãe né que ave maria acho que eu não sei. Minha mãe disse que não sabe o que vai ser de mim sem ela e eu também digo eu não sei o que eu vou ser, porque tudo é ela. Ontem meus filho tava sem fralda e ela comprou, ela é uma ótima mãe. E hoje eu to uma guerreira porque eu ter passado por isso tudo e to erguida e só mais força, só mais um pouquinho pro meus filho completar pelo ao menos cinco ano pra mim acabar com essas coisas e começar a trabalhar e dar o que eles precisa e não depender de homem né.*

Essas mães simbolizam para essas mulheres a representação da força e resiliência frente a tantas dores, como narra a Deusa Berchta:

*Minha mãe é uma guerreira porque pra cuidar de dois filho pequeno e um adolescente né. Que o adolescente de antigamente não queria saber de tá com criança, queria saber de curti. Minha mãe é uma guerreira até hoje, minha mãe cuidou dos seis filho dela sozinha, seis comigo. Minha mãe teve cinco homem e só eu de mulher. Eu era pequena, muito pequena não sabia nem o que pensar, pra mim era normal... Hoje eu sou uma guerreira também porque bem dizer eu sou uma mulher madura né porque eu resolvo tudo. Eu sou igual a minha mãe se me botar*

*pra fazer uma coisa eu faço, mesmo que eu não saiba eu faço, sou desse jeito eu boto as cara e vou mesmo.*

A presença dessa referência e conexão está em todas as narrativas, o papel dessa mãe é um contraponto frente à figura masculina, mãe esta que também é prisioneira dentro de uma estrutura de dominação e que, por vezes, ainda continua a sofrer inúmeras violências de diversos ordenamentos. Porém, essa mesma mãe, por também ser um elemento que sofre a dominação de uma sociedade androcêntrica, transfere tais ensinamentos e hábitos culturais para as gerações futuras de mulheres, fato este que se conecta com a subcategoria de filhos.

Ver-se-á adiante quanto são complexas as relações entre mães e filhas; a filha é para a mãe ao mesmo tempo um duplo e um outro, ao mesmo tempo mãe adora-a imperiosamente e lhe é hostil; impõe à criança seu próprio destino; é uma maneira de reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade e também uma maneira de se vingar desta. Encontra-se o mesmo processo entre os pederastas, os jogadores, os viciados em entorpecentes entre todos os que jactam de pertencer a uma determinada confraria e com isso se sentem humilhados: tentam conquistar adeptos com ardente proselitismo. Do mesmo modo, as mulheres quando se lhes confia uma menina, buscam com um zelo em que a arrogância se mistura ao rancor, transformá-la em uma mulher semelhante a si próprias. E até uma mãe generosa que deseja sinceramente o bem da criança pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma “mulher de verdade”, porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente... Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. (BEAUVOIR, 1980, p. 195).

A transformação dessas mulheres em mães tem um significado de libertação e mudança, esse filho também tem a representatividade de construção de uma vida melhor. Nas narrativas, tanto esta subcategoria, como a subcategoria filhos exercem grande importância na formulação dessas mulheres, já que elas percebem uma grande diferença no ordenamento de suas vidas após assumirem o papel de mães. Porém, percebe-se que, assim como nas outras subcategorias, estas também se interlaçam com a categoria de violência. Vemos isso na fala da Deusa Fortuna, ao relatar a importância de seus filhos:

*Quando eu olho pro meus filho, eu só me arrependo do pai que eu dei pro meus filho, mas meus filho é uma maravilha porque pelo meus filhos, se eu não tivesse meus filho eu acho que eu não seria nada. Eu acho que pelo meus filho todo mundo diz que eu mudei muito, pela menina eu já tinha mudado, mas não tanto como eu mudei agora pelo menino.*

Para a Deusa Hécate, a maternidade e a vinda de filhos foi o processo de libertação que buscava, porém ela se surpreende com as dificuldades que advêm desse novo papel:

*E quando eu engravidei achei bom, fiquei feliz também até porque eu queria também porque queria minha liberdade, e o pai dela não é daqui é do interior, não trabalha também. Trabalhava, mas não trabalha mais e eu cuido dela sozinha, cuido dela sozinha, trabalho, estudo e eu ainda olho ela, eu não pensava que ia ser tão difícil.*

Para a Deusa Fricka, a perda da virgindade seguida da gravidez também simboliza a concretude da busca por liberdade:

*Aí eu queria, quando eu fiz treze ano meu pai não deixava eu ir pra todo canto, pra festa, aí eu queria muito perder a minha virgindade pra mim ter minha liberdade. Perdi a virgindade e peguei logo foi um bucho.*

A busca por uma emancipação proporcionada pelo ser mãe trabalhada por Beauvoir (1949) proporciona de fato a formação de múltiplos sentidos e referências para a mulher e sua representatividade frente à sociedade, em que o dito amor caminha em paralelo com a dor:

Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar daquele que engendrou; isso representa para ela uma emancipação total. Se a deseja sinceramente, alegra-se com a gravidez e faz questão de conduzi-la sem ajuda; dominada ainda e consentido na concepção, entrega-se, ao contrário, às mãos maternas: o recém-nascido se lhe afigurará antes de um irmão ou irmã do que seu próprio fruto... Mas a gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. (BEAUVOIR, 1949, p. 260-262).

Porém, a partir dessa esfera, algumas dessas mulheres, após se tornarem mães, percebem as dificuldades desse papel e, com isso, de uma forma simbólica e estrutural, são impossibilitadas, não apenas pela figura do homem, mas por toda a sociedade, de sentir qualquer desconforto sobre a maternidade, pois elas estão sofrendo uma violência simbólica na rotulação do ser mãe, como afirma a Deusa Feyja:

*[...] aí eu conheci o pai da minha filha né tinha treze ano, aí com quatorze ano eu me perdi né aí engravidei com quatorze ano, aí tive com quinze aí quando as coisa começou a ficar meia ruim né, mas aí ....não... Meu filho vai fazer dois agora nesse final do mês, e não levo uma vida muito boa não, mas é o que tem né (choro). A vida é muito difícil, a gente passa muita necessidade.*

Já a Deusa Pajau Yan mescla a felicidade que tinha antes de ser mãe com os desafios que esse papel carrega consigo, bem como a obrigação divina em exercer tal função:

*Eu antes de ser mãe era muito bom, não tenho o que falar sabe a minha infância foi ótima. Minha mãe uma ótima pessoa, meu pai separou da minha mãe, ele batia na minha mãe, aquelas coisa de casamento e são separados né, mas eu não tenho o que falar da minha infância porque foi ótimo. Eu tive infância também, brincava muito de corda e não tinha esse negócio de namoro e eu fui namorar o quê quando meu pai foi embora né, quatorze ano, quinze eu engravidei porque eu quis mesmo, porque minha mãe não deixava eu sair, nove eu tinha que tá em casa e se eu não tivesse em casa minha mãe ia me buscar era regra mesmo lá de casa. Minha infância foi boa, foi ótima e só depois que eu me ajuntei né que quando você se ajunta as coisa fica mais complicadas... Na sala de parto eu falava muito né que eu ia abortar eles, mas minha mãe falou e todo mundo falou não, você não vai abortar você vai ficar porque se Deus mandou é pra você melhorar a sua vida, e é mesmo.*

A subcategoria maternidade, bem como a subcategoria filhos, pode se configurar elemento que contém as violências mais silenciosas e nefastas, pois elas residem em papéis sociais que representam elementos quase divinos frente à sociedade, e a dor pode se assemelhar a um processo romantizado de enobrecimento. A caminhada dessas subcategorias é um processo em que a mulher caminha em solidão e em silêncio, como afirma Beauvoir (1949):

Como a amorosa, a mãe enceta-se ao sentir-se necessária; é justificada pelas exigências a que atende; mas o que faz a dificuldade e a grandeza do amor materno é o fato de que não implica uma reciprocidade; a mulher não tem diante de si um homem, um herói, um semideus, e sim uma pequena consciência balbuciante, afogada em um corpo frágil e contingente; o filho não detém valor algum, nem pode conferir nenhum, diante dele a mulher permanece só; ela não espera nenhuma recompensa em troca de seus dons, cabe a sua própria liberdade justificá-los. Essa generosidade merece os louvores que os homens incansavelmente lhe outorgam; mas a mistificação começa quando a religião da maternidade proclama que toda mãe é exemplar. Porque o devotamento materno pode ser vivido numa perfeita autenticidade; mas o caso é raro, na realidade. (BEAUVOIR, 1979, p. 280).

Apesar de percebermos que a subcategoria filhos também se constitui um elemento aprisionador dessa mulher frente ao ordenamento social influenciado pelos dominantes, ela também, em algumas esferas, pode exercer verdadeiramente um elo de transição, não necessariamente em si mesmo, mas ser o disparador da ação na busca por possibilidade de transformação. Tal movimento é relatado na fala da Deusa As Moiras:

*Quando eu tive o meu menino mais novo que é a minha vida mudou e quando que eu soube que ele era desnutrido e que eu vim pra cá e aqui fui acolhida e onde também eu tive a oportunidade de ser amada e onde eu pude dar tudo que eu não tive pro meus filho...*

A categoria família é permeada por tantos elementos violentos, estruturais e simbólicos, que são invisíveis aos dominados, que pensam que estão atingindo certa liberdade em algumas instâncias, porém, em sua maioria, são armadilhas arquitetadas pela sociedade na manutenção do poder de dominação. Tal liberdade só pode ser alcançada quando, como afirma Kant (2013), o dominado se transformar em seu próprio mestre: “Para a liberdade interna, entretanto, são exigidos dois elementos: ser mestre de si mesmo em um caso dado (*animus sui compos*) e ser senhor de si mesmo (*imperium in semetipsum*), isto é, domar seus afetos e dominar suas paixões.” (KANT, 2013, p. 219).

### **5.3 O marrom de vulnerabilidade**

Inúmeros são os elementos que fortalecem a categoria de violência e suas formações, porém a categoria de vulnerabilidade encontra em si mesma campo impulsionador para que a violência se faça presente em instâncias inimagináveis e que obtenha potência frente à formação dos indivíduos e de sua sociedade. Diversos são os conceitos que classificam o que é vulnerabilidade, pois se configura em um fenômeno complexo da subjetividade reflexiva social. Para centralizarmos em elementos de análise das narrativas, foi utilizado o conceito de Vignoli e Filgueira (2001).

Vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais econômicas culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. (VIGNOLI; FILGUEIRA, 2001 apud AMBRAMOVAY, 2002, p. 13).

A seguir, segue um gráfico que separa as subcategorias da categoria macro vulnerabilidade:

**Gráfico 04** – Gráfico descritivo das subcategorias da vulnerabilidade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Todas as mulheres participantes estão inseridas em cenários de vulnerabilidade, em que suas escolhas e ações estão diretamente associadas a tal fato, bem como a força das relações de poder sobre os indivíduos. Vale ressaltar que a violência está presente em todos os níveis ou classes sociais, porém, quanto mais os indivíduos estão inseridos em vulnerabilidade, mais a violência se intensifica, naturaliza e se legitima.

A subcategoria de pobreza, que consiste na falta de recursos materiais e elementos de dignidade cívica, provoca uma área fértil para o estabelecimento de um cenário de violência, impulsionado por elementos formadores. Como um desses elementos, podemos citar a fome. Tais mazelas são ditas na narrativa da Deusa As Moiras:

*Tenho trinta anos, sou de uma família de quatro irmãos, minha mãe, meu pai e o meus quatro irmãos. A gente sempre passou muito necessidade, a gente via com fome, lembro que a gente pegava comida que sobrava nos lixos, era o que a gente tinha. Foi tudo muito difícil, ainda é difícil...*

A fala da Deusa Hécate também relata tais vivências:

*A minha mãe passou por muita dificuldade por causa que nosso pai nos abandonou e hoje eu passo por muita dificuldade também, já passei muita fome. Às vezes fico triste porque me acho muito nova para tanta de coisa que tenho que resolver, mas é isso aí, fazer o que né?... Quando era pequena a gente não tinha muito o que comer e nem o que vestir e não quero que isso aconteça com minha filha. Sabe é difícil, mas eu acredito que vou conseguir. E é isso. Tenho vergonha de falar de mim.*

A trajetória da Deusa Berchta também relata episódios de grande dificuldade:

*Aí com sete anos minha mãe colocou a gente num colégio interno porque ela não tinha condições de cuidar da gente (choro), nós passava fome e meu irmão tinha que pedir esmola pra poder dar de comer nós... Minha mãe fazia as compra e deixava a gente com ele pra ele poder dar comer, dar banho e tudo e ele não fazia isso. Ele pegava os alimento e ia pro bar, ia pros bar e a gente morrendo de fome dentro de casa, aí ele ia pro bar beber.*

Diversas são as unidades que se apresentam compondo essa subcategoria que intensificam e facilitam as esferas de relação de dominação e violência sobre os indivíduos. Nesse cenário, essas mulheres se veem subjugadas a instâncias tão esgotantes de sobrevivência que não conseguem perceber e refletir sobre as relações e os elementos que estão ao seu redor e formam sua própria realidade. Tal fato se conecta com a teoria de alienação de Marx (2011), que afirma que o indivíduo está em constante cegueira social, pois tantos são os desafios diários que não lhe sobra tempo nem força para refletir sobre os acontecimentos complexos de seu dia, bem como podemos correlacionar com o conceito do mundo sensível de Platão (2006), que tal mundo seria uma ilusão da verdade, provocada justamente pela inexistência da reflexão, que se constitui a chave para a chegada ao mundo inteligível (a verdadeira realidade).

Para essas mulheres, a capacidade da autocrítica ou mesmo exercer uma compreensão sobre os elementos que constituem sua formação se torna inviável, pois estão inseridas na dita “ralé brasileira”, que é desprovida de qualquer possibilidade reflexiva dentro de um sistema opressor de dominação. A superação dessa alienação seria alcançada inicialmente com a própria tomada de consciência perante a essa dominação. Tal fato corrobora com a teoria de patrimonialismo de Souza (2009).

Um indivíduo incapaz de autocrítica não aprende a se conhecer como ser humano e nem aprende a conhecer suas necessidades, capacidades e limites. Com uma “sociedade” incapaz de autocrítica acontece a mesma coisa. Torna-se impossível articular e tomar suas contradições “refletidas”, porque, simplesmente, ela é percebida como não possuindo contradições ou consensos injustos. Afinal, o “mal”, por definição, está “fora” dela. É isso que a teoria do patrimonialismo diz. Sabemos todos, por experiência própria que tendemos a “gostar”, na dimensão individual, de todas as “muletas” emocionais que visam afirmar nossa perfeição e expulsar o mal, as contradições e as ambivalências que habitam todo ser humano, e localizá-las num “outro” fora de nós. (SOUZA, 2009, p. 71).

Perante esses questionamentos teóricos, Souza (2009) afirma que essa falência reflete e induz a posição social dos indivíduos frente ao coletivo social, que faz com que as

relações de dominação obtenham papel definidor da formação e classificação de toda uma sociedade. Tais ideias refletem a própria formação estrutural, reafirmando o campo múltiplo da saúde coletiva e sua fundamental importância no pensarmos em saúde e sociedade.

Na dimensão da vida, essa mesma necessidade é talvez ainda mais forte porque está em jogo também a legitimação de nossa posição social. A noção de patrimonialismo permite, nessa dimensão pública e política, não só expulsar o mal num “outro” abstrato e distante, o estamento ou quem quer que esteja supostamente no controle do Estado, mas nos colocar imediatamente no polo supostamente “bom”, o da sociedade, vista como “vítima”, porque sofre indefesa a ação parasitária de uma “elite abstrata” todopoderosa. É isso que explica, apesar de sua evidente fragilidade científica, a sedução da noção de patrimonialismo entre nós, tornando-a não apenas a categoria central das ciências sociais, mas também do debate público político brasileiro há quase oito décadas. (SOUZA, 2009, p. 72).

Em decorrência desses elementos, essas mulheres acabam residindo em localidades onde o fenômeno da subcategoria do crime tem forte presença. Com isso, instituições criminais, como as ditas facções, se tornam papéis presentes em suas vidas. Com isso, a indução e o contato com essas esferas se tornam bem mais próximos. Tal contato exerce um poder formativo em suas próprias vidas e em seus costumes, não apenas delas, mas de toda a sua estrutura familiar. Podemos perceber esse cenário na fala da Deusa Fortuna:

*Eu disse pra ela que ela não era a minha mãe e que não gostava dela, que eu ia embora da casa dela, que quando eu ia ser eu dizia que ela ia vir virar vendedora de droga e que eu ia ser a pior traficante de onde eu morava. Porque naquela época o povo queria né que que vendesse essa coisa assim e eu já tava com minha cabeça louca e dizia a ela... E naquela época o meu bairro era muito perigoso, morria muita gente, aí eu fui morar com o pai dos meu filho em outro canto, tipo assim, eu morava na Mangueira e o pai do meu filho morava no Coqueirinho, lá era um bairro que eu não podia andar, era um local que eu não podia andar entendeu?*

Por meio desse cenário, podemos fazer a correlação da subcategoria do crime com a subcategoria do vício, que se torna presente na vida dessas mulheres, muito pelo estímulo em decorrência do contato que elas têm com as drogas no geral. Tal subcategoria é um disparador para que indivíduos exerçam ou sofram diversas formas de violência, como ser uma forma de fuga de um cenário de dor e sofrimento. A subcategoria das drogas está presente na vida da Deusa Oxum, induzida diretamente por um cenário de violência.

*Quando eu tive o meu primeiro filho eu apanhava muito do meu marido e aí foi que eu vi o que era as droga, pra mim esquecer dos problema o meu amigo me deu pra mim usar e eu comecei*

*a usar droga, para esquecer que apanhava. Eu tentei me matar, ainda me cortei no braço, tentei me matar outras vezes, já fiz me enforcar porque eu apanhava muito dele e não sabia mais o que fazer. Já tentei botar a corda no pescoço e a minha irmã mais velha pegou e depois quis me matar de novo.*

Vemos que a droga assume o elemento simbólico de fuga e também exerce um papel disparador de ações e de vivências que podem colocar em risco a vida dessas mulheres. O envolvimento com drogas ilícitas impacta de forma direta e indireta a vida não só dessas mulheres, mas de todos os seus familiares, como vemos na narrativa da Deusa Pajau Yan:

*Os meus irmãos tem um que ajuda muito a minha mãe né, ele trabalha, o outro sai de dentro de casa com dezesseis anos e arrumou um trabalho num frigorífico aí se ajuntou com um bocado de pessoas que não presta mesmo, aí tá numa casa e só veve com droga e o povo é direto ligando pra minha mãe dizendo que tem um bocado de pessoas lá e ela fica aflita porque ela não pode fazer nada. Ela pede pra ele voltar pra dentro de casa e ele diz que não vai voltar. Aí a minha mãe diz que ele já tem dezoito ano, ele sabe o que faz da vida dele e que se um dia ele for pra dentro da casa dela ela não vai né tirar ele porque conselhos ela dá e se não pega é porque não quer. E a minha irmã graças a Deus que teve um tempo que quando ela de menor ela roubou muito, mas ela sempre também foi cabeça feita, mas por causa de amizade também ela roubava...*

Vemos que essa subcategoria se relaciona também ao constructo de microfísica de poder de Foucault (1978), ao reafirmar que as relações constituídas nesses espaços assumem um fator coercitivo sobre as ações dos indivíduos e suas próprias formações. Outra droga, mas de caráter não ilícito, é o álcool e seu consumo de forma patológica. Tal unidade da subcategoria do vício se relaciona a um elemento transgeracional, em que os pais dessas mulheres e também seus maridos utilizam da bebida como dispositivo para atos de violência. Vemos isso na fala da Deusa As Moiras:

*Meu pai ele bebe, ele bebia né agora depois do acidente ele deu mais uma maneirada de beber, todo final de semana ele bebia e na semana também e ele ficava muito agressivo e batia muito na gente.*

Outro relato que aborda a questão da interferência ocasionada pelo consumo de álcool é o da Deusa Berchta:

*Meu pai brigava muito com a minha mãe, ele batia muito nela aquelas coisa de casamento neh João, ele bebia muito e minha mãe trabalhava e ele ficava dentro de casa, aí tirava os nosso alimento pra beber e levava o meu irmão também, meu irmão aí ficava só eu dentro de casa sozinha bem pequenininha. Aí depois com isso foi desgastando o relacionamento deles dois aí minha mãe mandou ele simhora.*

A Deusa Oxum vivenciou o efeito dessa droga lícita por meio do seu marido e de suas agressões, e novamente vemos que a bebida dentro desse cenário de vulnerabilidade sempre proporciona atos de violência:

*[...] ele chegou muito bebo em casa e deu muito em mim, eu apanhei muito nesse dia, fiquei até sem alguns dente na boca, aí ele queria dar porrada no meu filho, ele começou a bater no meu filho que tinha dois mês de nascido, aí eu peguei uma faca e eu furei ele porque ele deu no meu filho.*

Essas unidades compõem essa subcategoria, que se torna muito presente nesses cenários, pois todas as outras subcategorias constituem elementos disparadores para a manutenção de tais relações. A subcategoria da prostituição surge na trajetória dessas mulheres também de forma transgeracional, cujas unidades podem estar vinculadas à figura da mãe dessas mulheres, como também podem estar vinculadas a elas próprias. A prostituição aparece na narrativa da Deusa Feyja desde sua infância:

*Quando eu era criança tinha uma vida muito boa porque minha mãe tinha condição né, tinha condição assim porque ela tinha os marido gringo, ela fazia programa, aí nós tinha tudo do bom.*

Vemos que mesmo essa subcategoria está diretamente conectada à categoria macro de vulnerabilidade, pois, mesmo ela sendo um elemento de violência, ela proporciona recursos de melhoria de vida para a mãe e sua filha, e são esses recursos que são estímulo para permanecer nesse cenário.

Porém, tais recursos podem ser ferramentas de dominação ou um próprio disfarce para o aprisionamento dessas mulheres, como afirma Beauvoir (1949).

Muitas vezes a mulher encara a prostituição como um meio provisório de aumentar seus recursos. Mas já se descreveu mais de uma vez como se vê amarrada a seguir. Se

os casos de “tráfico de brancas” em que ela é arrastada para engrenagem pela violência, falsas promessas, mistificações etc., são relativamente raros, é frequentemente, entretanto que fique retida na carreira contra a vontade. O capital necessário ao início foi-lhe fornecido por cáften, ou uma caftina, que assim adquiriu direitos sobre ela e reconhece a maior parte dos benefícios sem que ela possa libertar-se. (BEAUVOIR, 1979, p. 2.329).

Dentro desse cenário de grande vulnerabilidade, baseado nas diversas esferas de violência, essas mulheres não veem qualquer opção que não seja utilizar o sexo para galgar sobrevivência em um meio tão opressor e vulnerável, em que seus corpos se tornam objetos subjugados para que elas não pereçam dentro dessa estrutura. A Deusa Oxum, em meio a tanta dor e sofrimento, viu-se puxada para a prostituição como forma de sobreviver a seu mundo e sustentar seu próprio vício em busca de uma fuga da realidade.

*Já apanhei de vagabundo e já me prostituí por droga, já apanhei de gente por dinheiro, e quem vinha fazer programa comigo me batia também, até mesmo na cama já recebi muita porrada. Teve uma vez que o cara que me vendia até entrou no quarto para afastar o cara, ele tava me batendo muito e aí ia me deixar feia.*

Para Souza (2009), a utilização do sexo se configura como uma questão de vida ou morte, em que as mulheres da “ralé estrutural” não veem escolha para se auto protegerem ou melhorarem de vida, e o sexo é a única barganha que possuem em um meio em que não existem recursos, e seu corpo se transforma em seu único bem e na sua moeda de troca frente aos dominantes.

No caso das meninas da “ralé estrutural”, esse comportamento “coquete” é ensinado desde cedo pelas mães, ainda que de maneira inarticulada, como a arma mais “forte” entre as “armas dos mais fracos” na luta desesperada para manter a atenção e a presença dos homens. Como para essas meninas o sexo é uma “questão de vida ou morte”, é preciso sempre “se dar ao valor” tentando manter a escassez dos prazeres que os homens conseguem com elas. Por isso “sexo livre” significa para elas não uma conquista, e sim um degrau ainda maior. [...] Esse “eco-tardio” da “revolução sexual” entre meninas pobres só pode trazer um falso relaxamento num contexto em que, ao invés do diálogo sobre o corpo e a sexualidade desde a infância e na passagem para a adolescência, as mães são obrigadas a ensinar o jogo dissimulado com as palavras e os gestos, já que elas próprias nunca puderam relaxar e brincar com o sexo. (SOUZA, 2009, p. 182-183).

Apesar de as relações de violência estarem presentes e exercerem poder coercitivo em todas as classes sociais, é de suma importância frisar que a vulnerabilidade é uma subcategoria crucial para que tais relações sejam intensificadas a uma potência sem precedentes, pois nela reside um cenário de imenso desgaste que proporciona a alienação daqueles que sofrem violência e, em algumas instâncias, daqueles que realizam a própria

violência. As relações sociais da dita “ralé” descrita por Souza (2009), por estarem assoladas pela falta de conscientização, ocasionada justamente por esses atos de violência, vivenciam tal fenômeno de forma naturalizada.

A típica família da “ralé” é muito diferente da família de classe média. Em grande medida, a família da “ralé” apresenta traços marcantes de “desestruturação familiar”. [...] Um primeiro traço marcante dessa desestruturação familiar é o fato de que as relações familiares na “ralé”, em medida comparativamente muito maior que na classe média, são marcadas pelo domínio de “relações instrumentais” caracterizadas pelo abuso afetivo de todo tipo dos mais “fortes” em relação aos mais “fracos”. Uma das formas mais assustadoras frequentes de abuso que encontramos em nossa pesquisa foi o abuso sexual dos pais em relação às filhas, e até aos filhos, e dos mais “velhos” em geral em relação aos mais “novos”. A “naturalização” desse tipo de comportamento na “ralé” inclui até mesmo a justificação – embora a regra seja o silêncio conivente – desse tipo de comportamento por pais que dizem que não vão ser os “tolos” que criam mulheres para que “outros” homens possam se “aproveitar”. (SOUZA, 2009, p. 446-447).

#### **5.4 O violeta de esperança**

No caminhar de todas essas mulheres, os elementos que constituem o fenômeno da violência estão presentes em cada momento, muitas vezes, assumindo formas invisíveis e imperceptíveis, colaborando para uma alienação sobre sua própria existência. Apesar de as categorias até aqui apresentadas tomarem formas de ferramentas disparadoras desse fenômeno, há uma categoria presente dentro de todas as narrativas que se apresenta de forma potente na transformação dessas trajetórias e da própria formação de cada uma dessas mulheres. A categoria esperança está conectada com os elementos de transformação e reflexão que surgem na vida dessas mulheres. Tal fato se dá por meio de acontecimentos em comum a todas as mulheres participantes, que, por meio dessas experiências, atingem uma reflexão de si mesmas e do mundo.

A seguir, segue um gráfico que separa as subcategorias da categoria macro esperança:

**Gráfico 05** – Gráfico descritivo das subcategorias da esperança.



Fonte: Elaborado pelo autor.

\*você não acha que ser mãe, ter os filhos também entra nessa categoria?

A subcategoria IPREDE representa simbolicamente um rito de passagem para uma mudança reflexiva e estrutural na vida dessas mulheres. Apesar de sua chegada nessa instituição ser induzida pela busca do cuidado com seus filhos, elas se deparam com inúmeros elementos que fomentam o acolhimento, e a partir desse encontro são ofertadas e disponibilizadas ferramentas e meios que buscam a promoção do fortalecimento emocional, bem como o processo reflexivo. A Deusa Fortuna relata que o IPREDE proporcionou novos elementos representativos para sua vida, pois, antes de seu contato com a instituição, todas as suas referências eram de dor e sofrimento.

*O Iprede eu me senti muito segura no Iprede, me deu muita força, eu virei uma nova mulher. Porque a gente se baseia nas coisa que a gente vê, então aqui dentro tem gente muito forte que a gente vai tirando por cada um e a gente também tem que ter aquela força igual as amiga.*

Na narrativa da Deusa Oxum, há o relato da importância de uma amiga que impulsionou a ida dela para o IPREDE, onde afirma que teve acolhimento. Em sua fala, percebemos o interlaçar de três subcategorias: a do IPREDE, do Projeto Vai Maria e de sonhos, que estão vinculadas como catalisadoras de um resgate emocional e reflexivo dessas mulheres. Para essa Deusa, foi por meio dessas subcategorias que ela pôde voltar a almejar novas coisas em sua vida, e não mais aceitar um papel passivo perante o poder coercivo que vivenciava em seu cotidiano.

*Quando eu cheguei aqui no Iprede foi por causa de uma amiga minha mostrou o que era Iprede, então eu vim mais ela. Aí eu vim pra cá e conheci muita oportunidade né o curso que era o meu maior sonho ser costureira e .... e hoje eu agradeço muito a Deus o Iprede por me aceitar e acolher eu aqui. Aqui é a minha segunda família e assim eu vou relevar, vou ter meu sonho se Deus quiser trabalhar na confecção, aqui eu costuro mais que roupa, costuro novos sonhos. Eu agradeço ao Iprede porque eu tenho muita oportunidade, agradeço a Bia e o João que me acolheu muito na hora que eu precisei e pronto. Aqui eu aprendi a me amar a não aceitar apanhar. Estou aprendendo a me amar aqui a lutar pelos meus sonhos.*

A Deusa Freyja afirma, em sua narrativa, que, em virtude de sua própria trajetória, nunca sonhou, talvez o elemento de grande violência estrutural é que ocasiona a inviabilidade da capacidade de indivíduos de sonharem. Porém, a partir do seu contato com a subcategoria Projeto Vai Maria, ela está sonhando com uma profissão e autonomia frente às condições de vida que lhes foram impostas. Tais elementos promoveram uma reflexão e vontade dela em atingir sua independência frente às figuras masculinas de sua vida.

*Na verdade na verdade mesmo eu não tinha sonho não até agora começar essa, porque eu nunca tinha feito nada na vida, só vivia o dia. Aí to construindo né agora nessa costura e eu quero ir pra frente nesse ramo aí de costurar, primeiro trabalhar que ninguém começa já sendo dono né, primeiro é trabalhar pra aprender bem muito pra depois eu poder ser um dono né e não precisar mais aguentar nenhum homem me ferir. E vamo começar aí agora né apesar dos apesares. É assim e pronto.*

Percebemos nesses trechos que a ausência desses elementos apresentados pelas subcategorias proporcionam uma alienação e conformação dessas mulheres frente a um cenário ceifador de possibilidades. Porém, ao serem apresentadas a esses elementos de acolhimento e reflexão, começam a criar consciência de sua própria história, promovendo, assim, a construção de um caminhar emancipador.

Tal consciência da história, como vemos em Gorz (1987), assume um fator de suma importância na busca pela emancipação frente à dominação.

Para Hegel, com efeito, a História é a progressão dialética por meio da qual o Espírito, inicialmente estranho a si mesmo, toma consciência e posse do mundo – que, na verdade, era o próprio Espírito existindo fora e separado de si – até retomá-lo completamente em si e unificar-se com ele. Os avatares dessa progressão são etapas que, em razão da sua contradição interna, são necessariamente levadas a “passar para”

a etapa seguinte, até a realização da síntese final que é ao mesmo tempo o sentido de toda a História anterior e o término da História. (GORZ, 1987, p. 28).

É justamente a falta do processo reflexivo sobre sua própria história que corrobora para que essas mulheres não tenham compreensão dos diversos elementos de violência que estão em sua vida, aprisionando suas consciências. Josso (2010) reflete que essa consciência histórica de forma individual e coletiva se dá pela partilha dessas experiências.

O novo paradigma que emerge da prática das histórias de vida em formação, que tende para uma consciência reunificada de nós mesmos, individualmente e coletivamente, apresenta-se como o deslocamento para uma posição metadisciplinar na qual a busca de um “saber viver”, ou a procura de uma sabedoria, tenta uma reintegração operante dos conhecimentos no seio da nossa existencialidade. Essa arte de viver em ligação e partilha como diria René Barbier, consigo mesmo, com os outros e com o universo, pode ser encontrada de muitas maneiras. As vias da sabedoria são tão numerosas quanto a inesgotável criatividade da energia espiritual que anima nosso universo cósmico, no seio do qual a emergência da humanidade é apenas uma das formas manifestadas acessíveis à nossa “visão”. (JOSSO, 2010, p. 186).

A importância das subcategorias de esperança é destacada como crucial na narração da Deusa Pele, pois, para ela, foi dentro do projeto que ela começou a perceber seu potencial e construir novos sonhos, além de que o IPREDE se configura um local onde as possibilidades são materializadas e promovem a transformação não apenas em sua vida, mas na vida de todos. Porém, nada disso seria possível, segundo ela, se não tivesse tido o apoio das mulheres participantes do grupo. A troca de experiências foi fundamental para que essas mulheres conseguissem atingir a fortaleza necessária para o início de uma caminhada de libertação.

*Aí graças a Deus to aqui né e tendo oportunidades maravilhosas que nem toda vida a pessoa tem né essas oportunidade que é o curso Vai Maria e se Deus quiser a nossa confecção que nós já vamo fazer, e eu agradeço muito o Iprede né por todas oportunidade porque se não fosse o Iprede eu não sabia o que eu ia ser pra frente né. Aqui eu apreendi a me olhar mais, coisa que já há muito tempo não fazia. O grupo foi muito importante para mim, agora sou até mais paciente. Aí o que eu quero daqui pra frente eu quero ter mesmo o meu trabalho assim né, eu quero continuar na confecção e também ser uma microempendedora né...*

A Deusa Fricka destaca a importância do apoio para com seu filho e da transformação que está passando junto ao Projeto Vai Maria, além das oportunidades oferecidas pelo IPREDE. Ela descreve seu sentimento como “se estivesse voando”. Podemos destacar que, nos trechos em que as subcategorias de esperança surgem, vemos que as figuras de dominação e de violência não aparecem mais como protagonismo, e o próprio papel dessas mulheres começa a exercer o elo principal de sua história.

*Foi que meu filho começou a se apoiar no Iprede e apareceu a oportunidade d'eu fazer curso de costuro que eu gosto de costurar, eu amo costurar. Apareceu esse curso do projeto Vai Maria e to fazendo com todo orgulho e eu não quero ser empresária nem nada não, só quero ter minha confecção e eu sei que eu tenho capacidade de costurar. E o Iprede cada vez mais abraça a gente, dar oportunidade pra mim e pras outras e eu to orando que dê certo a confecção pra mim ficar trabalhando aqui. Aqui eu me senti voando.*

Está presente em todas as narrativas das mulheres pesquisadas a importância do grupo estabelecido pela pesquisa e o poder transformador de narrar suas próprias histórias. Tal ação exerce um processo reflexivo de forma individual e coletiva, e é justamente essa partilha em grupo a potência de tal reflexão, pois ela consiste em diversos tipos de percepção que são essenciais para que essas mulheres comecem a se enxergar como seres protagonistas de suas próprias histórias e perceber o significado de cada elemento formador, assim como afirma Josso (2010).

Pensar a formação na multirreferencialidade implica, pois, tomar consciência da possibilidade de se pensar como totalidade de vida orientada para um devir. *É essa razão pela qual a explicitação das buscas induzidas ou escolhidas permite transcender e incluir as dinâmicas psicológica, sociológica e antropológica na narrativa, subordinando estas últimas a um sentido.* Em outras palavras, só uma visão plural de cada vida, subordinada às suas orientações fundadoras, pode ajudar o autor a se considerar como um ser-no-mundo concreto, e não como um conjunto disperso de características ou processos que correspondem às categorias científicas das diferentes ciências do humano, ou como um indivíduo qualquer, que age unicamente por ação das forças contrárias que o ultrapassam. (JOSSO, 2010, p. 210).

Para Ricoeur (2012), quando acompanhamos nossas histórias, compreendemos o atual momento em que vivemos, para ele a transformação de nossa realidade se dá na tomada de conscientização. Tal fato foi perceptível na experiência junto às narrativas das mulheres participantes, em que, no ato de narrar e refletir sobre suas próprias histórias, elas tomaram consciência de si mesmas e dos elementos que formaram seu presente.

Acompanhar uma história é avançar em meio a contingências e peripécias sob a condução de uma expectativa que encontra sua satisfação na *conclusão*. Essa conclusão não está logicamente implicada por qualquer premissa anterior. Dá à história um “ponto final”, que por sua vez, fornece o ponto de vista de onde a história pode ser percebida como formando um todo. Entender a história é entender como e por que os sucessivos episódios conduziram a essa conclusão, que, longe de ser previsível, deve ser finalmente aceitável, como sendo congruentes com os episódios reunidos. (RICOEUR, 2010, p. 116-117).

O efeito de todas as categorias apresentadas é um compilado de como o fenômeno da violência exerce seu poder sobre a formação estrutural de toda uma sociedade. Para Han

(2016), o efeito da violência é tornar o indivíduo invisível perante a si mesmo e para a sociedade: “a violência priva sua vítima de toda e qualquer possibilidade de ação; reduz seu espaço de ação para zero, aniquila-o.” (HAN, 2016, p. 139). Esse fenômeno objetiva atingir a alteridade e a conscientização de enxergar o outro e a valorização de suas particularidades; esse fenômeno nutre sua existência justamente no fato da reflexão no fazer o outro existir.

Tanto a violência quanto o poder são estratégias para neutralizar a alteridade inquietante, a liberdade rebelde do outro. O poder do ego provoca a submissão do outro; ele renuncia sua alteridade inquietante e ameaçadora para o ego. Em virtude do poder o ego se prolonga no outro. O poder, portanto, é a capacidade de transformar a relação com o outro em relação consigo, autorrelação, isto é, permanecer e demorar junto a si mesmo, apesar do outro. A continuidade do si-mesmo reduz a inquietação que provém da alteridade do outro. O poder é uma palavra relacional; é bem verdade que ela minimiza a alteridade do outro, mas não se desconecta totalmente dele. A alteridade, por sua vez, continua implicitamente referida no fazer do ego. Contrariamente ao poder, a violência não é uma palavra relacional, mas a aniquila o outro. (HAN, 2016, p. 140-141).

A categoria esperança se mostra como o potente elemento de conscientização sobre o fenômeno da violência, por meio da partilha de experiências junto ao grupo de mulheres, utilizando-se de uma reflexão dialética socrática na busca pela maiêutica de sua própria história e existência. Tal fato foi possível, pois com o ato de partilhar experiências, dores e sonhos, essas mulheres se colocam em um papel em que os diversos saberes não são hierárquicos, mas, sim, elementos de uma construção de um saber reflexivo, ou seja, por meio da partilha de suas histórias, cada mulher cria uma compreensão dessas experiências e uma conscientização sobre si mesma.

[...] sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso – ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei. (PLATÃO, 2002, p. 5).

Ao alcançar tal reflexão, o indivíduo começa a compreender cada significado das categorias e dos elementos que formam sua trajetória, bem como consegue compreender sua própria existência. Para Chauí (1998), é justamente a compensação de cada significado que proporciona a luz do saber sobre as coisas e sobre nós mesmos. Para essas mulheres, tal entendimento veio a partir da partilha de suas histórias enquanto grupo, e tal fato foi crucial para que elas pudessem acreditar na sua emancipação social e na sua autonomia como agentes de transformação de sua própria história.

Você sabe o que é isso que você está dizendo? Você sabe o que é isso em que você acredita? Você acha que está conhecendo realmente aquilo em que acredita, aquilo em

que está pensando, aquilo que está dizendo? Você diz que a coragem é importante, mas: o que é a coragem? Você acredita que a justiça é importante, mas: o que é a justiça? Você diz que ama as coisas e as pessoas belas, mas o que é a beleza? Você crê que seus amigos são a melhor coisa que você tem, mas: o que é a amizade? (CHAUÍ, 1998, p. 59).

Essa partilha é o grande diferencial que promove a reflexão e o próprio fortalecimento dessas mulheres, enquanto indivíduos e grupo, onde a tomada de consciência é formada por um processo de dialética socrática, onde a chegada até a maiêutica seria representada pela própria compreensão dos episódios formadores de sua vida. Esse processo transformador ocorreu também nas análises das narrativas, onde minha própria consciência foi formada e transformada a partir dos relatos e reflexões destas deusas.

**ATO 6 - DIVINO MARAVILHOSO**  
**CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Atenção ao dobrar uma esquina  
 Uma alegria, atenção menina  
 Você vem, quantos anos você tem?  
 Atenção, precisa ter olhos firmes  
 Pra este sol, para esta escuridão  
 Atenção  
 Tudo é perigoso  
 Tudo é divino maravilhoso  
 Atenção para o refrão  
 É preciso estar atento e forte  
 Não temos tempo de temer a morte  
 Atenção para a estrofe e pro palavrão, para a palavra de ordem  
 Atenção para o samba exaltação  
 Atenção  
 Tudo é perigoso  
 Tudo é divino maravilhoso  
 Atenção para o É preciso estar atento e forte  
 Não temos tempo de temer a morte  
 Atenção para as janelas no alto  
 Atenção ao pisar o asfalto, o mangue  
 Atenção para o sangue sobre o chão  
 Atenção  
 Tudo é perigoso  
 Tudo é divino maravilhoso  
 Atenção para o refrão  
 É preciso estar atento e forte

(Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso / Gilberto Passos Gil Moreira) 

Pesquisar sobre as interpretações de violência a partir das experiências dessas mulheres foi verdadeiramente um caminhar coletivo, tanto delas como meu. Comecei esta pesquisa sabendo e sentindo que algo poderoso e emocional iria ser construído no decorrer de cada etapa, porém não imaginava a riqueza e a reflexão sobre o fenômeno da violência e como o estudo desvelaria elementos da formação da sociedade como um todo. O contato com essas mulheres foi algo poderoso, ver e ouvir sobre suas fortalezas e fraquezas me fez refletir a cada momento sobre como o poder de dominação e coerção da violência é avassalador, mas, ao mesmo tempo, a capacidade de acreditar e se reinventar é uma pequena chama que está prestes a ser apagada, e basta perceber que ela ainda existe para que se ilumine tudo.

Ao estudar e pesquisar a trajetória da área da saúde, percebi que, ao analisarmos a história dessa área, falamos sobre o caminhar de uma sociedade, como visto em Nunes (2006), ou seja, muitos são os elementos complexos e as etapas para refletirmos sobre a formação de saúde e sociedade. Pude notar que, em todo seu percorrer formativo, há uma disputa entre linhas teóricas que clamam para si a hegemonia do saber, tal fato comprova que o campo é realmente constituído por tensões entre seus agentes, como afirma Bourdieu (1998). Pelo fato de os estudos de saúde e sociedade estarem conectados com a própria construção desse pensamento científico, o positivismo, em grande parcela da história, assume o protagonismo do pensar dessa área. A busca por se encontrar uma verdade ordenada e lógica provocou inúmeras conquistas para a dita “ciência”, mas também promoveu a invisibilidade de inúmeros elementos complexos do entendimento de fenômenos como a própria violência, como visto em Minayo (2006).

Por ter tido essa predominância do pensamento positivista no decorrer dos tempos, as análises sobre os fenômenos formativos da área da saúde assumiam um olhar técnico científico na busca resolutiva entre doença e cura sob uma perspectiva sanitária. Porém, é justamente a mudança social, em decorrência desses fenômenos históricos, que proporciona um olhar por outro prisma, já que a própria formação e estruturação social se modifica. É nesse resgate da análise histórica que solidifico a percepção do interlaçar de saúde e sociedade, com base no fato de a saúde ser uma área que tem seu caminhar paralelo com a história da humanidade, comprovando que “*somos filhos de nossa própria história*”, como afirma Hegel (1974).

Por todos esses elementos de construção, percebo que o campo da saúde coletiva se configura como uma das grandes potências da formação de análise teórica para a sociedade brasileira, pois este aceita e afirma a fundamental importância da construção de um pensamento hermenêutico reflexivo, baseado em múltiplos saberes entre ciências naturais e humanas, na busca por um pensamento de alteridade teórica da formação desses fenômenos. Com isso,

compreendo que, ao estudar as experiências de violências através de narrativas autobiográficas, pude ter um recorte da própria formação da sociedade e de suas relações de poder na construção dos indivíduos, visto que o processo autobiográfico encarna o paradigma do singular-plural.

Foi justamente essa absorção de múltiplos saberes do campo da saúde coletiva que me fez buscar ferramentas metodológicas que pudessem promover um elemento para facilitar no acesso às histórias das mulheres participantes desta pesquisa, pois era sabido que a utilização das ferramentas certas era de fundamental importância para que se construísse um ambiente seguro e confortável em que as mulheres selecionadas pudessem narrar e vivenciar memórias e sensações, que por vezes invocam dores e tristezas.

O dispositivo do Círculo Reflexivo Biográfico – CRB, conforme praticado pelo grupo de pesquisa DIAFHMA, foi um dos grandes diferenciais desta pesquisa, tanto desde sua fascinante concepção formadora, como principalmente a riqueza de elementos obtida por meio do caminhar reflexivo até a construção da narrativa autobiográfica de cada participante. Pelo fato de tal dispositivo se utilizar de diversas ferramentas, a cada encontro, surgiam novas concepções reflexivas, não apenas sobre a violência, mas sobre a complexidade da formação estrutural da sociedade a partir da fala e do olhar dessas mulheres. Em cada momento, por meio dessas atividades, os vínculos entre nós se fortaleceram enquanto grupo, fazendo com que o comprometimento de segurança e o acolhimento frente às histórias narradas transcendessem ao termo assinado em papel e assumissem um caráter de fortalecimento emocional.

Cada ferramenta assumiu um papel crucial para que essas mulheres conseguissem acessar suas próprias memórias. Desde a construção dos minimuseus, desenho do autorretrato, os momentos de presentificação e todos os outros fizeram com que essas mulheres se conectassem entre si, por meio da partilha de cada alegria, dor, angústia e sonho. Foi por meio desse partilhar que cada participante se sentiu fortalecida perante a si mesma e às demais para narrar sua própria trajetória. A pergunta disparadora para invocar cada narrativa foi **“como me tornei a mulher que sou hoje?”**, porém, a partir de cada relato e reflexão individual e coletiva, percebi que os relatos dessas mulheres não falavam apenas de experiências de violência em suas vidas, mas, sim, da formação do papel da mulher dentro da sociedade estruturada e baseada em relações violentas de dominação.

Um dos pontos de grande importância para o sucesso do CRB foi o prerequisite de o mediador ter a experiência prévia de vivenciar o dispositivo. Isso me proporcionou que, antes de mediar esse grupo de mulheres junto à professora doutora Luciane Germano Goldberg, coorientadora desta tese e junto à profa Dra Ercília Maria Braga de Olinda, numa disciplina de Pesquisa (auto)biográfica ofertada em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação

(PPGE/FACED/UFC), eu pudesse sentir e compreender a potência da construção e invocação de minha narrativa de vida. Tal fato nos conecta com nossas fragilidades e fortalezas no decorrer de nossa vida e na nossa formação, como visto em Josso (2010), elementos cruciais para conseguir o sucesso junto à mediação do grupo CRB. Acredito que esse fator foi o grande diferencial para que eu, enquanto homem, pudesse acessar as histórias das mulheres participantes da pesquisa. Vale destacar que minha trajetória de vida, na qual a presença do papel da mulher assumiu uma categoria de protagonismo em minha formação, colaborou para a minha conexão junto a essas mulheres, mas, além de minha vivência, o fato de expor minhas fragilidades e angústias junto a elas me conectou ao grupo. Não são apenas nossas fortalezas que nos unem, nossas fraquezas e feridas fazem nos unirmos enquanto grupo, buscando no outro uma acolhida.

Os encontros proporcionaram momentos de grande relevância, mesmo antes da etapa das narrativas; os relatos já ocorrem desde os primeiros momentos nos momentos de biografização. A fala dessas mulheres me tomava de forma arrebatadora, tanta violência, tanto sofrimento, porém pouca reflexão, pouca compreensão, não por causa de uma falta de querer, mas relacionada a uma alienação que forma uma estrutural social androcêntrica forjada em relações de dominação legitimadas em microespaços de poder.

As conversas informais, as lágrimas derramadas, os sorrisos luminosos, as brincadeiras entre grupos, as músicas cantadas, as falas ditas e o silêncio reflexivo, todos esses elementos fazem parte dessa construção. O falar de si é falar para si também, entender de outras formas como cada memória ou episódio impactou na sua própria construção. No estudo sobre um fenômeno tão complexo e sensível como a violência, ter a potência reflexiva do dispositivo do CRB foi crucial para que feridas não fossem expostas sem o devido cuidado e para que as falas e atividades não fossem um processo de indução ou coação. A caminhada de cada uma dessas mulheres para narrar sua biografia foi um partilhar dialético, em que o conhecimento e entendimento sobre tais memórias ocorreu de forma acolhedora e reflexiva. A compreensão dessas mulheres e sua emancipação frente a algumas relações de dominação, principalmente a prisão da falta do questionar, se deu por meio da autorreflexão delas para consigo e para com o grupo. Cada uma dessas mulheres se enxergou uma na outra, não como juízas morais, mas como semelhantes e parceiras, tal fato comprova o poder do narrar visto em Ricoeur (2010).

Na fala de cada uma dessas mulheres, percebo que o fato de nenhuma delas ter mencionado a palavra violência em suas narrativas, mesmo que suas trajetórias sejam permeadas por esse fenômeno, se dá em razão de que toda sua estrutura formadora transforma essas violências em elementos naturais da própria vida e de sua formação. A exemplo disso, é

percebido que a agressão física assume um papel de um hábito cultural nas relações entre pais e filhos e entre maridos e esposas, dentre outras. Essa agressão, por estar presente em diferentes tipos e níveis de relação no decorrer de cada trajetória, se solidifica como uma rotina a ser proferida e seguida por todo um coletivo frente ao indivíduo, por estar muito ligada à concepção do masculino frente ao feminino, como visto em Beauvoir (1980). A violência simbólica se configura como um elemento silencioso, porém avassalador, que constrói relações de poder e legitima os atos de violência de toda uma estrutura, como afirma Bourdieu (2001).

O efeito da dominação masculina, visto em Bourdieu (2010), frente à formação da própria sociedade e seu poder coercitivo sobre o papel da mulher na subjugação em uma categoria passiva dentro dessa estrutura se mostrou um dos pontos centrais das histórias dessas mulheres, já que, em todos os relatos, a figura do homem exerce suas características do masculino por meio de elementos de violência. Esse homem aparece nessas histórias como a figura que profere, de forma legítima, inúmeras violências, na busca, por vezes não consciente, da hegemonia do poder para si. Por mais desconfortáveis, essas mulheres ficavam com esses atos de violências, seja com seus pais, tios, maridos ou até mesmo filhos, o silêncio e a aceitação eram o único caminho possível em suas vidas, pois não aceitar, por vezes, significaria fracassar frente a suas responsabilidades e funções naturais, ou poderia arriscar seu próprio status social dentro da sociedade.

Percebi, diante das histórias de vida dessas mulheres, que, mesmo o fenômeno da violência estando presente em todas as classes sociais que constituem a estrutura de uma sociedade, quanto mais vulnerável for o indivíduo, maior será o poder simbólico e coercitivo dessa violência, e, pelo fato de o papel da mulher estar no degrau valorativo mais desprovido dentro do meio mais vulnerável, é essa mulher quem vai sofrer grande parte desse efeito de dominação. Os inúmeros elementos estruturais formadores das relações de poder e o efeito avassalador desse poder sobre a mulher são um catalisador para a alienação em que tais mulheres estão inseridas frente a sua própria realidade. É construída, por meio dessas relações, uma ideologia que inverte a realidade de que essas mulheres estão a vivenciar algo que naturalmente é o desejável ou correto dentro de um ordenamento estabelecido. E é justamente essa falta de reflexão sobre sua autoconsciência que promove a manutenção dessas relações de dominação violentas.

Na partilha e na escuta junto a essas mulheres, vejo que a violência é um fenômeno transgeracional, cujos elementos culturais são passados de geração para geração, e suas referências sobre essas próprias relações de poder e dominação vêm de uma construção de referência junto aos seus pais, como afirma Strauss (1982). Essas mulheres já são forjadas

dentro da violência desde seu nascimento. Esse fenômeno não consegue ser refletido, pois ele está presente já no ato da chegada dessa mulher ao mundo, ele permeia tudo ao seu redor, e por isso se torna difícil sua percepção, pois ele está presente em todos os elementos e significados. A maioria das mulheres participantes da pesquisa sofreu, já na infância, diversos tipos de violência, em grande parte por seu pai ou outro familiar masculino, algumas foram abusadas sexualmente ainda quando crianças, mas, pelo efeito do poder de dominação, criador da subordinação do papel da mulher e de sua objetificação, essas mulheres cedem ao abuso, mesmo no desconforto, por medo de entristecer seu pai ou familiar, fazendo se sentirem culpadas por não estarem cumprindo o papel de filha e de mulher, como visto no conceito de papel social de Durkheim (1977).

Apesar de essas relações de poder ditarem de forma coercitiva a legitimação dessas violências presentes nesses contextos, o desconforto e a dor das mulheres que sofrem tais atos existem, porém não são legitimados, por isso essas mulheres procuram saídas frente a esse cenário adverso, como visto em Foucault (1978). Percebo que o casamento assume um papel simbólico de busca de mudança de vida e fuga da realidade, porém, por todos os indivíduos estarem inseridos dentro desse contexto, em que toda a estrutura é dominada por essas relações de poder, o próprio homem deve atingir as expectativas de sua dita masculinidade, ou seja, ele deve exercer sua violência subjugadora para acessar e chancelar o masculino frente à sociedade. Com isso, essas mulheres, em sua busca por mudança, acabam casando-se com homens que vão replicar, em sua maioria, as violências que seus pais proferiam contra elas ou contra suas mães, fazendo, assim, o ciclo da violência perpetuar de forma constante, como visto em Bourdieu (2001) e em Souza (2009). Mesmo sofrendo com tais violências, essas mulheres se veem aprisionadas nessas relações, muito porque não percebem que são prisões, cujas grades dessas celas são as próprias relações de dominação, e a chave para sua liberdade seria a reflexão e autoconscientização dessas relações. Porém, pela representatividade de sua própria experiência familiar e das violências que sofrem dentro de seu casamento, essas mulheres não conseguem acessar tais reflexões, impossibilitando o questionamento de sua realidade.

Todas as mulheres participantes desta pesquisa são mães, e esse papel social tem grande representatividade na construção da trajetória de cada uma dessas mulheres. Assim como o casamento, a maternidade assume o papel simbólico de busca pela liberdade e de transformação. Essas mulheres almejam seus filhos, inicialmente, não na busca pelo desejo romântico da maternidade, mas pelo fato de acreditar que esse filho trará nova vida e mudança para ela. Porém, por vezes, esse filho também pode se tornar um elemento aprisionador nessas relações de dominação, pois essas mulheres, por serem responsáveis por seus filhos, se sentem

impossibilitadas de se separarem de seus maridos abusivos, já que, em virtude de violências simbólicas, acreditam não serem capazes de atingir uma autonomia financeira e social, submetendo-se, assim, a uma relação abusiva.

Essa pesquisa me fez reencontrar a potência da alteridade perante a análise social e a fenomenologia. Foi por meio do enxergar o outro em suas particularidades e diferenças que pude acessar algumas reflexões vindas das histórias dessas mulheres. Como dito, a vulnerabilidade representa uma categoria disparadora e intensificadora de violência. A falta de recursos e possibilidades e de representatividade social e cívica promove diversas mazelas que colaboram com um cenário em que a violência é a forjadora das trajetórias dos indivíduos. Prostituição, consumo de drogas, abusos, alcoolismo, fome e criminalidade são alguns dos elementos que estão presentes na narrativa dessas mulheres, alguns deles representam a única opção de sobrevivência. Em um cenário em que o amanhã se torna uma incerteza constante, essas mulheres buscam meios de sobreviver diariamente em uma sociedade que a cada instante as ceifa. Por isso, tanto o casamento como a maternidade se configuram como um capital simbólico e social que, mesmo sendo catalisadores de violência, assumem também um papel de escudo diante de outras violências, já que uma mulher sem maior status social se torna mais vulnerável perante aqueles que já são vulneráveis.

A violência está tão presente na trajetória dessas mulheres que a bondade do indivíduo, muitas vezes, é medida pela intensidade com que ele profere agressões, as quais a mulher tem que aceitar passivamente, pois isso se configura, dentro de uma lógica de uma sociedade androcêntrica, elemento de uma relação. Os efeitos do poder das relações de dominação exercem tanto impacto, que até as mulheres, muitas vezes, se tornam suas próprias prisioneiras, pois acreditam que aquela realidade imposta é a única que é possível. Porém, percebi na fala dessas mulheres que a figura de suas mães representa, apesar de elas também serem prisioneiras dessa estrutura, um apoio e uma referência de humanidade, esse elo é um dos poucos elos de afeto a que essas mulheres têm acesso, e por esse motivo o nutrem como forma de sobrevivência.

Apesar de a maternidade e a vinda dos filhos exercerem um papel coercitivo, como explanado por Beauvoir (1980), também se configuram como o grande elemento de esperança e transformação. Foi por meio dos filhos que essas mulheres chegaram até o IPREDE e foram apresentadas a novas perspectivas. Essas mulheres chegam a esta instituição buscando atendimento para seus filhos, porém são guiadas para terem um atendimento e acompanhamento de sua própria trajetória enquanto mulheres.

Apesar de a instituição IPREDE ter como seu foco base o atendimento ambulatorial infantil, o trabalho com as mães ou cuidadoras dessas crianças, há alguns anos, se tornou prioritário, pois é a partir dessas mulheres que se obtém uma transformação social, já que elas se configuram como as grandes agentes de transformação. Porém, em toda minha trajetória junto a essa instituição, percebi que o fenômeno da violência sempre esteve presente em todas as famílias atendidas, em especial quanto às mães dessas crianças. Perante a fala das mulheres participantes da pesquisa, a chegada ao IPREDE representa a grande transformação de suas vidas, bem como o Projeto Vai Maria, na sua importância de oferecer uma profissionalização e a esperança de uma autonomia.

Porém, a grande potência dessa pesquisa se deu pelo processo reflexivo e conscientizador que o caminhar do CRB e o narrar das histórias de vidas proporcionaram para essas mulheres. Essa emancipação do saber e o desvelar da sua formação aconteceram de uma forma sensível e poderosa, sendo necessário um fortalecimento individual e coletivo para ser alcançada a própria maiêutica. Aquilo que era dito como natural foi se apresentando na sua verdadeira forma para essas mulheres, atos de agressões e subjugação foram detectados por suas próprias reflexões a partir do desenvolvimento de suas narrativas, como visto em Ricoeur (2010). O ato de narrar nossa história verdadeira é um ato de libertação e recomeço. No âmbito da análise estrutural, é sabido que, para combater ou prevenir qualquer mazela, é preciso, antes de tudo, identificá-la, mas tal desvelamento não pode ser feito por um processo indutor, mas, sim, por um processo de uma reflexão crítica.

Das dez mulheres e deusas que participaram desta pesquisa, oito, após essa experiência, se separaram de seus maridos, e todas continuam a se profissionalizar e buscar transformação em suas vidas. Após a finalização dos encontros, algumas delas seguiram seu próprio caminho na busca por sua autonomia social e conseguiram; algumas trabalham como costureiras em fábricas, outras montaram seu próprio negócio, oportunizando outras mulheres de sua comunidade. Esse grupo de dez deusas é visto como referência para todas as outras mulheres que são atendidas na instituição IPREDE, elas se tornaram a simbologia do acreditar em um amanhã diferente. A trajetória de cada uma transcendeu esta pesquisa e as linhas e agulhas do Vai Maria; como disse a Deusa Oxum, elas estão *“costurando novos sonhos”*, e realmente costuraram. As feridas ocasionadas por toda a violência que passaram ainda estão presentes, e talvez sempre permaneçam, mas a forma como essas deusas as compreendem é o grande diferencial desse caminhar. Suas feridas são as marcas de sua trajetória, mas não mais as definem, elas que se autodefinem em sua própria formação.

Minha inquietude e vontade em realizar esta pesquisa partiu do estranhamento da construção de iniciativas de prevenção e combate à violência contra a mulher não sob um prisma da pessoa que sofre a violência, mas sobre nossas percepções hipotéticas. Tal fato sempre me causou questionamentos, pois, ao não darmos voz a essas mulheres e nem escutar suas próprias reflexões, não estaríamos colaborando com uma outra forma de violência simbólica? Diante disso, vejo por meio desta pesquisa que essa voz e reflexão é fundamental para pensarmos qualquer ferramenta de entendimento, prevenção e combate não apenas à violência contra a mulher, mas a qualquer tipo de violência, pois ela é um fenômeno estrutural, e devem partir do indivíduo que sofre dominação os elementos de sua própria libertação.

As conquistas e os passos do caminhar desta pesquisa ultrapassaram os objetivos estabelecidos deste estudo. A transformação reflexiva e social dessas 10 deusas foi um fenômeno inspirador para todos, impactando instâncias não pretendidas. Após os encontros e os caminhares de cada uma das deusas, o IPREDE, inspirado nesta pesquisa, adotou um novo modelo de atendimento para mulheres. Atualmente, de segunda a sexta-feira, todas as mulheres em atendimento, cerca de 800 por mês, participam de rodas de conversa seguindo os modelos desta pesquisa, momento em que a prevenção e o combate à violência se dão de forma reflexiva, utilizando diversas ferramentas do âmbito da pedagogia, da psicologia, da antropologia e das artes. Tal grupo foi nomeado de Flor e Ser e já tem tido resultados positivos na busca pelo fortalecimento dessas mulheres.

Pelo impacto positivo dos encontros do CRB utilizado nesta pesquisa e sua influência no sucesso das deusas no Projeto Vai Maria, atualmente, todos os projetos profissionalizantes do IPREDE obrigatoriamente devem adotar técnicas inspiradas na experiência positiva desta pesquisa. Com isso, foi criado o Grupo Partilhar, que se constitui em um grupo que é realizado a cada 15 dias, no período de cada projeto, objetivando proporcionar, por meio das histórias de vida das participantes, o fortalecimento emocional, bem como promover a reflexão e conscientização individual e coletiva sobre suas próprias histórias. Tal iniciativa proporcionou uma redução impactante na desistência dessas mulheres em tais cursos, comprovando que o combate à violência e o sucesso de iniciativas que buscam beneficiar mulheres em vulnerabilidade devem ser pensados de forma coletiva e colaborativa. Hoje, o trabalho referente à trajetória da mulher é intitulado Programa Viva Maria, seguindo todas essas intervenções e metodologias citadas.

Os resultados dessas mudanças e transformações inspiraram algumas gestões públicas, como a prefeitura do município de Tauá-CE, que formou profissionais de múltiplas áreas para que pudessem replicar a metodologia do Programa Viva Maria junto às unidades de

Centro de Referência à Assistência Social - CRAS, na busca por meios de aprimorar a prevenção e o combate à violência contra a mulher. Essa implementação já está tendo resultados positivos e tais formações serão ampliadas para novos centros de atenção.

A experiência junto a esta pesquisa me mostrou a força do campo da saúde coletiva quando realizado em sua prática. A utilização de diversas áreas de saberes, como arte, moda, ciências sociais, medicina, economia, psicologia, dentre tantas outras, me fez entender que isso é saúde, ou seja, a busca por entender fenômenos de saúde e sociedade é compreender que eles só podem ser identificados e analisados no momento em que entendemos que são necessários múltiplos olhares de conhecimento para que se possa realizar um processo reflexivo dialético sobre as próprias origem e formação das coisas.

Ao compreender os significados e as experiências das violências vivenciadas por essas mulheres, percebi que, inicialmente, para dialogarmos sobre esse fenômeno, precisamos entender e identificar a estrutura que forma a sociedade e suas relações de poder. Porém, em um meio em que nossa consciência é oprimida por essas mesmas relações, esse fenômeno se torna invisível e naturalizado perante essas mulheres e outras esferas sociais. O poder de refletir sobre nossas próprias vivências se mostrou um processo de busca pela autoconsciência e um instrumento potente frente ao desvelar do fenômeno da violência, em que foram percebidos os significados da formação social de cada uma dessas mulheres e do meio em que estão inseridas. Essa experiência proporcionou o entendimento de que o pensar crítico reflexivo a partir de uma partilha dialética por meio de histórias de vida representa metaforicamente a tesoura que corta as vendas que nos cegam socialmente. E, por meio desse autoconhecimento reflexivo alcançado, o indivíduo atinge a consciência frente à sociedade, que se configura como elemento de suma importância para a visibilidade do existir de cada um. A invisibilidade social é uma das consequências mais nefastas ocasionadas pela violência, mas, por meio desse reconhecimento, a luz do enxergar o outro surge, como visto em Morin (2003):

Já não sei quando percebi claramente que, além da satisfação das necessidades materiais (comer, vestir, ter recursos financeiros, ter proteção), o ser humano sente uma necessidade essencial, de caráter universal, que eu mesmo senti pessoalmente e constatei em minhas relações com os outros: a necessidade ou desejo de reconhecimento. Hegel foi quem primeiro concebeu esse desejo a partir de sua dialética do senhor e do escravo e, mais amplamente, na ideia de que “a autoconsciência só chega à satisfação em outra autoconsciência” [...]. O desprezo, a indiferença, a discriminação de classe, raça e hierarquia são flagelos de civilização que, impondo a humilhação, impedem os que a sofrem de ser reconhecidos em sua plena qualidade humana. Os submetidos, os explorados sentem ainda mais necessidade de reconhecimento porque são tratados como sub-humanos ou objetos. Axel Honneth, em Luta por reconhecimento, interpreta a partir de Hegel os conflitos humanos na perspectiva de uma “demanda de reconhecimento”. (MORIN, 2021, p. 50).

As transformações ocasionadas por esta pesquisa não foram apenas com as mulheres participantes, mas também comigo. Compreendi que a violência, em todo o seu feroz poder coercitivo de dominação, tenta invisibilizar o indivíduo a uma categoria de não existência, talvez esse seja o efeito mais nefasto desse fenômeno, mas compreendi que, em uma sociedade onde as relações de sua estrutura se tornam cada vez mais líquidas, o reencontro com nossos elos afetivos e com nós mesmos pode se transformar em uma poesia da própria vida, e é essa a força da ressignificação poética da humanidade, que dá voz para aqueles que são silenciados.

A partir das experiências e resultados reflexivos obtidos por esta pesquisa novos questionamentos surgem perante a tomada de consciência sobre a própria formação estrutural social e o impacto do fenômeno da violência sobre ela. A adoção de uma metodologia institucional a partir do dispositivo utilizado nessa pesquisa, vem proporcionando uma experiência exitosa na prevenção e combate a violência contra mulher, bem como, vem proporcionando diversas reflexões na própria construção do papel da mulher perante a própria sociedade. A implementação de tal metodologia em outros municípios nos faz questionar se a partilha e institucionalização das experiências obtidas nessa pesquisa seja um caminho, não apenas de construção de instrumentos de prevenção e combate a violência, mas sim uma construção de uma ferramenta que proporcione a tomada de consciência da própria formação estrutural possibilitando sua própria formação e dos agentes sociais que a constituem.

Me pergunto se a escassez de trabalhos e metodologias de cunho coletivo e dialético sobre essa temática sejam oriundos de uma arquitetura de manutenção de uma ordem estrutural positivista que visa a permanência de uma sociedade patriarcal e androcêntrica subjugando o papel de mulher a uma ordem passiva e objetificada. Talvez seja justamente uma experiência dialética e coletiva a grande ferramenta para atingir uma emancipação no âmbito reflexivo e social.

Muitos ainda são os desafios na busca pelo entendimento do fenômeno da violência, a compreensão das experiências dessas mulheres mostrou-se uma potente contribuição nessa busca. Ainda temos muitos desafios e barreiras estruturais adiante para alcançar uma emancipação dessas mulheres violentadas por uma sociedade opressora, mas as conquistas são visíveis e estimulantes, porém devemos nos espelhar nas mulheres participantes, que se transformaram em divinas e maravilhosas, devemos sempre seguir atentos e fortes perante aquilo que, por vezes, não pode ser visto, mas certamente pode ser sentido.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1979.

AMBROMOWAY, Miriam, et al. Juventude, violência e Vulnerabilidade Social na América Latina; desafios para políticas públicas. Brasília. UNESCO. BID. 2002.

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: UnB, 1985.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Brasília: UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Volume I: Ensaio Introdutório. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ASSIS, S. G. **O percurso da violência da sociedade ocidental: infância e saúde**. Horizonte, v. 17, p. 11-77, 1999.

\_\_\_\_\_. Aspectos conceituais da violência na infância e adolescência. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília, 2006, p. 59-67.

ASSIS, A. M. O. et al. Desigualdade, pobreza e condições de saúde e nutrição na infância no Nordeste brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, 23(10): 2.337-2.350, 2007.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

BORDIN, I. A. S.; PAULA, C. S.; FERNANDES, M. **Saúde mental e violência doméstica**. Congresso Brasileiro de Psiquiatria, 21. Recife, 2001, p. 299.

Bosi, M. L. M.; Uchimura, K. Y. Avaliação qualitativa de programas em saúde: contribuições para propostas metodológicas centradas na integralidade e na humanização. In: **Avaliação qualitativa de programas em saúde: enfoques emergentes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 87-117.

Bosi, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Cien. Saúde Coletiva**, Fortaleza, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1998.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BECKER, H. S. Biographie et mosaïque scientifique. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 62/63, pp. 105-110, jun. 1986.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. [Cláudia Araújo de Lima et al. (Coord)]. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Ensaio ética e violência. **Revista Teoria e Debate**, ano 11, n. 39, 1998.

DEBERT, G. G.; GREGORI, M. F. Violência e gênero. Novas propostas, velhos dilemas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 23(66), 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu C. (Org.) **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 43-58.

DESLANDES, Suely F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica – análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10 (supl 1): 177-187, 1994.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURKHEIM, Émile. **A Divisão do Trabalho Social**. vol. 2. Lisboa: Presença, 1977.

\_\_\_\_\_. **O Suicídio**. Estudo Sociológico. Lisboa: Presença, 1982.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. São Paulo: Boitempo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Théorie de la violence**. Paris: Edition 10/18, 1972.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Histórias e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDURFN, 2014.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERREIRA, A. L.; SCHRAMM, F. R. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. **Rev. Saúde Pública**, v. 34, n. 6, p. 659-665, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: O Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de mais uma hermenêutica filosófica**. Traduzido por Flávio Paulo Meurer. Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOLDMAN, M. Alteridade e Experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica. **Etnográfica**, 10(1), Lisboa, 2006, pp.161-173.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, p. 357-363, abr./jun.2005.

GORZ, ANDRÉ, **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. 1ª edição 1980. Rio de Janeiro, 1987

HABERMAS, J. O conceito de poder em Hannah Arendt. São Paulo: Ática, 1980.

HAN, B. C. **Topología de la Violencia**. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

HEGEL, G. W. F. **A Fenomenologia do Espírito** (prefácio, introdução). Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo, 1974.

\_\_\_\_\_. **Introdução À História da Filosofia**. Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo, 1974.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HOLANDA, Sergio Buarque de: Raízes do Brasil. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1936.  
IANNI, A. M. Z.; et al. As ciências sociais e humanas em saúde na abasco: A construção de um pensamento social em saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. Tradução Clélia Aparecida (primeira parte), Martins, Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof (segunda parte). Petrópolis: Vozes, 2013.

KOFES, S. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. In: **Cadernos Pagu**, n. 3, pp. 117-142, 1984.

LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral**: palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Global, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1964.

MERTON, Robert K. Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, n. 78, pp. 9-47, 1972.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, p. 10-33.

\_\_\_\_\_. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública**. **Cad, Saúde Pública**, v. 10, supl. 1, Rio de Janeiro, 1994.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-23, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHEZ, Raquel Niskier. Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. In: LIMA, Cláudia Araújo de et al (Coord.). **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, p. 29-38.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

MORIN, Edgar. Lições de um século de vida. Editora 34, São Paulo, trad. Luiz Repa, 2021.

NUNES, E. D. Saúde coletiva: uma história recente de um passado remoto. In: CAMPOS, G. W. S. et al (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. Saúde coletiva: história de uma idéia e de um conceito. **Saúde e Soc.** São Paulo, 1994.

OLINDA, Ercilia Maria Braga de. Círculo Reflexivo Biográfico: Reflexões Epistemológico-Metodológicas sobre Tessituras Coletivas das Narrativas de Si. In: OLINDA, Ercilia Maria Braga. **Narrativas Autobiográficas e Religiosidade**. Fortaleza: Editora, 2019, p. 15.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Anna Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. (2002). **Apologia de Sócrates**. Tradução: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ediouro, 2002.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 2, v. 32, p. 329-343, mai./ago. 2006.

\_\_\_\_\_. **Produire sa vie**: Produire sa vie autoformation et autobiographie. Paris: Edilig; Montréal: St. Martin, 1983.

\_\_\_\_\_. **Les histoires de vie**. Paris: PUF, 2002.

\_\_\_\_\_. **Temporalidades na formação**. São Paulo: Triom, 2004.

PINEAU, G.; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDURFN, 2012.

PINEAU, G.; JOBERT, Guy. **Histoires de vie**. v. 2. Paris: L'Harmattan, 1989.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

RIFIOTIS, T. Nos campos da violência: diferença e positividade. **Antropologia em Primeira Mão** (19), Florianópolis, PPAS/UFSC, 1998.

\_\_\_\_\_. Direitos humanos: declaração, estratégia, campo de trabalho e ética. In: **Boletim da ABA**, n. 30, 2º semestre de 1998, p. 41-43.

\_\_\_\_\_. **Violência e poder: avesso do avesso? O poder no pensamento social: dissonâncias do mesmo tema.** Belo Horizonte: UFMG, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Judicialização das relações sociais e as políticas de atenção aos idosos.** Anais do 36. Encontro Anual da ANPOCS. 2012. Disponível em: [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8317&Itemid=217](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8317&Itemid=217). Acesso em: 22 set. 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa.** v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa: o tempo narrado.** v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

ROCHA, Lourdes de Maria L. N. **Casas-abrigos: no enfrentamento da violência de gênero.** São Paulo: Veras, 2007.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur l'origine de legalize parmi les hommes. **Os filósofos através dos textos.** De Platão a Sartre. São Paulo: Paulus, 1997.

SAFFIOTI, Helleieth I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.** Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

\_\_\_\_\_. Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, v. 1, n. 11, 2000.

\_\_\_\_\_. Violência Estrutural e de Gênero: Mulher Gosta de Apanhar?. Diálogos sobre Violência Doméstica e de Gênero. **Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher**, Brasília, p. 27-37, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Patriarcado, Violência.** Coleção Brasil Urgente. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violência em tempo de globalização.** São Paulo: HUCITEC, 1999, p.142-163.

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCHEPER-HUGHES, N. **Death Without Weeping.** Califórnia: University of California, US, 1992.

SCHRAIBER, L. B.; BARROS, C., D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; PERES, M. F. T. Scientific publications on Violence and Health (1967-2015). **Revista de Saúde Pública**, 2016; 50:63.

SOUZA, Jessé: **A ralé brasileira; quem são e como vivem.** Ed. UFMG, 2009.

STRAUSS- LÉVI, Claude. **A família**. Portugal: Res Editora Lda, s/d.

\_\_\_\_\_. **As estruturas elementares do parentesco**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. Raça e história. In: **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 328-366.

VIEIRA, R. Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade. In: ITURRA, Raúl (Org.). O saber das crianças. **Cadernos ICE**. Lisboa, Instituto das Comunidades Educativas, 1996.

WALDHERR, Kris. **Oráculo Sagrado das Deusas**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTD, 2007.

WEISBERG, B. **Violence, a public health epidemic** (to appear in the jaxfax of the National Rainbow Coalition), mimeo, 1995.

YOUNG, M. E. **Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA - IPREDE**  
Reconhecido de Utilidade Pública Federal: Decreto M5 n.º 18.238/91-87 de 03/09/1992; Estadual: Lei n.º 11.377 de 18/11/87;  
Municipal: Lei n.º 6.173 de 01/12/86; Certificado no CNAS: Reg. nº 23.002.003309/88-70 de 31/08/88.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(TCLE)**

**Prezada senhora**

Você está sendo convidada pelo pesquisador João Victor de Farias Furtado e Freire para participar da pesquisa intitulada **“ENTRE OS AFETOS E A VIOLÊNCIA: O processo de construção da categoria de violência para mães em situação de vulnerabilidade social assistidas pelo IPREDE”**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Este projeto de pesquisa objetiva identificar e analisar as categorias de violência a partir da construção de narrativas de mães de crianças assistidas pelo Instituto da Primeira Infância. Tem como objetivo principal compreender o processo de construção da categoria de violência para mães em situação de vulnerabilidade social assistidas pelo IPREDE, para isso será utilizado a construção de narrativas por meio do método de Círculo Biográfico Reflexivo-CRB. Esta pesquisa também objetiva compreender os sentidos e significados da categoria violência em mães em situação de vulnerabilidade social a partir das trajetórias de vidas; identificar os tipos de violência a partir da construção de trajetórias de mães em vulnerabilidade social; desvelar a relação entre violência intrafamiliar e condições socioeconômico e cultural a partir de trajetórias de mulheres em vulnerabilidade social; conhecer o vínculo entre mães e seus filhos em cenário de violência, a partir de trajetórias construídas.

Para a realização dessa pesquisa estou lhe pedindo autorização para:

- Realizar um “diário de itinerância”, registro (auto)biográfico, como um espaço de reflexão interior que relaciona a pesquisa com a vida pessoal do participante, propondo um processo reflexivo.
- Conversas informais: Muitas vezes, é numa conversa informal que acessamos muito mais informações do que nas entrevistas formalizadas, pois a partir da aproximação e do desenvolvimento da empatia entre o pesquisador e os sujeitos participantes, são possíveis conversas mais descontraídas e espontâneas. É preciso estar atento e buscar fazer os registros no diário de itinerância a cada observação, dando atenção especial a todas as conversas informais realizadas com todos os personagens envolvidos no campo da pesquisa.

Rua Professor Carlos Lobo, 15 - Cidade dos Funcionários, Fortaleza - CE, CEP: 60821-740 - C.N.P.J.: 11.088.218/0001-66  
(85) 3218-4000 | iprede@iprede.org.br



## INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA - IPREDE

Reconhecido de Utilidade Pública Federal: Decreto MS n.º 18.238/91-87 de 03/09/1992; Estadual: Lei n.º 11.377 de 18/11/87; Municipal: Lei n.º 6.173 de 01/12/86; Certificado no CNAS: Reg. n.º 23.002.003309/88-70 de 31/08/88.

- Registros fotográficos e videográficos: com autorização dos participantes e da instituição serão realizados, em todo o processo, registros fotográficos e videográficos, única e exclusivamente para fins da pesquisa.
- Construção de Narrativas: Essa ação com as mulheres acompanhará todo o processo da pesquisa, buscando abordar as temáticas, sendo algumas delas: experiência estética; visões de ser mães; contação de histórias de vida; auto retrato e desenho biográfico.
- Desenho e "leitura" dos desenhos realizados pelas mães: realizar desenhos autobiográficos com as mães e ouvir sua narrativa do processo de construção do desenho. Tais conversas serão registradas por meio de vídeo e transcritas textualmente, pela a equipe de pesquisadores.

Nesta pesquisa não haverá risco direto a sua saúde física, importante ressaltar que o procedimento de produção de narrativas não é uma técnica invasiva. A senhora poderá se sentir constrangida em falar sobre sua vida e de sua família, ou por estar participando de filmagens, havendo também a possibilidade de risco de lembranças desagradáveis no momento da aplicação das ações da pesquisa. Em caso de desconforto emocional, a senhora poderá interromper, em qualquer momento sua participação na pesquisa e se houver necessidade a senhora será encaminhada aos profissionais da área da psicologia que atuam no IPREDE.

A pesquisa é importante, pois os resultados trarão benefícios e melhorias para o atendimento as crianças e as mães assistidas na instituição. Assim como qualificar a promoção de ações que possam fortalecer o vínculo mãe-filho, contribuindo para que as crianças tenham regulação emocional e psicológica no seu desenvolvimento. A participação da senhora contribuirá para que possa ser utilizada em outras instituições, com possibilidade de beneficiar outras famílias.

Também garantimos o sigilo dessas informações e a sua privacidade já que citaremos seu nome com vossa autorização, em caso negativo o pesquisador nomeará a senhora por um codinome, preservando sua identidade. Todo o material coletado nessa pesquisa, conversas, narrativas e imagens gravadas serão de uso restrito do estudo, não terá divulgação pública.

A senhora não receberá nenhum pagamento pela participação (voluntária), mas se a senhora precisar gastar algum dinheiro para completar a sua participação na pesquisa, a coordenação do estudo pagará essas despesas. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da sua participação no estudo, será devidamente indenizada.



## INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA - IPREDE

Reconhecido de Utilidade Pública Federal: Decreto MS n.º 18.238/91-87 de 03/09/1992; Estadual: Lei n.º 11.377 de 18/11/87; Municipal: Lei n.º 6.173 de 01/12/86; Certificado no CNAS: Reg n.º 23.002.003309/88-70 de 31/08/88.

A senhora poderá deixar o estudo em qualquer etapa, sem qualquer prejuízo ao atendimento de seu filho(a) ou seu na instituição.

Em qualquer etapa da pesquisa, a senhora poderá ter acesso aos profissionais envolvidos no estudo para esclarecimento de dúvidas e também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ.

Esse Termo de Consentimento está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará com a senhora e a outra ficará com o pesquisador responsável.

As informações abaixo são do pesquisador principal responsável pelo estudo:

**Nome:** João Victor de Farias Furtado e Freire

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará

**Endereço:** Rua Canuto Aguiar 1050 Apt.702, Meireles, Fortaleza - CE, CEP: 60160-120

**Telefones para contato:** (85) 3218.4000

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.



## INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA - IPREDE

Reconhecido de Utilidade Pública Federal: Decreto MS n.º 18.238/91-87 de 03/09/1992; Estadual: Lei n.º 11.377 de 18/11/87; Municipal: Lei n.º 6.173 de 01/12/86; Certificado no CNAS: Reg. n.º 23.002.003309/88-70 de 31/08/88.

O abaixo assinado \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante desta pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

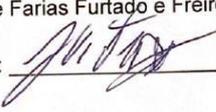
Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do pesquisador: João Victor de Farias Furtado e Freire

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ assinatura: 

Nome da testemunha da pesquisa:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do profissional que aplicou o TCLE:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - ACORDO BIOGRÁFICO

PRINCÍPIOS, NORMAS E COMPROMISSOS PARA O FUNCIONAMENTO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO<sup>1</sup> NA MODALIDADE DAS NARRATIVAS DE FORMAÇÃO.

O presente documento expressa um acordo feito entre as pessoas que compõem o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) desenvolvido no Instituto da Primeira Infância - IPREDE, com a mediação do doutorando João Victor de Farias Furtado e Freire e da professora Luciane Germano Goldberg. Nossas atividades serão regidas pelos seguintes princípios: respeito mútuo, colaboração, comportamento ético, integração e organização. Após discussão de todos os pontos deste acordo, decidimos orientar o processo de narrativas de vida em que estamos implicados (as), conforme segue:

- 1) Somos iguais em nossa humanidade e na busca pelo “ser mais”. Somos diferentes por nossas trajetórias, percursos e identidades. Na igualdade e na diferença, respeitaremos uns aos outros, aceitando-nos incondicionalmente.
- 2) O respeito começa por nós mesmos (as). Respeitaremos nossas limitações, resistências e modo de ser, porém, por investir no processo de formação, desde já decretamos: “o desejo que temos de autoconhecimento e de (trans)formação é maior que nossa resistência”.
- 3) Sabemos que estamos no lugar correto e com as pessoas certas para a realização do trabalho biográfico que desejamos, por isso estamos abertos (as) à partilha e ao agir solidário.
- 4) Tudo que dissermos e fizermos no CRB ficará em sigilo e jamais será usado para julgar qualquer pessoa.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um dispositivo (procedimento, mecanismo) de pesquisa e de formação criado pela professora Ercília Maria Braga de Olinda, mas desenvolvido de forma coletiva e cooperativa no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), visando garantir um processo de biografização nas seguintes modalidades: narrativas de vida; narrativas de formação; e narrativas da experiência religiosa. Em cada uma das modalidades, são produzidos textos escritos denominados, respectivamente, da seguinte forma: história de vida; biografia educativa; e narrativa da experiência religiosa.

5) Somos livres para fazermos a narrativa de nossas vidas e para dizermos o que conseguirmos, sem, contudo, comprometer outras pessoas que compartilharam/compartilham experiências conosco.

6) Procuraremos falar, buscando equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do outro.

7) Somos livres para tecer nossas histórias, mas estamos cientes da influência que “os outros” têm sobre nós. Nossa subjetividade e nossas identidades se constituem e se transformam com os outros, portanto, estaremos abertos (as) aos momentos de “cooperação narrativa”.

8) Seremos pontuais e assíduos, pois o trabalho de construção de narrativas de si implica numa dinâmica grupal que é quebrada com entradas bruscas e com ausências. Nossos encontros serão agendados por nós e seguidos disciplinadamente.

9) Desenvolveremos dinâmicas visando a amorização do grupo. Em cada encontro, aprofundaremos nossos laços e nossas descobertas e elaborações pessoais. Também sabemos da necessidade de valorização das contribuições de cada membro do grupo.

10) O CRB será realizado em 07 (sete) encontros de no máximo 3h, envolvendo os seguintes momentos:

► Acolhida – momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. É um momento de amorização ou despertar afetivo, pois é importante estreitar os laços de amizade e de afeto para que haja confiança mútua. Cada membro dá sustentação ao outro, apoiando nas dificuldades, e isso exige a alegria da partilha, propiciada pelo respeito mútuo e pela gentileza que deve circular no grupo.

► Presentificação – envolve o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, corporal e afetivo. É um momento de preparação para um mergulho interior e para a abertura ao outro. Trata-se de estar atento a si mesma e ao outro num exercício de escuta de si e do outro. Esse caminhar implica no aprendizado do respeito à diversidade e na sensibilização para a colaboração.

► Biografização – conjunto de atividades que utiliza diferentes linguagens: oral, escrita, gestual e imagética. Iniciamos pela narrativa oral – cada narrador terá até 30 minutos para sua narrativa autobiográfica a partir de uma questão disparadora. Em seguida virão:



**ANEXO A – FICHA DE INSCRIÇÃO DO PROJETO VAI MARIA**

Ficha de Inscrição

Cursos IPREDE

Vai Maria

\*Obrigatório

1. Nome completo \*

2. Data de Nascimento \*

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

3. CPF \*

4. Nome da Mãe \*

5. Endereço \*

- Bairro \*
- Complemento

6. Whatsapp \*

7. Contato para recado

8. E-mail

9. Renda Familiar: \*

10. Participa de algum programa? \*

11. Recebeu algum benefício? \*

12. Escolaridade \*

Marcar apenas uma opção.

- Fundamental Incompleto
- Fundamental Completo
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Superior Cursando
- Superior Incompleto
- Superior Completo

13. De qual atendimento faz parte no IPREDE? \*

14. Marcar apenas uma opção.

- Acolhimento
- Conecta

## ANEXO B – FOTOS DO PROJETO VAI MARIA













## ANEXO C – EXEMPLO DE PROCESSOS DE ANÁLISE DE NARRATIVA

### Patrícia - Deusa Oxum (A deusa do Amor)

Eu vou falar do meu passado. Meu nome é Patrícia. Com dezoito anos eu virei mãe e tive o meu primeiro filho (choro). Quando eu tive o meu primeiro filho eu apanhava muito do meu marido e aí foi que eu vi o que era as droga, pra mim esquecer dos problema o meu amigo me deu pra mim usar e eu comecei a usar droga, para esquecer que apanhava. Eu tentei me matar, ainda me cortei no braço, tentei me matar outras vezes, já fiz me enforcar porque eu apanhava muito dele e não sabia mais o que fazer. Já tentei botar a corda no pescoço e a minha irmã mais velha pegou e depois quis me matar de novo. E aí quando eu tive o meu segundo filho nós tivemos uma briga feia porque ele chegou muito bebo em casa e deu muito em mim, eu apanhei muito nesse dia, fiquei até sem alguns dente na boca, aí ele queria dar porrada no meu filho, ele começou a bater no meu filho que tinha dois mês de nascido, aí eu peguei uma faca e eu furei ele porque ele deu no meu filho. Aí foi que nós se separou, mas antes de sai ele me bateu e aí já usei droga né por causa do meu amigo e não consegui mais sair da droga. Já apanhei de vagabundo e já me prostitui por droga, já apanhei de gente por dinheiro, quando eu cheguei aqui no Iprede foi por causa de uma amiga minha mostrou o que era Iprede, então eu vim mais ela. Aí eu vim pra cá e conheci muita oportunidade né o curso que era o meu maior sonho ser costureira e .....e hoje eu agradeço muito a Deus o Iprede por me aceitar e acolher eu aqui. Aqui é a minha segunda família e assim eu vou relevar, vou ter meu sonho se Deus quiser trabalhar na confecção. E só.

Com dezoito ano eu fugi de casa, eu e ela fugia era muito de casa aí pra poder sair logo da, que eu namorava muito com o pai do meu filho e pra sair de lá né e teve que se juntar né, mas eu não queria isso, foi o único jeito foi se juntar cedo e quando pegou menino de lá pra cá era só apanhando do homem, sofrimento mesmo. Eu agradeço o Iprede porque eu tenho muita oportunidade, agradeço a Bia e o João que me acolheu muito na hora que eu precisei e pronto. Os homens em minha vida so me bateram, meu pai me bateu, meu marido me bateu, meu amigo me bateu. Eu queria muito morrer, mas ficava pensando em meus filhos. Eu pensava que minha vida tinha que ser sempre assim apanhar, apanhar, passar fome e apanhar. Aqui eu aprendi a me amar a não aceitar apanhar. Fico com medo dos meus filhos sempre como os outros homens, fico com medo deles me baterem. Estou aprendendo a me amar aqui a lutar pelos meus sonhos.

Na análise das narrativas, as categorias foram identificadas a partir de cores: Violência em vermelho, família em amarelo, vulnerabilidade em azul e esperança em verde. Após este processo, foram separadas as subcategorias referentes a cada unidade.

**ANEXO D – FOTOS DAS ATUAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ATENDIMENTO AMBULATORIAL DO IPREDE INSPIRADOS NESTA PESQUISA**









**ANEXO E – REGISTRO DAS INICIATIVAS INSPIRADAS NESTA PESQUISA  
IMPLANTADAS NAS UNIDADES DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA  
CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE TAUÁ – CE**











**ANEXO F – FOTO DE ENCERAMENTO DO TRABALHO NO GRUPO DO CRB**